

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**SER CAIÇARA EM ILHABELA: AS CONSTRUÇÕES DE IDENTIDADES
NAS TENSÕES ENTRE O PASSADO E O PRESENTE**

SILMARA ELENA ALVES DE CAMPOS

SÃO CARLOS
2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**SER CAIÇARA EM ILHABELA: AS CONSTRUÇÕES DE IDENTIDADES
NAS TENSÕES ENTRE O PASSADO E O PRESENTE**

Silmara Elena Alves de Campos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior.

Área de Concentração: Metodologia de Ensino -
Linha de Pesquisa: Práticas Sociais e Processos
Educativos

SÃO CARLOS
2008

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

C198sc

Campos, Silmara Elena Alves de.

Ser caiçara em Ilhabela: as construções de identidade nas tensões entre o passado e o presente / Silmara Elena Alves de Campos. -- São Carlos : UFSCar, 2008.
240 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2008.

1. Educação popular. 2. Processo educativo. 3. Construção de identidades. 4. Cultura caiçara. I. Título.

CDD: 370.193 (20ª)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior

Prof^a. Dr^a. Lílian Aparecida Ferreira

Prof^a. Dr^a. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva

Dedico este trabalho ao meu pai Ayrton e à minha
avó Júlia (in memoriam)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meu pai por todo cuidado dispensado para mim e por ter me ensinado, além do amor aos livros e ao conhecimento, a necessidade de se respeitar escolhas alheias.

Às minhas irmãs Suzy, Simone, Samira e Soraia e ao meu irmão Edson, por toda nossa história construída juntos, em família.

Aos meus sobrinhos Saulo, Hugo, Lucas, Igor, Felipe (in memorian) e sobrinhas Bianca e Maria Júlia.

A minha avó Júlia (In memorian) pelos ensinamentos e zelo.

À Neila e Neto, amigos desde sempre e para sempre.

À Dona Darcy, pelo cuidado e pelo exemplo de profissional.

A todos, docentes e funcionários, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Às companheiras e aos companheiros nas disciplinas de graduação e mestrado, pelo aprendizado compartilhado; em especial ao Matheus, que na correria e dificuldades, não me deixou esquecer da importância do riso e da alegria em todos os momentos de nossas vidas.

Às pessoas que concederam as entrevistas, um agradecimento especial, afinal, sem os mesmos, a realização desta dissertação seria impossível.

À Tia Ilza (também madrinha), tia Lenice e tia Tiana, por sempre torcerem pela possibilidade de realização de meus sonhos.

Às professoras Lílian e Petronilha, por aceitarem a tarefa de fazer parte da minha banca e pelas sugestões dadas, que muito contribuíram para este trabalho.

Ao amigo e professor Glauco Nunes Souto Ramos.

À Maria do Céu, por todo apoio e amizade presente em toda minha vida desde a graduação;

Aos amigos João Paulo e Lenice. Este trabalho, com certeza, não seria o mesmo sem a ajuda de vocês.

A todo apoio dado pela Secretaria Municipal de Ilhabela, na figura do senhor Antônio Cornélio de Moraes Filho.

A todos os funcionários da Biblioteca Municipal de Ilhabela.

A todos os colegas do Núcleo de Estudos de Fenomenologia em Educação Física (NEFEF) e Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana especialmente ao Spina (Clayton), Cae, Papito (Robson), Denise, Livia, Clovis.

A todas as crianças que foram minhas alunas e alunos em Ilhabela, que tanto me ensinaram.

A CAPES, pelo apoio financeiro.

Ao orientador e amigo Luiz, que acompanha minha carreira acadêmica desde a graduação, um especial agradecimento pela paciência e pelos ensinamentos na arte do educar-se, dialogar e ponderar que ampliaram minha fé e esperança na infinita possibilidade do ser humano transcender sua existência.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Vista panorâmica de Ilhabela.....	1
Figura 2: Carta de Gabriel, endereçada aos alunos da comunidade de Guanxumas, na Ilha de Búzios.....	4
Figura 3: Carta de Geovana, residente na Ilha de Búzios e aluna da escola da Comunidade Tradicional Guanxumas, destinada a Gabriel, aluno da escola Dr. Salvador Arena, na Ilha de São Sebastião.....	5
Figura 4: Desenho de Geovana, residente na Ilha de Búzios e aluna da escola da Comunidade Tradicional Guanxumas, destinada a Gabriel, aluno da escola Dr. Salvador Arena, na Ilha de São Sebastião.....	6
Figura 5: Carta de Jonathan, residente na Ilha de Búzios e aluno da escola da Comunidade Tradicional de Guanxumas, destinada a Daiane, aluna da escola Dr. Salvador Arena, na Ilha.....	7
Figura 6: Carta de Ananda, residente na Ilha de São Sebastião e aluna da Escola Dr. Salvador Arena, destinada aos alunos da comunidade de Guanxumas, na ilha de Búzios.....	8
Figura 7: Município de Ilhabela.....	25
Figura 8: Mapa do território geograficamente ocupado pelas sociedades caiçaras.....	39
Figura 9: Barreira que impede a passagem de jipes e motos para Praia Mansa.....	67
Figura 10: Representação do seu local de moradia feita por uma criança moradora no bairro Guanxumas de Búzios, face não-urbanizada de Ilhabela.....	76
Figura 11: Representação de seu local de moradia feita por uma criança moradora do bairro Gleba, face urbanizada de Ilhabela.....	76
Figura 12: Brinquedos utilizados por garotos em Castelhanos para brincarem de "jipeiros".....	82
Figura 13: Menino brincando de canoieiro em Castelhanos.....	82

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1: PERFIL DOS(AS) CAIÇARAS ENTREVISTADOS(AS)	44
Quadro 2: MATRIZ NOMOTÉTICA.....	46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1 MOTRICIDADE HUMANA E IDENTIDADE: SOU CORPO.....	11
2 O MUNICÍPIO DE ILHABELA.....	25
3 UM POUCO DO QUE OS “OUTROS”ESCREVEM SOBRE SER CAIÇARA.....	31
4 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA.....	40
5 CONSTRUÇÃO DOS RESULTADOS.....	47
Categoria A – O mundo caiçara agredido.....	47
Categoria B – Ser caiçara.....	54
Categoria C - Resistência.....	66
Categoria D – Valorização da cultura caiçara	70
6 CONSIDERAÇÕES	73
REFERÊNCIAS	86
APÊNDICES	91
Apêndice 1 - O que caiçaras falam sobre ser caiçara	92
Discurso I –	92
Discurso II –	95
Discurso III –	96
Discurso IV –	97
Discurso V –	98
Discurso VI –	99
Discurso VII –	101
Discurso VIII –	102
Discurso IX –	116
Discurso X –	117
Discurso XI –	126

Discurso XII –	131
Discurso XIII –	133
Apêndice 2 - Redução fenomenológica	134
Discurso I –	134
Discurso II –	138
Discurso III –	139
Discurso IV –	141
Discurso V –	142
Discurso VI –	144
Discurso VII –	147
Discurso VIII –	149
Discurso IX –	170
Discurso X –	171
Discurso XI –	181
Discurso XII –	185
Discurso XIII –	187
Apêndice 3 - Análise Ideográfica	188
Discurso I –	188
Discurso II –	189
Discurso III –	189
Discurso IV –	190
Discurso V –	190
Discurso VI –	190
Discurso VII –	191
Discurso VIII –	192
Discurso IX –	196
Discurso X –	196
Discurso XI –	198
Discurso XII –	198
Discurso XIII –	199
Apêndice 4 - Diários de campo (DC)	200

DC - I	200
DC - II	203
DC - III	205
DC - IV	207
DC - V	207
DC - VI	208
DC - VII	211
DC - VIII	212
DC - IX	213
DC - X	215
DC - XI	217
DC - XII	219
DC - XIII	220
DC - XIV	220
DC - XV	221
DC - XVI	221
Apêndice 5 - Poema “Marcas do tempo”	224
ANEXOS	225
Termo de consentimento	226

RESUMO

A presente pesquisa foi realizada com caiçaras da cidade de Ilhabela, município-arquipélago localizado no litoral norte paulista. Tal grupo social é compreendido como participante das relações sociais, econômicas, culturais e históricas, o que permite que eles se apropriem, apreendam e interpretem os valores e comportamentos próprios de seu tempo e lugar. A questão de pesquisa deste estudo é: “O que ensina o caiçara a ser caiçara no município de Ilhabela?”. O objetivo central foi compreender os processos educativos envolvidos no ser caiçara, observando, particularmente, o mundo cotidiano: modos de viver, de trabalhar, de brincar, de se movimentar, de ensinar e de aprender. A metodologia utilizada foi de inspiração fenomenológica. Enquanto procedimentos metodológicos foram utilizados diários de campo (16 descrições) e entrevistas (13 descrições). A partir da transcrição das entrevistas e posterior análise das mesmas estabelecemos quatro categorias: “O mundo caiçara agredido”; “Ser Caiçara”; “Resistência” e “Valorização da cultura caiçara”, as quais permitiram a realização da construção dos resultados, conjugando entrevistas com notas de campo. Nas considerações, destacamos que apesar de haver agressões e processos educativos que buscam oprimir e alienar o(a)caiçara, estes também geram reações contrárias, tais como os processos educativos descritos por eles, relacionados à luta pela liberdade, por um mundo melhor, em ações de solidariedade, de cooperação, de resistência. Destacamos também que a todo o momento tem se tentado impor ao(à) caiçara um padrão de linguagem, de comportamento social, de hábitos e costumes, que buscam descaracterizar e corromper seu modo de vida. Há, contudo, a necessidade de um projeto político-educacional público que valorize o saber caiçara, o respeito à diversidade, a atitude ética, a responsabilidade ambiental sustentável e, portanto, humanitária. Além disso, consideramos que identidade não é estática, está *sendo-com-os-outros-ao-mundo*.

Palavras chaves: processos educativos; construção de identidades; cultura caiçara; corpo e motricidade.

ABSTRACT

This survey was conducted with “caiçaras” of Ilhabela, a city-archipelago located in the northern coast of the State of São Paulo - Brazil. This social group is understood as part of social, economic, cultural and historical relations, which allows them to take ownership, learn and interpret the values and behaviors related to their own time and place. The question of this research study was: "What teaches the “caiçara” being “caiçara” in Ilhabela? The central objective was to understand the processes involved in educational development of the “caiçara”, taking into account its routine (ways to live, work, play, movie, teach and learn). The methodology used was phenomenological inspiration, and methodological procedures as daily field (16 descriptions) and interviews (13 descriptions). From the interviews transcription and subsequent analysis, 4 categories were established: "The “caiçara” world attacked"; "Being “Caiçara”", "Resistance", "Recovering the “caiçara” culture" which allowed the completion of construction of combining results interviews with the field notes. In the considerations, it can be highlighted that despite the aggression and educational processes imposed to the “caiçara” world, these generate reactions contrary to them, such as those described by educational processes pertaining the fight for freedom, for a better world, in actions of solidarity, cooperation, resistance. We emphasize that at all times, it has been tried to impose to the “caiçara” people a pattern of language, social behavior, habits and customs, which will disrupt their way of life and that there, so there is a need for a political project that valorize the “caiçara” knowledge, the respect for diversity, ethical attitude, sustainable environmental responsibility and therefore humanitarian. Furthermore, we believe that the identity is not static, it is *being-with-the-other-to-the-world*.

Key words: educational processes; construction of identity; caiçara culture; body and drive.

...Ninguém deixa seu mundo, adentrado por suas raízes, com o corpo vazio ou seco. Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós, em nós, um gesto tímido, a mão que se apertou, o sorriso que se perdeu num tempo de incompreensões, uma frase, uma pura frase possivelmente já olvidada por quem a disse. Uma palavra por tanto tempo ensaiada e jamais dita, afogada sempre na inibição, no medo de ser recusado que implicando a falta de confiança em nós mesmos, significa também a negação do risco. (FREIRE, 2005, p.32-3)

Introdução



Figura 2: Vista panorâmica de Ilhabela. Foto extraída do site [www. ilhabela.sp.gov.br](http://www.ilhabela.sp.gov.br)

A foto acima se não retrata fielmente minha primeira impressão sobre o município de Ilhabela, se aproxima muito do que vi durante uma visita à casa de amigos, residentes na cidade de São Sebastião (localizada no litoral norte de São Paulo, na área continental, defronte Ilhabela), no início da década de 1990. Um lugar bonito no qual sempre havia sol e onde deveria ser maravilhoso poder viver.

Desta visita ficou só este olhar, pois só vim começar a conhecê-la em 2003, quando me mudei para a Ilha de São Sebastião ao ser aprovada em um concurso público para professora de Educação Física no Ensino Fundamental do município.

Morando na Ilha, fui alterando meu olhar sobre ela e seus moradores, haja vista que a mesma já não se apresentava mais para mim como um lugar onde só fazia sol. Era uma local onde existiam prazeres e problemas cotidianos (como em todas as outras cidades do país), uma cultura diferente à que eu, nascida e criada no interior do estado de São Paulo, estava habituada, enfim, situações às quais tive que buscar conhecer e, por vezes, tentar me adaptar.

Nestas situações, estão as relações pessoais que se estabeleceram entre mim e as pessoas com as quais convivia, e que se identificavam, em sua grande maioria como caiçaras. Posso dizer, portanto, que devido às necessidades pessoais, tive que me educar sobre o caiçara e o ser caiçara, e nesta busca fui instigada a pensar se o que achava saber sobre isso não me atrapalhava. O que eu penso de pessoas caiçaras? Como eu comecei a pensar desta maneira? O que sei sobre caiçaras e ilhas, e como aprendi sobre isso? De onde vêm as minhas informações? É a partir destas questões, das reflexões a elas subseqüentes no meu dia-a-dia na cidade e durante as disciplinas cursadas no mestrado e, da necessidade de conhecer mais sobre a história caiçara e seus representantes, que surge este texto, neste momento impresso.

Logo no início deste processo percebi que meu entendimento sobre eles não fugia do apresentado por Paulino de Almeida (2005)¹, quando este falava sobre o que era publicado sobre os caiçaras e de como muitas pessoas consideram-se capacitadas para

¹ Este texto foi publicado originalmente na Revista do Arquivo Municipal, ano XII, vol.CLV, ago-set 1945, p.67-80. Recentemente, em 2005, foi reeditado na Enciclopédia Caiçara, vol IV.

escrever sobre os habitantes do litoral paulista, simplesmente por terem tido um contato, por vezes até superficial, com os mesmos. Para o autor, isto facilita que as informações sobre estes habitantes sejam deturpadas, pois:

...nem sempre representam a expressão da verdade, principalmente quando apontam o praiano como sendo o tipo mais perfeito e acabado de homem vadio, incapaz para o trabalho, malandro e astucioso, sem coragem para a luta, vegetando, e, como os aborígenes, vivendo mais de caça e da pesca, avesso à civilização e ao progresso, sem ideais e sem ambições. (ALMEIDA, 2005, p.47).

Não posso negar que minha visão fosse deturpada, ainda que talvez não tanto como o descrito pelo autor (pelo menos é o que espero), pois antes de vir morar em Ilhabela a imagem que eu tinha do caiçara era a do indivíduo que vivia na praia, tranqüilo, sem hora para nada, dono de um modo de viver que para mim era um “sonho de consumo”: vida tranqüila, sol e mar.

(Con)vivendo com eles, conhecendo um pouco de sua vida e sua história pessoal, percebi que alguns dos meus entendimentos não eram suficientes. Notei que não era possível entender o caiçara no presente, sem a história, por isso não me pareceu adequado pensar, redimensionar, des/re/construir este entendimento, sem retornar ao passado, para buscar compreensões sobre esse presente.

O interesse por melhor conhecer a vida cotidiana na ilha e por buscar como nela me inserir associou-se a uma necessidade profissional de compreender a vida cotidiana caiçara, e o que é ser caiçara, para poder desenvolver o eixo temático proposto na escola em 2005², o que deu origem ao embrião do projeto do presente estudo. Além disso, fizeram-me perceber que mais que educadora eu era educanda.

...Minha experiência vinha me ensinando que o educando precisa de se assumir como tal, mas, assumir-se como educando significa reconhecer-se como sujeito que é capaz de conhecer e que quer conhecer em relação ao outro sujeito igualmente capaz de conhecer, (...). Ensinar e aprender são assim momentos de um processo maior – o de conhecer, que implica re-conhecer. (FREIRE, 2005, p. 47).

Para melhor compreender o que é ser caiçara, busquei inicialmente consultar o significado dado nos dicionários (BUENO, 2001; BEDERMAN, 1988) usualmente utilizados

² No ano de 2005 comemorou-se no município o bicentenário de sua emancipação política e o eixo temático da Secretária Municipal de Educação referia-se a esta comemoração. O projeto desenvolvido dentro das aulas de Educação Física, tratava de patrimônio histórico cultural e foi concebido conjuntamente com as crianças participantes destas aulas. Depois de ter por nós sido escolhido o tema a ser desenvolvido, recebeu o nome de “**Histórias do cotidiano caiçara**”.

nas escolas de Ilhabela. Neles encontra-se, basicamente, o conceito de *caipira a beira-mar, no litoral paulista*, o que não considerei satisfatório. Resolvi então perguntar às pessoas que se identificavam como caiçaras o que eles pensavam sobre isso. Estando dentro do ambiente escolar e em contato com caiçaras que ensinavam sobre caiçaras, comecei a perguntar a professores e professoras.

As respostas obtidas com estas pessoas não diferiam muito do descrito nos dicionários: “quem nasce no litoral, vive da pesca...” E como achava isso estranho, surgia uma segunda pergunta: “você é caiçara?” E a resposta era sempre cheia de orgulho, seguida de uma ou outra história de família ou “causo”. E eu ficava sem compreender muito bem como eles definiam o(a) caiçara totalmente ligado(a) ao local de nascimento, com um modo de ser e viver todo próprio e, apesar de viverem e serem diferentes do descrito por eles mesmos, consideravam-se como caiçaras e, além disso, questionavam aqueles que eram filhos de migrantes e que se denominavam caiçaras, apenas por terem nascido em Ilhabela. Enfim, suas repostas, naquele momento, não me explicavam muita coisa, principalmente devido às discrepâncias sobre o que professores e professoras, que se identificavam como caiçaras, ensinavam aos alunos sobre tal existência e me diziam quando lhes perguntava o que era esse **ser**. Além disso, pude observar as diferentes maneiras como crianças residentes em diferentes áreas do município, que se apresentavam como caiçaras, ou quase, se (re)conheciam, e falavam da identificação e pertencimento de seu território ao município (ilustrações 2, 3, 4, e 5).

Por estes educadores e educadoras a identidade, o ser caiçara, me era apresentado como algo tradicional e imutável, que por isso estava deixando de existir, ao mesmo tempo em que eles(as) próprios(as) eram exemplos (talvez por eles(as) despercebidos) de recriação desta identidade construída social, econômica, cultural e historicamente e de que a cultura se reproduz e é reproduzida ao mesmo tempo em que se refaz e é refeita.

O educar-se em uma dada cultura está ligado, mais do que ao local de nascimento (o que Ananda, fig. 6, já havia notado), às vivências tidas pelo indivíduo.

Olá amigos da ilha de Búzios.

Meu nome é Gabriel estudo na 2ª série.
Aqui onde eu moro tem muito
café, mato e outras coisas, nós
gostamos muito de conhecer um
pouquinho do lugar de vocês saber
se, aí tem as mesmas coisas
que tem aqui se tiver mande uma
carta com a sua que estou mandando.
Se quiser cantar como a que
vocês falam brincam, fazem e
fotam.

Cari: Gabriel.
Justino da Silva
Data: 06/10/91

Figura 3: Carta de Gabriel, endereçada aos alunos da comunidade de Guanxumas, na Ilha de Búzios.

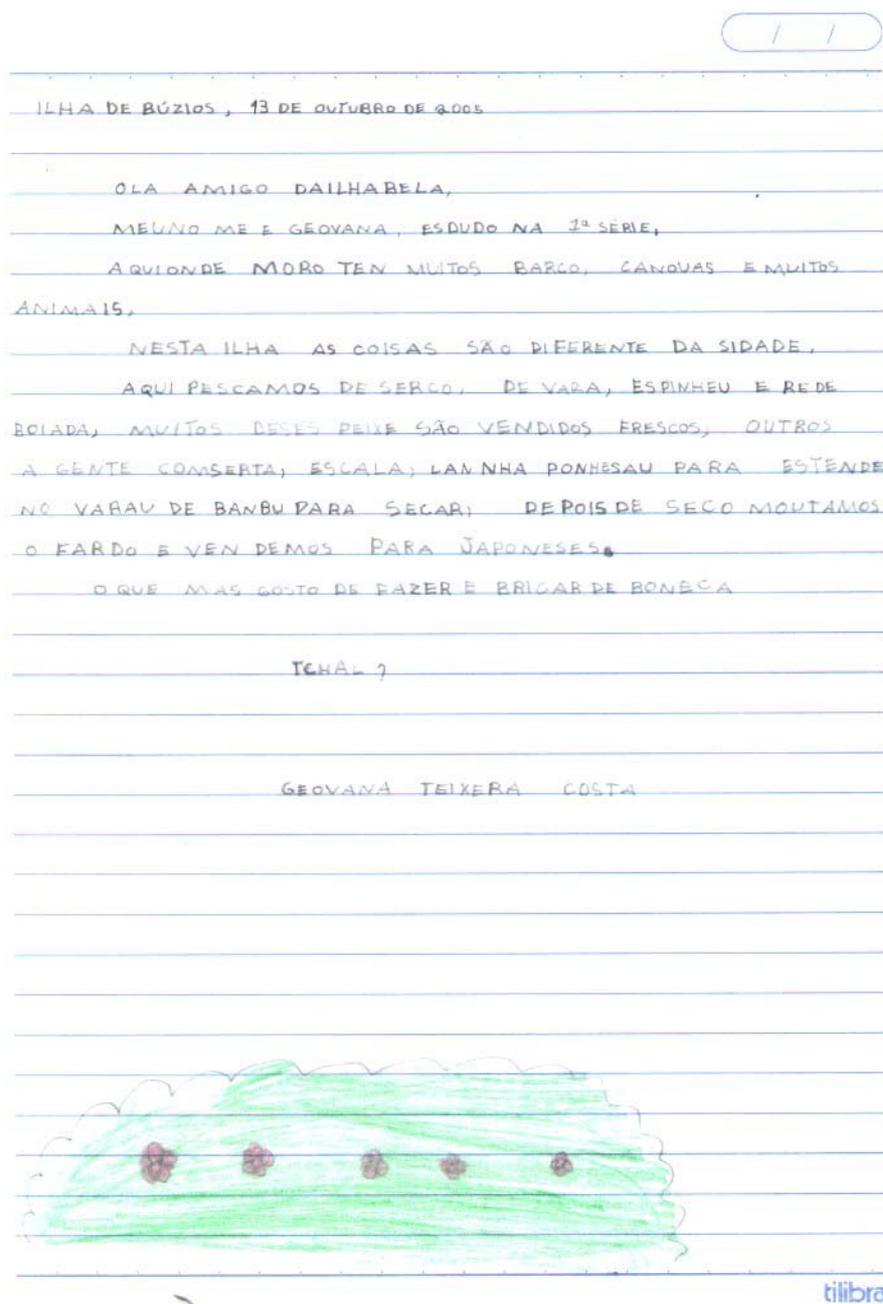


Figura 4: Carta de Geovana, residente na Ilha de Búzios e aluna da escola da Comunidade Tradicional Guanxumas, destinada a Gabriel, aluno da escola Dr. Salvador Arena, na Ilha de São Sebastião.

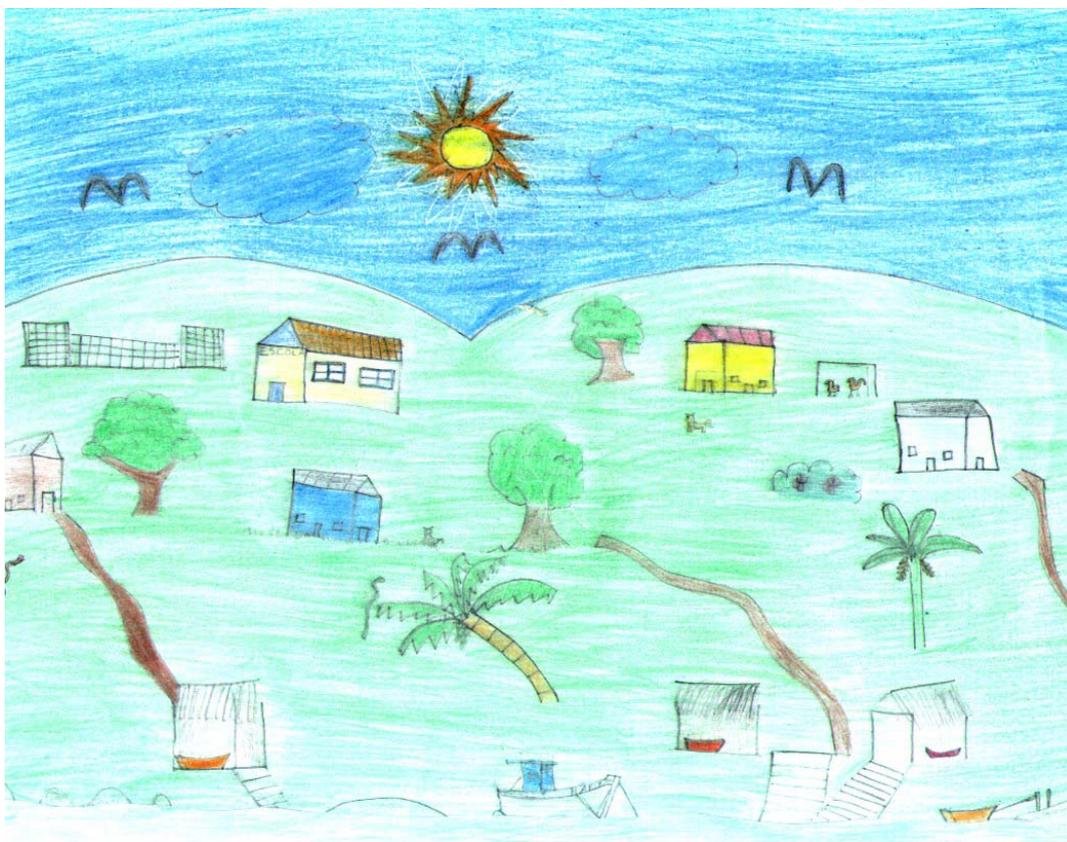


Figura 5: Desenho de Geovana (da Ilha de Búzios), representando como é o lugar onde mora para Gabriel, aluno da escola Dr. Salvador Arena, na Ilha de São Sebastião.

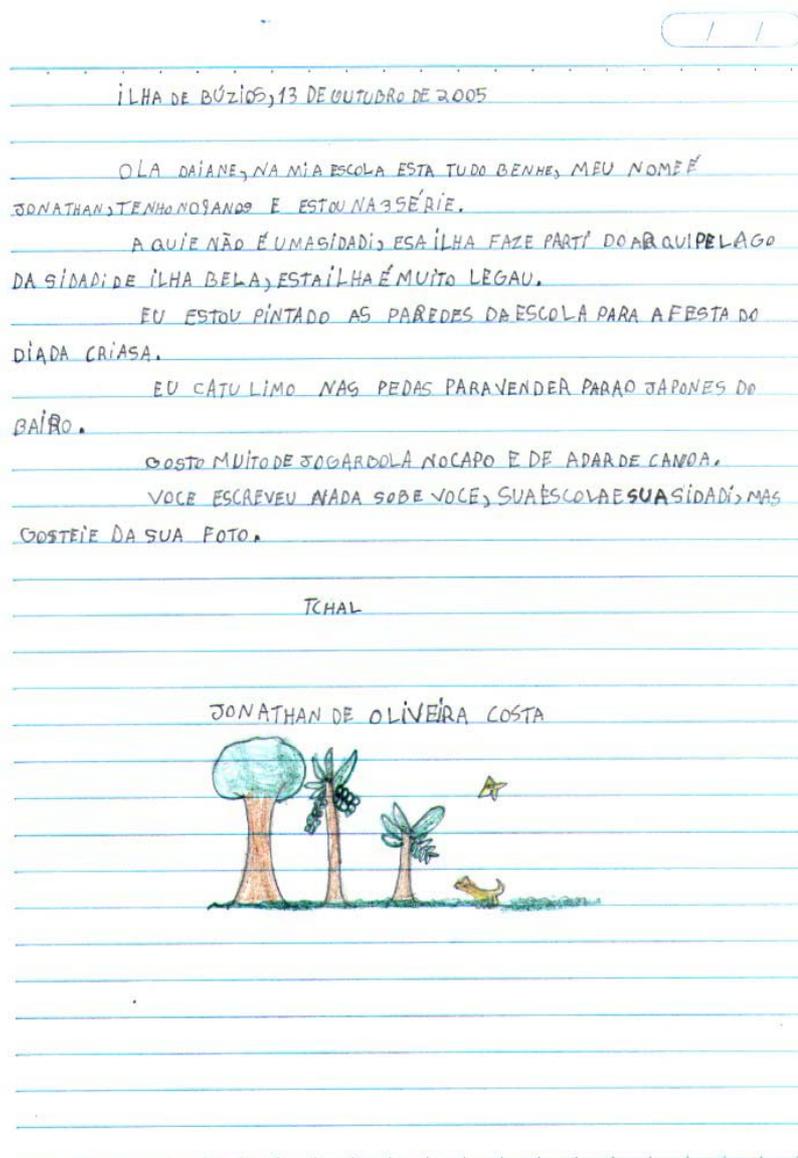


Figura 6: Carta de Jonathan, residente na Ilha de Búzios e aluno da escola da Comunidade Tradicional de Guanxumas, destinada a Daiane, aluna da escola Dr. Salvador Arena, na Ilha de São Sebastião.

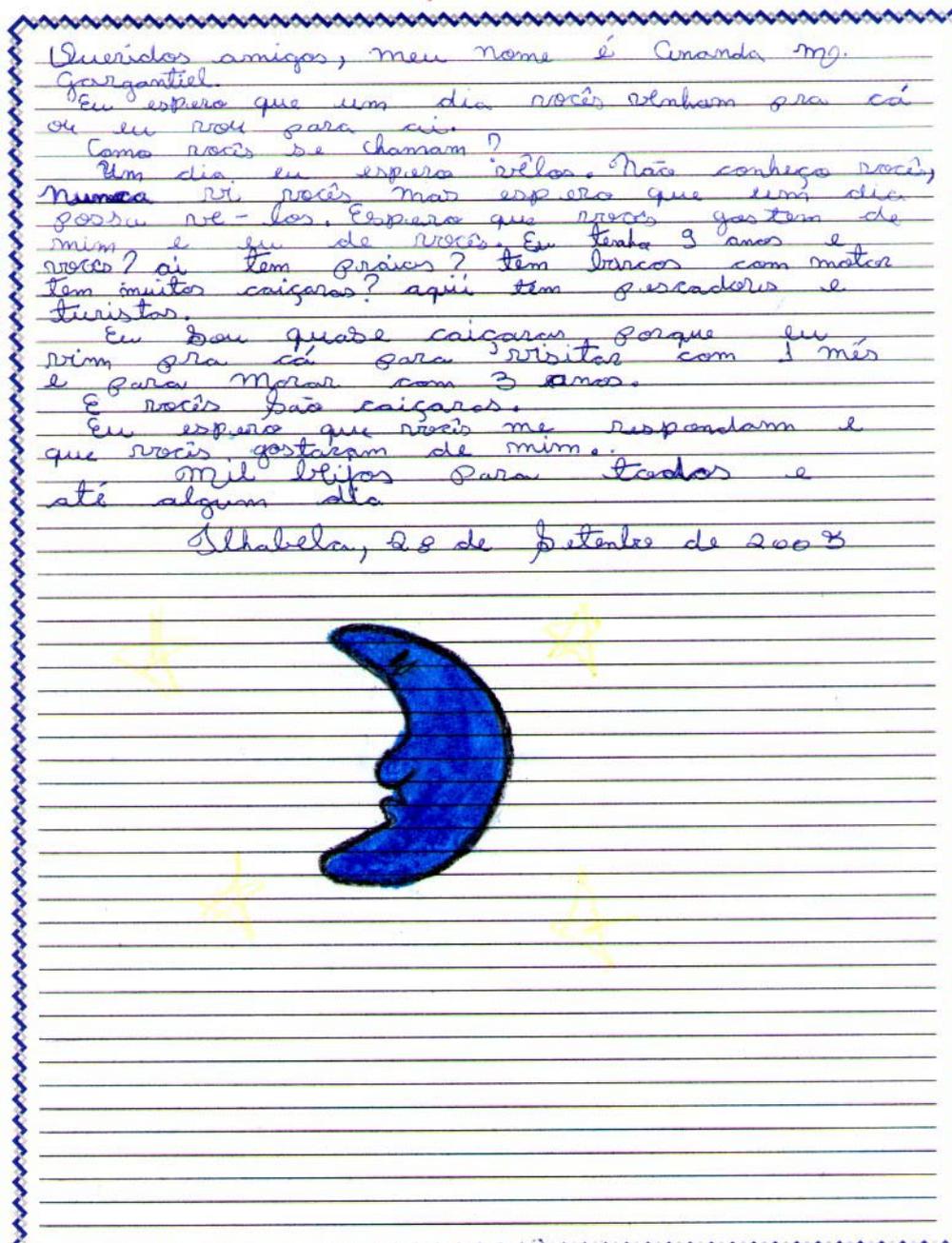


Figura 7: Carta de Ananda, residente na Ilha de São Sebastião e aluna da Escola Dr. Salvador Arena, destinada aos alunos da comunidade de Guanxumas, na ilha de Búzios.

Ouvir, olhar, (con)viver com o outro, sobre(viver) ao outro³ e com o outro é difícil, pois ao estabelecer estas relações com os outros participantes nas situações descritas, estabeleci novas relações comigo mesma, com meus preconceitos, minhas verdades e mentiras, e esse (re)conhecimento sobre o/a(s) outro(as) e sobre mim mesma nem sempre se apresentou como uma situação confortável. Era mais um estranhamento dolorido, que, na maioria das vezes, não ocorreu de maneira tranqüila e sem resistência de minha parte.

Foram basicamente situações de aprender e de ensinar, envolvidas na formação humana por mim percebidas enquanto professora e pesquisadora em Ilhabela, que culminaram na escolha da prática social que foi estudada neste trabalho. A saber: as construções de identidades caiçaras.

As diversas faces da cultura caiçara e a construção de identidades, que nunca é estática e sempre é formada na relação com outrem, apresenta-se para mim como um assunto recorrente, persistente, tendo em vista que estas, as diversas faces da cultura, atualmente sofrem um grande risco de opressão devido à urbanização, especulação imobiliária e ao enxerto de valores de fora das comunidades, entre outros fatores.

Independentemente de qualquer conceito, se considera aqui o caiçara enquanto um grupo social participante das relações sociais, econômicas, culturais e históricas que permeiam seu mundo, o que permite que os integrantes de tal grupo se apropriem, apreendam e interpretem os valores e comportamentos próprios de seu tempo e lugar, não sendo, portanto, meros receptáculos das situações que ocorrem na sociedade na qual estão inseridos e com as quais se relacionam. Além disso, considera-se aqui que as diversas faces da cultura caiçara e a construção de identidades, não são estáticas, *estão-sendo-com-o-outro* (no sentido existencial).

Diante do exposto, apresento as construções de identidades como uma prática social, sendo esta entendida como um momento de encontro de subjetividades, de diálogo e que a partir deste encontro, desse contato o ser humano vai-se construindo e transformando o mundo, através de processos educativos, que se dão nas mais distintas relações sociais (étnico-raciais, etárias, de classe social, de gênero) e em todos os espaços, não somente no ambiente escolar.

Tal estudo foi desenvolvido a partir da seguinte questão de pesquisa: **“O que ensina o caiçara a ser caiçara no município de Ilhabela?”**, objetivando compreender os

³ Comentário de Profª. Dra. Roseli Rodrigues de Mello, proferido durante uma das aulas da disciplina “Práticas Sociais e Processos Educativos”, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, no 1º semestre de 2006.

processos educativos envolvidos no ser caiçara no município de Ilhabela, observando, particularmente, o mundo cotidiano: modos de ser, de viver, de trabalhar, de brincar, de *se movimentar*⁴, de ensinar e de aprender de caiçaras, moradores em distintos bairros de Ilhabela.

O referido trabalho está organizado em seis tópicos.

O tópico 1 é dedicado aos entendimentos de Motricidade Humana, práticas sociais e educação que permitiram desvelar os processos educativos que permeiam as construções de identidades.

No tópico 2 apresento algumas características do município de Ilhabela e sobre conceito de ilhas.

O tópico 3, apresenta um pouco do referencial existente sobre caiçaras, trata do que os “outros” dizem sobre caiçaras.

No tópico 4, explico a trajetória metodológica utilizada, onde são tratados o referencial e os procedimentos metodológicos da fenomenologia, modalidade fenômeno situado, bem como apresento a matriz nomotética.

A construção dos resultados e as categorias são apresentadas no tópico 5.

As considerações, elaboradas a partir das categorias e dos diários de campo sobre os processos educativos na construção de identidades caiçaras são apresentadas no tópico 6.

Nos apêndices 1, 2, 3 e 4 se encontram, respectivamente, as entrevistas, as reduções fenomenológicas, as análises ideográficas e os diários de campo. O modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pode ser observado no Anexo 1.

⁴ *Se-movimentar* entendido conforme Kunz (2004) como diálogo entre Ser e Mundo, envolvendo o sujeito deste acontecimento em sua intencionalidade. E é através desta que se constitui o sentido/significado do *Se-movimentar*, constituindo uma concepção dialógica do movimento, pois, é a partir de experiências significativas, pelo *Se-movimentar*, que homens e mulheres realizam contato e confronto com o mundo, com o outro e consigo mesmo. Em outros termos a relevância está no *ser que se movimenta* e não no movimento propriamente dito.

1 Motricidade Humana e Identidade: sou corpo

Uma pergunta que freqüentemente surge quando falo sobre este estudo com as pessoas é: “Mas o que isto tem a ver com uma professora de Educação Física, com a sua área?”.

Nada, ou quase nada, se pensarmos o corpo na esfera dualista do físico e da mente do cartesianismo que ainda impregna fortemente a área de Educação Física. Por outro lado, tudo, se pensarmos o corpo a partir do referencial da Motricidade Humana, que é apresentada por Sérgio (2005, p.25) como “...um novo paradigma do **saber** e do **ser**: porque todos os paradigmas clássicos, simplificadores e fragmentadores, deverão transformar-se em complexos e dialogantes; porque só se é, verdadeiramente, no movimento intencional da transcendência, ou seja, mesmo que não acaudatado por ninguém, na motricidade de novos possíveis.”

A Motricidade Humana, movimento intencional de transcendência ou intencionalidade original, conforme Merleau-Ponty (1996) e Sérgio (1996), aponta para a integralidade do ser humano incrustado ao mundo, portanto encharcado em sua cultura, na qual cada movimento possui em si significados marcados por referência de cada povo. De acordo com Mauss (1974), cada cultura possui seus “modos de fazer” corporais, construídos a partir de um conjunto de hábitos, costumes, crenças e tradições, herdados do ambiente cultural, os quais se identificam e distinguem as maneiras como os indivíduos sabem servir-se do corpo.

...O homem, por meio do seu corpo, vai assimilando e se apropriando de valores, normas e costumes sociais, num processo de inCORPOração (a palavra é significativa). (...) Mais do que um aprendizado intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões. Em outros termos, o homem aprende a cultura por meio do seu corpo (DAOLIO, 1995, p.39-40).

Para Merleau-Ponty (1996):

...a consciência projeta-se em um mundo físico e tem um corpo, assim como ela se projeta em um mundo cultural e tem hábitos: porque ela só pode ser consciência jogando com significações dadas no passado absoluto da natureza ou em seu passado pessoal (...). Enfim, esses esclarecimentos nos permitem compreender sem equívoco a motricidade enquanto intencionalidade original. (...) O movimento não é o pensamento de um movimento, e o espaço corporal não é um espaço pensado ou representado. (...) a motricidade não é como uma serva da consciência, que transporta o corpo ao ponto do espaço que nós previamente nos representamos. Para que possamos mover nosso corpo em direção a um objeto, primeiramente é preciso que o objeto exista para ele (192-3).

Sérgio (1999), a partir do seu empenho na constituição da área de Motricidade Humana, diz ser essencial considerar “a experiência originária, donde emerge também a história das condutas motoras do sujeito, dado que não há experiência vivida sem a intersubjetividade que a práxis supõe” (p.17-18).

Ainda para Sérgio (1996):

...é evidente que o corpo humano não é o que a fisiologia descreve, nem o que a anatomia desenha, nem o que a biologia, em suma, refere. Porque o corpo é a materialização da complexidade humana. (...). De facto, ninguém **tem** um corpo. Há uma distância iniludível entre mim e um objecto que possuo: posso deitá-lo fora, sem deixar de ser quem sou. Com meu corpo não sucede o mesmo: sem ele, eu deixo de ser quem sou. Por isso, o meu corpo não é **físico**, no sentido cartesiano do termo (...), mas o fundamento de toda a minha existência, da minha própria subjetividade... (p.125).

Jaramillo Echeverri (2007) diz que a Motricidade Humana não se limita a cenários específicos e institucionalizados da educação escolar, mas sim que esta é parte da vida mesma do sujeito, e se contextualiza e desenvolve em distintos territórios e povos, já que em cada lugar geográfico existem diferentes cosmovisões e formas de ser-no-mundo na trilogia eu-o outro-mundo, “...é uma capacidade com a qual nascemos e que se desenvolve como o restante das capacidades em diálogo com os outros, ou seja, é a própria manifestação da vida em seus distintos modos de expressar-se e impressionar-se com o diálogo um-outro-mundo.”⁵ (p.6). Deste modo, construir conhecimento a partir da Motricidade é atrever-se a entrar em vários mundos possíveis.

Segundo Sérgio (1996, p. 22):

Pensar a motricidade humana, em termos radicais, rigorosos sistêmicos, pressupõe a ampliação do campo de estudos, desta área do conhecimento até há pouco restrito a um anátomo-fisiologismo, ou pedagogismo redutores. Aliás, se o ser humano é corpo-alma-natureza-sociedade, a construção de um campo disciplinar, específico da Motricidade Humana, há-de ter em conta o diálogo com outros campos disciplinares.

Ainda de acordo com Jaramillo Echeverri (2007), a Motricidade assume o espaço como o lugar de situação onde o sujeito ingressa em processos de consciência a partir de um aqui e um agora, espaço entendido pelo autor como o lugar onde se cria o húmus que dá vida a saberes que se propagam por contágio em uma comunidade. A Motricidade indaga

⁵ Tradução feita pela autora.

por esses lugares que o sujeito percorre e se apropria. Para ele, o corpo é lugar para *ser infinitamente* ao mundo, como significação.

Motricidade, identidade e cultura mantêm uma estreita relação entre si, posto que um não existe sem o outro e todos trazem consigo um processo que vem se desenvolvendo, se transformando.

Isso torna necessário destacar a necessidade de redescoberta não só do mundo natural, mas também do social, sendo este aqui considerado como campo permanente de existência, do qual posso desviar-me, mas de maneira alguma deixar de estar situado em relação a ele. Ao mesmo tempo em que o ser humano *decorre* da cultura, ele também a *produz* e, tal só pode dar-se através do corpo.

Assim como a natureza penetra até no centro de minha vida pessoal e entrelaça-se a ela, os comportamentos também descem na natureza e depositam-se nela sob a forma de um mundo cultural. Não tenho apenas um mundo físico, não vivo somente no ambiente da terra, do ar e da água, tenho em mim estradas, plantações, povoados, ruas, igrejas, utensílios, uma sineta, uma colher, um cachimbo. Cada um desses objetos traz implicitamente a marca da ação humana à qual ele serve... (MERLEAU-PONTY, 1996, p.465)

Segundo Merleau-Ponty (1996) é necessário que retornemos ao social (aqui entendido como campo permanente ou dimensão de existência) com o qual estamos em contato e isso se dá simplesmente por existirmos e o trazermos em nós antes de qualquer objetivação.

A consciência objetiva e científica do passado e das civilizações seria impossível se eu não tivesse com estes, por intermédio de minha sociedade, de meu mundo cultural e de seus horizontes é, uma comunicação pelo menos virtual, se o lugar da república ateniense ou do império romano não estivesse marcado em algum lugar nos confins de minha própria história, se eles não estivessem instalados ali como tantos indivíduos a conhecer, indeterminados, mas preexistentes, se eu não encontrasse em minha vida as estruturas fundamentais da história. O social já está ali quando nós conhecemos ou o julgamos. (...). Antes da tomada de consciência, o social existe surdamente e como solicitação... (MERLEAU-PONTY, 1996, p.485)

Geertz (1989) nos diz que não existe natureza humana independente de cultura, sendo cultura um documento de atuação pública que é pública porque seu significado o é. Ela não é um poder ao qual são atribuídos casualmente acontecimentos sociais, comportamentos, instituições, etc. do humano.

Merleau-Ponty (1996) diz: “não é porque eu penso ser que estou certo de existir, mas, ao contrário, a certeza que tenho de meus pensamentos deriva de sua existência efetiva”(p.511). Homens e mulheres *estão-sendo-no-mundo* e não apenas “são”, ou seja,

existimos no mundo com os outros, e nessa existência transformamos e nos transformamos em práticas sociais.

Neste estudo, entende-se práticas sociais conforme Silva et al (2005), que as apresenta como as relações que se dão, se estabelecem, transformam ou fenecem no contexto do mundo através das relações entre pessoas, grupos, comunidades, sociedades e nações, desenvolvidas com certa finalidade e em certo espaço e tempo. Segundo os autores citados acima, tais pessoas ou comunidades são capazes de repassar conhecimentos e tradições, posições e posturas; suprir necessidades de sobrevivência material e imaterial, pensar e refletir, abrangentemente, sobre a situação de vida; inclusive propondo e executando transformações para garantir direitos sociais, culturais, econômicos, políticos, civis ou, para corrigir distorções.

Sujeito e prática social existem em um espaço e falando sobre o espaço e o corpo, Merleau-Ponty (1996, p. 193) nos diz que “...não se deve dizer que nosso corpo está *no* espaço nem tampouco que ele está *no* tempo. Ele *habita* o espaço e o tempo...”. O autor também considera o corpo como um espaço expressivo, origem de todos os outros, que projeta significações no exterior dando-lhes lugar, possibilidade única de aprender.

Concordo com Freire (1980) que diz que prática social e realidade social não existem por acaso, mas sim “...como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso. Se os homens são os produtores desta realidade e se esta, na ‘inversão da práxis’, se volta sobre eles e os condiciona, transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens.” (p.39).

Normalmente quando se fala em aprendizagem, ensino, educação, processos educativos, as pessoas logo pensam em situações que ocorrem dentro do ambiente escolar, entretanto, destaco compartilhar com Sérgio (1996) a interpretação de que a educação refere-se à totalidade do ser e esta (a educação) é condição *sine qua non* de progresso e desenvolvimento e pode se dar em todos os ambientes e situações humanas.

Freire (ENTREVISTA, 1996) também explicita que estamos sempre aprendendo e ensinando, em situações familiares, profissionais, lúdicas, entre outras. Deste modo, processos educativos se apresentam como processos onde educador e educando “...co-intencionados a realidade, se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e, assim, criticamente conhecê-la, mas também no de recriar este conhecimento.” (FREIRE, 1980, p.61).

De acordo com Silva et al (2007), nas práticas sociais as pessoas se formam em todas as experiências das quais participam em diferentes contextos ao longo da vida, portanto,

não apenas em situações escolarizadas, mas também nestas. O aprender se dá na possibilidade de dar significados ao entorno no qual se vive; às relações entre as pessoas do grupo a que pertencemos; às relações entre diferentes grupos; às relações entre as pessoas e o ambiente. A partir destas significações produzem-se conhecimentos que são aplicados na vida e são expressos em ações, posturas e atitudes.

Os sujeitos que participam de tais práticas interconectam o aprendido em uma com o que estão aprendendo em outra, ou seja, o aprendido em casa, na rua, na quadra comunitária do bairro, nos bares, no posto de saúde, em todos os espaços por onde cada um transita, serve como ponto de apoio e referência para novas aprendizagens, inclusive aquelas que a escola visa proporcionar. (SILVA et al, 2007, p.16).

Também para Freire (1997): “Ninguém nasce feito. Vamos-nos fazendo aos poucos, na prática social de que tomamos parte” (p.79). Acredito como Freire (1980, 2001, 2005), que o ato de *educar* envolve necessariamente o de *educar-se*, sendo necessária a afetividade, a humildade, o gosto pelo ensinar e pelo aprender, a busca incansável pela competência e pela esperança engajada na nossa transformação (somos seres inconclusos) da educação, das condições de vida e do mundo.

Nesse sentido, quando comecei viver em Ilhabela, com pessoas que se identificam como caiçaras, meu entendimento sobre eles e elas teve que ser revisto. Quando comecei a pensar sobre a identidade deles(as) isto me pareceu absolutamente simples, já que à primeira vista, identidade é aquilo que simplesmente se é ou não é, referindo-se basicamente ao pertencimento do indivíduo a este ou àquele grupo, estabelecendo-se uma uniformidade e uma igualdade, uma normalidade.

Porém, com o convívio percebi que as coisas não seriam tão simples. Este entendimento de uma identidade estabilizada, esse estereótipo fechado de caiçara que eu trazia em mim, não era suficiente quando eu pensava o ser humano como um sujeito contextualizado, que significa, cria, transforma e se transforma ao mundo.

Atualmente entendo que para se falar em identidade, especificamente neste estudo sobre identidade caiçara, é preciso antes falar de identidade latino-americana, pois, de acordo com Todorov (2003), a história da conquista da América, e acrescento, conseqüentemente a de Ilhabela, é marcada pela ambigüidade.

Novaes (citado por GOMES, 1995) diz que a identidade não é inata, mas sim construída em um determinado contexto histórico e social e que aparece como recurso para a criação de *um nós coletivo*, que se refere a uma igualdade, que ainda que não possa ser verificada efetivamente, torna-se um recurso indispensável ao nosso sistema de

representações, pois é “... a partir da descoberta, reafirmação ou criação cultural de suas semelhanças que um grupo social qualquer terá condições de reivindicar para si um espaço social e político de atuação em uma situação de confronto.” (p.39).

Referindo-se à questão da igualdade, Decca (2002) apresenta que costuma ser senso comum apelar-se para a idéia de um todo harmonioso e sem qualquer sinal de diferenciação, ainda que não seja possível determinar uma única origem e afirmar a harmonia de um dado grupo, dentro de ideais estabelecidos, tendo em vista que cotidianamente se estabelecem conflitos, tensões, desacordos, coações, ações e reações. O autor também fala da ironia de se aclamar um princípio abstrato de igualdade em um país como o Brasil, onde existem tantas desigualdades socioculturais. O autor ainda diz:

Tanto a distância social como a diferença, ainda que sejam reais e visíveis para qualquer cidadão, não devem ser pronunciadas sob o risco de se pôr a perder o sentido da identidade nacional. Apela-se para a idéia de um todo harmonioso e qualquer sinal de diferenciação vem acompanhado por jargões irônicos do tipo “*ele é metido a diferente*”. Assim, em vez de exigirmos e exercermos os nossos direitos de cidadão, deixamos-nos levar pelo modo informal de escamotear as diferenças, os preconceitos e as exclusões. Para toda a violência explícita das injustiças e desigualdades sociais buscamos cumplicidade entre parceiros que não se colocam nem se posicionam como cidadãos, mas como parte de um suposto todo homogêneo... (p. 12)

De acordo com Silva (2000), pensar a identidade a partir da idéia do que se é, faz com que esta se apresente como uma característica positiva e independente, que tem apenas a si própria como referência. De maneira geral, considera-se a diferença como um produto derivado da identidade; diferença é aquilo que o outro é; sendo a identidade, a referência.

As formas de classificação produzidas e utilizadas pela sociedade, ainda atualmente, são feitas a partir do ponto de vista de uma identidade e tais classificações significam, neste caso, não só reconhecer a diferença, mas também hierarquizar, e é aquele que detém o privilégio de classificar, que também detém o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados. A forma mais corriqueira de classificação é aquela que se estrutura em torno de oposições binárias. A normalização (fixação de determinada identidade como a norma) é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças; é um processo sutil pelo qual o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença, com a eleição de uma identidade específica, como o parâmetro a partir do qual outras identidades serão avaliadas. Tal identidade *normal* é “natural”, desejável, única e tem

tal força que ela não é vista como *uma* identidade, mas simplesmente como *a* identidade (SILVA, 2000).

Esta relação não se dá de forma unilateral, por isso vale destacar a existência de uma estreita relação de dependência entre identidade e diferença que tende a ser escondida pela forma afirmativa como expressamos a identidade.

...Quando digo “sou brasileiro” parece que estou fazendo referência a uma identidade que se esgota em si mesma. “Sou brasileiro” – ponto. Entretanto, eu só preciso fazer essa afirmação porque existem outros seres humanos que *não* são brasileiros. Em um mundo imaginário totalmente homogêneo, no qual todas as pessoas partilhassem a mesma identidade, as afirmações de identidade não fariam sentido. (SILVA, 2000, p.74-5)

Pode-se, portanto, dizer que identidade e diferença mantêm uma mútua relação de dependência e são inseparáveis. Mais que interdependentes, identidade e diferença partilham a característica de serem atos de criação lingüística, pois é apenas por atos da fala que se institui a diferença e a identidade como tal. Isto significa dizer que

...não são essências, que não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas. A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais. (SILVA, 2000, p.77-8)

Complementando essa idéia Merleau-Ponty (1996) diz que a linguagem exprime pensamentos e é a tomada de posição do sujeito no mundo de suas significações.

...O termo “mundo” não é aqui uma maneira de falar: ele significa que a vida “mental” ou cultural toma de empréstimo à vida natural as suas estruturas, e que o sujeito pensante deve ser fundado no sujeito encarnado. O gesto fonético realiza, para o sujeito falante e para aqueles que o escutam uma certa estrutura da experiência, uma certa modulação da existência, exatamente como um comportamento do meu corpo investe os objetos que me circundam, para mim e para o outro, de certa significação (p.262).

Na história da América Latina, independente do país ou localidade, é possível observar semelhantes processos de conquista e de situações de conflito entre “nós” (totalidade) e os “outros” (alteridade). Mas o que é totalidade e alteridade?

As coisas-sentido, os entes não nos rodeiam caoticamente, pois fazem parte de um mundo, aqui entendido como o horizonte cotidiano dentro do qual vivemos (minha casa, meu bairro, meu país, a classe operária), sendo cotidiano o mundo que habitamos no dia-a-

dia, uma totalidade no tempo e no espaço. Como totalidade no tempo, o mundo é uma retenção do passado e um local onde se fundamenta o futuro e se vive as possibilidades que pendem de dito futuro. Como totalidade espacial o mundo sempre se situa ao sujeito como centro, e a partir deste centro se organizam espacialmente os seres, dos mais próximos e com maior sentido até os mais distantes e com menor sentido (estes últimos são os seres periféricos). Mundo, então, é uma totalidade instrumental de sentido, a totalidade de seres com sentido; meu mundo é uma totalidade, que existe entre totalidade e que pode ser periférico de outros mundos (DUSSEL, 1996).

Alteridade é compreendida como a exterioridade da totalidade e, em um projeto eurocêntrico de mundo, no qual o(a) outro(a) é periférico(a), a sua exterioridade é desprezada, entendida como nada: incultura, analfabetismo, barbárie. O(a) outro(a) é visto(a) como não-ser (DUSSEL, 1996)

Entretanto, este não-ser, enquanto centro de seu próprio mundo (ainda que seja dominado ou oprimido) pode dizer o impossível, o inesperado, o inédito, fazendo surgir a história do novo. Por isso, todo futuro resultante de uma revolução subversiva em seu sentido metafísico é analógica, semelhante em algo à anterior totalidade, mas realmente distinta. (DUSSEL, 1996). Segundo Hall (2000), as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela; constroem-se por meio de relações com o/a (s) Outro/a(s), com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, ainda que esse outro(a) seja silenciado e inarticulado. Necessita do exterior que a constitui e isso não permite que a sociedade seja unificada e delimitada, uma totalidade. “...Ela está constantemente sendo “descentrada” ou deslocada por forças fora de si mesma” (HALL, 2005, p. 17).

Como tal, este não-ser, esta identidade, é um conceito que pode ser criado, recriado e re-significado. Por serem construídas dentro e não fora do discurso é necessário compreender as identidades como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas (HALL, 2000). Merleau-Ponty (1996) afirma que a existência não está garantida ao humano por alguma essência recebida no nascimento. Para ele:

...O homem é uma idéia histórica e não uma espécie natural. Em outros termos, não há na existência humana nenhuma posse incondicionada e, todavia, nenhum atributo fortuito. A existência humana nos obrigará a rever nossa noção usual da necessidade e da contingência em necessidade pelo ato da retomada. Tudo aquilo que somos, nós o somos sobre a base de uma situação de fato que fazemos nossa, e que transformamos sem cessar por uma espécie de *regulagem* que nunca é uma liberdade incondicionada. (...). Porque nosso corpo é para nós o espelho do nosso ser, senão porque ele é um *eu natural*, uma corrente de existência dada, de forma que nunca

sabemos se as forças que nos dirigem são as suas ou as nossas – ou antes elas nunca são inteiramente nem suas nem nossas. (p.236)

Por tais mudanças ocorrerem de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, pode ser ganha ou perdida e tornou-se politizada (HALL, 2005). Isto vai ao encontro do apresentado por Merleau-Ponty (1996, p.397) que diz: “...O contato absoluto de mim comigo, a identidade do ser e do aparecer não podem ser postos, mas apenas vividos aquém de qualquer afirmação...”

Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas e que elas são sempre multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas. As identidades estão, portanto, sujeitas a uma historicização, estando constantemente em processo de mudança e transformação (HALL, 2000).

Para Hall (2005), nas sociedades modernas a questão da identidade está relacionada à globalização e seu impacto sobre a identidade cultural; por isso são, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente.

...a época moderna fez surgir uma forma nova e decisiva de *individualismo*, no centro da qual erigiu-se uma nova concepção do sujeito individual e sua identidade. Isto não significa que nos tempos pré-modernos as pessoas não eram indivíduos mas que a individualidade era tanto “vívida” quanto “conceptualizada” de forma diferente. As transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas. (p.24-5).

Entende-se, a partir do exposto, que mundo não pode ser concebido a partir de um referencial, o eurocêntrico, por exemplo, haja vista que os seres, as coisas e as perspectivas de compreensão são múltiplas, diferentes. Ser, identidade e fundamento são desde-onde surge o ente, a diferença (DUSSEL, 1996)

Apesar do apresentado, devo destacar que na história da América Latina e na construção da(s) atual(is) identidade(s) latino-americana(s), este referencial eurocêntrico foi altamente condicionante; por isso, para um melhor entendimento de identidade caíçara, torna-se imprescindível a compreensão do passado da América Latina e do processo de *encobrimento do outro* (iniciado com o movimento expansionista europeu em fins do século XV)⁶, ou seja, dos habitantes originais deste continente e daqueles que foram trazidos para cá

⁶ Para aprofundamento recomendo leitura de: DUSSEL, Enrique. 1492. El encubrimiento del otro. hacia el origen del “mito” de la Modernidad. La Paz: Plural Editores/Facultad de Humanidades y Ciencia de la Educación, 1994.

à força, a título de escravização no período da colonização, que na atualidade constituem maciçamente os grupos e comunidades socialmente marginalizadas, tais como os indígenas, os negros, os pardos, as comunidades ribeirinhas e camponesas, os caiçaras, ou seja, os oprimidos.

De acordo com Dussel (s/d) não se pode negar que formas de opressão já existiam na América Latina antes da conquista e da colonização, como, por exemplo, a situação da mulher dentro da sociedade ameríndia. Porém havia um certo respeito, por parte dos ameríndios, no período anterior à invasão europeia, pela cultura dos povos por eles conquistados. Entretanto, não se pode dizer o mesmo do movimento expansionista europeu, pois o que houve aqui foi uma brutal negação, um enfrentamento assimétrico entre dois mundos (o europeu e o ameríndio, e depois também europeu e africano) com a dominação do primeiro sobre o segundo; que teve como consequência a destruição do mundo ameríndio pela conquista em nome da Modernidade. Talvez este enfrentamento tenha sido um dos piores momentos de opressão ou subjugo de alguém por outrem, pois quando os colonizadores não negavam a existência do Outro, o “coisificavam”. Espanha e Portugal foram as primeiras regiões da Europa que tiveram a experiência originária de constituir ao Outro como dominado sob o controle do conquistador, e do domínio do centro sobre uma periferia.

Para Dussel (2007) a Modernidade surge “...como novo “paradigma” de vida cotidiana, de compreensão da história, da ciência, da religião, com a conquista do Atlântico” (p.6). Coube à América Latina entrar neste processo como a “outra face”, dominada, explorada, encoberta. A civilização moderna europeia se autodescreve como mais desenvolvida e superior, e esta superioridade lhe obriga a “desenvolver os primitivos”, nem que seja por meio da violência (caso este se oponha ao processo civilizador).

Com a invasão das terras da América Latina deu-se o momento de conquistar, de controlar os corpos destas sociedades, afinal era necessário pacificá-las, controlá-las, educá-las. Soares (2001) diz que

É preciso ressaltar que há preceitos a serem seguidos para alcançar uma educação plena dos corpos. Assim, o simples bocejar, assoar o nariz, caminhar ou participar de jogos são atos que irão sujeitar-se a uma intervenção dirigida, materializada por diferentes pedagogias cuja finalidade é o corpo educado. “Governar o corpo é condição para governar a sociedade. O controle do corpo é, portanto, indissociável da esfera política”

Esta *moldura da alma* – o corpo – torna-se objeto de constantes *cuidados* e as pedagogias que sobre ele incidem estão voltadas ora para civilizá-lo, ora para ensiná-lo a ser útil, higiênico, ora para sexualizá-lo e erotizá-lo... (p.112)

A conquista refere-se neste momento a um processo militar violento que tenta transformar o *outro* em *mesmo*. É a afirmação prática do *eu conquisto* e a *negação da alteridade*, que é negada e alienada, tratada como coisa. Ao homem indígena se explorará principalmente o trabalho, como mão-de-obra gratuita ou barata, ao que se juntará os(as) escravizados(as) africanos(as); já a mulher indígena será principalmente explorada e violentada sexualmente (DUSSELL, 1994), situação da qual também não ficará incólume a mulher africana.

Os países da América Latina e da África se tornaram, durante o século XVI e parte do século XVII, as principais colônias européias, particularmente devido ao açúcar ter se tornado uma mercadoria de grande valor e circulação na Europa.

No final do século XVIII e início do século XIX, a Europa foi convulsionada por grandes transformações devido aos processos de industrialização, urbanização e à proletarianização. O desenvolvimento da sociedade, das leis da economia, da exploração do capital em relação ao trabalho, exigiram novas formas de pensar a natureza, a sociedade e as relações dos seres humanos entre si e a buscar explicações científicas sobre a sociedade e o novo ser. Baseado no positivismo⁷, conjunto de teorias que justificavam as desigualdades sociais através das desigualdades biológicas, o centro eurocêntrico passou a ter um aval científico e acadêmico para a opressão.

Nesse processo de (re)organização da sociedade, o homem, um ser que se humaniza pelas relações sociais que estabelece, ao mesmo tempo que passa a ocupar o centro de criação desta nova sociedade, passa a ser explicado e definido nos limites biológicos. É o homem biológico e não o homem antropológico o centro da nova sociedade. E é o homem biológico que se torna o ponto de referência: tudo o que o envolve, tudo o que se altera, será entendido como domínio seu sobre o mundo. Não existem mais milagres divinos para explicar o curso dos acontecimentos, existem leis próprias que o mundo físico e humano deve obedecer e que a ciência deve descobrir. (SOARES, 1994, p. 11-2).

Foi com o estabelecimento da supremacia branca européia (a totalidade, nos termos de Dussel, conforme apresentado anteriormente) sobre os outros povos, supremacia que tem por vítima todo aquele que não pode ser, que o índio, o negro e depois o mestiço, passaram a não-ser, seus valores e normas foram encobertos, pois eles não cabiam na

⁷ Positivismo: ...grande corrente filosófica que, na segunda metade do séc. XIX, teve numerosíssimas e variadas manifestações em todos os países do mundo ocidental. A característica do P. é a romantização da ciência, sua devoção como único guia da vida individual e social do homem, único conhecimento, única moral, única religião possível. Como Romantismo em ciência, o P. acompanha e estimula o nascimento e a afirmação da organização técnico-industrial da sociedade moderna e expressa a exaltação otimista que acompanhou a origem do industrialismo... (ABBAGNANO, 1998, p.776)

totalidade estabelecida pelos europeus. Eram agora a exterioridade e como tal aprenderam e foram disciplinados/as historicamente para *não-ser*, já que o entendimento vigente de ser humano e de mundo não apresentava a possibilidade de ser diferente.

Para atingir tal “perfeição” eurocêntrica tentou-se o apagamento da história e de conhecimentos produzidos pelas civilizações tidas pelos europeus como não-civilizadas, tais como os incas, os astecas, os maias, os tupinambás.

Tal “perfeição” eurocêntrica também pregava que a natureza deveria ser domesticada pelo homem, assim, trabalho e natureza não são mais fontes da vida, mas *coisas* a serem exploradas. Mais que isso:

O dinheiro passa a ser seu único valor almejado, o equivalente geral que condensa em sua representação a anulação de todos os demais valores, seja da própria tradição tribal européia, seja dos valores de outras sociedades de outros continentes, nas quais o valor da moeda restringe-se a mediar a troca e circulação de mercadorias. (LUZ, 2000, p. 137).

A submissão do europeu ao *ter*, caracteriza uma angustiante busca pela garantia de sua própria identidade e valor: luta-se para *ter*, pois para ele, quanto mais se tem, mais *se é*.

A sociedade ocidental atual ainda se apresenta fortemente impregnada deste fundamento de identidade, de totalidade, ou seja, da valorização do capital. A partir do capital se estabelece o mundo como totalidade concreta, histórica.

Entretanto, se a realidade de opressão e violência pela qual passou a América Latina condicionou os processos de formação humana e de construções de identidades, ela não os determinou. Apesar desta tentativa de encobrimento de seu ser, alguns de seus valores, algumas de suas raízes são mantidas e estas permitem a manutenção de sua especificidade⁸. Porém, vale reafirmar que a reconstrução da identidade e da tradição, que de geração a geração vai sendo lida e refeita, só se dá a partir do contato com o outro.

Na América Latina os sistemas atualmente vigentes ainda têm como projeto a cultura imperial do “centro” (hoje não só europeu, mas também o norte-americano), além disso, as elites oligárquicas ilustradas confundem seu próprio projeto pedagógico com o do “centro”, negando o projeto da cultura popular.

⁸ “O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro.” (WEIT, 1979, p.347)

De acordo com Dussel (s/d): “a cultura popular é o centro mais incontaminado e irradiativo da resistência do oprimido (como nação neocolonial e como classes sociais marginais) contra o opressor. (...) A cultura popular então não deve ser confundida com o mero folclore” (p.225).

A América Latina vem sendo construída na diversidade de experiências, culturas e histórias dos povos que aqui já viviam e que a partir da vinda dos europeus vêm tentando romper com a imposição de uma visão de mundo, de valores, de desejos, de humanidade que, tendo-se como os dominantes, se pretendem hegemônicos. É no encontro do indígena com o europeu, e posteriormente com o negro, que se funda a identidade latino-americana, dona de uma cultura popular que é:

...uma tradição viva que soube assimilar a experiência histórica do indígena, do espanhol e do nativo oprimido, do camponês independente, do trabalhador, do operário, do marginalizado. Tem um antiquíssimo passado, e contudo tem aberto um imenso futuro porque o povo está livre diante do sistema, sua pobreza é garantia de esperança. (...) É toda uma cultura, é toda uma interpretação da existência... (DUSSELL, s/d, p.227).

Hall (2005) apresenta identidade como um termo bastante complexo, pouco desenvolvido e muito pouco compreendido, por isso é impossível lhe atribuir conclusões e afirmações decisivas. Para o citado autor,

...as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (p.7)

Identidade, cultura, corpo, tradição, modernidade local e global, passam a ser vistos e falados de forma diferente da apresentada desde o Iluminismo até a sociedade pós-moderna.

Posto isto, esclareço que o entendimento de identidade que guiará este estudo acorda com Hall (2005), compreendendo-a não como um dado ou um fato – seja da natureza ou da cultura -; como fixa, unificada e permanente. Tampouco essa identidade poderia ser classificada como homogênea, definitiva, acabada, idêntica. A identidade será tratada como uma construção, um ato instável, contraditório, fragmentado e inacabado, que se apresenta ligado a estruturas discursivas e específicas.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (...). A identidade plenamente identificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente. (HALL, 2005, p.13)

A costa litorânea brasileira foi um dos primeiros palcos para tais processos de opressão e de estabelecimento da supremacia européia no Brasil. A partir de 1502, com a chegada dos primeiros europeus ao litoral norte paulista, iniciou-se a colonização na região onde atualmente se localiza o município de Ilhabela. Tal ocupação será tratada com mais detalhes no próximo capítulo.

2 O município de Ilhabela



Figura 8: Município de Ilhabela (Fonte: Parque Estadual de Ilhabela).

A região do litoral norte paulista também sofreu processos de conquista e colonização com resultados bem semelhantes aos obtidos pelos exploradores e colonizadores europeus por toda a América Latina. Aqui também a alteridade não foi respeitada, também ocorreram processos de estranhamento e de enfrentamento mútuo, que se perpetuam até hoje. Na porção da América Latina dominada pela Espanha temos que:

...: embora a Espanha desempenhe o papel principal no movimento de colonização e de destruição dos outros, ela não está só: portugueses, franceses, ingleses e holandeses vêm logo em seguida; belgas, italianos e alemães virão unir-se a eles mais tarde. E se, em matéria de destruição, os espanhóis fazem mais do que as outras nações européias, isso não significa que elas não tenham tentado igualar-se aos espanhóis e superá-los... (TODOROV, 2003, p. 357-8).

Já no Brasil este papel principal coube aos portugueses, ainda que outros povos europeus tenham participado, brigado e matado pela posse de riquezas naturais e de terras brasileiras.

Porto de piratas, entreposto do tráfico de escravos, o município de Ilhabela tem, no que se refere ao seu povoamento, uma maior contribuição étnica e cultural européia, conforme apresentado por Corrêa (1981). Os caiçaras provêm de cruzamentos antigos entre indígenas brasileiros e colonizadores europeus e, na época da escravidão, nasciam de novas combinações étnicas por causa do contingente de escravizados africanos, que teve sobre o caiçara importante participação não só numericamente, mas também culturalmente. “...Predominam caracteres do colonizador branco (...). Na sociedade local, a religião, os hábitos e os costumes são os do colono europeu dos primeiros séculos de povoamento brasileiro, cujas características, principalmente culturais conservaram-se...” (CORRÊA, 1981, p.19).

Em uma obra mais recente, pode-se observar quais características do colonizador branco, como a intolerância, se mantêm atualmente:

O mesmo morador enfatizou também a antiguidade do povoamento da ilha, pois no topo do morro teriam sido encontrados vestígios de povoamento por tribos indígenas. No entanto, os índios não eram “criaturas”, termo que reservou aos moradores de religião católica, predominante na ilha. Para ele também não eram “criaturas” os ilhéus que tinham se convertido ao protestantismo. (DIEGUES, 1997, p.24).

Localizado no litoral norte paulista (distante 230 Km da capital paulista, e contando com 20.836 habitantes, sendo 20.589 na zona urbana e 247 na zona rural)⁹, o município de Ilhabela é um arquipélago composto pelas Ilhas de São Sebastião, de Vitória, Búzios, das Cabras, Sumítica e da Serraria, tendo a maior concentração populacional na faixa voltada para o canal de São Sebastião (área urbanizada da Ilha de São Sebastião, na qual se localizam as praias mais freqüentadas pelos turistas, tais como Curral, Armação e Feiticeira).

Economicamente, o município vivia da atividade agrícola até a década de 1940, sendo que também teve na área pesqueira uma atividade bem desenvolvida. Em decorrência do município ser recoberto, em sua maior parte, pela mata atlântica e apresentar características geográficas e climáticas que lhe dão um grande potencial turístico, atualmente sua economia está centrada no turismo, que se desenvolveu com mais intensidade a partir da

⁹ Dados obtidos no site www.ibge.gov.br

década de 1960. Até a década de 1950, quando começaram a chegar os primeiros migrantes e turistas, a população do município era “genuinamente” caiçara¹⁰.

Durante o movimento de expansão cafeeira e urbanização das cidades, em fins do século XIX, início do século XX, ocorreu um adentramento para o oeste do interior de São Paulo, no qual as zonas litorâneas e suas comunidades caiçaras ficaram literalmente abandonadas pelo poder público.

De acordo com Calvente (1997) “... Os europeus que aqui chegavam, até o século passado, traziam uma série de preconceitos com relação ao espaço litorâneo, sendo este visto como um espaço perigoso e objeto de repulsa” (p. 100). Foi no período do Romantismo que as praias passaram a ser um local de contemplação e encontros sociais. A partir daí, cresce o interesse de pintores, escritores e outros pelo litoral e só há menos de dois séculos, as praias e o mar passaram a apresentar potencial turístico.

A praia deixa de ser um espaço de trabalho, desvalorizado (algumas sedes de fazenda chegaram a se construídas de costas para a praia, no próprio litoral norte de São Paulo), passando a apresentar um alto potencial turístico para os poucos turistas existentes, inicialmente, e, atualmente, para a grande quantidade de usuários da atividade. (CALVENTE, 1997, p.100).

Segundo Villela (2003), com a chegada da atividade turística na cidade, as novas relações introduzidas afetaram profundamente o caiçara, provocando seu deslocamento físico e social. Os caiçaras passaram a se instalar em locais mais afastados da praia e do centro, perdendo seus lugares. As comunidades que, de alguma maneira mantiveram sua cultura, são as mais isoladas geograficamente e são atualmente chamadas comunidades tradicionais caiçaras.

Atualmente, dentre as regiões litorâneas, uma delas se destaca no mundo moderno: as ilhas.

No mundo moderno, as ilhas invadiram os meios de comunicação sendo vistas como últimos redutos do mundo selvagem, lugares paradisíacos para novas descobertas, aventuras e lazer tranquilo, configurando-se como um dos símbolos mais claros do exotismo. Turistas, fotógrafos, jornalistas, artistas e escritores, cada vez mais numerosos, respondem aos apelos da magia insular, viajando para pequenos pedaços de terra no oceano, à procura de fragmentos de um paraíso que se teria mantido intacto ante os avanços da História e da sociedade moderna. Na maioria das grandes agências de turismo, viagens às ilhas são também vendidas como mercadorias para lazer de clientes especiais (entenda-se de alta renda)... (DIEGUES, 1998, p.13).

¹⁰ Dados obtidos no site www.ilhabela.sp.gov.br/homepage.html

Quando perguntamos “O que é uma ilha?”, a primeira resposta que costuma nos vir à mente é aquela que aprendemos em exaustão nas aulas de Geografia: porção de terra cercada de água por todos os lados. Esta definição, assim como a representação gráfica da imagem que se tem de ilha (normalmente um monte de terra com alguns coqueiros), se apresentam insuficientes quando temos um olhar um pouco mais cuidadoso, pois através deste podemos perceber que o conceito das ilhas é construído histórica, econômica e socialmente e que tal conceito pode ser aprendido de forma alienada e nem um pouco reflexiva.

As ilhas habitam o nosso imaginário desde muito cedo e continuamente em casa, na escola, na TV, nos livros escolares (como a obra de Darwin sobre as Ilhas Galápagos, a partir das quais ele explica a evolução das espécies); em obras literárias como a de “Robinson Crusóe” (de Daniel Defoe), “A Ilha do Tesouro” (de Robert Stenvenson), “Papillon” (de H. Charriere), filmes como “Peter Pan” (de Walt Disney, onde a *Terra do Nunca* é uma ilha na qual a infância é eterna e tudo é possível), “O naufrago”(dirigido por Robert Zemeckis), “A praia” (dirigido por Danny Boyle), e quem tem mais de 30 anos, certamente se lembrará da série televisiva “A Ilha da fantasia”, exibida na década de 1980 pela Rede Globo de Televisão, em que a ilha-título se apresentava como o local onde, durante alguns dias, aqueles que a visitavam tinham a possibilidade de ver realizados seus sonhos de ser e ter.

Segundo Diegues (1997),

A ilha, além das representações simbólicas que dela fazem os continentais, é também uma porção de território onde os ilhéus exercem práticas sociais e simbólicas e, portanto, é sempre um território particular, construído. Dentro dessa perspectiva, a ilha não é somente um espaço sagrado, ligado nas várias mitologias ao início dos tempos (de que se ocupa a análise jungiana), mas é também um espaço historicamente produzido e continuamente sacralizado por diferentes práticas simbólicas. É também um território produzido socialmente, dentro e fora da ilha, segundo ciclos e práticas econômicas que se alteram continuamente, ainda que, freqüentemente, num ritmo menos rápido que no continente. (DIEGUES, 1997, p.12-3).

No Brasil colonial, as ilhas já foram utilizadas como refúgio, prisões; desempenharam um importante papel no período da descoberta do Brasil, sobretudo em sua função de local de passagem entre a Europa e as Índias, objetivo final das navegações portuguesas do século XVI e, também durante o período da colonização brasileira, quando foram construídas nelas fortalezas e entrepostos portugueses e franceses (DIEGUES, 1997).

Atualmente, as imagens das ilhas apresentadas pelos meios de comunicação, como redutos paradisíacos ou selvagens, fazem com que grande parte dos turistas que vão a busca deste ideal de ilha, vejam seus habitantes como seres exóticos que integram a paisagem.

... Grande parte desses viajantes, em busca do lazer, imaginam as populações nativas insulares como parte integrante da paisagem, não se diferenciando da vegetação luxuriante. Para eles, os ilhéus são simplesmente parte de um modo exótico e que vivem num outro tempo histórico, sem os problemas que afligem as populações das grandes metrópoles brasileiras. Para o pequeno grupo de privilegiados que começam a aderir ao ecoturismo, os ilhéus são vistos, freqüentemente, como perturbadores de uma ordem natural imaginada. (DIEGUES, 1997, p.3-4).

E se esqueçam que:

O mundo insular é um símbolo polissêmico, com vários conteúdos e significados que variam de acordo com a História e as sociedades. Mundo em miniatura, centro espiritual primordial, imagem completa e perfeita do cosmos, inferno e paraíso, liberdade e prisão, refúgio e útero materno, eis alguns significados que o homem atribui a esse microcosmo. (DIEGUES, 1997, p.13).

Este espaço criado para ser utilizado para a atividade turística é um espaço que, freqüentemente, já possui uma organização social anterior, e assim podem ocorrer conflitos entre os diferentes projetos com relação ao mesmo espaço (CALVENTE, 1997) haja vista que através de valores sociais que são difundidos pela mídia, acabam impondo aos indivíduos (visitantes e habitantes locais), representações do espaço fortemente enraizadas pelos interesses econômicos.

Ao falar sobre o município de Ilhabela, Diegues (2005b) diz que a visão dos caiçaras atuais se contrapõe à visão tida pelos caiçaras em um passado não muito distante, à visão dos ricos veranistas; e à visão da administração do Parque Estadual.

... Essas visões e mitos diferenciados estão na origem de alianças sociais complexas: os veranistas que já tem casa na ilha aliam-se aos ambientalistas para impedir a vinda de novos proprietários; os candidatos à construção se opõem às autoridades ambientalista que lhes cerceiam a liberdade de construir onde bem entenderem. Os moradores tradicionais são acusados por autoridades ambientalistas de ocupar, de forma predatória, o território onde sempre viveram. Por sua vez, os caiçaras se colocam contra os de fora que dificultam sua reprodução social enquanto grupo social portador de uma cultura viva. (DIEGUES, 2005b, p.27).

Tal conflito a respeito do uso e significação deste espaço, que é também o território no qual as experiências humanas são pensadas, vividas e manifestadas com ligações

afetivas e de identidade, é fundamental para a construção de um sentimento forte de pertencer. Portanto, pode-se dizer que territorialidade é:

...um *locus* de negociação entre dois sistemas de representações e da afirmação da identidade: um organizado em torno da diferenciação e da pluralidade, seria responsável pela *identidade construída*; o outro, organizado em torno da unicidade e da integração, funcionando como produtor da *identidade imposta*, em benefício e através das diversas instâncias do poder. (DIEGUES, 1997, p.18).

Nesse sentido, a construção da identidade caiçara passa pelo contato e pela oposição ao outro, aquele que não é habitante da ilha.

A criação da auto-identidade caiçara é um processo em construção e teve que superar um período histórico longo em que o estereótipo caiçara, identificado como *indolente, preguiçoso*, negador do progresso era amplamente difundido na opinião pública. Identificando o caiçara ao selvagem, ao não-cidadão, ao sem-direitos, era mais fácil ao especulador imobiliário expulsá-lo de seu território, tomando-lhe a terra para implantar *o progresso e a civilização*. O morador das ilhas se defronta com um preconceito e com uma exclusão dupla: a de caiçara e a de *ilhéu*. (...) Este, para o veranista, sobretudo para o recém-chegado, tem de ser socialmente desqualificado para que a *conquista* da ilha como território do maravilhoso, do paradisíaco possa ser efetuada. O *ilhéu* é bom selvagem, fazendo parte do *mundo natural* somente quando aceita passivamente a expropriação de seu pedaço da paraíso, continuando a fazer parte da *paisagem natural*, enquanto toma conta da terra do novo dono. De *bom selvagem*, habitante do paraíso insular, parte da paisagem idílica com as variadas espécies animais e vegetais, o *ilhéu-caiçara* passa a ser considerado o *destruidor do Éden*. Nesse caso, o preconceito se torna ideologia que justifica a ação conquistadora... (DIEGUES, 1997, p.22-3).

E é esta identidade, vista a partir do olhar dos pesquisadores, que será tratada no tópico a seguir.

3 Um pouco do que os outros dizem e escrevem sobre caiçaras

No desenrolar deste estudo fui levada a questionar-me sobre onde se originou a identidade caiçara. Quem ou o quê a determinou?

Na literatura, de uma maneira geral, as comunidades caiçaras são caracterizadas essencialmente como pescadoras, donas de um modo de viver oposto ao urbanizado, auto-suficientes e pobres. Em um momento ou outro estas obras dizem a mesma coisa: caiçara é aquele que vive da pesca e da agricultura; que nasce em uma determinada área; mora de um determinado modo, falando de um determinado jeito, entre outras coisas determinadas, que estava se extinguindo, morrendo, apesar de falas como a de Diegues (2005b, p.43): “...Trata-se portanto, de uma *população tradicional contemporânea*, portadora de uma cultura viva como ocorre com outras similares, como a dos quilombolas, dos ribeirinhos e caboclos amazônicos e não simplesmente uma relíquia do passado longínquo”.

Destaca-se aqui também a quase total ausência da presença feminina, negra e indígena nestes registros, nestas “determinações”.

Isso me incomodava muito, pois em minha vida em Ilhabela, a todo o momento, eu conhecia pessoas que se identificavam como caiçaras e que, além de atender a poucas e por vezes a nenhuma dessas determinações, viviam muito bem, obrigada!

Para Decca (2002), a identidade de um determinado grupo social se forma através de sinais externos e de símbolos e valores, a partir dos quais ocorre a identificação, e seu processo de construção é extremamente complexo e de múltiplas dimensões. Compreendê-la (a identidade coletiva) é compreender “...de que modo um determinado conjunto humano constituiu para si uma memória e uma história em meio às desavenças, aos esquecimentos e também pelos silêncios, pelas coações e quem sabe, algumas vezes, por solidariedade.” (p.10), destacando que para que esta ou aquela história de tal coletividade acontecesse, muitas outras histórias tiveram que ser abortadas e silenciadas.

Vamos a algumas histórias sobre caiçaras.

Segundo Adams (2000) caiçara é um termo originário do tupi que denominava “...as estacas colocadas à volta das tabas ou aldeias e o curral feito de galhos de árvores fincados na água para cercar o peixe. Com o passar do tempo, passou a ser o nome dado às palhoças construídos nas praias para abrigar as canoas e os apetrechos dos pescadores...”(p.105). Diegues (citado por ADAMS, 2000) diz que com o passar do tempo, o termo passou a identificar, foi dado a todos os indivíduos e comunidades do litoral paranaense, paulista e carioca.

A formação das comunidades caiçaras só pode ser entendida no contexto da ocupação do litoral brasileiro. Como já foi dito anteriormente, os primeiros pontos de povoamento no Brasil aconteceram na região litorânea brasileira e só depois ocorreram processos de adentramento do território (realizado pelos bandeirantes inicialmente) originando outros povoamentos europeus nas terras que vão além da Serra do Mar.

O litoral sudeste, entre Parati e Paranaguá, está entre as primeiras regiões que sofreram a colonização portuguesa desde o século XVI, mas tiveram importância relativamente marginal na economia colonial brasileira. A história econômica e social dessa região foi marcada por ciclos econômicos ligados ao mercado interno e externo, de duração reduzida. Com a redução da demanda dos produtos e a crise gerada pela desarticulação com o mercado, essa região litorânea retornou a uma economia de quase subsistência, com a migração de parte da força de trabalho (e principalmente das elites locais) para outras áreas.

Uma das primeiras atividades dos colonizadores portugueses foi a caça aos índios, para transformá-los em escravos... (DIEGUES, 2005, p. 279)

A abertura de estradas na região do planalto facilitou a chegada do chamado “progresso” para estas povoações. As vilas da região litorânea, nesta época, conseguiam acompanhar o progresso atuando como localidades receptoras dos gêneros de exportação, aumentando o movimento portuário, situação que se manteve por muito tempo, até a construção das estradas de ferro ligando o litoral ao planalto e ao porto de Santos, que deslocou a quase totalidade da produção para Santos. Entretanto, o movimento imigratório e o desenvolvimento da lavoura cafeeira para o interior do estado, provocaram um êxodo da população rural das vilas do litoral que sofreu, conseqüentemente uma paralisação da agricultura, fazendo que a vida nestas localidades entrasse em decadência (ALMEIDA, 2005).

Tendo o mar diante de si, e, para trás, o paredão da cordilheira marítima como que a interceptá-la do Planalto, - inteiramente isolada da civilização e do progresso, - passou a população da marinha como que a viver uma vida inteiramente à parte, conservando as suas lendas e tradições, usos e costumes, oriundos dos tempos coloniais.

Assim, enquanto no interior, pela presença do elemento estrangeiro certos e determinados hábitos se modificaram ou desapareceram completamente, no litoral não sofreram grandes alterações, exceção feita a divertimentos como as congadas, as festas dos Santos Reis e de Nossa Senhora do Rosário, que eram privativas dos homens de cor. (ALMEIDA, 2005, p.54)

A decadência da região acentuou-se no final do século XVIII, quando:

a partir de 1787, com a diminuição do comércio no litoral, muitos agricultores abandonaram suas terras, limitaram suas culturas, ou mudaram-se para o planalto. Assim, o padrão de ocupação da costa Sul e Sudeste foi se alterando a partir do século XIX, quando se iniciou um processo de despovoamento e perda de

importância econômica, aumentando a quantidade de pequenos núcleos. Aqueles gêneros produzidos pela economia de subsistência, apesar de possuírem pouca significação econômica, passaram a ser os únicos gêneros de exploração local: a farinha de mandioca e a aguardente (França, *ibid.*; Mussolini, *ibid.*). (...). Para Mussolini, a primeira impressão que se tinha do litoral, era de que “a vida ali foi simplificada em seus elementos culturais e, em comparação com o passado, reduzida a ponto pequeno. Talvez seja este o aspecto que mais cause a impressão de decadência” (ADAMS, 2000, p. 145-6)

Assim, pode-se dizer que

...litoral paulista permaneceu segregado das demais regiões do estado, vivendo das suas lendas, das suas tradições e do seu passado, alheio ao progresso e conservando usos e costumes que lhe vieram dos tempos coloniais, pela falta de escolas e de aprendizados agrícolas. (ALMEIDA, 2005, p.58).

Diegues (2005) diz que a população caiçara é originária do indígena, do colonizador português (em algumas áreas, também espanhol) e, em menor grau, do escravo africano. Talvez esse “menor grau” citado pelo autor se explique com o êxodo dos escravizados da região, após a abolição da escravatura e por uma tentativa de apagamento da presença negra no litoral. É interessante destacar que quando se fala na formação das comunidades caiçaras, nunca se fala na opressão do negro na mesma, apesar desta estar inserida em uma sociedade predominantemente escravocrata.

Da herança indígena, quando solicitados a falar sobre isso, mostram o artesanato, a casa de farinha, as técnicas de plantio, e alguns vão mais longe dizendo que em um passado remoto os indígenas habitaram essa parte do litoral. Quanto aos negros, quase nada é dito, revelando-se um esquecimento ou encobrimento das lembranças de outrora, porém a cor da pele não consegue esconder a herança. Nas poucas lembranças que emergem, os negros aparecem sendo maltratados pelos senhores de engenhos ou fugitivos, escondidos nas tocas dentro das matas, esperando a alforria. Há, também, narrações em que os negros ressurgem corajosos e desafiadores da condição servil. De qualquer modo, os relatos associados à pirataria são mais enfáticos nas comunidades tradicionais de Ilhabela. Ter essa origem parece dar-lhes muito mais prestígio que o fato de algum de seus ancestrais ser proveniente da África. (MERLO, 2005, p. 15-6).

Diegues (2005) apresenta que tal população, a caiçara, dispersa na zona costeira, esteve ligada aos ciclos econômicos, geralmente marcados pela monocultura agrícola, fornecendo gêneros de primeira necessidade, como farinha de mandioca, peixe, e lenha, para os núcleos urbanos regionais. O autor parte da hipótese que as povoações e os “sítios” caiçaras surgiram nos interstícios e no período pós-desorganização das monoculturas coloniais e pós-coloniais, como a de cana-de-açúcar, no litoral sul do Rio de Janeiro e norte de São Paulo e

A formação das comunidades caiçaras está, sem dúvida, associada a uma volta da parte da população às atividades agrícolas de quase subsistência e à pequena pesca”, já que o final de cada ciclo econômico significou, em muitos casos, a volta de atividade com relações tênues com o mercado, como a agricultura de quase subsistência e a pesca, marcando a marginalização da população local (DIEGUES, 2005, p.282).

Almeida (2005) nos diz que, se estudada a genealogia das famílias caiçaras¹¹ das cidades históricas, observar-se-á que são, geralmente, descendentes diretos dos fundadores dessas localidades e que ainda conservam “...as tradições de família, história, usos e costumes dos seus ancestrais.” (p. 48) e a posse de sua terra lhes veio por cartas de sesmaria ou de secular posse pacífica, que vem passando de pai para filho, sucessiva e ininterruptamente. Isto faz com que os caiçaras tenham sua história de vida e familiar fortemente relacionada ao espaço territorial e explica o apego sentido por eles pelas “...propriedades que receberam por herança, e que parecem fazer parte do seu eu, transformadas em pedaços de sua alma, e das quais dificilmente se separam, conservando-as religiosamente.” (p. 48).

Observe que a posse da terra acima citada parece desconsiderar a tomada do território indígena pelo colonizador europeu, que ocorreu de forma nada pacífica, desde que se iniciaram os processos de tomada e ocupação na região.

Branco (2005) também se refere à lembrança da presença ancestral de algum grande senhor (sempre europeu), além do índio ou escravo, por parte das famílias antigas. A autora ainda considera que o povo caiçara “... começou a se formar por volta de 1500, sob a influência marcante das culturas indígenas litorâneas misturadas à cultura lusitana...” (p. 17)

O que podemos afirmar, com certeza, é que as bases da cultura caiçara se fundamentam na mistura **bem equilibrada** (grifo meu) da sabedoria indígena com os conhecimentos técnicos europeus, graças aos portugueses, espanhóis e, mais recentemente, italianos participantes da composição desse povo. Essa variação se verifica, em cada região do litoral sul, quando da comparação das artes culinárias e, principalmente, dos temperos utilizados. Essa base cultural parece ser a mesma da cultura caipira que povoa o interior de São Paulo, como se do mesmo povo se tratasse, a mesma “nação” alojada em espaços ambientais diferentes e, por isso mesmo, sob influências bem marcantes deste meio ambiente. (BRANCO, 2005, p.17).

Nesta citação se evidencia mais claramente a influência do discurso hegemônico que perpassa a bibliografia sobre o tema, pois em primeiro lugar as bases sobre

¹¹ Por ele chamado de praianos.

as quais se sustentam a cultura caiçara são tudo, menos equilibradas. Como já foi observado anteriormente, as relações entre colonizador e os povos da América Latina baseiam-se em situações de opressão e desprezo pelo índio e seus conhecimentos, desprezo também demonstrado com relação aos negros africanos. Os europeus que aqui chegavam não acreditavam ter algo a aprender com eles. Tal depreciação a respeito dos índios e negros tem se legitimado na sociedade brasileira também através de discursos acadêmicos e historiográficos, por vezes de maneira inconsciente por parte do autor, como possivelmente ocorre com a citação acima. Deve-se considerar que também os indígenas tinham e ainda têm conhecimentos técnicos, tais como os utilizados na construção de suas moradias e meios de transporte e de plantio, que sem dúvida alguma possibilitaram a instalação dos colonizadores no país.

Almeida (2005) critica os autores da década de 1940 que caracterizam os(as) por ele chamados praianos, como um ser desprezível e vadio incorrigível e o apresenta como um povo hospitaleiro, característica esta herdada dos antigos paulistas¹², e que devido ao isolamento em que vivem, formam um grupo relativamente à parte do cosmopolitismo vigente nas grandes cidades. Como sofrem menor influência dos ideais urbanizadores, conseguem manter-se mais próximos aos usos, costumes e tradições mais semelhantes às de seus antepassados, que dos moradores das cidades.

Entretanto, considerando-se os ideais positivistas que predominavam na época no país, pode-se dizer que esta população foi marginalizada por não corresponder ao modelo urbano industrial de civilidade e desenvolvimento.

Uma das referências mais citadas em obras sobre caiçaras em Ilhabela é França (1954) e quem vai a busca desta referência vê que para o autor, os habitantes da Ilha de Sebastião são “...homens da planície e pescadores costeiros...” (p. 93) que exploraram e transformaram muito cedo as pequenas áreas planas e por isso recorreram aos morros e montanhas com suas roças “devastadoras”. Além disso, “... não têm aptidões, nem conhecem as técnicas capazes de conquistar efetivamente o interior da acidentada Ilha. Assim, a utilização do solo nas elevações, repete, com desastrosas conseqüências, os métodos **primitivos** (*grifo meu*) do cultivador caiçara...” (p. 93).

Conforme foi dito anteriormente, a terra e o espaço geográfico ocupado pelo(a) caiçara lhe é muito importante, por isso me parece necessário apresentar um entendimento

¹² O autor não precisa se se refere ao português colonizador ou ao indígenas, mas pelo apresentado no decorrer de seu texto não acredito que ele se refira aos habitantes originários do território brasileiro.

utilizado para “território”. Tratando sobre o tema do ponto de vista geográfico, Diegues (2005) apresenta que

O território depende não somente do tipo de meio físico explorado, mas também das relações sociais existentes. Não se pode afirmar que o território caiçara seja contínuo do ponto de vista da ocupação, nem que aí se desenvolveram sociedades hierarquicamente organizadas que, num momento da história, tivessem reivindicado o controle de todo o território litorâneo, compreendido entre o sul do Rio de Janeiro e o Paraná. Trata-se, na verdade, de territórios descontínuos, onde se desenvolveram pequenos núcleos de populações esparsas, com o mesmo modo de vida, que apresentam variações regionais refletidas no vocabulário, em diferentes graus de relação com as cidades. Somente nas ilhas, como as de Búzios, Vitória, Monte de Trigo e do Cardoso pode-se afirmar que o modo de vida caiçara ocupava todo o território. (DIEGUES, 2005, p.276-7)

O autor ainda diz que território pode ser entendido como uma porção da natureza e espaço sobre os quais uma sociedade determinada reivindica e garante a todos, ou a uma parte de seus membros, direitos estáveis de acesso, controle ou uso sobre a totalidade ou parte dos recursos naturais aí existentes, que ela deseja ou é capaz de utilizar. É fornecido por essa, primeiramente, não só a natureza do homem como espécie, mas também os meios de subsistência, de trabalho e produção e os meios de produzir, etc. (DIEGUES, 2005).

Para Diegues (2005), o território caiçara situa-se na região litorânea compreendida entre o sul do litoral paranaense e o sul do litoral fluminense (v. figura 8) “... onde se desenvolveu um modo de vida baseado na pequena produção de mercadorias, que associa a pequena agricultura e a pesca, além de elementos culturais comuns, como o linguajar característico, festas e uma forma específica de ver o mundo.” (p. 276). O autor ainda destaca que, apesar das características comuns a todas estas comunidades, existem importantes variações culturais explicadas “...pelos tipos e graus de inserção nas economias regionais e pela contribuição, em grau variado, das diversas matrizes culturais.” (p.277).

As comunidades caiçaras se constituem como “...produtoras e vivenciadoras de um modo de vida material e imaterial particular marcado, sobretudo pela influência tupi-guarani, da ‘Língua Geral’ que predominou na região até meados do século XVIII e, posteriormente, do colonizador e dos escravos africanos.” (DIEGUES, 2005, p.273). Ainda segundo o autor, o caiçara é frequentemente ignorado na historiografia litorânea, pois os documentos oficiais se “... referem à história das vilas e câmaras municipais e raramente tratam dos assuntos da “arraia-miúda” que vive fora delas, apesar do fato que tanto os grandes quanto os pequenos produtores moravam fora das vilas, em suas fazendas e sítios...” (p. 273).

Marcilio (citada por ADAMS, 2000) diz que o papel da mulher na sociedade caiçara era o da mãe de família, dona de casa, trabalhadora do lar e da roça, tendo ela um papel importante e essencial para a manutenção do grupo doméstico, sua reprodução, produção e sobrevivência. Tinha como tarefas o preparo do alimento e a criação dos filhos. As tarefas do marido eram a caça e pesca, derrubada e queimada, construção dos ranchos de moradia, transporte e comercialização dos excedentes agrícolas, condução das canoas e dos trabalhos da roça, plantio e colheita, podendo aqui ser ajudado pela mulher e filhos.

Segundo Silva (2005), é a partir da década de 1912, com a publicação de “A voz do litoral” de Paulino de Almeida, que começa a se esboçar uma certa preocupação com o praiano, enquanto um tipo social específico e são criadas as “bases da interpretação segundo a qual as sociedades caiçaras do século XX constituíam ‘comunidades isoladas’, isto é, paragens imunes ao desenvolvimento urbano e capitalista de Serra Acima.” (p. 19).

...embora visse com certa desconfiança a opinião segundo a qual o caiçara vivia “mais de caça e da pesca, avesso à civilização e ao progresso, sem ideais e sem ambições”, no fundo Almeida tendia a concordar com essa afirmação. Seu ponto de vista, porém, era o de que isso decorria de “uma simples questão mesológica, como perfeitamente se demonstra pelas condições em que vivem todos os que, fugindo ao meio, são forçados a uma vida ativa e cheia de imprevistos”. Desse modo, era o meio, o ambiente ecológico do litoral que explicava, ao lado de sua propalada decadência, a própria indolência do caboclo praiano. (SILVA, 2005, p.19)

Silva (2005), citando Almeida, destaca que para este autor “...o mundo caiçara se apresentava como uma “casa em chamas”, isto é, um mundo cultural que está prestes a ser devorado pela marcha inexorável da civilização...” (p. 19). E esta é uma imagem que ainda hoje se faz bastante presente.

A Mata Atlântica foi de extrema importância para os caiçaras na primeira metade do século XX, pois dela era retirada a madeira utilizada na construção de canoas, casas, móveis, utensílios domésticos, canoas, equipamentos de pesca, instrumentos musicais e, além disso, era nela que empregavam seus métodos de caça, tal como a ceva. Ainda hoje o caiçara mantém forte relação, não só econômica, mas também permeada de práticas sociais e simbólicas com a Mata Atlântica, onde fazem a agricultura itinerante e de onde se extraem diversos produtos (DIEGUES, 2005). Neste trabalho, o autor diz entender tradição como um “...processo histórico pelo qual elementos da cultura chamada moderna são continuamente reinterpretados e incorporados ao modo de vida.”(p.275) e que a cultura caiçara desenvolveu um conjunto de práticas materiais e imateriais, valores, visões de mundo ligadas ao mesmo tempo ao mar e à terra e é por ele definida como :

...um conjunto de valores, visões de mundo, práticas cognitivas e símbolos compartilhados, que orientam os indivíduos em suas relações com a natureza e com os outros membros da sociedade e que se expressam também em produtos materiais (tipo de moradia, embarcação, instrumentos de trabalho) e não materiais (linguagem, música, dança, rituais religiosos). (DIEGUES, 2005, p.275).

Entre as décadas de 1950 e 1960 iniciaram-se profundas transformações nas comunidades caiçaras que estão relacionadas, basicamente, à perda do direito às suas terras e praias, ocasionada pela vinda de veranistas e turistas. Também datam dessa época a abertura e melhoria das estradas de rodagem que ligavam os grandes centros ao litoral norte e sul de São Paulo. O litoral norte foi a região que sofreu, de forma mais impactante, a invasão do território caiçara, pois seus proprietários não tinham título legal das terras (nem de suas casas, nem das áreas de uso comum, onde praticavam a agricultura) e foram considerados pelos especuladores como simples “posseiros”. Tal desapropriação de terras feita pelos especuladores se deu por vezes de forma violenta e/ou com uso de artifícios legais. Além disso:

Outro fenômeno importante que atingiu as comunidades caiçaras, em parte como medida de contenção da especulação imobiliária, foi a transformação de extensas áreas da Mata Atlântica em áreas protegidas, das quais foram expulsos os caiçaras. Nos casos em que essa expulsão não ocorreu fisicamente, as comunidades são, na quase totalidade, impedidas de exercer seu modo de vida, baseado na agricultura itinerante, na pesca e na coleta... (DIEGUES, 2005, p.306)

De acordo com Silva (2005b) foi a partir da década de 1970, quando o mundo caiçara começou a sofrer perdas materiais e simbólicas e profundas mudanças na sociedade que o engloba, que numerosos pesquisadores dedicaram-se a trabalhos etnográficos. Segundo o autor, o pesquisador deslocou-se da mera observação e descrição, e passou a tentar obter informações que revelassem a visão de mundo caiçara e não somente a visão dos pesquisadores sobre o mundo caiçara.

Neste estudo as entrevistas que se encontram no apêndice 1 se apresentam como algumas destas visões caiçaras.



Figura 9: Mapa do território geograficamente ocupado pela sociedade caiçara (extraído de Diegues, 2005, p.322).

4 Trajetória metodológica

Pesquisar é mostrar-se. Pesquisar é um exercício para compreendermos o mundo. (GARNICA, 1997, p.120)

Com a intencionalidade de desvelar e compreender processos educativos envolvidos na construção da identidade, a partir da interrogação: “o que ensina o caiçara a ser caiçara no município de Ilhabela?”, optei pela pesquisa qualitativa, com trajetória metodológica inspirada na fenomenologia.

Segundo Merleau-Ponty (1996) a fenomenologia interessa-se pela expressão da experiência do sujeito para, a partir daí, desvelar o fenômeno interrogado, pois considera que só se pode compreender o ser e o mundo a partir de sua facticidade. É uma filosofia transcendental que põe as afirmações da atitude natural em suspenso e para a qual o mundo está sempre “já aí”, antes da reflexão.

De acordo com Martins e Bicudo (1989) a fenomenologia busca fazer uma descrição direta de nossa experiência tal qual ela é, descrevendo e não explicando os fenômenos. Em acordo, Tápia (1984) afirma que a pesquisa pautada na fenomenologia não prima pelo esclarecimento de fatos, ou seja, de relações causais, mecânicas, mensuráveis; busca des-velar fenômenos (do grego *phainomenon*: luz que ilumina aquilo que está oculto), ou a consciência enquanto fluxo temporal de vivências, e cuja peculiaridade é a imanência (compreendido na própria essência do todo) e a capacidade de outorgar significado às coisas exteriores.

No que se refere à pesquisa em Educação e práticas sociais, a fenomenologia faz-me pensar na importância do cuidado em entender que o que vivo em minha pesquisa não pode ser estabelecido como verdade absoluta, mas como um momento onde desvelamos, eu com os outros envolvidos, os significados de um dado fenômeno, a partir do exercício da intersubjetividade. Concordo com Garnica (1997) que diz que o ser humano interroga as coisas com as quais convive e isto implica na impossibilidade de neutralidade deste em relação à pesquisa, “...pois ele atribui significados, seleciona o que do mundo quer conhecer, interage com o conhecido e se dispõe a comunicá-lo” (p. 111).

O mundo fenomenológico é não o ser puro, mas o sentido que transparece na intersecção de minhas experiências, e na intersecção de minhas experiências com aquelas do outro, pela engrenagem de umas nas outras; ele é portanto inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que formam sua unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha (MERLEAU-PONTY, 1996, p.18).

Como procedimentos de coleta de dados utilizei registros sistemáticos de observações em diários de campo e entrevistas.

Nos diários de campo¹³ foram feitos os registros sistemáticos de acontecimentos, conversas de minhas inserções na comunidade e de minhas impressões sobre eles tanto na área urbanizada de Ilhabela como nas comunidades tradicionais.

Bogdan e Biklen (1994) consideram que os diários de campo constituem-se no “relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha, reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo” (p.150) e são um material não só descritivo, mas também reflexivo.

Antes de iniciar o registro das observações me inseri na comunidade, buscando interação com seus membros, procurando aperfeiçoar o olhar, pois:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA BONDÍA, 2002, p.24).

Minha inserção na área urbanizada de Ilhabela se deu como moradora e a inserção na área não-urbanizada se deu através de visitas/permanências em algumas comunidades, sempre sendo apresentada nestes momentos por alguém das mesmas ou por pessoa que já as freqüentava.

Houve cuidado freqüente para que não ocorresse a imposição de “saber” por parte da pesquisadora, já que acredito que “se a referência para o saber é o profissional, tal postura dificulta a chegada até o saber do outro. Os saberes da população são elaborados sobre a experiência concreta, a partir das suas vivências, que são vividas de uma forma distinta daquela vivida pelo profissional” (VALLA, 1996, p.179).

Os registros em diários de campo foram realizados no período entre abril de 2005 e junho de 2008. As visitas às comunidades localizadas em áreas não urbanizadas de Ilhabela (Serraria, Guanxumas da Ilha, Guanxumas de Búzios, Porto de Meio, Praia Mansa, Bonete e Castelhanos ocorreram por períodos que variaram de 1 a 10 dias).

¹³ Na íntegra no Apêndice 4

As entrevistas e posteriores análises foram realizadas com procedimentos oriundos da fenomenologia, modalidade fenômeno situado (MARTINS e BICUDO, 1989; MARTINS, 1992; GONÇALVES JUNIOR, 2003). Tais procedimentos tiveram a seguinte seqüência: a realização das entrevistas (considerada aqui como a descrição da percepção do entrevistado/a sobre o fenômeno); transcrição, leitura e análise das entrevistas; redução ideográfica e estabelecimento das unidades de significado. Segundo Garnica (1997) as unidades de significado são:

...recortes julgados significativos pelo pesquisador, dentre os vários pontos aos quais a descrição pode levá-lo. Para que as unidades significativas possam ser recortadas, o pesquisador lê os depoimentos à luz de sua interrogação, por meio da qual pretende ver o fenômeno, que é olhado de uma dentre as várias perspectivas possíveis. (GARNICA, 1997, p. 116-7)

A seguir essas unidades de significado são agrupadas em categorias, as quais possibilitam a análise ideográfica, matriz nomotética e a construção dos resultados.

Assim, a coleta dos discursos foi realizada a partir da questão: ***O que é ser caixara para você?*** Entendo discurso como a casa do ser, pois de acordo com Merleau-Ponty (1996), um orador não pensa antes de falar, nem mesmo enquanto fala; sua fala é seu pensamento, o pensamento não existe fora do mundo ou para si antes da expressão; mesmo o pretenso silêncio é sussurrante de falas.

A opção por uma única questão tem o intuito de evitar respostas do tipo sim/não com no máximo um comentário complementar, bem como o risco de indução dos sujeitos a respostas pré-determinadas o que poderia limitar o desenvolvimento da pesquisa na perspectiva fenomenológica (GONÇALVES JUNIOR, 2003).

Tomei também o cuidado de não interferir nas falas dos sujeitos. A mim, nesta etapa, coube observar e ouvir, sendo que ouvir aqui não representa um sinal de passividade; mas se apresenta como atenção e curiosidade ao que o sujeito que vive a experiência tem a *des-velar*, uma forma de trazer para mim um conhecimento que o outro já tem.

Realizei as entrevistas entre o segundo semestre de 2005 e o primeiro semestre de 2008 com 14 caixaras, sendo oito homens e seis mulheres, de faixas etárias oscilando entre 26 e 65 anos, moradores de distintos bairros de Ilhabela. As entrevistas foram coletadas e gravadas individualmente após seu uso autorizado através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo 1), com exceção de uma, a qual foi desconsiderada neste estudo.

No convite para as entrevistas baseei-me nos seguintes aspectos: o(a) entrevistado(a) se auto-identificar como caixara, demonstrar vontade de falar comigo,

consentir formalmente a gravação das entrevistas, bem como a posterior transcrição e uso acadêmico-científico.

Os nomes dos(as) depoentes foram alterados, sendo que eles(as) próprios(as) escolheram seus codinomes, sendo tal escolha justificada por alguns deles: Lua de Ilhabela foi escolhido porque sua mãe diz que foi concebido em uma noite de lua muito bonita e ele tem certeza que essa luz o acompanha; Atum, porque ele considera ser este um peixe bom; Orquídea e Flor de Maracujá por elas considerarem estas flores muito bonitas; Espada, por ser um dos peixes que o entrevistado mais gosta de comer frito; Cauê por ser o nome de um ente querido dele.

As transcrições das entrevistas (apêndice 1) foram feitas na íntegra, sem qualquer alteração ou correção gramatical do discurso. As transcrições têm como única alteração a mudança, aleatória, de nomes de pessoas citadas pelos entrevistados. Tal troca de nomes, sempre apresentados em itálico, também ocorreu nos diários de campo quando estes se referiam as pessoas que não autorizaram o uso de seus nomes na pesquisa (por serem desconhecidas ou pela impossibilidade de entrega do termo de consentimento).

A transcrição das entrevistas ocorreu na ordem cronológica em que foram realizadas e são identificadas como “Discursos” e numeradas com algarismos romanos (Discurso I, Discurso II, etc.)

A seguir, apresento visualização do perfil dos entrevistados:

	Nome escolhido	Ano da entrevista	Gênero	Idade¹⁴	Nasceu	Mora
Sujeito I	Siriviana	2005	Feminino	41	Viana	Itaquanduba
Sujeito II	Baleia	2005	Feminino	48	Ilhote (em casa e com parteira)	Portinho
Sujeito III	Badejo	2006	Masculino	28	Portinho	Portinho
Sujeito IV	Estrela do Mar	2006	Feminino	40	Saco da Capela	Saco da Capela
Sujeito V	Golfinho	2006	Feminino	26	Itaguaçu	Itaguaçu
Sujeito VI	Lua de Ilhabela	2006	Masculino	33	Armação	Armação
Sujeito VII	Toninho	2006	Masculino	57	São José dos Campos	Barra Velha
Sujeito VIII	Espada	2006	Masculino	40	Saco do Sombrio	Vila
Sujeito IX	Atum	2007	Masculino	57	Portinho (em casa com parteira)	Portinho
Sujeito X	Praia da Fome	2007	Masculino	35	Praia da Fome	Praia Grande
Sujeito XI	Orquídea	2007	Feminino	65	Praia da Fome (em casa com parteira)	Saco da Capela
Sujeito XII	Flor de Maracujá	2008	Feminino	34	Praia Mansa	Praia Mansa
Sujeito XIII	Cauê	2008	Masculino	33	Praia da Figueira	Serraria

Quadro 1 - Perfil dos(as) caiçaras entrevistados(as)

Após a transcrição dos discursos ocorreu uma leitura cuidadosa das descrições obtidas, a partir das quais foram levantadas asserções relevantes/significativas para a interrogação realizada. Estabeleci, então, as unidades de significado (as quais aparecem sublinhadas no apêndice 1), atribuindo às mesmas um número arábico crescente que indica a sua ordem de aparecimento na transcrição da entrevista. Assim, “VII-10”, por exemplo, indica que se trata do discurso do sujeito “VII” e refere-se à décima unidade de significado apresentada no texto.

¹⁴ Idade em junho de 2008.

Na busca pela essência do fenômeno interrogado, as unidades de significado passaram pela redução fenomenológica (apêndice 2) e, posteriormente, pela análise ideográfica (apêndice 3).

Em seguida, as unidades de significado foram organizadas em 4 categorias temáticas, a saber: A) O mundo caiçara agredido; B) Ser caiçara; C) Resistência; D) Valorização da cultura caiçara. Todas essas categorias temáticas permitiram a construção da matriz nomotética.

As categorias estabelecidas serviram de base, juntamente com os registros em diário de campo para a construção dos resultados.

Nos diários de campo (DC) também foram estabelecidas unidades de significado, numeradas e sublinhadas da mesma forma que as entrevistas (DCI-1, por exemplo, refere-se à primeira unidade de significado que se apresenta no diário de campo I). Tais unidades não foram utilizadas na construção das categorias, mas serviram de apoio na construção dos resultados e na busca da compreensão e interpretação do fenômeno pesquisado.

A matriz é um movimento do individual para o geral, no qual há uma compreensão das proposições individuais e suas possíveis convergências, divergências e idiosincrasias (asserção eventualmente encontrada em apenas uma das descrições) com as proposições dos demais sujeitos (GONÇALVES JUNIOR, 2003). Na matriz nomotética as unidades de significado divergentes são representadas com a letra “d” minúscula, colocada em seguida ao seu número.

A matriz nomotética (Quadro 2) é a representação gráfica da síntese (no sentido de essência) dos dados dos discursos coletados nas entrevistas.

Na parte superior da matriz, horizontalmente estão ordenadas numericamente (em algarismos romanos) as quatro categorias nomeadas, que foram montadas a partir da análise das unidades de significados obtidos nas entrevistas e por mim consideradas significativas diante da questão de pesquisa e dos objetivos da mesma. Na primeira coluna à esquerda apresentam-se os discursos, também ordenados numericamente com algarismos romanos e, no interior da matriz, nos quadros formados pela intersecção de linhas e colunas, são dispostas as unidades de significado (em algarismos arábicos) referentes àquela categoria e aquele discurso. Caso não haja nenhum “número” nesta unidade do quadro, isto quer dizer que não há no discurso nenhuma unidade de significado referente a esta categoria. As asserções do discurso podem ser convergentes ou divergentes em relação a outras asserções.

	O mundo caiçara agredido	Ser caiçara	Resistência	Valorização da cultura caiçara
DISCURSO I	5; 6; 9; 21; 22	1; 2; 3; 4; 7; 10; 11; 12d; 13; 14d; 15; 16; 18; 19; 20d;		8; 17
DISCURSO II	2; 3	1; 4; 5; 6		
DISCURSO III	5; 9; 10	1; 2; 3; 4; 6; 7; 8d		
DISCURSO IV		1; 4	2; 3	
DISCURSO V		1; 2; 3; 4; 5; 6; 8; 9; 10; 11; 12; 14d	13; 7d	7
DISCURSOVI	2; 4; 5d; 6	1; 3; 7; 8; 9; 10; 11; 12; 13; 14; 15	16	17
DISCURSO VII	7	1; 2; 4; 5; 6; 9; 10; 11; 12; 13		8
DISCURSO VIII	6; 13; 14; 28; 42; 43; 44; 47; 49; 56; 58; 60; 61; 62; 69; 71; 73; 90; 95; 98; 99; 100; 101; 102; 105; 106; 107; 112;; 120; 122; 127	1; 2; 3; 4; 5; 7; 8; 9; 10; 11; 15; 16; 17; 18; 19; 20; 21; 22; 24; 25; 26; 30; 32; 33; 34; 36; 37; 39; 40; 45; 46; 48; 50; 51; 53; 54; 68; 75; 76; 86; 88; 89; 93; 97; 121;	38; 52; 63; 64; 65; 66; 70; 74d; 77; 78; 79; 80 81d; 82; 83; 84; 85; 87; 91; 92; 94; 104; 111; 113; 125; 126;	12; 23; 27; 29; 31; 35; 37; 41; 55; 57; 59; 67; 72; 96; 103; 108; 109; 110; 115; 116; 117d; 118; 119; 123; 124
DISCURSO IX		1; 2; 3; 4; 5; 6	7	
DISCURSO X	5; 10; 19; 20; 21; 22; 54	1; 2; 3; 4; 6; 7; 9; 11; 12; 13; 15; 16; 17; 23; 24; 25; 26; 30; 31; 34; 35; 36; 37; 38; 40; 41; 42; 43; 44; 45; 46; 47; 48; 49; 50; 51; 52; 53; 55; 56; 57; 58; 60; 61; 62; 63; 64; 65; 66; 67	8; 18; 27; 28; 29; 32; 33; 39; 59; 68; 70; 71	69; 14
DISCURSO XI	2; 3; 4; 5; 6; 7; 22; 28; 29d; 30; 34; 35; 36;	1; 8; 9; 10; 11; 12; 13; 14; 15; 16; 17; 18; 19; 20; 21; 23; 24; 25; 26; 27; 31; 32d; 33d		
DISCURSO XII	16	1; 2; 3; 4; 5; 6; 7; 8; 11; 12; 13; 14	9; 10; 15; 17; 18	
DISCURSO XIII		1; 2; 3; 4; 5		

Quadro 2 – Matriz nomotética

5 Construção dos resultados

A seguir, construo os resultados a partir da análise de cada uma das quatro categorias (A, B, C e D), utilizando para a elaboração destes, os discursos que mostram a perspectiva dos entrevistados sobre o que é ser caiçara e os diários de campo que descrevem algumas situações cotidianas a partir de minha perspectiva.

Categoria A – O mundo caiçara agredido

Nesta categoria, as asserções tratam das agressões e invasões sofridas pelo mundo caiçara.

Uma das reclamações de Siriviana (2005) diz respeito ao espaço. Ela fala de como o espaço mudou, da maneira como a acessibilidade do morador local foi limitada por esta reestruturação espacial, provocada pelo turista, e de como isso afeta a vida do antigo morador e impossibilita que seu filho tenha acesso a coisas (brincadeiras, festas populares) que havia antigamente e que foram por ela vivenciadas.

Gostaria mesmo que meu filho tivesse experimentado muita coisa do que eu fiz (...). Não me arrependo de nada do que eu fiz enquanto fui muleca naquela praia do Viana. Fiz de tudo! Corri, pulei, joguei bola, tal. Meu filho não faz mais nada disso na praia... Num dá! A praia não é mais nossa! (...) A cachoeira não é mais nossa, nós entrávamos a hora que quiséssemos na cachoeira lá por cima, subia aquele morro, nadava, ia embora. Entrava, pegava naqueles pé de manga, jabuticaba, goiaba... Hoje não pode mais nada. Tá tudo cercado. Tudo cercado! (I-21).

Baleia (2005) diz que a realidade de hoje é totalmente diferente da de antigamente, desde a alimentação até o vestuário, pois segundo ela “você não consegue nas lojas, por exemplo, da Vila, comprá uma roupa, porque as lojas de lá são roupas prá poder aquisitivo maior eh... turista mesmo. A gente vai no supermercado a gente paga o dobro” (II-3).

Espada (2007) e Praia da Fome (2007) afirmam que a cidade de Ilhabela tem seus problemas e suas necessidades, principalmente no que se refere ao cuidado ambiental e ao crescimento da atividade turística. Espada (2007) trata também do crescimento desordenado das construções nas áreas de mata pertencentes a pessoas de alto poder aquisitivo e de como a falta de infra-estrutura, no que se refere ao saneamento básico e tratamento de água, pode prejudicar o turismo na cidade.

...tem tantas coisas importantes em relação à natureza sabe, pra pode realiza também... Por exemplo, saneamento básico. As cachoeiras da Ilha são, tem tantas cachoeiras lindas na Ilha. Porque não tem saneamento básico na Ilha. Então, a maior parte das casas vão jogar o seu esgoto aonde? Nas cachoeiras. As cachoeiras desaguam aonde? No mar! É uma cidade turística isso daqui. Cê entendeu? Então... as praias do centro já num, a gente vai se banhar no coco e no xixi de todo mundo, sabe? Que que é isso! Eu não entro nas águas aqui do mar, eu vou pra trás da ilha quando eu quero cair no mar (VIII-42)

Espada (2007), Praia da Fome (2007) e Orquídea (2007) dizem que a minoria da população de Ilhabela é, atualmente, caiçara e advertem sobre a questão da migração, falando a respeito da saída dos caiçaras das comunidades tradicionais, como de Limo Verde e do Saco do Sombrio, e mesmo do município para outras cidades. Orquídea (2007) diz que agora não há mais caiçara na Ilha, pois “foi vindo todo mundo, né? Eh... de fora e foi misturando” (XI-4). Segundo eles, isso fez com que as tradições fossem morrendo.

Badejo (2006) também diz que “hoje já não tem tantos caiçaras devido à vinda da cultura de outras pessoas... O crescimento turístico aqui na Ilhabela tá como fator primordial pra que haja a extinção dos caiçaras” (III-5). Espada (2007) diz que a especulação imobiliária matou um pouco a vida do caiçara e Toninho (2007) diz que “o que lhe prejudica muito é a influência imobiliária, né? Que aí quando chega nós vemos isso até em filme, em novela, e quando chega não há o que segure, até atropela e aí acaba tirando um pouco (...) esse ritmo e esse situação de vida do povo que mora ao longo do litoral” (VII-7).

Em observação registrada em diário de campo, a atividade turística foi identificada como um empecilho para a vida das comunidades: “2 pescadores haviam perdido seu cerco quando as lanchas com turistas entraram em parte não permitida para o tráfego destas, e arrastaram o cerco. Como eles investem tudo na montagem da rede, estes pescadores e suas famílias em algumas semanas não terão o que comer e nem como se manter” (DC-I-6). A título de exemplo, o tio de Flor de Maracujá comenta que “o tempo de confecção de uma rede é de um ano” (DC-XII-2).

Também é possível observar alterações na paisagem, mesmo em comunidades mais distantes do centro urbanizado de Ilhabela, particularmente no Bonete estas transformações são mais ostensivas:

É uma das maiores comunidades e é uma das comunidades onde o turismo se faz mais presente. Ainda que suas ruas não sejam calçadas e não possua energia elétrica já apresenta uma certa configuração urbana, como estamos acostumados. Já existem pousadas, camping, pizzaria e até um Mac Bonet's, sendo que a pousada mais luxuosa é de forasteiro. Os bares na praia estavam fechados, mas vendo as fotos expostas ali, percebemos que é intensa a frequência de jovens, principalmente surfistas. (DC-II-1)

Espada (2007) atribui a um incêndio do cartório em São Sebastião, em 1932, a obrigatoriedade de muitos caiçaras nativos saírem de suas terras e migrar para Santos, Santa Rosa e Guarujá porque com a perda da escritura definitiva de suas terras teve início a ação de grileiros e a especulação imobiliária em Ilhabela.

Praia da Fome (2007) comenta que os migrantes são de difícil relacionamento e não sabem usar a força que têm, o que dificulta o trato com eles, enquanto Espada (2007) os considera gananciosos, destruidores do meio ambiente, mas ressalta que as leis ambientais não os atingem. Para ele:

Quem destrói a natureza da cidade são os migrantes, que constroem casas em, em encostas de morro, entendeu? Que aí vai destruir o que? O meio ambiente. A quantidade de casas construídas aí pra cima dessas montanhas todas, quantidade de esgoto a mais que foi ter aqui na Ilha, despejando valetas e valetas de esgoto por aí, rolando por aí tudo. Aquela Barra Velha, lá pra cima tudo, até me assusto quando eu vou pra lá. Eu me assusto quando eu vejo como cresceu, sabe? A cidade que não tinha nada. Eu tenho fotos antiguíssimas que... o morro do Cantagalo não tinha uma casa. Uma! e você vê lá pra cima, no Morro do Cantagalo não tem um caiçara morando... nativo... É tudo gente de fora. Ou mineiro, ou baiano ou milionário ou turista, ou hotel para que só turistas morem atrás da Ilha, porque só eles têm como sobreviver lá.(VIII-69).

Neste sentido há registro no diário de campo XV:

a merendeira da escola do Canto do Gato (em Castelhanos) foi proibida por fiscais do Parque Estadual de Ilhabela de retirar troncos de árvore para utilizar na ampliação de sua casa, queria fazer um cômodo a mais para melhor acomodar sua família, entretanto, bem próximo a sua casa e ao local onde os fiscais a impediram de pegar os troncos, existe uma casa grande, de propriedade de uma pessoa externa à comunidade (não souberam me dizer exatamente se é uma juíza ou se está estudando para ser juíza) que teve recentemente seu muro feito com pedras da cachoeira (pertencente à área do Parque Estadual) e que não teve nenhum tipo de represália. Brinquei com eles que a única explicação era que as pedras se teletransportaram para lá, por isso os fiscais não perceberam o transporte das pedras e nem a construção do muro; quando eles perceberam o muro já estava lá e aí como não é de caiçara pobre... já que está fica. O professor comentou que se o caiçara mudar qualquer coisa em sua casa, o Parque vai lá e destrói; eles não podem fazer casa de alvenaria: “a casa tem que ser de barro que é pra dar bastante barbeiro”. (DC-XV-3)

E também:

um senhor, morador do Jabaquara, aluno da EJA, que estava indignado com a ação dos fiscais do Parque. Segundo ele, uma senhora de muita idade havia recolhido madeira para cozinhar (pois esta não teria fogão à gás) e carregava o fardo de madeira nas costas à caminho de sua casa quando foi parada por fiscais e obrigada a jogar a madeira. Este senhor se dizia indignado, pois lá no Jabaquara o que mais tem é construção de forasteiro feita de maneira irregular e os fiscais não fazem nada. Ele

disse já ter agendado na Câmara Municipal para falar e que achava que ia ter que falar lá de novo. (DC-XV-4)

Espada (2007) acrescenta que o turista se apropria e se instala no território caiçara e transforma este espaço sem se preocupar em manter as características do ambiente ou respeitar os usos que o habitante local faz dele, utilizando-se de estrutura que lhe permite morar bem nas comunidades, não ocorrendo o mesmo com o caiçara.

é uma coisa que o turista não tem, porque o turista ele qué, qué, ele qué uma casa em Castelhanos, tem um terreno em Castelhanos ou no Bonete ou na Fome, mas aí ele vai lá e constrói uma casa enorme no meio, na porta da praia que é uma casa que deveria ser construída em São Paulo, em Santos, numa metrópole... Ele vai estragar a arquitetura daquele local, das casinhas do caiçara, no meio das casinhas do caiçara, o turista vai lá e constrói uma casa com bloco, com cimento, com, com coisas que agridem a natureza, sabe? Com janelas de aço, de latão, de sei lá do que! (VIII-49).

Isto remete a uma situação que se apresentou durante nossa pesquisa de campo em Praia Mansa: a perda do direito pela terra por parte do caiçara que saísse de lá em busca de oportunidades de sobrevivência. De uma maneira geral, as comunidades (de dentro e fora do Parque Estadual de Ilhabela - PEI) acreditam que perderão suas terras e terão suas casas derrubadas se saírem das mesmas. Questionei uma profissional do PEI e ela me disse que isso só acontece com os moradores de comunidades dentro da área do Parque e

Eu lhe perguntei então o motivo pelo qual a casa construída na Ilha das Cabras (parte integrante do Parque Estadual), de posse de um político influente, ainda não havia sido derrubada, pois ela assim como eu, sabia que ele não morava lá. Ela me respondeu que havia um processo de desapropriação que já tramitava na justiça há alguns anos para a expropriação da área, mas que este vinha se arrastando. É interessante citar que em nenhum momento ela me falou em processos de expropriação no que se refere aos moradores das comunidades caiçaras. (DC-XIV-6).

Para Espada (2007) a implantação do PEI impede o caiçara de viver de acordo com sua tradição, tira sua independência e o oprime em função do meio ambiente e, também, de sua indignação quanto à maneira como os moradores das comunidades tradicionais são tratados pelas entidades políticas.

Flor de Maracujá (2008) reclama a necessidade de busca de soluções e orientações para alguns problemas vindos de fora da comunidade, como as drogas. O problema das drogas também afeta a comunidade do Bonete, conforme trecho do diário de campo abaixo:

Já existe no Bonete um problema sério com drogas, que os boneteiros atribuem a presença dos surfistas. Conversando com moradores do Canal, eles me disseram que o problema das drogas não se deve ao derrame de latas de maconha que ocorreu na década de 1980 e acabou aportando aqui na Ilha. Segundo eles, há a Ilha antes das latas e a Ilha depois das latas. Antes da lata, o único entorpecente que existia aqui era desodorante. Com as latas, alguns ilhéus enriqueceram, mas muitos se viciaram. (DCII-22)

Badejo (2006) destaca o fator econômico e a concorrência no mercado da pesca os principais motivos da extinção da cultura caiçara. Quanto ao artesanato diz:

que já não existe mais... se você for ver na Ilhabela, só nas comunidades tradicionais que existe o artesanato caiçara. Aqui na frente já não existe mais. É tudo o preço que a gente paga pela evolução do lugar. Cresceu tanto que se a gente não acompanhar este crescimento a gente vai ficar pra trás... E num vai te espaço. (III-10)

Outra situação que se apresenta é a de o turista colocar em risco a vida dos moradores das comunidades por sua falta de cuidado, conforme abaixo:

a algumas semanas alguns turistas ficaram presos na cachoeira da trilha, decorrente às fortes chuvas que acometeram a região no feriado da Semana Santa. Então 15 pessoas da comunidade foram resgatar os turistas com cabo (...) “por causa da desatenção com o tempo e o mar por parte dos turistas, morre um de nós”. (DC-II-9)

Para Espada (2007) a política pública municipal é ineficiente na atuação da Ação Social nas comunidades tradicionais, sendo ausentes as benfeitorias para estas comunidades. Afirma ainda que há falta de zelo por parte das autoridades políticas para com os caiçaras e sua cultura, e que seria oportuna a criação de um lugar na área urbanizada para as famílias das comunidades que, porventura, necessitassem passar algum tempo nesta área. Além disso, alerta para a necessidade de soluções institucionais sobre a questão do transporte dos moradores de áreas não urbanizadas para fazer compras do mês nos supermercados da cidade:

O caiçara hoje em dia, das comunidades tradicionais, eles tem uma dificuldade muito grande de fazer a compra do mês, sabe? Que como eles não tem mais condições de plantá, de viver da terra, da própria subsistência deles... eles tem, eles começaram a vir pro mercado e eles são pobres, pobres de marrê gessi então eh... então pouquíssimas famílias tem meio de transporte, uma tem uma canoa a motor, uma tem uma baterinha. Não é toda a família que tem um meio de transporte. E existem muitas famílias lá que não tem como vir fazer as compras. (VIII-120)

Eu acho que isso também deveria ser uma forma... do poder público tá ajudando este tipo de família, gente. Porque eles não tem dinheiro. O dinheirinho da aposentadoria dos velhinhos lá não vai. Se eles ganham trezentos reais de... de aposentadoria, sabe? Cem reais eles pagam em compra e duzentos reais. Não dá pra cortá teu

coração? Tava conversando outro dia com (...) dona do canto do ribeirão me contando uma história assim, chorando. “Que que eu vou fazê da minha vida, meu filho?” ela me falava. “Porque eu não sei mais o que eu vou fazer. Não dá mais! Muito caro. Não tenho. Só recebo trezentos reais... de aposentadoria.” Então eu acho que... cê entendeu o que eu quero te dizer? O poder público tem que começar a olhar pra essas coisas (VIII-122).

Quando ouvi isto de Espada (2007) achei que talvez houvesse um pouco de exagero, mas mudei de opinião ao necessitar de transporte para ir até Praia Mansa.

Precisamos de transporte terrestre para inserção de campo, com intuito de realização de pesquisa¹⁵ do Núcleo de Estudos de Fenomenologia em Educação Física da Universidade Federal de São Carlos (NEFEF/UFSCar), em Praia Mansa, prevista para iniciarse a partir do dia 21/01/2008 pela manhã, a qual teve início apenas a partir do dia seguinte à tarde, depois de muita procura por algum meio de transporte, que acabou dando certo por via marítima, com um canoeiro morador da citada Praia, um dos irmãos de Flor de Maracujá. Percebemos quão assustadora é a dificuldade com transportes, particularmente com a atuação dos jipeiros e de sua organização, que se caracteriza quase como cartel, demonstrando a força e poder de manipulação deles, estipulando preços abusivos para o transporte e dificultando a ida das pessoas para as comunidades por terra, caso não seja na forma e preço por eles estipulado. Além dos jipeiros merece destaque a cobrança exagerada feita pelos taxistas do Município¹⁶.

Espada (2007) e Flor de Maracujá (2008) falam sobre a necessidade da criação de oportunidade para a continuação dos estudos.

O estudo e a possibilidade de mudanças também pode ser observado em trechos do poema de Baleia, o qual me foi entregue por ela em um de nossos encontros:

Minha escola próxima a um rancho de canoa
De lá admirava toda a imensidão do mar
Sonhando até onde poderia chegar (...)

A cartilha, sim: é a lembrança...
Que guardo com satisfação
Livro único, por isso tanta dedicação.
Suave como meu caminho
Que sonhava percorrer
Por estrada de terra que fizeram-me crescer (...)

Ir muito mais, além do que o permitido.
Ser professora capaz e ser sagaz.
Não iguais as que tive, apagadas da memória (...)

¹⁵ “A motricidade humana em diferentes culturas: educação para paz através da diversidade”.

¹⁶ Ver diários de campo IV, V, VI e XIII.

Espada (2007) destaca que não há um reconhecimento político à altura pelo que as famílias caiçaras fizeram para a cidade, e que isso deveria ser mudado ao menos para as famílias caiçaras que moram nas comunidades tradicionais.

os políticos fazerem um projeto em alguma coisa que de uma um respaldo pra essas famílias tradicionais que restaram na Ilha. Incentivá, dá, respeitar, elevar, sabe? Dar, como eu te falei, da criança de trás da Ilha se quiser ser um profissional, eles darem uma oportunidade. Então que dêem uma oportunidade pra essas famílias, que ressaltem essas famílias, pra gente não perder essa coisa gostosa da Ilha, essa coisa pitoresca, essa coisa do folclore, essa coisa da comida, essa coisa do misticismo (VIII-8)

Para Espada (2007) o município de Ilhabela se apresenta como palco de momentos de práticas de magia negra, opressão, maldade e sofrimento.

Para Espada (2007) a história de Ilhabela pode ser utilizada como material para o turismo histórico e para informar o turista que quer conhecer um pouco mais sobre ela. De acordo com ele, toda a história da cidade foi feita pelas famílias, por ele chamadas tradicionais.¹⁷

Toda essa coisa do comércio, da..., quem fez a história da cidade? Foram eles! Foram as famílias tradicionais de Ilhabela. Foram eles que fizeram... Toda esta história linda das canoas de voga¹⁸, do comércio no Porto de Santos, da venda das bananas, dos pássaros, das, da farinha, das cachaças, sabe? Dos cafês, da época que plantavam cana de açúcar, pra fabricá o açúcar, que foi a primeira função aqui na lha, foi as fazendas de cana-de-açúcar, depois que veio o café. Então tudo isso, quem? De quem depende a história desta cidade? (VIII-105)

Lua de Ilhabela (2006) entende que Ilhabela é ainda um lugar tranquilo para se morar e que se sente abençoado por isso:

Sou muito grato a Deus, sou grato a Deus mesmo. No caminho do trabalho, qualquer percurso que eu faço, eu agradeço a Deus por ter nascido aqui. Eu me sinto privilegiado e escolhido por Deus por ter nascido aqui. Podia ter nascido num lugar desprivilegiado eu acredito..., eu penso assim numa favela, eh... tá debaixo de viadutos na rua. (VI-5d)

¹⁷ Segundo Espada (2007) “cada família que tem atrás da Ilha, ou mesmo aqui na cidade, que são caiçaras, tem uma história pra te contar, porque o tataravô era dono de fazenda, porque fez não sei o que pela cidade, porque construiu não sei o que pela cidade” (VIII-106).

¹⁸ Canoa de voga é uma grande canoa que antigamente era usada para transportar mercadorias e pessoas de Ilhabela para Santos. Movida a remos por um grupo de remadores, a canoa de voga também podia ser impulsionada por vela, quando o vento estava adequado.

Orquídea (2007) também acha que está tudo muito bom. Segundo ela não tem lugar melhor e ela diz: “posso ir em algum lugar enquanto... passa dois dias, eu fico desesperada, aí só fico contente quando chego aqui. Só atravessá o canal, pronto. Aí pronto” (XI-29d).

Espada (2007) também concorda que a Ilha é um dos lugares onde se pode viver de maneira saudável e tranqüila.

Categoria B - Ser Caiçara

eu tenho a minha história, tu tem a tua história, o outro colega aqui tem a sua história também, tem a história dele também então e dentro dessa mistura toda que a gente tá por aí. (X-60)

As asserções dos discursos que levaram a construir esta categoria dizem respeito ao “que é ser caiçara”

Siriviana (2005) diz que ser caiçara é viver longe do progresso que atualmente chega à Ilha. Ela, assim como Golfinho (2006) e Lua de Ilhabela (2006) acham difícil dizer o que é ser caiçara, mas apresentam algumas características: lugar de nascimento, convivência entre os seus, valorização de sua tradição e cultura, orgulho do local de origem e do seu jeito de falar.

Espada (2007) diz que se deve ter cuidado com o caiçara, pois “...o que deixa a ilha bela é esse ar do caiçarês, é o... é trocar o v pelo b, é falar ‘bóis ides aonde, onde bóis ide, o que bóis quereis?’ Isso é ser caiçara, isso é deixar a ilha bela...” (VIII-39).

os pré-históricos, dois mil e quinhentos anos antes de Cristo e depois toda a história da linguagem jea e aí vem os índios, os tupinambás, e aí vem todas as histórias dos piratas e tal; que eu acho que isso deveria ser colocado de uma forma primordial, eu acho, porque a Ilha, ela não pode perder essa coisa pitoresca, essa coisa da magia da..., que isso que envolve, eu acho, as pessoas, essa coisa mágica que a Ilha tem, por mais que não esteja à flora a tradição da Ilha, mas ainda você sente esta coisa da magia em cada canto da cidade (VIII-30)

Golfinho (2006) diz que sua dificuldade em descrever o que é ser caiçara se deve a não pertencer a uma família caiçara e não viver deste modo, ela diz que só é

considerada caiçara por seu lugar de nascimento, mas se sente uma caiçara meio falsificada. Ela diz ter nascido em uma fase mais moderna e se considera da cidade. Além disso:

num tenho noção desses, dos os valores deles. Os meus valores são totalmente diferentes dos deles. Num tenho muito em comum prá falá pra você: “ohh, cê caiçara é isso.” Não é... Porque eu não vivo isto, eu não sinto isso em mim. Então é difícil descrever (V-14d)

Toninho (2006) também associa o caiçara ao local de nascimento, porém ele próprio não nasceu no litoral, e apesar disso se identifica como caiçara. Segundo ele “ser caiçara é uma pessoa que nasce no litoral e aqui faz uso dos costumes e das tradições, tem um amor pela terra e cultiva todo um histórico da tradição do habitat, do habitante da região” (VII-1). Ele ainda apresenta o caiçara como um homem inteligente, de vigor e brio, um sobrevivente. Destaca sua capacidade de adequação às influências trazidas por pessoas de outras regiões que se instalam na Ilha e com as quais eles convivem. Ele ainda diz que não existe um modelo de caiçara: este pode ser acomodado, pode ser o mais esforçado e que luta para que sua região tenha, cada vez mais, condições melhores de vida. Segundo ele:

O caiçara é tido como uma pessoa indolente, mas não é bem isso. Ele tem a sua cultura e como é o ser humano dentro do seu recurso para a sobrevivência. O caiçara ele planta, ele colhe, o caiçara tem (...) a sua tradição folclórica, o caiçara pesca, ele sabe como se manter com condições de vida superando todas as suas adversidades, todas as suas dificuldades. Se assim não fosse o povo caiçara já estaria extinto. (VII-6)

Além disso,

O caiçara é uma pessoa bastante inteligente eh... eh... eh... uma pessoa capaz. Isso fica demonstrado pela sua necessidade de achar meios para sua sobrevivência que nem sempre é uma situação fácil por falta dos recursos principalmente os caiçaras mais antigos, como é que eles sobreviveram a todas essas transformações que o litoral vem sofrendo (VII-2).

Em contrapartida, para Atum (2007) o caiçara está quase em extinção, pois estes estão se afastando de Ilhabela para outras cidades.

Baleia (2005) apresenta o caiçara como uma pessoa humilde e solidária e diz: “eu me sinto feliz em ser caiçara e está se acabando... É um povo em extinção, o caiçara... São poucos. A gente vê pelas salas que onde a gente dá aula, se pergunta: “levanta a mão quem é caiçara.” De trinta, meia dúzia levanta a mão. Então eu acho que é um povo em extinção (II-4).

Siriviana (2005) diz que ser caiçara é viver na Ilha sem a influência do progresso; conhecer a história de seu povo, manter as festas, mas sabe que atualmente elas já sofreram modificações. Para ela: “ser caiçara... é manter dentro de mim, do meu filho, passar pra ele realmente como era, o que era o lugar onde eu morava, hoje já não é mais o mesmo. O progresso (...) já encobriu todo ele” (I-40). Para ela, são poucos os caiçaras que ainda mantêm vivo aquilo que era deles. Siriviana (2005) também cita a maneira diferente que seus avós tinham de obter alimentos, que é distinta da dela; assim, mostra como o modo de vida está mudado.

Tal mudança também é citada por Baleia (2005).

Hoje (...) o caiçara tem que ir ao mercado porque nem terra pra plantar tem. Muitos venderam suas terras, foram embora. Outros passaram a ser até caseiros daqueles que compraram suas terras. Pro caiçara hoje ter um pedaço de terra e sua casa própria é um privilégio porque antes era totalmente diferente. O povo era humilde, mesmo os jovens, né? De antigamente eles não buscavam grife. Hoje, filho de caiçara costuma até a roupa de grife, desde a roupa de grife, até porque eh... outras pessoas vieram eh... eles embutiram isso neles, né? Tem que andar igual ao turista. (II-6).

Espada (2007) também fala em extinção ao perceber quais mudanças ocorrem no modo de ser do caiçara, e que já não dá para o caiçara ser como era antigamente:

hoje em dia (...) as pessoas até falam: “Ah!, mas o caiçara num plantá mais, o caiçara num isso mais, o caiçara é um vagal, o caiçara...” Tem muito essa fala, sabe? Mas o caiçara foi completamente podado porque a partir do momento que entrou o Parque Estadual, o caiçara não pode mais plantar mandioca, o caiçara num pode mais fazê a farinha, o caiçara num pode mais, né? O caiçara não pode nem entrar no mar mais pra pescar. O caiçara num pode mais largar o cerco no lugar tal porque, sabe? As lanchas passam, destroem o cerco (VIII-32).

Segundo Baleia (2005), Badejo (2006), Toninho (2006) e Espada (2007) os caiçaras foram vitimados pela especulação imobiliária e o turismo e, além disso, são impossibilitados de manter seus modos de vida, de se relacionar em comunidade e trabalho por causa dos elementos que pautam a economia da região atualmente.

É tão difícil ser caiçara hoje em dia, porque já não dá mais pra ser caiçara hoje em dia, né? Porque a gente num, caiçara é andar descalço, é pé no chão, é por qualquer roupa, é num tá nem aí com nada, caiçara é viver, é ser feliz, caiçara é a vida da felicidade, né? Da, da harmonia. Hoje em dia é difícil você ser um caiçara nativo como antigamente, né? Porque os poucos caiçaras que ainda vivem hoje assim são olhados de uma forma bem diferenciada, assim com preconceito. Porque se você ver um caiçara dentro do ônibus hoje você vai olhar e você vai saber que é um caiçara, de tão desproporcional que ele vai tá das outras pessoas que tá lá, isso um caiçara antigo hoje em dia dentro de um ônibus, porque caiçara jovem, adolescente, já tão

todos com roupinha de marca, a idéia já é outra, o sentimento já é outro; num tem mais aquela inocência, sabe, aquela coisa do bem, que o caiçara tradicional tem. (VIII-18)

Siriviana (2005) diz que a cultura caiçara foi tomada pelo turista. Diz também que as pessoas, incluindo ela, estão perdendo um pouco a identidade, conforme segue:

A gente, eu mesmo, a gente acaba perdendo um pouco da nossa identidade, porque a gente acaba deixando de lado certas tradições, certos costumes. Morreu! Eu mesma como caiçara, eu sei que morreu dentro de mim um pouco daquilo que eu tinha, que eu fazia e que eu não passo para o meu filho. Porque pra ele, hoje não interessa ser caiçara, não é movido pelo espírito caiçara. (I-14d)

Porque eu digo pra você, dentro de mim já morreu grande parte do ser caiçara... Porque o mundo é esse que a gente tá vivendo. Ele vai te tomando de uma certa forma, te envolvendo... que se você não tiver mesmo ali, aquela consciência, cê vai embora (faz gestos com as mãos, batendo o dorso de uma na palma da outra representando que nada será feito se não houver ação efetiva das pessoas e dela própria) e deixa o barco corre. E, infelizmente, é o que eu sinto hoje. (I-20d)

Estrela do Mar (2006) diz que ser caiçara é “tudo de bom”, e que ser caiçara é preservar a cultura que lhe foi ensinada por seus pais e transmiti-la para seus filhos, com a finalidade de minimizar a atuação das novas influências que chegam a Ilhabela.

Flor de Maracujá (2008) diz que o povo caiçara é diferente e é meio excluído, porque não tem muita informação e isso os deixa em desvantagem.

Atum (2007), Badejo (2006) e Praia da Fome (2007) atribuem a identidade caiçara para quem nasce no litoral. Já Cauê (2008) e Badejo (2006) associam o “ser caiçara” às atividades ligadas ao mar.

Cauê (2007), Baleia (2005), Espada (2007), Atum (2007), Praia da Fome (2007), Orquídea (2007) e Estrela do Mar (2006) dizem gostar de serem caiçaras. Já Espada (2007), Atum (2007), Praia da Fome (2007), Orquídea (2007), Lua de Ilhabela (2006) e Flor de Maracujá (2008) falam do orgulho de serem caiçaras e de seus lugares de origem. Entretanto, Praia da Fome (2007) e Espada (2007) reconhecem que algumas pessoas possam ter vergonha ou receio de falar de sua origem com outras pessoas.

Lua de Ilhabela (2006) destaca seu orgulho em ser caiçara, mas diz já ter tido vergonha de o ser:

A princípio não gostava muito. Porque assim, apesar de ter pego uma família, minha família é toda tradicional de Ilhabela, assim, desde dos meus tataravôs, são tradicionais, avós, tanto paterno quanto materno são filhos aqui da Ilha mesmo, eh... eh... veio a evolução. Eu peguei uma fase da evolução assim já, né? O turismo

chegando eh... eh... eh... eu tinha uma vergonha desse Benedito, sabe? Tinha uma vergonha e depois eu aprendi na verdade eh... eh... eh... ao trabalhar depois como educador, eh... eh... eh... ver na verdade, valorizar na verdade a minha tradição. A tradição, ver a beleza, ver o santo com outros olhos, e hoje na verdade eu tenho muito orgulho de me chamar Benedito. Lua de Ilhabela Benedito significa Lua de Ilhabela bendito e a minha avó deu um super presente para mim já me abençoando logo no batismo. Lua de Ilhabela Bendito, agradeço ela por este nome, inclusive, hoje. (VI-15)

Orquídea (2005) diz que ser caiçara é viver como se vive nas comunidades de trás da ilha: da roça e da pesca e da preservação das tradições de seus antepassados, mas ao mesmo tempo, apesar de se identificar como caiçara, não sabe se é boa caiçara, pois não tem certeza de manter esta tradição. Quando pensa no passado diz que era uma época boa e ao falar sobre o processo de confecção da farinha de mandioca, apresenta alguns papéis sociais de sua comunidade. Diz também que antigamente só havia caiçaras e todos se conheciam, o que já não ocorre hoje em dia. Ela também fala sobre as mudanças que ocorreram com o progresso: antigamente só se convivia com caiçaras e os vínculos eram mais fortes, hoje “mudou tudo. Então tá tudo sofisticado. Imagina um caiçara há trinta anos atrás mexendo num computador” (XI-32d) e que “...agora, as criancinhas caiçaras, coitadinhas, já nasce com o computador aí enfim... é o progresso. Aiiii, é o progresso. Faiz parte. Faz parte da vida da gente” (XI-33d).

Segundo Espada (2007) as comunidades tradicionais de Ilhabela vivem de maneira semelhante entre si e este tipo de vida é completamente diferenciado de qualquer outro, quer seja no linguajar, na alimentação, nas danças ou nas festas religiosas. Ele descreve que os caiçaras têm um modo de vida, de moradia, de produção, artesanato e cultura todo próprio, sempre forte e harmonicamente ligado ao meio ambiente, à honestidade, à bondade e à simplicidade. Simplicidade é também uma característica destacada por Baleia (2005)

é uma coisa muito única a vida do caiçara, desde o linguajar, né? Do caiçara, né? Porque é uma coisa única o linguajar, porque você não vê o linguajar de nenhum lugar, como também alguns tipos de tradição do caiçara também só é tido aqui, na Ilha. Por exemplo, a congada de Ilhabela, não tem uma congada igual a congada de Ilhabela. Tem vários milhões de tipos de congada, mas a congada da Ilha não existe outra igual a ela. Entendeu? E outros tipos de dança também, né? Que eram dançadas aqui, não só a congada. O caiapó é completamente diferente também apesar de não, de não existir mais, de ter acabado o caiapó, né? É uma coisa única também que não tem outra dança do caiapó em qualquer outro lugar como a dança do caiapó aqui de Ilhabela (VIII-9)

Espada (2007) afirma que:

Caiçara também é vencer, é curar, mas também é brigar, é xingar, entendeu? E também é amar porque eles brigam e daqui a pouco já tá tudo certo, já tá tudo bem, um vai pra casa do outro. Existe uma liberdade muito grande entre eles, um entra na casa do outro, é uma grande família. Ser caiçara é ser uma grande família dentro de uma aldeia, como nas comunidades tradicionais. (VIII-3)

(...) é ser verdadeiro, ser honesto, justo, acolhedor, porque, na verdade, o caiçara... de tão bom coração que o caiçara tem, sabe? De tão acolhedor que o caiçara é, ele acabou se ferrando o caiçara. (...) Caiçara... nativo tem muito amor naquilo que ele faz, sabe? Ele se sente muito digno de ser o que ele é e de fazer o que ele faz. (...) O caiçara é um povo bom, um povo humilde, acolhedor, é um povo tudo de bom, sem maldade nenhuma e se deparou com toda essa loucura. (VIII -5)

Praia da Fome (2006), porém, apresenta relatos de violência e rejeição familiar e de reação a esta forma de dominação. Acrescenta também que quando ocorre tal marginalização na família, outro membro da comunidade (no caso a avó e o tio) zela por este:

Quando eu passava em frente da casa do meu pai, na praia, eles tavam jantando ou almoçando na sala e eu via lá arroz, aquelas coisas todas, o meu pai fechava a porta pra que eu não visse a comida. Tá? E quando eu descia na praia ele tentava me batê. Que ele não gostava de mim. E um dia eu tava com muita fome eu fui pedi uma cozinhadinha, uma caneca de arroz, pede uma cozinhadinha (mostra a xícara de café) de arroz e meu pai soube que a minha mãe me emprestou, ele deu uma coça na minha mãe, quase matou a minha mãe. E um dia ele me pegou, deu uma coça em mim também, sem mais nem menos (X-63)

Ele pegou a correia e começou a bater nos meus outros irmãos inexplicavelmente pra que eu tomasse aquele café ali, em paz, que nem aquele filho pródigo naquela história do Sérgio Reis, né? Então ele queria se redimí comigo ali naquela hora, batendo nos meus irmãos. Eu, já homem já, tipo 18 anos, sei lá o que, 20 anos acho, falei “Não, pai, o senhor não vai fazê com meus irmãos o que o senhor fazia comigo. De hoje em diante é diferente (...). A partir desse dia eu sou muito respeitado pelo meu pai, pela minha mãe (X-67).

Sobre as festas religiosas Siriviana (2005) lamenta sobre as mudanças que ocorreram nelas, pois para ela isto está fortemente associado ao ser caiçara.

eu fico assim meio triste porque eu, muita coisa do que eu fiz, do que eu vivi como caiçara aqui morando, o meu filho hoje não vive, não tem, não, não pôde ver, eu muito pouco eu pude ver o (...) caiapó. Realmente, poucas festas de São Pedro eu assisti. Congadas eh... eu vi muito pouco. Congada mesmo, com o pessoal mesmo. Hoje (...) praticamente, participa da congada quem quer, porque a congada antiga eram devotos de São Benedito mesmo. Hoje... qualquer um, até um filho de turista se quiser participar da congada, ele participa (I-12d)

Lua de Ilhabela (2006) também fala sobre a influência religiosa em seu ser caiçara:

este Lua de Ilhabela Benedito minha mãe conta que eu era uma promessa da minha avó. Eu na verdade sou o décimo primeiro Benedito da família (risos). É muito engraçado isso. Sou o décimo-primeiro. Contei. Nós fizemos um dia a conta, eu sou (...) o décimo-primeiro Benedito da família. Que minha avó era, era devota a São Benedito e quem pagou a promessa fui eu (risos). (VI-14)

A religiosidade parece influenciar bastante a vida caiçara em várias comunidades. Tal influência não se deve apenas à religião católica. Um dos motivos percebidos para o fim das festas religiosas na Ilha, é a mudança de religião por parte dos caiçaras: alguns se tornaram, por exemplo, evangélicos e com isto não querem mais transmitir cultos e festas de outra religião que não a sua.

Espada (2007) diz ainda que os caiçaras têm seus modos de trabalho imbricados na vida cotidiana, não visam o lucro financeiro, mas sim o sustento e o suprimento de suas necessidades pessoais e de sua família, que tem uma participação muito importante no desenvolvimento de algumas atividades. Para a manutenção deste modo de vida, a cooperação e a vida em comunidade se faz essencial, como no caso da pesca de cerco, porque “...não é fácil; uma pessoa sozinha não consegue puxar o cerco pra pescá de cerco, tem que sê uma família pra pescá de cerco. São várias pessoas no meio daquela rede” (VIII-40).

Badejo (2005) apresenta que há uma diferença entre o que pensa o consenso geral e a realidade atual sobre o ser caiçara. A possibilidade de diferentes formas de interpretar o caiçara também é falada por Flor de Maracujá (2008).

Para Badejo (2006) o caiçara tem a vida com atividades mais ligadas à natureza e que hoje em dia não é mais assim, infelizmente não existem tantos caiçaras. Ele usa a si próprio como exemplo, diz-se filho de caiçara, mas que não vive da cultura caiçara. Segundo ele “Isso são, isso são coisas que vão evoluindo com o próprio mundo, né? Porque vem um monte de influência de fora” (III-8d).

Vale comentar que, passados alguns minutos do término da gravação de sua entrevista, Badejo retornou e me disse: “eu não pesco, eu não vivo da roça, não moro nas tradicionais, nem barco eu tenho. Mas eu sou caiçara, sou filho e neto de caiçara, toda a minha família é caiçara e é com eles que eu aprendi a ser caiçara. Não sei te explicar isso muito bem, mas é isso, é mais do que nascer no litoral e viver deste jeito, tem a ver também com os nossos valores.”

Siriviana (2005) reconhece a importância do progresso, mas diz que com isso o caiçara perdeu muito de seu valor.

Espada (2007) alerta também sobre como o contato com o mundo urbanizado alterou a vida nas comunidades tradicionais e como esse contato pode ser ao mesmo tempo

benéfico (com o atendimento médico, por exemplo) e prejudicial ao caiçara (com a implantação do PEI).

Sobre a alimentação, Atum (2007) e Espada (2007) falam que os caiçaras só se alimentam de coisas boas: “o café da manhã do caiçara é uma delícia muito grande, né? Porque antigamente comia... abacate, eh... farinha, a gente comia um gomo de abacate, uma colherada de farinha, um pedacinho de savelha¹⁹ seca frita, entendeu? E o café. São essas coisas, humildes, simples, o pirão da banana verde, né? E é uma sustância tão grande, isso é ser caiçara” (VIII-16). Entretanto, Espada (2007) destaca que hoje em dia não é mais assim, pois o caiçara passou a:

Comer determinadas coisas que ele não comia, vai largando de lado aquela coisa mais humilde que ele comia, mas que tinha mais sustância, entendeu. Se você comer um angu de farinha, com banana verde e uma cabeça de garoupa você tá completamente nutrida. Você pode ir cortar lenha, fazê o que você quiser porque você está bem sustentado. Você tem o sustento dentro de você. E essas outras comidas que as pessoas comem com massa de tomate, com química, com..., imagina os temperos todos na porta, eles tinham, todos os tipos de tempero naturais, especiarias. Plantavam de tudo, o caiçara, não existia massa de tomate. Não existia caldo Knorr, não existia toda essa quantidade de coisas químicas que fermentam o estômago da gente que traz doença, que isso, que aquilo. Caiçara era um povo saudável, um povo bonito, um povo robusto (VIII-75).

E hoje em dia isto lhes traz problemas:

o caiçara tá detonado, eu tenho dó de ver o caiçara hoje, o que mora atrás da ilha, completamente detonado, sem estrutura nenhuma, com os dente tudo podre, sabe? Entrou o açúcar no meio. Eles não podem nem cana plantar mais. Todo mundo tinha o seu, a sua engenhoquinha de cana pra poder fazer o café de garapa, e tudo que era feito lá: doce de mamão, de qualquer tipo de doce, de compota, de frutas que eles faziam, eram feito com o açúcar da cana, com o açúcar natural, entendeu? Então, todas essas químicas que foram indo pro caiçara, que o turista veio trazendo, que progresso veio trazendo, detonou o caiçara. E o caiçara não tem como se tratar porque é caro um dentista (VIII-76).

Apesar do enaltecimento do modo de vida e da alimentação caiçara por parte de Espada (2007), quando Praia da Fome (2007) e Orquídea (2007) falam sobre sua vida na Praia da Fome, retratam uma vida de privações e dificuldades, destacando os problemas e a impossibilidade de se alimentar de maneira diferente, na maioria das vezes:

a gente comia lá atrás da Ilha peixe assado com mandioca e com banana assada, ta? E peixe assado na brasa. Era raro a gente comer arroz, feijão (X-62)

¹⁹ Trata-se de um peixe parecido com a sardinha, porém com mais espinhas.

Era difícil tê lá um paõzinho, a não ser quando eles saiam de lá pra vir aqui né? Pra fazê compras, né? Compras de outras coisas, né? Eh... aí comprava o paõzinho, levava o arroz, o feijão, tudo, mas a não ser isso, quando era época, que dava aqueles temporais, que não podia saí de lá pra lá pra vir aqui, porque era só de canoa, né? Ai tinha que passá com o que tinha ali, né? A farinha e o peixe. Então, era pirãozinho mesmo, né? (risos). Era pirãozinho mesmo, mas era assim (XI-17).

Ainda tratando da alimentação, Praia da Fome (2006) mostra que mesmo na cidade mantém alguns desses hábitos alimentares. Comenta que seu “café da manhã é hoje (...) entre um pão com manteiga, tá? Ou misto quente, se tiver uma mandioca, tá? Uma abacate com farinha com uma batata-doce, eu ainda prefiro (...). Aliás, hoje o meu café da manhã (...) foi com batata-doce” (X-58).

Praia da Fome (2007) e Orquídea (2007) ainda falam da impossibilidade de estudar em suas comunidades e de como o trabalho começava muito cedo:

“Eu fui trabalhá com meu tio aos 5 anos, pra dá, dá... uma ajuda pra minha avó, meu avó também tinha falecido. Em alto-mar, lá por 1984, um barco da capitania dos portos parou pra fazê uma vistoria e eu era menor, meu tio me escondeu no porão do barco, no porão do barco, até que a Capitania fizesse a vistoria, tal” (X-23).

Espada (2007) fala sobre as mudanças nas formas de tratamento das doenças e também da falta de estrutura para o tratamento dentário nas comunidades e atendimento médico.

há um tempo atrás não tinha nada lá atrás da Ilha não. Nem tinha médico, hoje em dia tem tudo isso, né? Tem médico, tem, eles tem acesso, eles podem vir aqui, eles compram o que quiserem, nada falta, como antes também nada faltava, mas era uma coisa mais natural. As doenças eram curadas com ervas. Tinha todo um misticismo, porque o caiçara é ser místico. (VIII-7)

Praia da Fome (2007) fala sobre como entendia os artefatos da modernidade em sua comunidade, do estranhamento e das mudanças radicais que ocorreram em sua vida, dentre eles o modo de se vestir, quando se mudou para o lado urbano da ilha, dando destaque à questão da temporalidade, já que hoje não se sente dono de seu tempo:

Até os 13 anos eu achava que tinha gente falando dentro daquele “motoradio” de pilha que a minha avó usava e, quando eu vim morar na casa do meu tio e eu assistia televisão, eu achava que tinha gente dentro da televisão, eu achava que um boi era um cachorro. Então, houve uma mudança muito radical na minha vida, radical mesmo e eu me policio todo dia para que eu não deixe de pisar no chão. E olhar para trás. Eu fico me policiando o dia todo. (X-55)

Ainda tratando de tempo, Atum (2007) diz que os caiçaras não estão preocupados com o amanhã, só se preocupam com o hoje.

Segundo Espada (2007), poucos caiçaras, os mais antigos, mantiveram o modo de se vestir, de andar e de se comportar. Esse modo característico os destaca no meio urbano, o que acaba por torná-los alvos de olhares diferenciados, preconceituosos. O caiçara sempre foi auto-suficiente no que se refere à sua subsistência, mas devido às imposições e restrições que ocorreram em seu modo de vida, hoje ele se vê mais dependente da assistência social. Praia da Fome (2007) diz que há, por parte da sociedade, forte exigência sobre a formação escolar para o exercício de cargos políticos ou posição de destaque dentro da máquina administrativa, fazendo surgir a necessidade de se fazer cursos complementares, e ambos comentam que o caiçara, como o nativo do litoral, está sumindo em Ilhabela. Mas enquanto Espada (2007) vê o caiçara em fase de extinção, Praia da Fome (2007) vê como um sobrevivente que lida com as dificuldades do cotidiano e aprende com elas novas alternativas de vivência e de sobrevivência.

Falam também de como têm um reconhecimento diferenciado devido ao estudo. Para Espada (2007), a criança caiçara não tem oportunidades de estudar para *ser alguém na vida* e que cabe ao poder público oferecê-las. Também diz que a criança que saísse de sua comunidade para estudar, voltaria para ajudar seu grupo.

Praia da Fome (2007) acredita na possibilidade de crescimento do caiçara e que cabe ao indivíduo se esforçar para conseguir, porém declara ter optado por fazer o curso de Administração e não o de Medicina em decorrência do custo do segundo: “optei por uma coisa mais genérica por conta do meu poder econômico, que é baixo, então não daria condição de fazer”. Apesar disso, reconheceu suas dificuldades na faculdade.

no primeiro dia de aula, tinha 59 alunos na minha sala. A professora falou assim “Quem é caiçara aqui?” Só eu levantei, eu levantei os dois braços no meio de 59 alunos, só tinha um caiçara lá (X-50).

“Por que cê tá levantando os dois braços?” Porque eu sou caiçara mesmo, sou nativo. Eu me sinto índio aqui no meio de vocês! Então, eu queria pedir muita paciência, colaboração, vô precisar muito da ajuda aqui dos meus colegas porque eu tô vindo de uma comunidade tradicional, onde não tem isso (...). Pra chegar até a 3ª série eu usei uma canoa e um caiaque pra vim da praia da Fome, pra chegar no Jabaquara e depois até a Armação. Eu contei uma história que foi, assim, encantado. Toda a faculdade ficou sabendo. Que que eu era da Praia da Fome, tinha nascido aqui e tava fazendo faculdade lá. Então, as pessoas me acolheram, né? E nossa, aliás eu tô com saudade da faculdade, semana que vem vai começá. (X-51)

As mudanças no modo de vida caiçara não se deram apenas por causa do turismo. Orquídea (2007) apresenta como motivos de mudança da sua família para a área urbanizada a sua necessidade de continuar os estudos e a morte de seu pai no mar. Praia da Fome (2007) também dá como motivo a busca de novas possibilidades de sobrevivência, pois ajudava sua avó no sustento da família, e em busca de estudo.

Já Baleia (2005), Lua de Ilhabela (2006), Estrela do Mar (2006) e Praia da Fome (2007) relatam a influência dos novos valores que chegam com o turismo e com a televisão:

Os valores também mudaram, né? Com a chegada do turismo, aquela adolescência, a gente vira meio bichinho, né? Quer ser uma coisa que não é. Eu, graças a Deus, não me perdi. (VI-16)

Espada (2007) diz que o caiçara não tem como resistir à visão de mundo das pessoas que vem de fora de sua comunidade e, Flor de Maracujá, apesar de achar que mora em um paraíso, afirma pagar um alto preço por morar em comunidade tradicional.

Toninho (2006) alerta que:

...ninguém consegue de repente parar pra ver o que é que fizeram com o caiçara. Invadiram sua terra, mudaram a sua tradição, mudaram seu hábito alimentar, mudaram eh... exploraram e quiseram menosprezar e aí às vezes existe uma pequena revolta por conta disso. As pessoas que pra cá vieram se aproveitaram um pouco da bondade do caiçara em oferecer vantagens e dela tira frutos que às vezes foi irrecuperável para o caiçara. Teve que vender suas terras, depois se tornar empregado na própria terra que ele cultivou, terra dos seus antepassados. (VII-11)

Em entrevista, Praia da Fome (2007) diz, recordando de sua infância, que nunca teve carrinho para brincar e isso talvez se deva ao fato de ter começado a trabalhar muito cedo. Conforme registro em diários de campo, observando jogos e brincadeiras realizados pelos caiçaras, tanto na estadia do grupo de pesquisadores do NEFEF/UFSCar em Praia Mansa, como em passagens por Castelhanos, Serraria e Ilha de Búzios observou-se que as crianças brincam com canoas de diversos tamanhos, desde pequenas canoas de brinquedo até grandes canoas, possíveis de navegar com a criança dentro e no controle da mesma, remetendo ao “aprender brincando” o ofício da pesca. Neste sentido, transcrevemos fragmento de diário de campo registrado na Praia de Castelhanos:

os garotos brincavam de jipinho e canoinhas, miniaturas de canoa (...) informaram estar brincando de canoinha, que consistia em uma miniatura da canoa e do reboque, similar à utilizada por seu pai, e que estas foram confeccionadas por ele (pai). A

criança puxava a canoinha com um barbante amarrado a uma pedra que funcionava como uma espécie de âncora. Ao lado e fora da água se encontravam dois jipes e um quadriciclo para trilha de brinquedo, os quais estavam sendo utilizados por eles para brincar de “jipeiros”. (DC-VIII-1)

Como se nota também as crianças na atualidade também brincam de jipeiros, já demonstrando uma forte influência de acontecimentos recentes relacionados ao crescimento do turismo. Observamos ainda brincadeiras com bicicletas.

No que diz respeito aos adultos, percebemos a ocorrência de bailes noturnos em bar e restaurante da comunidade de Castelhanos, com presença de pessoas de diversas comunidades de Ilhabela, as quais cantam, tocam, dançam e se divertem. As músicas mais executadas são do estilo sertanejo.

Quanto aos homens adultos, especificamente, costumam jogar futebol. Neste sentido, em uma manhã de domingo, quando, como de costume, parte dos pesquisadores do NEFEF/UFSCar instalados na “Escola Municipal João Antônio César”²⁰, na comunidade de Praia Mansa, foram adquirir peixe para o almoço, notaram que o irmão de Flor de Maracujá, que regularmente lhes atendia:

estava com um pouco mais de pressa que nos dias anteriores e trajava uma camisa do Sport Clube Corinthians. Comentamos com ele que alguns de nossos amigos haviam ido jogar futebol em Castelhanos ao que ele nos disse que também ia para lá assim que limpasse o peixe para nós. (...) perguntamos se os jogos eram feitos com times fixos, semelhantes a campeonatos, cada time representando uma praia. Ele disse que às vezes sim, quando acontece um jogo contra um time de uma praia mais distante, eles juntavam os melhores jogadores de cada praia da região (Praia Mansa, Praia Vermelha, Castelhanos, Praia da Figueira) e a competição era mais acirrada. Em geral eles se reúnem aos domingos para jogar entre eles e neste caso, os times são formados na hora de forma aleatória. Disse também que eles costumam montar as traves com bambus e também usam a rede. (DC-XI-1)

As brincadeiras variam de uma comunidade para outra, como comentou Flor de Maracujá:

Na Praia Mansa onde mora, disse que era comum fazer Judas com o tronco de bananeira invertido, onde as raízes faziam o papel de cabelo e que comumente pegavam uma jaqueta preta de seu pai para vestir o boneco e muitas vezes levavam o Judas em frente a janela da casa de uma de sua avó e o deixava lá, pois quando ela abria a janela de manhã acabava se assustando e as crianças se divertiam muito. Depois malhavam o Judas propriamente. (DC-XI-7)

²⁰ Cedida a nós como alojamento durante a pesquisa pela Secretaria Municipal de Educação de Ilhabela, através do Ilmo. Sr. Secretário Antônio Cornélio de Moraes Filho.

na Praia da Figueira disse ser típica a brincadeira de subir uma grande rocha por uma corda e de lá de cima pular no mar. Sobre a Praia Vermelha disse haver algumas histórias de “medo” que os mais velhos contam para os mais novos, dentre elas destaca que a Praia ficou vermelha porque ocorreu desrespeito numa sexta-feira da paixão quando os moradores de lá jogaram futebol. Outra história contada pelos antigos é a existência de um cavalo que arrasta corrente durante a noite. (DC-VII-8)

Categoria C – Resistência

Esta categoria diz respeito às formas de resistência caiçara em Ilhabela.

Estrela do Mar vê a necessidade de se preservar a cultura caiçara para que caiçaras não se sintam envergonhados. Acredita que devem ser preservados o respeito pela comunidade, as tradições, as festas e é isso que ela tenta passar para os filhos dela. Para tentar impedir que as influências “ não venha a fazer com que mude até a personalidade, a cultura do nosso povo”. (IV-2).

Espada (2007) salienta a necessidade da existência de organizações dentro de entidades como o PEI, o Poder Público e entidades defensoras da natureza “...pra podê o caiçara continua vivendo a vida que sempre viveu” (VIII-67).

Para ele, com a chegada de pessoas com alto poder aquisitivo, o caiçara teve que sobreviver com as “sobras” e destaca que as relações entre os caiçaras mudaram:

antigamente não era assim. A pessoa não tinha meio de transporte o vizinho ajudava, e Fulano ajudava, o Cicrano ajudava. Eles tinham uma união. Mas hoje em dia, com a revolta que os caiçaras tão, que um está querendo ser melhor do que o outro e com toda essa migração que veio, com os turistas que vieram, com as terras que eles perderam e com as roças que eles não podem mais, nada podem mais. Não podem caçar, não podem plantar, não podem fazer mais nada. Eles estão num outro tipo de vida. Eles se revoltaram. Então, o que uma família precisa, eles cobram. “Tem que me pagar tanto”. (VIII-126)

Espada (2007) além da fala da revolta caiçara com o PEI, com a política e com os turistas, comenta também sobre movimentos de resistência de grande parte dos caiçaras de trás da Ilha, na comercialização do peixe:

muitos caiçaras de trás da Ilha, eles preferem comercializar o peixe no bairro de São Francisco, porque lá tem uma organização melhor, uma estrutura melhor e eles pagam mais. Então, uma grande parte dos caiçaras de trás da Ilha vão comercializar o peixe em São Sebastião... porque aqui na Ilha é difícil, pra eles é complicado, e a coisa fica na cara. Então, eles ficam revoltados mesmo (VIII-79).

Diz ainda que o caiçara, apesar das influências externas, não adquiriu a ganância e a maldade. Por causa disso, sofre grandes dificuldades, principalmente as famílias que moram nas comunidades, tais como ter que sobreviver da roça e do artesanato que são proibidos.

A resistência caiçara se dá de várias maneiras, seja pela recusa em ajudar a transportar a caixa d'água em Porto do Meio, seja no peixe salgado, na “dura” aos turistas ou em cozinhar em fogão de lenha, apesar de ter todos os eletrodomésticos à disposição no Bonete. Não se pode negar a influência externa sobre as comunidades, mas é necessário destacar que nem tudo é simplesmente imposto. Há escolhas e a comunidade faz valer estas, como “o não interesse da comunidade de Praia Mansa em trabalhar com o turismo, pois o mesmo traz coisas boas, mas também muitas ruins” (DC-XII-5). Neste sentido,

aproximadamente em 1996 solicitaram à Prefeitura que se fizesse uma barreira com madeiras na trilha que liga a Praia de Castelhanos com a Praia Mansa para evitar a vinda de jipes e motos. Com o tempo e a diminuição do trânsito a mata foi crescendo nas laterais da trilha e atualmente, a mesma se destina para o trânsito de pessoas. (DC-XII-6)



Figura 10: Barreira, feita de madeira, que impede a passagem de jipes e motos para Praia Mansa (Foto: Cae Rodrigues)

Flor de Maracujá (2008) e Praia da Fome (2006) dizem que é necessário lutar, “correr atrás do que se quer”, para conseguir o que se almeja:

nós caiçaras, eh... eh... é só a gente não ficar na posição que você tá agora, de braços cruzados, né? Que você com certeza, tem o teu exemplo, né? Você veio lá de Araraquara, buscar (...) uma oportunidade aqui em Ilhabela eh... e aqui com a qualidade de vida que a Ilha te proporcionou você conseguiu também buscar aprimoramento como pessoa, como profissional. Então, você usa dessa beleza natural que a gente tem aqui, dessa qualidade de vida e isso colabora com que a tua inteligência, com que teu pensamento, com que a tua própria vontade de crescer e de viver. Isso faz bem pra gente. (X-32)

Flor de Maracujá (2008) diz lutar pela comunidade onde nasceu apesar de acreditar que não conseguirá ver o fruto de muitas de suas lutas, mas que as crianças de lá verão. Considera-se otimista e acha isso importante na vida do caiçara, pois as coisas pelas quais os caiçaras lutam demoram a acontecer:

Tem coisas que não é fácil a gente conseguir do dia pra noite, entendeu? Então, vai demorar, mas eu sei que as crianças que tão lá vão, vão vê isso acontecê, entendeu? É que a gente que tá dentro não vê acontecendo, mas quem tá de fora vê, né? Às vezes é tanto problema que... cê acha que nada mudou, mas mudou muito. Sempre tá acontecendo coisas boas, entende? E é isso que faz a gente ser um caiçara de verdade. (XII-18)

Espada (2007) destaca que há algumas pessoas nas chamadas comunidades tradicionais, assim como ele, que já tem uma informação, que lutam, informam, ajudam seu povo em várias situações, tais como a obtenção da aposentadoria para os pescadores. Entretanto, diz que a luta é difícil, pois são muitos e não dá para uma pessoa sozinha fazer tudo. Acredita que estas informações e cuidados deveriam ser fornecidos pela Colônia de Pescadores, que teria o dever de pensar mais nestes trabalhadores, por meio de reuniões entre a Colônia e as comunidades:

existe uma colônia de pescadores, entendeu, que poderia tá organizando isso de uma forma para melhorar a situação de vida do pescador, não pra melhorar a situação de vida do presidente da colônia, entendeu? Não pra melhorar a situação de vida dos donos das bancas. Não pra melhorar a situação de vida do dono do caminhão, que faz a terceirização, cê entendeu? A colônia dos pescadores existe pra melhorar a vida do pescador, não pra destruir a vida do pescador. (VIII-80d)

Também comentam realização de ações pessoais de resistência em prol de suas comunidades, Atum (2007), Espada (2007) e Flor de Maracujá (2008), afirmam que, enquanto puderem, vão defender os caiçaras. Praia da Fome (2007) e Espada (2007), inclusive, falam de utilizar seu aprimoramento pessoal e profissional em benefício da comunidade, na luta, enaltecimento e proteção dos seus, sem esquecerem de suas origens e sem interesses monetários ou vantagens particulares. Neste contexto, Praia da Fome (2007) declara que:

nestes últimos sete anos que (...) participa, em virtude do cargo, acaba sendo, tendo que ter uma estrutura, um traquejo político pra isso, embora o nosso trabalho aqui tenha que ser, tem que ser 90%, 100% técnico. (...) não usa a Secretaria (...) pra uma promoção pessoal (...). Até porque (...) deve satisfação à sociedade, porque é a comunidade que é a maior beneficiada. (X-46)

Praia da Fome (2007) ainda diz que é fundamental gostar do que faz, assim como respeitar as pessoas. Esta forma de trabalhar é reconhecida não só pela sociedade, mas também politicamente.

ser referência também, mas a gente é o tempo todo cobrado pela forma que a gente trabalha, de forma transparente, de forma séria, né? A gente não faz um trabalho voltado pro nosso umbigo e sim, pra comunidade. Porque você tá aqui para servir! E com isso possibilitou que a gente, com toda a equipe conseguisse oferecer um serviço de qualidade para a população. Muita coisa vai acontecer ainda, eu não faço nada sozinho, como ninguém faz, mas existe todo um envolvimento da Secretaria (...), por a gente trabalhar (...) numa área que é de muita complexidade, nós temos o compromisso muito grande com todo o povo de Ilhabela, no sentido de exercer uma missão (X-44)

Já Lua de Ilhabela diz que “Os valores também mudaram, né? Com a chegada do turismo, aquela adolescência, a gente vira meio bichinho, né? Quer ser uma coisa que não é. Eu, graças a Deus, não me perdi” (VI-16).

Há, no entanto, divergências no que diz respeito a esta categoria (resistência). Em trecho do depoimento de Espada (2007), por exemplo, ele afirma que “o caiçara, ele não tem essa cultura de informação e de chegá e de podê tá falando e de podê tá debatendo uma coisa, entendeu? Eles num têm, eles tem vergonha, eles aceitam, sabe. Eles aceitam. Porque eles não têm como” (VIII-81d) e que “o caiçara num, é uma outra visão, é uma visão completamente diferenciada e tudo isso que tá ocorrendo também vai corrompendo o caiçara de hoje. Vai corrompendo porque o caiçara vai vendo isso, entendeu? Então ele vai querendo também” (VIII-74d). Além disso, o turista vem com tanta ganância, querendo comprar tudo do caiçara: “o caiçara falou, vendi a minha casa de farinha pra fulano de tal. Um turista! Vendeu o forno, vendeu o tipiti, vendeu a prensa, vendeu o queijo, vendeu todos os apetrechos da... da casa de farinha” (VIII-65d).

Golfinho (2006) vê os caiçaras lutando para manter sua cultura viva e passar suas tradições para seus filhos, e acha que como cidadã ilhabelense deveria estar mais envolvida em tentar manter viva a história da cidade, mas segundo ela, nasceu “... em uma era tão moderna que eu nun, nunca me liguei muito... com isso” (V-7d). Segundo Praia da Fome

(2007) o caiçara da área urbanizada não valoriza o que Ilhabela lhes oferece, pois se deixaram seduzir pelo dinheiro dos veranistas.

Categoria D - Valorização da cultura caiçara

As asserções dos discursos originaram esta categoria que diz respeito ao que pode ser feito para valorizar a cultura caiçara.

É proposto por Espada (2007), a manutenção das comunidades tradicionais em lugares isolados da face urbanizada da Ilha, com condições de vida que estejam de acordo com a tradição deles, propiciado por alguém forte politicamente.

Toninho (2006) também almeja que alguém se preocupe e tome providências legais que propiciem condições para a sobrevivência da população caiçara em suas regiões.

Praia da Fome (2007) acredita que houve um aumento na atenção e cuidados dedicados às comunidades, mas assume que ainda falta muito a ser feito. Ele ainda entende que falar sobre o caiçara é uma maneira de contribuir com o “resgate” da cultura caiçara: “eu acho que eu tô contribuindo aqui com você com um pouquinho do que resta ainda com (...) os caiçaras do litoral norte em geral, porque não é só em Ilhabela, né? Que a população caiçara tá diminuindo. Eh... eh... pra poder resgatar essa cultura nossa, a forma da gente se expressar, da gente se comportar, (...) da gente viver” (X-69).

Lua de Ilhabela (2006) apresenta que o curso de magistério, por ele cursado, bem como seu trabalho de professor nas comunidades da área não urbanizada de Ilhabela, o ajudou muito a conhecer e se apaixonar pela cultura caiçara.

Espada (2007) alega ter vários projetos para o “resgate” da história caiçara na cidade, mas diz que é muito difícil recuperar o que já não existe mais, entretanto acredita, contraditoriamente, que se deve proteger o pouco que resta e que é possível, apesar das dificuldades, “resgatar” algo identicamente ao que se fazia a 50, 60 anos atrás. Fala também que devia se voltar a dançar e se alimentar como antigamente. Para ele o “resgate” da cultura tradicional caiçara e sua história é primordial:

eu acho importantíssimo, assim, que as pessoas comecem a pensar de uma forma que consigam não deixar acabar, pelo menos, o que ainda restou da cultura tradicional do caiçara. O que puder resgatar, o que já se perdeu, que façam isso, entendeu? Porque a minha luta é essa, né? Eu vou ficá velhinho de bengala, mas eu vou ficá lutando pra resgatar a história da minha cidade que é uma coisa que eu

adoro muito, que eu amo, que eu gosto de fazer, que eu tenho prazer em fazer e o que eu tenho orgulho, né? Não só de ser caiçara, mas de fazer esse tipo de trabalho também, junto com as crianças, né? Tá informando as crianças que tão aí crescendo agora, sobre a história da cidade, sobre a importância da história da cidade, sobre a importância de ser um ilhabelense caiçara, né? Porque as crianças precisam ter esse orgulho também de ser ilhabelense, né? De ser caiçara, do fato de ter nascido aqui nesta cidade. (VIII-55)

Sriviana (2005) aprova o trabalho desenvolvido por Espada:

Achei, uma coisa legal o que o Espada fez, ele conseguiu resgatar uma festa lá trás. Tava morta há anos, anos, anos (estala os dedos)... e olha que o povo de lá pode se considerar muito mais caiçara do que eu que moro aqui. Porque com tudo, com tudo, eles ainda conseguem manter a vida deles ali, pescar..., sua vidinha, seu jeito. Hoje aqui não. Hoje aqui é o carro, é a moto. Se não tiver ônibus eu não vou. ...Se não tiver isso, ah, não vou. Vou no mercado, tudo eu quero pronto, não quero mais fazer, porque já tem pronto. E antes a gente fazia. (I-17)

Praia da Fome (2007) acredita que houve algum “resgate” da história da cidade, mas ainda há muito a ser feito. Ele acredita estar contribuindo, ao falar sobre o caiçara, para o “resgate” dessa cultura, da forma dessa gente se expressar, se comportar, viver: “eu acho que eu tô contribuindo aqui com você com um pouquinho do que resta ainda com, com, com os caiçaras do litoral norte em geral, porque não é só em Ilhabela, né? Que a população caiçara ta diminuindo. Eh... eh... pra poder resgatar essa cultura nossa, a forma da gente se expressar, da gente se comportar, da gente, da gente viver” (X-69).

Espada (2007) diz ter voltado para Ilhabela depois de seus estudos, ansioso para “resgatar” a cultura caiçara que tinha se perdido:

eu voltei já enlouquecido pra resgatar tudo o que tinha sido perdido, né?. Eh... e durante um tempo até que eu consegui, resgatar alguma coisa, fazê alguma coisa da história nativa do caiçara, trazer à tona, né? Fazer estes caiçaras, eh... eh... sorrirem de novo, eh... verem (...) de novo uma coisa que há tantos anos não acontecia mais, mas é muito difícil você trabalhar com o resgate da cultura, de uma coisa que já não existe mais, e de repente você fazer a coisa existir de novo é uma coisa muito complicada mesmo, é muito difícil (VIII-23)

Espada (2007) acredita que, politicamente, deveria ser realizado um trabalho sério em relação ao “resgate” da história de Ilhabela, bem como em relação às famílias caiçaras:

Então existe uma incoerência muito grande, não sei o que esse povo quer na verdade, entendeu? Se é realmente destruir a história da Ilha, e acabar com as comunidades tradicionais, né? E só turista morar atrás da Ilha, só ter mansões atrás da Ilha, e os caiçaras ou matarem ou mandarem embora, entendeu? Da cidade. Vai

pro topo, vai pra (...) Santa Rosa, vai pro Guarujá, vai... não é? E aí os turistas vão pra lá, porque eles têm como sobreviver lá, turista (VIII-72d).

Siriviana (2005), em acordo, se queixa da atuação da Prefeitura Municipal de Ilhabela e de sua Secretaria da Cultura em não divulgar a cultura caiçara no âmbito escolar em bairros mais distantes da Vila²¹. Ela diz que a atuação desta Secretaria é limitada, tudo é considerado como empecilho e barreira para que suas ações não cheguem nestes bairros.

Segundo Espada (2007) falta preocupação política em resgatar a cultura caiçara, apesar do quanto isso poderia ser benéfico para a cidade e para o turismo. Para ele, já se perdeu muito da cultura caiçara: “É uma judiaria, o que tá acontecendo com a cultura tradicional desta cidade (...) e a gente vê que não tem uma preocupação (...) em resgatar, em dar uma atenção maior (...). Num tem uma importância pras pessoas que atualmente tão no poder” (VIII-117d).

Destaco, a partir do registro em diários de campo, que a desvalorização da cultura caiçara também se dá por meio de membros de sua comunidade, através, por exemplo, da recusa em aprender alguns saberes: “Uma senhora estava indo fazer farinha quando a encontramos. Perguntei a sua filha se ela também sabia fazer farinha. Ela disse que não sabia e nunca quis ou teve vontade de aprender”. (DC-II-19d)

²¹ A Vila é onde se localizam as construções mais antigas de Ilhabela e possui estruturação comercial voltada para as atividades turísticas. Lá também se localiza a Secretaria Municipal da Cultura que era onde se concentrava, no ano de 2005, as atividades culturais ofertadas por esta secretaria.

6 Considerações

Queremos um mundo onde o caminho e o pensamento tenham boa orientação. Onde haja um bom caminho para todos e todos tenham um lugar e fiquem no seu lugar com respeito e dignidade.

O mundo que tratamos de construir é um mundo onde todos caibamos, sem ser preciso dominar os outros.... (DI FELICE, 1998, p.151)

É chegado o momento de apresentar as considerações desta pesquisa. Creio ser importante frisar que não se tem aqui a intenção de estabelecer verdades absolutas sobre o tema, mas sim apresentar algumas considerações a partir da perspectiva dos(as) entrevistados(as), auto-identificados como caiçaras, e da minha, como pesquisadora e moradora de Ilhabela. Trata-se, portanto, de significações desveladas na nossa experiência, do nosso espaço-tempo vivido a partir da interrogação da prática social da construção da identidade do “ser caiçara”: “O que ensina o caiçara a ser caiçara no município de Ilhabela?”, diante de outras práticas sociais tais como: religiosidade, o turismo, entre outros.

De acordo com Dussell (s/d) os atos de aprender e ensinar estão permeados pelas relações que mantemos na sociedade e isto permeia a aprendizagem que as crianças fazem não só nas relações comunitárias e familiares, mas também nas instituições políticas (escola, por exemplo), e nesses ambientes pode ser instruída uma cultura alienante²². Já Fiori (1986) apresenta que “a educação é, pois, processo histórico no qual o homem se re-produz, produzindo seu mundo. Todos que colaboram na produção deste, deveriam reencontrar-se, no processo, como sujeitos de sua própria distinção histórica, autores de sua existência” (p.10).

O ser humano está sempre aprendendo, se formando. Ao tratar da formação humana, Freire (ENTREVISTA, 1996) diz que o homem é capaz de transformar a realidade e a partir daí se transformar.

...se o ser humano é capaz de transformar uma realidade natural que ele não fez, então ele tem condições, posso não saber quais as condições no momento, mas ele tem condições de transformar a realidade que é feita pelo ser humano, que é a realidade cultural, a realidade histórica, política etc (p.181).

Considerando-se então que sujeito e mundo atuam um sobre o outro e modificam-se, as mudanças no espaço podem mudar as relações interpessoais e as relações do

²² A alienação é a filosofia da práxis da dominação e das mistificações do *ethos* dominador; é não respeitar a história, nem a cultura do outro. A práxis da dominação consiste em coagir o outro a participar do sistema que o aliena, a cumprir atos contra sua natureza e essência histórica. Se o oprimido se rebelar, atua sobre ele a pressão social, ou ainda, a repressão individual através da reeducação, da violência institucionalizada, justificada pela ontologia do sistema. Caso o dominado não aceite ser subjugado, a ele se aplica a guerra total, até reduzi-lo a não-ser. (DUSSEL, 1996).

ser com o meio, propiciando novas formas de apropriação do espaço e diferentes formas de apreensão de significados pelo corpo e no corpo.

A complexa relação que se estabelece entre o ser humano e a natureza, com o mito da modernidade, torna a natureza uma mercadoria e faz surgir idéia de independência e inconseqüência do ser humano em relação a ela. Na tentativa de reverter tal processo, surgem movimentos preservacionistas; alguns indicam a necessidade de se afastar a presença humana, disseminando a implantação de parques nacionais e estaduais, onde a área torna-se uma paisagem natural intocável, desconsiderando-se todas as ações e relações humanas que nela ocorrem. Um desses parques localiza-se em Ilhabela.

Apesar de um dos motivos da criação do Parque Estadual de Ilhabela (PEI) tenha sido buscar uma forma de evitar a especulação imobiliária e permitir a conservação destas áreas, este aparece como catalisador de conseqüências muito sérias no que se refere à sobrevivência das comunidades tradicionais. Sua intransigência no estabelecimento de leis ambientais conciliatórias com o modo de vida existente nas comunidades tradicionais, a falta de diálogo (e não a mera comunicação do que deve ser feito, como costuma acontecer nas reuniões do Parque Estadual)²³, aliado à possibilidade e intencionalidade de que ocorra a visitação de turistas no Parque²⁴, parece-me caracterizar que o problema não é a presença humana dentro do Parque, mas a presença do caçara pobre ao invés do turista com condições de arcar com o alto custo do passeio. Em outras palavras, não se trata da preservação ou conservação, mas do poder do capital expropriando os habitantes originais de seu mundo, conseqüentemente, causando prejuízos ao modo de vida e identidade do(a) caçara.

A face oeste da Ilha teve grande parte de sua natureza reorganizada e sofreu grandes alterações urbanas a partir da década de 1960, devido à implantação da balsa e ao conseqüente implemento do turismo. É intensa a reorganização e ocupação dos espaços localizados na orla marítima, destacando-se como um dos mais ostensivos o empreendimento hoteleiro localizado na Praia do Curral, que se implantou de tal maneira que conseguiu se apropriar, com o aval da Prefeitura e Câmara Municipal de Ilhabela, de uma servidão pública que dá acesso à praia, como pode ser observado em trecho de registro em diário de campo.

²³ Segundo informações, atualmente nas reuniões do PEI, todas as pessoas presentes nesta podem se manifestar. Para que não fique caracterizado uma certa passividade dos assistentes destas reuniões, que fala ou se cala quando mandam. Como as pessoas não representantes de comunidades e instituições, costumam estar em maioria, anteriormente estas já, de uma maneira ou de outra, faziam registrar a sua opinião sobre os assuntos discutidos ali.

²⁴ A Lei Federal 9985/2000 no Capítulo II intitulado “Do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC” em seu artigo 4º, que trata dos objetivos do SNUC, item XII, prevê: “favorecer condições e promover a educação e interpretação ambiental, a recreação em contato com a natureza e o turismo ecológico;...”

Ele me disse então que esta servidão pública foi negociada pelo proprietário do hotel com a Prefeitura de Ilhabela, sendo que o empresário se tornaria proprietário desta servidão e cederia um outro trecho de terreno, na mesma praia, como via de acesso de pedestres entre a rua e a areia da praia (DC- XIV-2)

Ainda no tocante ao mundo caiçara agredido, particularmente pelo turismo, pode-se dizer que a sobrevivência caiçara, a partir da pesca, é dificultada, pois o local de moradia original e de guarda do material utilizado na atividade pesqueira, nas praias ou bem próximo delas, tem sido pouco a pouco deslocado, dando lugar a pousadas, bares, restaurantes, entre outros comércios.

Concordo com Campanhola e Silva (2002) e Luchiari (2002), que o desenvolvimento do turismo em meio a paisagens naturais pode trazer diversas vantagens à região onde se instala, tais como geração de empregos; promoção da preservação de recursos naturais, culturais e históricos; e o favorecimento ao desenvolvimento de consciência ambiental, especialmente quando há trabalho de educação ambiental junto às comunidades locais, turistas e visitantes. Por outro lado, no entanto, pode afastá-las em função da comercialização destas paisagens através da especulação imobiliária; da empregabilidade de pessoas externas à comunidade local (em geral decorrente da baixa qualificação dos moradores originais para atendimento ao público e o pouco ou nenhum investimento dos Grupos Empreendedores e/ou do Poder Público neste sentido); e da elevação dos preços de mercadorias e serviços na cidade ou região.

Conforme pude observar no meu dia-a-dia como moradora, a mídia se apresenta como determinante na divulgação da ilha, favorecendo a atribuição de significados pelos turistas ao lugar como paraíso turístico e seus moradores como seres exóticos, podendo ocasionar relações conflituosas e alienadoras em relação aos sujeitos e seu mundo.²⁵

Lugares outrora de difícil acesso, já sentem maior presença do turismo, destacadamente nas comunidades caiçaras de Castelhanos e Bonete, nas quais a influência da lógica de mercado da indústria turística já se faz marcante.

Quanto ao PEI, este condena a diversidade a uma identidade imposta; assim só quem vive, mora, fala e come, como por ele definido é o verdadeiro caiçara. Tem se tentado

²⁵ Como moradora presenciei antes de iniciar este projeto várias situações em que o (a) turista achava que os moradores da Ilha deveriam estar à disposição. Em 31/01/2005, em um supermercado da cidade, uma senhora a quem foi solicitado mudar de caixa pois sua compra ultrapassava o limite de volumes permitido no caixa onde se encontrava, acabou por destratar o funcionário que lhe pediu isso e falou “ vocês tem que tratar muito bem o turista, como seria a vida de vocês sem nós? Eu lhe respondi que no que me dizia respeito, seria muito mais tranqüila.

impor ao caiçara um padrão de linguagem, de comportamento social, de hábitos e costumes, que buscam descaracterizar e corromper seu modo de vida e que acabam por ser adotados generalizadamente, como se esse modo de vida fosse o único aceitável. Isso também é propagado pelas autoridades públicas e responsáveis pelas políticas sociais, desconsiderando-se nestas instâncias que caiçaras da face urbana, das comunidades, deslocados de seu lugar pelo turismo, não podem reproduzir o mesmo modo de vida porque o contexto de cada espaço é outro. Esta impossibilidade de mesma representação é claramente demonstrada a partir das ilustrações a seguir:



Figura 11: Representação do seu local de moradia feita por uma criança moradora no bairro Guanxumas de Búzios, face não-urbanizada de Ilhabela.

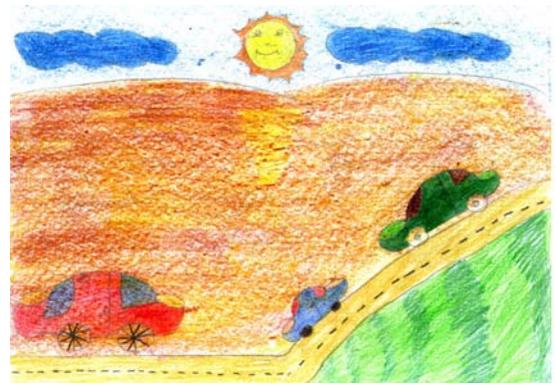


Figura 12: Representação de seu local de moradia feita por uma criança moradora do bairro Gleba, face urbanizada de Ilhabela.

Em outras palavras, a estrutura que rege o PEI concebe a identidade a partir de uma visão essencialista²⁶, que as pessoas *são* e não que *estão sendo* e esta visão está associada a uma intransigência em políticas que apenas consideram a conservação do *ambiente físico*, sem considerar *os seres que habitam o ambiente*, ou seja, política ambiental e de turismo não sustentáveis. Além disso, esta visão rouba do indivíduo a sua história.

De acordo com o documento “Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo” (BRASIL, 1994), elaborado pelo Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR) em conjunto com o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), o ecoturismo é tratado como

...um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência

²⁶ Essencialismo refere-se a crença na existência das coisas em si mesmas, não exigindo qualquer atenção ao contexto que fazem parte, confiando que as qualidades de uma coisa revelam-se a si próprias.

ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas (BRASIL, 1994, p.19). – grifo nosso.

Porém, segundo Luchiarri (2002), áreas de parques por vezes são destinadas exclusivamente à obtenção de lucro, e mesmo as modalidades de turismo de natureza, que aparentemente estão mais próximas de uma concepção de sustentabilidade são, freqüentemente, limitadas pelas estratégias de mercado e políticas públicas que tomam a natureza como uma mercadoria valorizada, tornando áreas naturais de exclusivo uso das elites econômicas.

Conforme apresentado no decorrer deste estudo, a identidade e a diferença não são coisas que estão aí, elas são produzidas em um determinado contexto de relações sociais e culturais no mundo; estão sujeitas às relações de poder e é este contexto que determina a sua significação (SILVA, 2000). Nestas relações de poder, uma das questões que acentuadamente se destaca é a ambiental, com a situação dos caiçaras vitimados perante a legislação do PEI e de supostas formas de conservação do meio, impedindo e/ou dificultando seu modo de vida original, através da impossibilidade de retirada de árvores para a construção de canoas (a menos que a árvore caia, o que, em geral, já indica inadequação da mesma), da agenda de datas definida para pesca pelos órgãos governamentais, pouco compatíveis com o calendário considerado mais apropriado pelos caiçaras, pela proibição de abertura ou reutilização de espaços para roça (plantio de mandioca, hortaliças, etc.).

essas entidades que existem e que controlam essas leis, e que não deixam mais o caiçara planta, oomomoo, eles não conseguem organizar de uma forma que dê para o caiçara continuá fazendo seu artesanato mas não destruir a natureza, que dê pro caiçara fazê a sua roça mas não destruí a natureza, mas por que não mais plantá mandioca? Pode planta mandioca..., mas a lei não deixa o caiçara fala... eu fui faze uma horta... uma plantação de mandioca nos fundos do meu quintal e o florestal veio, isso aconteceu em Castelhanos. Florestal não deixou, falou que eu estava invadindo o parque Estadual de Ilhabela..., e era nos fundos da minha casa..., o caiçara falou pra mim, quintal, eu não pude fazer uma roça de mandioca no meu quintal (VIII-64)

Este professor quase foi preso em 2005 por ter montado uma horta com as crianças da escola onde os mais “antigos” da comunidade ensinaram técnicas de plantio. Os alimentos colhidos na horta era usados para complementar a merenda da escola. Produtos perecíveis como legumes, verduras e carne não costumam ser enviados pela Secretaria de Educação devido à dificuldade de conservação no transporte e no armazenamento dos mesmos na escola. Ele quase foi preso por ensinar às pessoas maneiras de se alimentar melhor e por que não dizer, não morrer de fome, devido às imposições do Parque Estadual que regram a produção de alimentos nas áreas próximas ao Parque. (DC-X-3)

Com as dificuldades encontradas pelo(a) caiçara em viver a partir da pesca e da roça, muitos destes(as) tem migrado das comunidades tradicionais para a face urbanizada de Ilhabela, aumentando o contingente de subempregados e desempregados, que acabam por se alojar nos bairros mais pobres da cidade, encontrando grande dificuldade até para a subsistência. Desumaniza-se, *desenraiza-se o ser*, a custa de *conservar o ambiente físico*.

O passado destruído não volta nunca mais. A destruição do passado talvez seja o maior crime. Hoje a conservação do pouco que resta deveria transformar-se em idéia fixa. É preciso para com o desenraizamento terrível produzido sempre pelos métodos coloniais dos europeus, mesmo em suas formas menos cruéis. É preciso abster-se, depois da vitória, de castigar o inimigo vencido desenraizando-o ainda mais; é claro que não é possível nem desejável exterminá-lo, agravar sua loucura seria ser mais louco do que ele. É preciso também encarar, antes de mais nada, em toda inovação política, jurídica ou técnica suscetível de repercussões sociais, uma conciliação que permita aos seres humanos reencontrarem suas raízes. (WEIL, 1979, p.354)

Modos de aprender/continuar o trabalho são abandonados por alguns, como a pesca e a fabricação da farinha de mandioca, devido à desvalorização social/profissional/econômica destes saberes e práticas, como pode ser observado nos registros abaixo.

No meio da conversa surgiu o assunto do caite, folha que antigamente era usada para lavar roupa. A senhora disse que se lembra que isso era usado quando ela era criança, mas que agora é só pegar o Omo e pronto. (DC-II-21)

Uma senhora estava indo fazer farinha quando a encontramos. Perguntei a sua filha, se ela também sabia fazer farinha. Ela disse que não sabia e nunca quis ou teve vontade de aprender. A filha diz que todos aprendem a fazer farinha (crianças, homens, mulheres). (DC-II-19)

A implantação do PEI oprime de tal maneira o caiçara que não lhe dá oportunidade de continuar a ser alteridade, aliena-o, ensina-o a não-ser. Cada vez mais, o caiçara está tendo de se alimentar e viver (*ou deixar de...*) do modo como o sistema urbano pede. Este impedimento de tirar da mata a sua subsistência gera outras formas de exploração e opressão, tais como as provocadas pela falta de transporte para realizar compras no supermercado, que gera a exploração da parte de jipeiros (de modo geral ex-pescadores, quando membros da comunidade), que “... são a expressão do opressor “habitando” e dominando o corpo semivencido do oprimido” (Freire, 1995, p. 57).

Também ocorrem processos onde o caiçara é seduzido por um modo de vida urbano idealizado, que lhe acena com possibilidades de bem viver, que se tornarão reais

bastando para isso a transferência para um região urbanizada. Infelizmente, essa relação não é tão simples. O que se observa é a inexistência de mecanismos de diálogo entre a administração do Parque, turistas e as comunidades caiçaras que lá vivem, e a colocação de valores preconceituosos. Apesar do dito por Espada sobre o migrante e o turista serem os grandes depredadores do meio ambiente, exemplificado por ele com a ocupação do Morro do Cantagalo (categoria A, VIII- 69), atualmente já é notada a presença de caiçaras, vindos de comunidades de trás da Ilha (por exemplo a de Guanxumas e Vitória) morando no citado Morro.

Há ainda a problemática da perda do direito das terras por caiçaras se estes saírem da área do PEI. A discussão de tal assunto merece um aprofundamento, inclusive jurídico, que, pelas limitações pessoais, profissionais e de disponibilidade de tempo, neste estudo não será feito. Entretanto não parece se tratar apenas de uma questão legal, principalmente se lembrarmos que há várias pessoas influentes política, financeira e juridicamente, que não enfrentam o mesmo problema que o(a) caiçara pobre. Falamos de uma questão imoral e desumanizante, onde o que parece contar é o dinheiro e o prestígio.

Ao se falar de valorização da cultura caiçara, fala-se em “resgatar” a cultura e a tradição caiçara, em fazer as coisas acontecerem exatamente iguais ao que acontecia no passado. Não creio que seja possível fazer este processo de “recortar” do passado e “colar” no presente:

Porque o ser humano se encontra em permanente transcendência (e o postulado da transcendência significa a negação de toda e qualquer espécie de determinismo, acentua que os fins da **práxis** não podem ser deduzidos unicamente do presente e do passado (SÉRGIO, 1996, p.181).

Identificamos, por exemplo, o abandono de alguns caiçaras na participação de festas populares, como a Congada e o Caiapó, decorrente da mudança de religião e isto impedir que os habitantes caiçaras continuem a participar de tais festividades²⁷. Tais moradores não vão deixar de ser caiçaras porque não mais participam destas festas, por princípio religioso ora adotado.

Em seguida mostrou fotos de pessoas e locais, comentando acerca do contexto e período das mesmas. Dentre elas, falou a respeito do vestuário de alguns pescadores

²⁷ Quando realizamos o já citado projeto “Histórias da vida caiçara, em 2005, nos encontramos com o senhor que antigamente era um dos líderes do Caiapó em Ilhabela. Ele nos disse que hoje em dia já não existia mais tal grupo, pois muitos dos integrantes haviam mudado de religião e agora esta não “permitia que eles batassem tambor”.

que se encontravam na foto de calças compridas dizendo se tratar de evangélicos, uma vez que a religião não permite aos homens o uso de bermudas. No que se refere à religião falou também que há várias pessoas da comunidade que não participam mais de festas pois mudaram de religião, são agora evangélicos e não podem mais participar de festas e nem beber. (DC- XI-6)

Apesar da força com que se agride o mundo caiçara, também há força contrária; apesar de haver processos educativos que buscam oprimir e alienar o(a) caiçara, estes mesmos geram reações a eles, tais como os processos educativos descritos nas categorias *valorização da cultura caiçara* e *resistência*, onde se fala de liberdade, de solidariedade, de luta por um mundo melhor, de “esperançar”, como descrito por Freire (2005) em *Pedagogia da Esperança: como ação de busca da realização efetiva das utopias*. As falas de Flor de Maracujá (XII-18; XII-15) e Praia da Fome (X-70; X-71) me recordaram outra obra de Freire (1980), *Pedagogia do Oprimido*, na qual afirma ser a liberdade uma conquista, uma:

Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem. Não é também a liberdade um ponto ideal, fora dos homens, ao qual inclusive eles se alienam. Não é idéia que se faça mito. É condição indispensável ao movimento de busca em que estão inscritos os homens como seres inconclusos (p.35).

Essa busca pela liberdade também se reflete no viver caiçara quanto à escolha, se quero ser ou não quero ser caiçara no modo tido como tradicional, se continuo sendo ou não posso mais ser caiçara por viver outros modos de vida... Isso faz com que seja constante a tensão entre o ontem e o hoje, entre os ensinamentos e valores familiares e comunitários e os que se recebe dos que vem de fora de Ilhabela, entre a tradição e a inovação. Mesmo vivendo estas tensões, o caiçara não se extingue, mas muda, inclusive anatomicamente.

Estas mudanças no modo de vida e de trabalho, de *se movimentar* e brincar, já são possíveis de ser observadas anatomicamente. Uma das mais gritantes características fenotípicas dos(as) caiçaras do passado é a pele judiada pela ação do sol, vento e mar a que ficam expostos na lida diária, mãos calejadas, dedos grossos, pés com uma conformação que a primeira vista me lembravam raízes. Sola e dedos dos pés parecem se agarrar à areia, à pedra e aos barcos para a estabilidade desejada. Essas características ainda são observáveis entre os mais velhos e moradores das comunidades tradicionais. Já na área urbanizada, ainda que existam pessoas que lidem com o mar e a terra, tais características se apresentam menos acentuadas.

Com base nos dados, e mesmo enquanto moradora, noto em Ilhabela o aumento das propriedades cercadas/muradas, mesmo nas comunidades tradicionais, propriedades estas não pertencentes às famílias caiçaras. Percebemos, atualmente, que ainda se mantêm situações que remetem à invasão européia do século XVI, tais como a grilagem de terras, compra ou apropriação indevida das terras do lugar, especulação imobiliária.

Neste sentido, Baleia (2005) fala das dificuldades de caiçaras atualmente terem a posse de terras em Ilhabela. Uma delas, que se propaga por toda a região, é a quase impossibilidade de financiamento para a compra da casa própria, já que na grande maioria das vezes, não há a escritura definitiva destas terras, mas sim o termo de posse. Além disso, em Ilhabela, atualmente, encontra-se em vigência um projeto de lei que determina a área mínima a ser construída para que o projeto da obra possa ser aprovado na prefeitura, tornando-se um limitante para a legalização. Cada vez mais quem pode pagar por mais terra, tem direito à terra.

Ao mesmo tempo, percebo que ainda existem alguns(mas) caiçaras com seus quintais comunitários, inclusive em alguns bairros da face urbanizada de Ilhabela. Enquanto moradora de um bairro onde ainda são comuns tais quintais, com pequenas casas distribuídas em meio a eles, com caminhos que só são conhecidos por aqueles que ali habitam já vivencio a especulação imobiliária, aluguéis altos e por vezes para turistas de temporada. Apesar disso, tais quintais me falam de pertencimento, de ser reconhecido como parte do grupo, de proteção. Inclusive moro em um desses quintais, os quais mantêm a estrutura física descrita, Há também refúgio dos(as) caiçaras ao sertão, assim por eles(as) denominadas as regiões de adentramento para a área mais central da ilha, com presença de mata fechada, maior distância da praia e que são menos exploradas e habitadas, ao mesmo tempo que menos valorizadas.

Relacionados à resistência, notamos processos educativos de cooperação na vida em comunidade e na tentativa de facilitar e ter facilitado a vivência na Ilha, tal como na compra de repelente ou na pesca de cerco

Dois pescadores vindo de Castelhanos souberam *Paula* estávamos precisando de repelente e se ofereceram para comprar na cidade e nos trazer no dia seguinte por volta das treze horas. Aceitamos, lhes demos o dinheiro e pedimos que trouxessem três tubos.(DC-VIII-5)

Nas diversas comunidades da área não urbanizada há resistência de alguns moradores à presença e atuação da Prefeitura Municipal, como apresento nos trechos de registros a seguir:

Esta senhora. comentou que os homens se não estão pescando não fazem nada, nem roçam. Ela foi a única moradora da comunidade que ajudou a puxar a água para a caixa d'água quando esta foi instalada e é ela que a verifica quando há algum problema de falta de água. Ninguém mais faz isso, mas todos usufruem a água encanada e é ela quem costuma subir a merenda até a escola (DC-I- 19)

comentou que quando a caixa água chegou lá, eles descarregaram sozinhos e nenhum dos homens da comunidade ajudou (Isto aconteceu também em Guanxumas durante a subida do material para a construção da nova escola, que foi discutida com a comunidade anteriormente). (DC-I-20)

Nos diários de campo identificamos processos educativos relacionados à prática social da construção da identidade entre crianças, em seus jogos, brinquedos e brincadeiras, algumas destas remetem ao aprendizado de papéis sociais e profissões, como o ofício da pesca no “canoar” em Serraria (DC – I) ou em Castelhanos (DCVIII). Outras brincadeiras já remetem a acontecimentos recentes e demonstram forte influência do crescimento do turismo, tais como brincar de jipeiro (DC-VIII).



Figura 13: Brinquedos utilizados por garotos em Castelhanos para brincarem de "jipeiros"(Foto: Clovis Claudino Bento)



Figura 14: Menino brincando de canoeiro em Castelhanos (Foto: Denise Correa)

Entre os adultos também ocorrem descrições relacionadas às atividades lúdicas, como os bailes noturnos e jogos de futebol. Na observação da maioria destas atividades ficaram evidentes processos educativos relacionados ao fazer junto, ao respeito, à amizade, à afetividade, ao festejo.

Como visto, o mundo acadêmico tem produção sobre a construção do ser caiçara e, por vezes, foi possível perceber logo no início das falas de alguns dos depoentes uma descrição do caiçara que reproduz algumas destas concepções inclusive, estereotípicas, carregadas de uma visão estática de identidade e de mundo, apesar do processo de construção da identidade tratar-se de algo extremamente dinâmico, pois sempre está *sendo-com-os-outros-ao-mundo*, no sentido existencial.

No que se refere à formação escolar, destacada positivamente nos depoimentos de Espada e Flor de Maracujá, esta se apresenta como necessária, tendo em vista que quem não tem acesso a esta, fica em posição de fragilidade, pois a partir daí vem uma série de preconceitos. Porém, devemos ter cuidado, pois ainda reproduzimos pensamentos e atitudes opressivas de negação e de transformação do outro em mesmo, que foram praticadas pelos colonizadores há mais de 500 anos, o que dificulta a aceitação e a valorização de diferentes manifestações e construções por parte de nossos(as) alunos(as). Ensina-se muito sobre o que está nos livros e pouco sobre o vivido por aqueles a quem se destina a educação escolar.

A instituição escolar nem sempre se abre a culturas marginalizadas, os currículos escolares não são flexíveis para incorporar todo mundo; na verdade, por vezes, ocorre um apagamento destas culturas. Há um grande desconhecimento mútuo, e a escola mais do que não levar em conta os conhecimentos e valores diferentes do que os propagados e desejados pela hegemonia dominante, faz com que seja desejado o apagamento da memória destes conhecimentos. Isto provoca no aluno oriundo de um grupo marginalizado, uma recusa e um (des)conhecimento de si próprio; sua família, sua casa, suas origens, deixando-o completamente perdido. Vai para a escola e deixa a si mesmo de fora, já que a escola não quer receber o aluno por inteiro, e isto faz com que, na maioria das vezes, não voltemos com mais do que fomos.

...no conjunto das exclusões ética e politicamente inaceitáveis, a primordial e mais grave, porque paralisa tudo o mais, é a exclusão da própria memória. A exclusão ou a interdição da memória, a separação cultural da ancestralidade, o impedimento de um imaginário próprio, diferencial do imaginário senhorial instituído socialmente, tem o poder de reduzir os indivíduos a um presente absoluto. E reduzir a um presente absoluto, impedir a criação do passado e conseqüentemente, do futuro significa privar os indivíduos da sua humanidade (Cunha, citado por CONCEIÇÃO, 2003, p.14).

Não se pode ignorar o alerta dado por Dussell (s.d.) ao afirmar que a pedagógica imperial domestica, coloniza o educando, pois o entende como *não-ser*, ao mesmo tempo em que deprecia as culturas dos povos colonizados ou oprimidos, introjetando nestes

os valores pretendidos pelo império. Chama a isso “civilização”, quando na verdade prega a alienação. Para Dussell (s.d.) é na pedagógica que se formam os operadores da dominação, os dominados e os libertadores. Em última análise, tudo depende do projeto que um sistema pedagógico tem. Não se pode falar de mundo e de totalidade sem falar do *Outro* e dos projetos pedagógicos destinados ao *Outro*, ou a transformar o *Outro* em o *Mesmo*. Em Ilhabela e mesmo em outras cidades da América Latina, é comum observar que os sistemas vigentes têm como projeto a cultura imperial, negando o projeto da cultura popular.

Inegavelmente, a tentativa de sublimar a alteridade que vimos sofrendo desde a invasão do continente americano e do litoral norte paulista, tem obtido um certo êxito, tendo em vista a existência de pessoas justificando a diferenciação da representatividade de um determinado grupo social dentro da sociedade, devido à sua identidade (sejam ela, caiçara, negra, etc.). O preconceito e a sublimação fazem com que o caiçara comece a negar e a envergonhar-se de si mesmo, fazendo com que as situações de desigualdade se reproduzam. A falta ou a pouca presença de referenciais caiçaras provocam uma sensação de solidão, de perda de identidade, fazendo com que a manutenção de identidade e o comprometimento com seus valores sejam prejudicados.

Acredito, por isso, que se faz premente a necessidade de um projeto político e educacional público produzido em diálogo igualitário com a comunidade, que valorize o saber caiçara e o respeito à diversidade, à atitude ética, à sustentabilidade ambiental, considerando este o humano *sendo-com-os-outros-ao-mundo*.

Tal projeto deverá contemplar, no meu entendimento, o fortalecimento das identidades não só caiçaras, mas também dos grupos/culturas/etnias socialmente marginalizados, particularmente apoiando professores da educação básica na formação de escolares e intervenções no âmbito da educação básica, tais como encontros e vivências entre todos os integrantes da comunidade escolar, incluindo aqueles com necessidades especiais, na perspectiva de promover o conhecimento e o respeito sobre as mesmas.

...A afirmação da *alteridade* do outro não é igual à igualdade liberal. Mesmo a luta pelo reconhecimento do outro *como igual* (aspirando a sua *incorporação* no mesmo) é algo diverso da luta pelo reconhecimento do Outro *como outro* (aspirando, então, a um *novo sistema do direito* posterior ao reconhecimento da diferença). A afirmação da alteridade é muito mais radical que a homogeneidade do cidadão *moderno*. Trata-se da institucionalização de um direito heterogêneo, diferenciado, respeitoso de práticas jurídicas diversas... (DUSSEL, 2007, p. 148)

Tais intervenções serão pautadas pela Pedagogia Dialógica (também denominada Libertadora ou Freireana), na qual Freire (1980; 2001; 2005) propõe tal

perspectiva educacional que se inicia quando o educador se pergunta com o que vai trabalhar, investiga a comunidade onde vai trabalhar (pais, mães, alunos/as, professores/as, funcionários/as, moradores/as...) descobrindo o que a pessoa já sabe e, descobrindo o que sabe, pode aprimorar seu conhecimento, ou seja, construir o conhecimento a partir do “saber de experiência feito”, fazendo-se o diálogo imprescindível, até mesmo porque podemos nos equivocar em nossas interpretações, devendo-se, portanto, trocar o falar *para* pelo falar *com*. (FREIRE, 2005, p.28).

As citadas intervenções se apresentam como um possível espaço para que reflitamos sobre as relações entre o ser humano e o meio ambiente, auxiliando a todos(as) os(as) envolvidos(as) no reconhecimento de seu pertencimento a este.

É um alento saber que aquilo que foi construído pode ser desconstruído e/ou reconstruído, incluindo as escolas que podem ser vistas como forma de resistência, de transformação, como um *locus* onde exista o necessário clima de respeito e confiança que favoreça o diálogo entre as culturas, e as pessoas tenham seus conhecimentos respeitados.

Silva (2003, p.188) diz que “...conduzir a própria vida implica aprender e também ensinar outros a fazê-lo. E isto envolve edificar-se (edificar a nós mesmos), pôr sentido no mundo e em si mesmo, usar as palavras, livrar-se do sofrimento causado pela opressão e pelo descrédito.” Creio que no desenrolar deste projeto de estudo, cada um(a) de nós nele envolvido aprende(u), ensina(ou) sobre a própria vida e enquanto ouvíamos e vivíamos esta história, nos questionávamos, o pensamento foi se formando e transformando. Aprendemos, indiscutivelmente, novos caminhos para conduzir nossas próprias vidas, libertando-nos.

Encerro este estudo (com gosto de começo, pois há muito a fazer) dedicando-o às pessoas que compartilharam e não de compartilhar comigo no *sendo-uns-com-os-outros-ao-mundo*, seja através da leitura ou da participação direta trabalho, e incluo a fala do poeta:

Se estamos aqui reunidos estou contente. Penso com alegria que tudo quanto escrevi e vivi serviu para nos aproximar. É o primeiro dever do humanista e a fundamental tarefa da inteligência assegurar o conhecimento e o entendimento entre os homens. Bem vale haver lutado e cantado, bem vale haver vivido se o amor me acompanha. (NERUDA, 2001, p.94)

Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 2^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ADAMS, Cristina. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. In: **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 2000, v. 43 n° 1. p.144-182.

ALMEIDA, Antônio P. Usos e costumes praianos. In: DIEGUES, Antônio C. (org.). **Enciclopédia caiçara: História e memória caiçara**. v IV. São Paulo: Hucitec – NUPAUB-CEC/USP, 2005, p.47-60.

BEDERMAN, Maria T. C. **Dicionário didático de português**. São Paulo: Ática, 1988.

BOGDAN, Roberto; BIKLEN, Sari. Notas de campo. In: BOGDAN, Roberto; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto (Portugal): Porto Editora, 1994. p.150-175.

BRANCO, Alice. **Cultura caiçara: resgate de um povo**. Peruíbe: Etecê, 2005.

BUENO, Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FDT, 2001.

BRASIL (Presidência). **Casa Civil**. Lei Federal N° 9.985, de 18 de julho de 2000. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_3/LEIS/L9985.htm. Acessado em 15 fev.2008.

BRASIL. MICT/MMA. **Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo**. Brasília: Embratur/Ibama, 1994.

CALVENTE, Maria de Carmen M. H. Ilhabela: turismo e território. In: DIEGUES, Antonio Carlos (org.). **Ilhas e sociedades insulares**. São Paulo: NUPAUB-USP, 1997. p.93-109.

CAMPANHOLA, Clayton; SILVA, José Graziano da. O lazer e o novo rural. In: BRUHNS, Heloísa T., GUTIERREZ, Gustavo L. (orgs.). **Enfoques contemporâneos do lúdico: III ciclo de debates lazer e motricidade**. Campinas: Autores Associados / Comissão de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Unicamp, 2002.

CORRÊA, Iracema F. L. **A congada de Ilhabela na festa de São Benedito**. São Paulo, Escola do Folclore, Livramento, 1981.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papyrus, 1995.

DECCA, Edgar. Cidadão, mostre-me a identidade. In: **Caderno Cedes**. Campinas, v. 22. n. 58, p.7-20. dezembro/2002.

DIEGUES, Antonio Carlos. As ilhas e arquipélagos tropicais brasileiros: práticas sócias e simbólicas. In: _____ (org.). **Ilhas e sociedades insulares**. São Paulo: NUPAUB-USP, 1997, p.3-36.

_____. **Ilhas e mares: simbolismo e imaginário.** São Paulo: HUCITEC, 1998. p.3- 36.

_____. Esboço de história ecológica e social caiçara. In: Diegues Antonio Carlos (org.). **Enciclopédia caiçara - história e memória caiçara.** São Paulo: editora Hucitec – NUPAUB-CEC/USP, 2005. vol. IV. p.273-319.

_____. História e memória caiçara. . In: Diegues Antonio Carlos (org.). **Enciclopédia caiçara - história e memória caiçara.** São Paulo: editora Hucitec – NUPAUB-CEC/USP, 2005b. vol. IV. p.29-55.

DUSSELL, Enrique D. **Para uma ética da libertação latino-americana III: Erótica e pedagógica.** São Paulo: Edições Loyola / Piracicaba: Unimep. s/d.

_____. **1492.** El encubrimiento del otro hacia el origen del “mito” de la modernidade. La Paz: Plural Editores/Facultad de Humanidades y Ciencia de la Educación,. 1994.

_____. **Filosofia de la liberación.** Bogotá: Editorial Nueva América, 1996.

_____. **Europa, modernidade e eurocentrismo.** Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/pt/Dussel.rtf>. Acesso em 15 nov. 2007.

_____. **20 teses de política.** Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales – CLACSO; São Paulo: Expressão popular, 2007.

ENTREVISTA de Paulo Freire à Carlos Lyra. In: LYRA, Carlos. **As quarenta horas de angicos: uma experiência pioneira de educação.** São Paulo: Cortez, 1996, p.174-197.

DI FELICE, M.; MUÑOZ, C. (orgs.). **A revolução invencível: cartas e relatos.** Boitempo Editorial, 1998.

FIORI, Ernani Maria. Conscientização e educação. **Educação e Realidade,** Porto Alegre, v11, n.1, p.3-10, jan./jun., 1986.

FRANÇA, Ary. **A ilha de São Sebastião: estudo de geografia humana.** São Paulo, Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Boletim 178. Geografia nº 10. 1954.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. **Política e educação: ensaios.** São Paulo: Cortez, 1997. (Coleção Questões da nossa época: v. 23). 3ª. Edição.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 19ªed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** 12ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOMES, Nilma L. **A mulher negra que vi de perto: o processo de construção da identidade racial de professoras negras.** Belo Horizonte: Maza Edições, 1995.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz. **Lazer e novas relações de trabalho em tempos de globalização: a perspectiva dos líderes das centrais sindicais do Brasil e de Portugal.** 2003. Tese (Pós-Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, Lisboa (Portugal).

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? IN: SILVA, Tomaz T. da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. URL: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 10/03/2004.

JARAMILLO ECHEVERRI, Luis. Motricidad humana: ¿cultura del cuerpo o cuerpo cultural? In: **III Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: o lazer em uma perspectiva latino-americana, 2007.** São Carlos. **Anais...** (CD-ROM)

KUNZ, Elenor. **Educação física: ensino e mudanças.** 3ªed. Ijuí: Unijui, 2004.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, nº19, 2002, p.20-28.

LUCHIARI, Maria Tereza D.P. A mercantilização das paisagens naturais. In: BRUHNS, Heloísa T., GUTIERREZ, Gustavo L. (orgs.). **Enfoques contemporâneos do lúdico: III ciclo de debates lazer e motricidade.** Campinas: Autores Associados / Comissão de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Unicamp, 2002.

LUZ, Marco Aurélio de O. **Agadá: dinâmica da civilização africano-brasileira.** 2ª ed. Salvador: EDUFBA, 2000.

MARTINS, Joel **Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como poíesis.** São Paulo: Cortez, 1992.

MARTINS, Joel.; BICUDO, Maria A.V. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos.** São Paulo: Moraes/EDUC, 1989.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MERLO, Márcia. **Entre o mar e a mata: a memória afro-brasileira: São Sebastião, Ilhabela e Ubatuba.** São Paulo: FAPESP/EDUC, 2005.

NERUDA, Pablo. **Presente de um poeta.** São Paulo: Vergara & Riba Editoras, 2001.

Prefeitura da Estância Balneária de Ilhabela. URL: <<http://www.ilhabela.sp.gov.br/homepage.html>>. Acesso em 07/07/2004.

SÉRGIO, Manoel. **Epistemologia da motricidade humana**. Lisboa: Edições FMH, 1996.

_____. **Motricidade humana**: contribuições para um paradigma emergente. Lisboa: Instituto Piaget, Coleção epistemologia e sociedade, 1999.

_____. Para um novo paradigma do saber ... e do ser. In: **Libro de Actas. IV Congreso Internacional de Motricidad Humana**: motricidad y desarrollo humano. Imprenta Provincial: Porto do Son (A Coruña), 2005. p.18-25.8.

SILVA, Tomaz T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz T. da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p.73-102.

SILVA, Petronilha. B. G et al. **Práticas sociais** , o que são? 1º semestre de 2005. Material para fins didáticos. PPGE/UFSCar.

_____. **Práticas sociais**, o que são? 1º semestre de 2007. Material para fins didáticos. PPGE/UFSCar.

SILVA, Luiz. História caiçara e ciências sociais no Brasil. In: Diegues Antonio Carlos (org.). **Enciclopédia caiçara** - história e memória caiçara. São Paulo: editora Hucitec – NUPAUB-CEC/USP, 2005b. vol. IV.

SOARES, Carmen. L. **Educação Física**: raízes européias e Brasil. Campinas: Editora Autores Associados, 1994.

_____. Corpo, conhecimento e educação. In: SOARES, Carmen (org.). **Corpo e História**. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2001. – (Coleção educação Contemporânea). Capítulo 6, p.109-29.

TÁPIA, L. E. R. Método em fenomenologia. In: MARTINS, Joel.; DICHTCHEKENIAN, Maria. F. S. F. **Temas fundamentais da fenomenologia**. São Paulo: Ed. Moraes, 1984. p.69-74.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América**: a questão do outro. São Paulo, Editora Martins Fontes , 2003.

VALLA, Victor V. A crise de interpretação é nossa: procurando compreender a fala das classes subalternas. **Educação e Realidade**, 21(2), 1996, p.177-190.

VILLELA, A. **Favelização no litoral norte**: um modelo de turismo e seu impacto na estrutura urbana. Monografia (Graduação) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo. 2003.

WEIL, Simone. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

Entrevistados(as)

ATUM. **Discurso IX.** Entrevista realizada em 2007.

BADEJO. **Discurso III.** Entrevista realizada em 2005

BALEIA. **Discurso II.** Entrevista realizada em 2005

CAUÊ. **Discurso XIII.** Entrevista realizada em 2008.

ESPADA. **Discurso VIII.** Entrevista realizada em 2007.

ESTRELA DO MAR. **Discurso IX.** Entrevista realizada em 2006.

FLOR DE MARACUJÁ. **Discurso XII.** Entrevista realizada em 2008.

GOLFINHO. **Discurso V.** Entrevista realizada em 2006.

LUA DE ILHABELA. **Discurso VI.** Entrevista realizada em 2006.

ORQUÍDEA. **Discurso XI.** Entrevista realizada em 2007.

PRAIA DA FOME. **Discurso X.** Entrevista realizada em 2007.

SIRIVIANA. **Discurso I.** Entrevista realizada em 2005.

TONINHO. **Discurso VII.** Entrevista realizada em 2006

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – O que caiçaras falam sobre ser caiçara

Discurso 1 - Siriviana

- Eu vi de que estava faltando um conceito mais estruturado. Então a pergunta é: O que é ser caiçara, para você?

- Ser caiçara para mim? (1) Ser caiçara para mim é viver na ilha, sem toda essa, esse o progresso enorme, exagerado que está vindo para cá. é ter, saber, conhecer éé'toda a história do meu povo. É o que se fazia antigamente, como era, as festas... , manter viva as festas, que hoje elas já estão um pouco ééé... sofisticadas do que era antigamente.... éééé, já não é tão assim, a dança, as festas, elas não são exatamente como elas eram, ela já sofreu um pouco da sofisticação que é deste progresso que veio.... Então (2) quando nós íamos na festa de São Pedro, o pessoal ía logo cedo, por que? Porque o píer ficava completamente lotado e todo mundo queria entrar em qualquer barco que fosse, pra participar da procissão de barco. Hoje não. (3) Hoje são pouquíssimos os barcos que participam, são poucas as pessoas... .. naquele tempo dos antigos as datas mantinham-se as datas das festas, hoje já não se mantém. A festa de São Pedro, ela não é realizada no dia 29 a procissão; ela é feita o final de semana, por que? Porque tem turista, as pessoas gos... querem participar, principalmente quem participa da pesca oceânica, participa da festa. Então eu acho que deveria se manter o dia e depois se fizesse uma pra que eles participassem. Então, pra mim (4) ser caiçara... é manter dentro de mim, do meu filho, passar pra ele realmente como era, o que era o lugar onde eu morava, hoje já não é mais o mesmo. O progresso já..., ééé..., já encobriu todo ele, então (5) hoje eu já não posso ir nas cachoeiras que eu ia... com o livre acesso que eu tinha, já ta as , as cachoeiras hoje já ta toda cercada. Então meu filho já não pode ir na cachoeira, eu já não posso leva-lo, como eu ia brincar na cachoeira. (6) Eu não tenho aquele acesso à praia onde eu jogava bola, onde eu corria sem te-tá esbarrando ééé nas cadeiras e mesas dos quios... dos quiosques... a nossa... o pessoal que mora ali já foi empurrado pro canto da praia porque o resto da praia tá todo tomado pelo quiosque, né? As cadeiras. Então... o (7) o caiçara hoje, mesmo são muito poucos e aqueles que mantém aquilo que era deles. Hoje já nós não fazemos mais o melado. Éé como se fazia. A minha avó plantava cana, meu vô moia, nós fazíamos o melado puxa-puxa em casa, hoje, não tem mais isso. Então (8) pra mim já está se perdendo um pouco do que é ser o caiçara, por mais que a Cultura ela faça tudo isso, mas não é a mesma coisa. Não existe mais. Por que? A cultura tá sendo ali só daquele pedaço, a cultura, ela não ta indo... nos lugares distantes, não tem como. Não é que não tem como. Ééé tudo aquela... tudo é empecilho, né? aquela barreira que você bate, né? ah!, porque tem que pedir autorização. Ah, por que não tem... huuum como ir, não sei o que. (9) Como é que que vai leva a cultura pra criança se você não pode levar na vila, pra assistir uma congada, não dá pra trazer uma congada pra cá porque... não tem... condução. A Prefeitura não fornece, não ajuda! então acho que (10) caiçara hoje é uma pergunta até difícil de se responder pra quem é o caiçara mesmo hoje, porque eu acho que assim, o progresso foi... tão desordenado que a cultura, ela deixou de ser ... meio de lado. Infelizmente o progresso apareceu, o caiçara teve que acompanhar, e de uma certa forma ele foi empurrado pros morros,e a orla e a nossa cultura mesmo ficou tomada pelo turista. (11) Não que o progresso não se faz necessário, lógico que precisa, mas... o caiçara mesmo em si hoje perdeu muito do seu valor, né?, do que é. As grandes festas hoje é formada por quem?... Só por nós caiçaras. ... (12) eu fico assim meio triste... porque eu..., muita coisa do que eu fiz, do que eu vivi como caiçara aqui morando, o meu filho hoje não vive, não tem, não não pôde ver, eu ... muito pouco eu pude ver o cai o caiapó. Realmente. ... poucas festas de São Pedro eu assisti. Congadas, ééé, eu vi muito pouco. Congada mesmo, com o pessoal meesmo. Hoje já tem se que praticamente, participa-se da congada quem quer, porque a congada antiga eram devotos de São Benedito mesmo. Hoje... qualquer um, até um filho de turista se quiser participar da

congada, ele participa, (13) então quer dizer que ...eu acho é muito... até uma pergunta difícil, difícil até de se responder hoje : O que é ser um caiçara. Devido a tudo isso que aconteceu. (14) A gente... eu mesmo, a gente acaba perdendo um pouco da nossa identidade... porque a gente acaba deixando de lado certas tradições, certos costumes. ... Morreu! Eu mesma como caiçara, eu sei que morreu dentro de mim um pouco daquilo... que eu tinha, que eu fazia e que eu não passo para o meu filho. Porque pra ele, hoje não interessa ser caiçara, ... não é movido pelo espírito caiçara. Tem o Projeto Navegar . (15) Projeto Navegar não é caiçara.... É movido pelo o que? pelo, pelo,... pelo esses triatlons da vida..., que não é caiçara. Caiçara nosso o que que é? É corrida de canoa. Mas você tem que praticamente que ...chamá: Meu, vamô participá?... Vamô participá da corrida de caiçara? Porque num vai. (16) Ser caiçara é a procissão de barcos, é os pescadores por livre e espontânea vontade. Vamu! Vamu enfeita o barco e fazê bandeirinhas, enfeita o barco, hoje, sabe, é catado, olha vai tê procissão, precisamos de barco. Já não existe mais. São... São Pedro era lindo. Era lindo! Gente, era barcos e barcos na praia... participando. Hoje a gente fica lá, você conta... na praia um, dois, três quatro... num tem. (17) Achei ,uma coisa legal o que o *Espada* fez, ele conseguiu resgatar uma festa lá trás. Tava morta há anos, anos, anos (estala os dedos)... e olha que o povo de lá pode se considerar muito mais caiçara do que eu que moro aqui. Porque com tudo, com tudo, eles ainda conseguem manter a vida deles ali, pescar..., sua vidinha, seu jeito. Hoje aqui não. Hoje aqui é o carro, é a moto. Se não tiver ônibus eu não vou. ...Se não tiver isso, ah, não vou. Vou no mercado, tudo eu quero pronto, não quero mais fazer, porque já tem pronto. E antes a gente fazia. (18) Antes meu avô plantava a horta dele. Ah, vamú lá pegá um pé de alface, vamos pegar a couve. Hoje não, vamo no mercado. Ta lá, pra que que eu vo plantá, pra que que eu vou colhe. Tá pronto! (19) Então eu acho... É difícil, Silmara, responder hoje o que é ser um caiçara de verdade... (20) Porque eu digo pra você, dentro de mim já morreu grande parte do ser caiçara... Porque o mundo é esse que a gente ta vivendo. Ele vai te tomando de uma certa forma, te envolvendo... que se você não tiver mesmo ali, aquela consciência, cê vai embora (faz gestos com as mãos, batendo o dorso de uma na palma da outra representando que nada será feito se não houver ação efetiva das pessoas e dela própria) e deixa o barco corrê. E, infelizmente, é o que eu sinto hoje. (21) Gostaria mesmo que meu filho tivesse experimentado muita coisa do que eu fiz, Silmara. Não me arrependo de nada do que eu fiz enquanto fui muleca naquela praia do Viana. Fiz de tudo! Corri, pulei, joguei bola, tal. Meu filho não faz mais nada disso na praia... Num dá! A praia não é mais nossa!.. as ca.. A cachoeira não é mais nossa, nós entrávamos a hora que quiséssemos na cachoeira lá por cima, subia aquele morro,... nadava,... ia embora... Entrava, pegava naqueles pé de manga, jabuticaba, goiaba... Hoje não pode mais nada. Tá tudo cercado. Tudo cercado! A cachoeira praticamente... a água tá assim,... tá fio...(22) fazenda do Siriuba? Nossa senhora! Era pé de jambro, jabuticaba. Aquilo lá a gente assim... subia lá pra cima... conhecia tudo. Hoje nada. Você tem o que que? Entrá escondido pra entrá lá na cahoeira. Pode uma coisa dessa? Pode? Depois de tê? De sabê que eu nadei. Meu filho hoje nem conhece...lá. conhecê como? Tá tudo cercado. Vô te que invadi terreno que tem cachorro, ...caseiros. É difícil, diz hoje o que é ser caiçara. É complicado. Mais fácil você dizer o que é uumm..., uma criança do ano 2000 (riso). É muito mais fácil do que você dizer o que é ser caiçara... Acho que é isso aí que eu tenho pra ti fala. Não sei se eu respondi...

- Lógico que respondeu. Lógico que respondeu...

- Mas é o que eu sinto assim...

- Provavelmente. Provavelmente, não, eu vou usar esta entrevista no meu trabalho e pra registro eu preciso que você me dê seu nome completo...

- *Siriviana*.

-... e a sua idade...

- trinta... peraí, deixa eu fazer as contas...66, agora é 2005. olha só eu me perco na conta. trinta e noove.

- trinta e nove? Então é isso. Obrigada!

Discurso II - Baleia

- A pergunta é a seguinte: o que é ser caiçara, prá você?

- ser caiçara. (1) Ser caiçara pra mim... é ser uma pessoa... ééé humilde... solidária...Hoje,...tá perdendo seu espaço... e tendo que se adequá, eu acho... (2) A a realidade de hoje é outra, é totalmente diferente. E o caiçara sofre com isso... Porque paga... paga por um preço muito alto ééé, desde a alimentação até vestuário... porque é preço que nós pagamos de turismo... (3) Você não consegue nas lojas, por exemplo, da vila, comprá uma roupa, porque as lojas de lá são roupas.. ... prá poder aquisitivo maior ééé ... turista mesmo. A gente vai no supermercado a gente paga o dobro... Mas ser caiçara... (4) eu me sinto feliz em ser caiçara e está se acabando... É um povo em extinção, o caiçara... São poucos. A gente vê pelas salas que.. onde a gente dá aula, se pergunta: Levanta a mão quem é caiçara... de trinta, meia dúzia levanta a mão... então eu acho que é um povo em extinção....

- Que acrescentar mais alguma coisa?

- Não.

- obrigada.

O gravador é desligado e ela começa a conversar comigo sobre o assunto. Como considero o que ela me diz interessante, pergunto se eu posso religar o gravador e ela diz que sim.

- Qual era a realidade do caiçara, **Baleia**?

- Realidade?... Ah, eu tenho 45 anos... (5) A realidade era totalmente diferente de hoje... Nós vivíamos praticamente da pesca..., das plantações... existia muita fartura.. ééé.. de...plântio de-de batata, mandioca, feijão,... milho. Tinha as casas de farinha, onde se fazia a farinha, bolo..., todos pescavam..., então nunca faltava o peixe e nem a farinha... e eram poucas as coisas que se comprava no supermercado.... era totalmente diferente de hoje.... (6) Hoje o... o caiçara tem que ir ao mercado porque nem terra prá plantar tem... (som da televisão ao fundo). Muitos venderam suas terras..., foram embora... outros..., passaram a ser até caseiros daqueles que compraram suas terras... pro caiçara hoje ter um pedaço de terra e sua casa própria é um privilégio..., porque antes era totalmente diferente... O povo era humilde..., mesmo os jovens, né?, de antigamente... eles não buscavam grife. Hoje,... filho de caiçara costuma... até a roupa de grife, desde a roupa de grife (som da TV ao fundo) até... porque ééé outras pessoas vieram e.. eles embutiram isso neles, né? Tem que andar... igual... ao turista.

....

O silêncio se prolonga e ela faz sinal para eu desligar o gravador.

- Seu nome?

- Meu nome é **Baleia**.

- Sua idade?

- ... e tenho 45 anos. Caiçara, filha de caiçara.

- Brigada, **Baleia**

Discurso III. - Badejo

- A pergunta é: o que é ser caiçara, para você?

- (1) nos dias de hoje ou no consenso geral?

Sorriso para ele e não respondo nada.

- é... (2) ser caiçara ... primeiramente é... vem da questão, da questão geográfica, né? ...A pessoa que nasce ééé na beira de praia, ou cidades... que tem praias são consideradas caiçaras, mas (3) o caiçara... nato mesmo é aquele que vive da pesca, vive da cultura tradicional caiçara... e e isso seria o o o aquele caiçara verdadeiro, né?, onde (4) hoje não existem tantos caiçaras assim. Então (5) acho que hoje já não tem tantos caiçaras devido a vinda da cultura de outras pessoas.... O crescimento turístico aqui na Ilhabela tá como fator primordial pra que haja a extinção dos caiçaras.

- E o que era ser o caiçara?

- (6) ser o caiçara é a pessoa que vivia da terra, vivia da pesca, saía cedo pra cuidá da sua horta, da sua plantação, ia visitar a rede todos os dias,... vivia da pesca e da, e da lida e hoje em dia não é bem assim.... Vem a, (7) vem a questão da família também. Que antes era muito ligado a família tradicional caiçara, os, os filhos geralmente moravam junto com os pais ou na, na própria terra. O pai tinha sua casa e quando o filho fosse casá ele já construiria no próprio terreno da família. Hoje em dia não existe isso. hoje em dia já não tem todo esse vínculo tão forte dos pais com os filhos na cultura caiçara...

- Mais alguma coisa?

- Acho queee, acho que em suma caiçara seria isso, ... (8) mas infelizmente não temos tantos caiçaras, né?. Eu mesmo sou filho de caiçara, mas não vivo da cultura caiçara. Isso são, isso são coisas que vão evoluindo com o próprio mundo né? Porque vem um monte de influência de fora. O, o,o (9) e tem o fator econômico também. Hoje em dia se você for viver da pesca, o caiçara não tem espaço na Ilhabela. Porque tem o crescimento, tem os barcos de fora que vem... se o caiçara for viver simplesmente de uma canoa pequena pra sair e largar uma rede ele... nem peixe ele vai te pra pescá.... porque vem os barcos maiores e pegam todos aqueles peixes. Eles... não tem nem o espaço para pescar eles tem hoje em dia. Então, são fatores que acabam influenciando, realmente pra que acabe com, pra que extinga a cultura caiçara. (10) Tem o artesanato também que já não existe mais... se você for ver na Ilhabela, só nas comunidades tradicionais que existe o artesanato caiçara. Aqui na frente já não existe mais. É tudo o preço que a gente paga pela evolução do lugar. Cresceu tanto que se a gente não acompanhar este crescimento a gente vai ficá pra trás..... E num vai tê espaço. ... É isso. Tá bom?

Faço sinal que sim

- Tá bom?

- Agora você fala o seu nome e a sua idade.

- **Badejo**, 26 anos.

- Pronto, **Badejo**.

- Nossa, hein?

Risos.²⁸

28 Passados alguns minutos ele retornou e me disse, ainda que não exatamente com essas palavras: “eu não pesco, eu não vivo da roça, não moro nas tradicionais, nem barco eu tenho. Mas eu sou caiçara, sou filho e neto de caiçara, toda a minha família é caiçara e é com eles que eu aprendi a ser caiçara. Não sei te explicar isso muito bem, mas é isso, é mais do que nascer no litoral e viver deste jeito; tem a ver também com os nossos valores.” O dito por Badejo caminha lado a lado com o apresentado por Daolio (1995) que diz que desde o seu nascimento, é através de seu corpo que o indivíduo vai adquirindo normas, padrões, crenças e valores culturais característicos da sociedade onde está inserido e que devem nortear seu comportamento, ficando evidente que o conjunto de posturas e movimentos corporais representam valores e princípios culturais, dentro de um espaço/território social, cultural e historicamente construído.

Discurso IV – Estrela do Mar

- A pergunta é: O que é ser caiçara para você?

- (suspiro). ai, ai, meu Deus. Eu tenho que pensá prá fala?... (fica em silêncio por vários segundos). Tantas idéias que eu tô tendo ... o que é ser caiçara... (sussurrando). (1) Bom, é ser caiçara pra mim éééé ...que eu posso falá?... , preservá a cultura... que foi passado diii..., pelos meus pais... . Nossa, deixa eu ver... e passá pros meus filhos, pra nova geração tudo o que eu aprendi..., preservá... e não deixa que issooo... de uma maneira ou de outra ...com influência, com as novas influências que chegam à Ilhabela (Toninho entra, nos cumprimenta e conversa por alguns momentos com ela). Diz aí, Silmara,...(2) os filhos,... é, meus filhos, né?, é com esta nova influência... que tá chegando em Ilhabela..., que ela não venha a fazer com que mude até a a a personalidade, a cultura do nosso povo..., né. Mais alguma coisa?

- E assim, o que seria esta cultura, esta personalidade do seu povo?

-... Bom, esta cultura seriaaaa... Como que eu posso te explicá?... (fica em silêncio por vários segundos) (3) esta cultura mesmo de preservação, deee.. de tá fazendo com que eles não se envergonhem do eles são... porque... com a influência de turismo às vezes eles se sentem envergonhados... por ser... muita gente se sinta envergonhado por ser caiçara.... e a nossa cultura ééé..., nossa, principalmente Ilhabela, ela é riquíssima... então a gente não pode deixar morrer... ééé o que a gente aprendeu: à preserva, ééé... o respeito com a comunidade, as tradições, as festas, que isso tudo agora tááá tão sendo resgatados né?. Então é isso que eu tento passá pros meus filhos.. que não deixe morrer esta cultura... Que mais?... Que mais? ... nossa gente, (4) ser caiçara é ser feliz (risos). É tudo de bom (risos)... tem mais alguma coisa que eu não respondi que você quer saber?

- Eu quero saber o que é caiçara pra você. Só isso.

- É isso... Eu acho que eu já respondi, Silmara... (pensa por alguns momentos).

Eu acho que eu já respondi!

- Tá bom.

- Que mais você quer saber? Mais alguma pergunta?

- Não.

- Só isso?

- Só isso! Obrigada. Seu nome e sua idade.

- Nossa! Meu nome é *Estrela do Mar*, tenho 40 anos e sou caiçara.

- Pronto.

- Só isso?

- Só isso.

- Mas eu achei tão pouco. Não qué sabe mais nada?

- Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?

- ...Não. Se você perguntar até que eu... eu vou te respondendo um bocado de coisa...que tu qué sabe?

- Eu quero saber o que é ser caiçara, para você.

A fita acaba e quando lhe digo para esperar um pouco pois vou virar a fita, ela diz que não precisa se esta é a única pergunta. Agradeço a entrevista.

Discurso V - Golfinho

- A pergunta é: o que é ser caiçara para você?

- O que é ser caiçara?...Falei prá você que você ia fazer uma pergunta difícil (risos).... Ai, ...(1) Num sei assim, explica o que é ser caiçara. Mas... eu acho que... tirando por base assim os caiçaras que a gente conhece lá, de trás da ilha... é um pouco di di, assim se envolver com a cultura, di di assim levá mais à sério. Porque eu falo assim... A gente hoje..., porque eu falo, (2) eu já nasci num... não tenho nenhum parente que realmente nasceu aqui... que saiba assim a tradição da pesca, do artesanato. Então eu, por isso que eu falei assim, eu sou, sou considerada caiçara porque nasci aqui. Mas acho que (3) caiçara mesmo é aquela pessoa que se envolve com , com a história da cidade, que... tem, né? a cultura mais assim... na pele mesmo de saber... de pescar, de sempre ter um pescador na família..., de saber alguma coisa sobre o artesanato. Eu num, (4) num tenho muito isso assim, comigo, né? Já nasci naquela fase mais moderna. (5) Minha mãe viveu na época que tinha salga, lá na, na praia do Pinto. Então, assim, vivenciou um pouco mais, acho que você lidá com a terra, com com essas pessoas, assim. Eu já não. (6) Eu já nasci numa Ilhabela mais moderna, não tê contato com com, estas coisas assim. Então, é difícil responder, Sil, o que é ser caiçara. (7) Eu acho que, que eu assim, como cidadã ilhabelense deveria estar mais envolvida em tentar manter viva a história da cidade, em fazê alguma coisa. Mas eu nasci em uma era tão moderna que eu nun, nunca me liguei muito... com isso. (8) Não tenho contato com caiçara, caiçara mesmo, aquele povo, sabe?, que gosta de comê o peixe... Eu mesmo, peixe é uma vez por ano. Sabe, não é aquela coisa que... O caiçara mesmo, nem só caiçara, muitas vezes as pessoas que vem de fora, eles têm por hábito comer muito peixe, éé...esses frutos do mar. Eu já passo longe disso. (Risos) Então até nisso eu falo que é diferente do ser caiçara. Eu acho que ser caiçara é mais uma pessoa ligaada à terra, à cuultura da cidadi. E (9) eu acho que eu estou sou distante disso, assim. Num ligo muito pra essas coisas. Eu num sei assim te dizer muito o que é ser caiçara pra mim. Que eu acho que eu sou uma caiçara meio falsificada, entendeu? (risos).

- É caiçara.

- Não. A gente... (10) Digo, caiçara por ter nascido numa cidade litorânea, mas não de ter vivido a a cultura, o hábito do caiçara, mesmo, que tem a família toda que nasceu aqui. Eu não tenho isso dado. Eu sou bem..., (11) eu sou muito cidade! Acho que..., tô mais assim pra uma pessoa que nasceu em em São Paulo, em São José,que é ligada mais à tecnologia e não aquelas coisas da terra, assim, do lidar no dia-a-dia. Então, (12) não tenho muito como explicar o que é ser caiçara, porque não me traz..., não me sinto tanto parte assim da cidade.... nesse ponto de... (13) Eu vejo muito que os caiçaras, eles, eles lutam prá manter a cultura deles, pra mantê viva, pra passa sua tradição pros filhos, então eu não me incluo muito nisso, porque eu não tenho... a família, assim, caiçara mesmo. Então, num sei... , (14) num tenho noção desses, dos os valores deles. Os meus valores são totalmente diferentes dos deles. Num tenho muito em comum prá falá pra você : Ó, sê caiçara é isso...Não é... Porque eu não vivo isto, eu não sinto isso em mim. Então, é difícil descrever. Bom, meu nome é **Golfinho**... Completo? **Golfinho**, tenho 26 anos e sou funcionária pública.

- Mais alguma coisa?

- Não.

Discurso VI – Lua de Ilhabela

- A pergunta é: o que é ser caiçara pra você?

- ... Para mim, o que é ser caiçara?... Bom (1) eu tenho muito orgulho de ter nascido aqui... em Ilhabela .uma coisa assim..., as pessoas sempre falam assim: ***Lua de Ilhabela*** ééé... já tive até proposta de ir embora. (2) Por esse amor ao município, por esse amor a Ilhabela, por este amor à minha tradição, uma coisa que me arrepiava mesmo, me arrepiava, ééé, eu me, eu me emociono de fala, eu não consigo sair daqui. Caiçara pra mim, (3) não tem como te definir o que é caiçara,... ser caiçara. (4) Eu posso te definir o que: que eu amo muito este lugar, não sairia daqui jamais. (5) Sou muito grato a Deus, sou grato a Deus mesmo. No caminho do trabalho, qualquer percurso que eu faço, eu agradeço a Deus por ter nascido aqui .eu me sinto privilegiado e escolhido por Deus por ter nascido aqui. Podia ter nascido num lugar desprivilegiado eu acredito..., eu penso assim numa favela, ééé..., tá debaixo de viadutos na rua. Enfim, (6) eu hoje eu moro num município assim tranquilo, onde eu éé eu amo este município. (7) Acho que pra mim é um conjunto ser caiçara. É nascer aqui, conviver com pessoas como eu convivo. Eu convivo muito com pessoas nascidas mesmo daqui. Valorizar minha tradição.ééé tenho orgulho de ter nascido, ter orgulho desse ser caiçara, de falar dessa forma que a gente fala...rápido, estabonado eee (8) até a *Gabriela* e que trabalha aqui comigo,é uma moça que trabalha aqui comigo, ela veio de Curitiba e ela chegou aqui e ela não tocava na gente. Toda assim(faz gestos mostrando como ela agia). E hoje, hoje ela chegou... deve até tá me ouvindo agora, ela chegou e me deu um toque, falei: tocou. A *Gabi* já tá tocando. Acho que ser caiçara é isso. Nós somos inocentes, nós somos puros. Nós temos a história de tocar de pegar e que hoje em dia é muito difícil. Acho que pra mim ser caiçara é isso...(9) eu tenho muito orgulho disso...

- Quer acrescenta mais alguma coisa?

- Num sei se eu acrescentaria... mais alguma? Num sei... (10) eu falei da minha cultura... do orgulho, do toque, dos meus amigos , das pessoas. nós somos muito unidos sabe... eu tiro por mim assim ... acho que é isso... viver nesse lugar aqui maravilhoso é isso. (11) Eu me sinto assim... eu me sinto esse caiçara sabe, eu me sinto muito aberto... sou muito aberto, sou muito verdadeiro.. ééé até as pessoas falam: ***Lua de Ilhabela*** cê não pode ser assim. Por que? Acho que isto faz parte inclusive da minha criação caiçara. Entendeu? É uma coisa que meus pais sempre me ensinaram. A mentira não. A mentira traz conseqüências ééé que não são boas e eu acredito nisso e por acreditar nisso eu acabo trazendo essa verdade, fazendo a coisa acontecer . Entendeu. Enfim...

- Seu nome completo?

- Meu nome é ***Lua de Ilhabela*** Benedito (ri). (12) É bem caiçara em Ilhabela. Benedito por que a gente tem a festa de São Benedito, apesar da gente , da padroeira nossa ser Nossa senhora da Ajuda do Bom Sucesso. Na verdade (13) o São Benedito, o Santo Benedito, é assim que a gente fala, o Benedito Santo ééé' muito festejado devido á Congada de São Benedito que é uma manifestação né caiçara há mais de duzentos anos e Benedito, (14) este ***Lua de Ilhabela*** Benedito minha mãe conta que eu era uma promessa da minha avó eu na verdade sou o décimo primeiro Benedito da família.. (risos) . É muito engraçado isso. Sou o décimo-primeiro. Conte! Nós fizemos um dia a conta, eu sou o décimo Benedi, o décimo - primeiro Benedito da família. Que minha avó era, era devota a São Benedito e quem pagou a promessa fui eu (risos). (15) A princípio não gostava muito. Porque assim,... apesar de ter pego uma família, minha família é toda tradicional de Ilhabela, assim, desde dos meus tataravôs, são tradicionais, avós, tanto paterno quanto materno são filhos aqui da Ilha mesmo...eee veio a evolução. Eu peguei uma fase da evolução assim já né ééé, o turismo chegando eee eu tinha uma vergonha desse Benedito, sabe? Tinha uma vergonha e depois eu aprendi na verdade ééé ao trabalhar depois como educador, eee ver na verdade, valorizar na verdade a minha tradição. A tradição, ver a beleza, ver o santo com outros olhos, e hoje na

verdade eu tenho muito orgulho de me chamar Benedito. *Lua de Ilhabela* Benedito significa. *Lua de Ilhabela* bendito e a minha avó deu um super presente para mim já me abençoando logo no batismo. *Lua de Ilhabela* bendito do, agradeço ela por este nome, inclusive, hoje.

(16) Os valores também mudaram, né? Com a chegada do turismo, aquela adolescência, a gente vira meio bichinho, né? Quer ser uma coisa que não é. Eu graças a Deus não me perdi.

(17) Consegui... na verdade veio também o trabalho com as comunidades caiçara, como o coração da Imaculada Conceição, lá na Armação. Na verdade eu comecei a ... o magistério que me ajudou muito, na verdade o curso de magistério nós tínhamos aqui no Gabriel a festa do folclore de Ilhabela, nós tínhamos a festa folclórica e a minha turma, nós sempre fazíamos peça de teatro com lendas, com causos, com contos e aí começou a nascer mais a paixão pela minha cultura, pela cultura desse povo. ...é isso?

- É isso. Lindo. Obrigada.

Discurso VII - Toninho

- O que é ser caiçara para o senhor?

- O que é ser caiçara? É (1) ser caiçara é uma pessoa que nasce no litoral e aqui faz uso dos costumes e das tradições tem um amor pela terra e cultiva todo um histórico da tradição do habitat, do habitante da região. (2) O caiçara é uma pessoa bastante inteligente ééé uma pessoa capaz. Isso fica demonstrado pela sua necessidade de achar meios para sua sobrevivência que nem sempre é uma situação fácil por falta dos recursos principalmente os caiçaras mais antigos, como é que eles sobreviveram a todas essas transformações que o litoral vem sofrendo; (3) merece um tratamento, merece uma legislação pertinente a sua preservação ao seu seu direito como os índios têm....

- Mais alguma coisa?

- (4) O que eu poderia acrescentar é como o caiçara é a questão do como o caiçara se adequa sofrendo com as influencias daqueles que vem de outras regiões e aqui se instala o caiçara tem que conviver com tudo isso. (5) Nós temos que é um caiçara bastante acomodado, nós temos o caiçara que é só pescador, fica só no mar e temos o caiçara que mora e cultiva a sua terra e que luta para cada vez mais sua região ter condições de vida melhor. (6) O caiçara é tido como uma pessoa indolente mas não é bem isso. Ele tem a sua cultura e como é o ser humano dentro do seu recurso para a sobrevivência. O caiçara ele planta, ele colhe, o caiçara tem as suas, a sua tradição folclórica, o caiçara pesca, ele sabe como se manter o com condições de vida superando todas as suas adversidade, todas as suas dificuldades. Se assim não fosse o povo caiçara já estaria extinto. (7) O que lhe prejudica muito é a influência imobiliária né, que aí quando chega nós vemos isso até em filme, em novela, e quando chega não há o que segure, até atropela e aí acaba tirando um pouco essa... esse ritmo e esse situação de vida do povo que mora ao longo do litoral. (8) A gente espera que ainda tenha alguém que se preocupe com essa questão, fazer algumas prevenções legais para que o caiçara se mantenha vivo e em condições de vida ideal mas que se mantenha em seu , suas regiões....

- Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

- Não. Quero saber que mais você gostaria que a gente colocasse.

- Não. Eu quero saber o que é caiçara para o senhor, só isso.

- (9) Caiçara é um homem de grande valor, um cidadão de grande valor. Éé', caiçara é um homem de brio de uma postura correta, obviamente que existe um ou outro que sai por aí, mas é uma pessoa de palavra, um cidadão que através da sua convivência antigamente dizia assim que não tinha nada muito por escrito, que era no fio do bigode. Então o caiçara é um homem muito honrado, e muito digni... na sua cidadania. (10) Acho que ser caiçara ééé muito orgulhoso, embora muitas pessoas critiquem alguma forma do caiçara ser. Mas ninguém consegue de repente parar pra ver o que é que fizeram com o caiçara. Invadiram sua terra, mudaram a sua tradição, mudaram seu hábito alimentar, mudaram ééé, exploraram e quiseram menosprezar e aí às vezes existe uma pequena revolta por conta disso. As pessoas que pra cá vieram se aproveitaram um pouco da bondade do caiçara em oferecer vantagens e dela tira frutos que às vezes foi irrecuperável para o caiçara. Teve que vender suas terras depois se tornar empregado na própria terra que ele cultivou terra dos seus antepassados, (11) mas caiçara é um homem de vigor. ...

Faz sinal que acabou.

- Diz pra mim seu nome completo

- Toninho.

- Sua idade.

- 55. Filho de caiçara, nascido em São José dos Campos, com 13 dias de volta pra Ilhabela. (risos).

- Prontinho.

Discurso VIII - Espada

- Coisas da tecnologia aqui, sabe?

- A pergunta, ééé.. do meu projeto é assim : O que é ser caiçara, para você?

- Ai, ai, tão difícil essa pergunta. Menina do céu e da terra. (risos). O que é ser caiçara para mim? (1) Pra mim ser caiçara ééé... É ir para o mar. É pescar,... não é?. É viver da pesca e da roça. Éé plantar a mandioca, é fazê farinha... Ééé... que mais?(2) Que é ser caiçara... .. É dançar o Quebra-Chiquinha. Ééé... é fazer fogueira para São João. Dixa eu vê o que mais que é ser caiçara... é extrapolar, que caiçara extrapola pra caramba.

- Extrapola como?

- Extrapolar assim... porque o (3) caiçara ele tem muito assim a ... como eu vou te explicar isso daí?. Ele, o caiçara, ele tem muito como que se fala?... Pávio curto, entendeu? Não com as pessoas de fora, sabe? Mas dentro da sua aldeia. Então qualquer coisa, eles ficam bravos por muito pouco, eles brigam por muito pouco, eles discutem por muito pouco, ficam de mal... um com o outro . ééé.... faz parte da convivência dele, da história deles,... da vida cotidi, do cotidiano deles a briga, a discussão, o xingo, o mal dizer, como também as rezas, as venedeiras, hã, que curam ,né? Caiçara também é vencer, é curar, mas também é brigar, é xingar, entendeu?... E também é amar porque eles brigam e daqui a pouco já ta tudo certo, já ta tudo bem, um vai pra casa do outro. Existe uma liberdade muito grande entre eles, um entra na casa do outro, é uma grande família. Ser caiçara é ser uma grande família dentro de uma aldeia, como nas comunidades tradicionais. São todas iguais! (4) Tanto Bonete como Búzios, como Castelhanos, não tem diferença entre uma e outra. É tudo muito igual, muito parecido, o linguajar é idêntico..., né? e a forma de vida também. Porque eles pescam, eles dançam, eles gostam de festa, eles brigam entre eles, mas eles também se amam... Deixa eu ver o que que tem mais para dizer do caiçara.... O que é ser caiçara?...(5) é ser verdadeiro, ser honesto, justo,... acolhedor. Porque, na verdade, oo caiçara... de tão... bom coração que o caiçara tem, sabe? de tão acolhedor que o caiçara é, ele acabou se ferrando o caiçara, né?, porque (6) em 1932, com a queima do cartório em São Sebastião, os caiçaras nativos perderam a... a..., eles perderam a... a escritura definitiva de suas terras, né? e eles foram obrigados a sair, eles migraram um monte de caiçaras para Santos, pra.. ééé Santa Rosa, Guarujá, entendeu? porque aí começou a entrar os grileiros, a história da especulação imobiliária em Ilhabela e o caiçara foi sumindo da Ilha e de acordo com isso as tradições também foram in... caindo, certo? E aí, isso foi matando o caiçara. Hoje em dia o caiçara tem uma revolta muito grande dentro dele por causa dessa história..., que eles sofreram muito nessa época, né? Porque eles também não queriam, eles gostavam muito de viver aquela vida que eles viviam, né porque...(7) há um tempo atrás não tinha nada lá atrás da ilha, não nem tinha médico, hoje em dia tem tudo isso, né?. Tem médico, tem... eles tem acesso, eles podem vir aqui, eles compram o que quiserem, nada falta, como antes também nada faltava, mas era uma coisa mais natural. As doenças eram curadas com ervas. Tinha todo um misticismo, porque o caiçara é ser místico, também. Porque os curandeiros, que nem a história do Antonio Inácio que conversava com os animais, conversava com as cobras, curava as pessoas de mordida de cobra, não tinha vacina. (8) O soro quem fabricava da mordida de cobra era seu Antonio Inácio, ele era o médico da tribo e as venedeiras também. algum tipo de doença que uma criança tinha, ia lá a venedeira rezava e a criança curava e pra cada tipo de doença era um tipo de reza, um tipo de erva. Ééé ... tem doença que se vence com fogo, tem outras que se vence com faca, tem outras que se vence com mato, tem outras que se vence na beira da cachoeira, tem outras que tem que pular sete ondas, pra podê vencê. Então..., é uma coisa assim enlouquecedora a vida do caiçara, né. Uma coisa assim muito mística, muito ...impressionan, a gente fica impressionado, né?, (9) Porque é uma vida completamente diferenciada de qualquer um outro tipo de vida, é uma coisa muito única a vida do caiçara, desde o linguajar, né? do caiçara, né. Porque é uma coisa única o linguajar, porque você não

vê o linguajar de nenhum lugar, como também alguns tipos de tradição do caiçara também só é tido aqui, na ilha. Por exemplo, a congada de Ilhabela, não tem uma congada igual a congada de Ilhabela. Tem vários milhões de tipos de congada, mas a congada da ilha não existe outra igual a ela. Entendeu? E outros tipos de dança também, né? que eram dançadas aqui, não só a Congada. O caiapó, é completamente diferente também apesar de não, de não existir mais, de ter acabado o caiapó, né? É uma coisa única também que não tem outra dança do Caiapó em qualquer outro lugar como a dança do caiapó aqui de Ilhabela né?... Que mais que eu posso te falar?

(10) Ser caiçara é ir pra mata, é caçar, é comer macuco, macaco, ééé hum... é dormir na mata, ... Putz, tem tanta coisa pra falá (risos).

- Fala tudo!

- Que mais? O que é ser caiçara? acho que é só. Que mais? Me diga, me diga.

- Não sei... , to querendo saber de você

(tosse)- O que que é ser caiçara?... (11) É defender os seus direitos, a sua origem ... muitos caiçaras ficam tão felizes quando eles conseguem ééé... ver um, uma coisa que não, que há muitos anos não acontecia e de repente vem a tona de novo, sabe? Então, você vê nas carinhas dos caiçaras mais antigos como a *Dona Geralda*, a *dona Lola*,... a *Dona Cida*, éé a *dona Eulalia*, né, (12) quando a gente resgata uma coisa, a gente põe de novo identicamente como acontecia há 50 anos atrás, há 60 anos atrás,... que elas tinham doze anos, dez anos na época e hoje elas tem 80, 90 anos,... elas ficam assim... emocionadas..., uma comenta com a outra, sabe? “Puxa, podia ser, a ilha está perdendo esta coisa pitoresca, essa coisa de ilha mesmo, né, essa história da magia, da, da coisa do folclore, das festas”, daquela coisa mais íntima do caiçara, né? que não tem mais agora aqui na ilha. (13) Também migraram tantas pessoas pra cá né?, completamente diferentes, a maior parte dos caiçaras saíram da ilha. A minoria hoje aqui, da população é caiçara. A maioria são negros, baianos, nordestinos,né?, que vieram pra cá em busca de construções, né?. Que é o que eu te falei, (14) a especulação imobiliária matou um pouco a vida do caiçara. Mas (15) o caiçara é fazer a rede, é fazer o artesanato, as tranças de palha, é comê biju..., é comê ova de tainha... seca, que tem..., (16) o café da manhã do caiçara é uma delícia muito grande, né, porque antigamente comia... abacate, ééé farinha; a gente comia um gomo de abacate, uma colherada de farinha, um pedacinho de savelha seca frita, entendeu? e o café. São essas coisas..., humildes, simples, o pirão da banana verde, né?, ... e é uma sustância tão grande, isso é ser caiçara. (17) Ser caiçara é ser humilde, com a sua cultura, sabe?, com a sua dignidade,... é mostrar a sua origem, né? Ser caiçara principalmente hoje em dia, né? (18) É tão difícil ser caiçara hoje em dia..., porque já não dá mais pra ser caiçara hoje em dia, né?, porque a gente num, caiçara é andar descalço, é pé no chão, é por qualquer roupa, é num ta nem aí com nada, caiçara é viver, é ser feliz, caiçara é a vida da felicidade, né, da, da harmonia..., hoje em dia é difícil você ser um caiçara nativo como antigamente, né?. Porque os poucos caiçaras que ainda vivem hoje assim... são olhados de uma forma... bem diferenciada, assim com preconceito. Porque se você ver um caiçara dentro do ônibus hoje você vai olhar e você vai saber que é um caiçara..., de tão desproporcional que ele vai tá das outras pessoas que tá lá, isso um caiçara antigo hoje em dia dentro de um ônibus, porque caiçara jovem, adolescente, já tão todos com roupinha de marca, a idéia já é outra, o sentimento já é outro; num tem mais aquela ...inocência, sabe, aquela coisa do bem, que o caiçara... tradicional... tem.... Que mais? (risos) ai meu deus do céu. Silmara, só tu (risos). Só bóis mesmo, Silmara. Caramba! ... (19) ser caiçara... é morar em casa de barro..., com chão pisado..., que mais que é ser caiçara? ... ai (20) eu acho que ser caiçara é tudo de bom.(risos). É ter uma felicidade muito grande. Eu, por exemplo, me orgulho muito de ter nascido aqui na Ilha, num lugar maravilhoso desse, de ter tido os meus avós, que são caiçaras nativos, super, completamente nativos, meus tataravós,

né? e de ter convivido um pouco da minha vida junto com eles. E de vê eles falarem aquele linguajar deles, “Minino, onde tu ide agora, pelo amor de Jesus”. isso daí pra mim é tudo de bom, sabe? (21) é uma coisa assim, eu me orgulho de falar que eu sou um caiçara, que eu nasci no Saco do Sombrio, que eu vim de trás da ilha. Tem muita gente, não sei, pode até ter vergonha de falar isso, né, mas eu, (22) eu sou um professor hoje, né?, tive uma oportunidade, que... a maior parte dos caiçaras não tiveram, de trás da ilha né?, mas eu tive essa oportunidade de sair da cidade, de estudar, de ter uma outra visão, tanto que quando eu voltei (23) eu voltei já enlouquecido pra resgatar tudo o que tinha sido perdido, né?. Eeee, e durante um tempo até que eu consegui, resgatar alguma coisa, fazê alguma coisa da história nativa do caiçara, trazer à tona, né? fazer estes caiçaras, ééé... sorrirem de novo, éé... verem, né, de novo uma coisa que há tantos anos não acontecia mais, mas é muito difícil você... trabalhar... com o resgate da cultura, de uma coisa que já não existe mais, e de repente você fazer a coisa existir de novo é uma coisa muito complicada mesmo, é muito difícil. Mas, o caiçara merece, principalmente o caiçara de Ilhabela. Ilhabela tem uma história muito linda, assim, muito diferenciada eee completamente paralela à história do Brasil, é uma história importantíssima dentro do nosso país. Muitas coisas que tavam acontecendo... existem muitos paralelos, né? da história do Brasil com a história da Ilha... e com a história européia também, com tudo né, com a história de Luiz de Camões quando ele estava em Gota, das coisas que estavam acontecendo na Ilha nesta época, né?, tem uma relação tão incrível. Ahn...

(24) Eu acho que ser caiçara é tudo de bom... (risos). Eu adoro ser caiçara (risos). E é isso, pra mim ser caiçara é isso. (25) ... É fazer rede, é ir pro cerco²⁹, né?, a pesca do cerco também é tão interessante... É isso, não sei mais te falar, é tanta coisa que aparece na cabeça da gente que... (26) É ser hospitaleiro, eu já falei isso, eu acho... é criar galinha, ... é trabalhar muito ... pelo seu sustento, pelo sustento da sua família, trabalhar com dignidade... com felicidade, com amor. Caiçara... nativo tem muito amor naquilo que ele faz, sabe?. Ele se sente muito digno de ser o que ele é e de fazer o que ele faz...(risos). Eu acho que é isso, num, num me lembro mais.... Faz outra pergunta! (risos).

- Tem mais alguma coisa, assim, que você gostaria de acrescentar?

- Diferente, né, esta entrevista (risos). Foi a primeira, Eu já fui tantas vezes entrevistado mas uma pergunta só, eu tenho falar tanta coisa (tosse)

O que eu gostaria de acrescentar é que assim, (27) eu acho que deveria ter um trabalho muito, mas muito sério em relação ao resgate da história de Ilhabela, porque eu acho que Ilhabela é uma cidade, agora que ela já tá toda transformada, né? Ela... (28) é uma cidade turística, né eee por ser uma cidade turística eu acho muito importante a história... da ilha, porque se o turista vem pra cá, se for um turista, dependendo do turismo, se tiver sido trabalhado... na cidade...; eu penso assim em trazer um turista culto pra cá, um turista que entenda de meio ambiente, porque Ilhabela é 80% mata atlântica, né?, é uma preservação, tem muitas cachoeiras..., (29) é uma cidade que eu acho que o poder público tinha que ter um interesse maior em resgatar a história tradicional de Ilhabela, em nível de espetáculos mesmo, pra mostrar mesmo a história da ilha pro turista, porque o turista vem pra cá eles não conhecem a história da ilha, eles num sabem, eles vem pra cá porque Ilhabela é um lugar de descanso, é um lugar... de natureza, é um lugar pra eles ficarem, relaxarem, descansarem, mas existe uma procura muito grande da, do que foi Ilhabela, de como que era, da história,

²⁹ Segundo alguns moradores de Praia Mansa no cerco utiliza-se redes e bambus. O bambu ajuda a flutuação da rede mantendo um dos lados da rede na superfície em formato circular, ajudando também a demarcá-los. Há também alguns pontos da rede com ancoragem ao fundo e um local aberto onde os peixes entravam e de lá não conseguem mais sair. Em geral o cerco fica próximo a uma encosta e uma das partes da rede é fixada lá com uma espia (similar a um grande prego fincado à rocha na encosta). Chegando ao cerco flutuante eles se dirigem juntamente com outras pessoas que os acompanham na canoa reboque para retirada dos peixes presos na armadilha feita com rede

Ilhabela tem uma história tão vasta, né. Agora com este trabalho do.. do Plácido... (30) com os sítios concheiros, essas descobertas, que existiam os pré-históricos dois mil e quinhentos anos antes de Cristo e depois toda a a história da linguagem jea e aí vem os índios, os tupinambás, e aí vem todas as histórias dos piratas e tal; que eu acho que isso deveria ser colocado de uma forma primordial, eu acho, porque a ilha, ela não pode perder essa coisa pitoresca, essa coisa da magia da..., que isso que envolve, eu acho, as pessoas, essa coisa mágica que a ilha tem, por mais que não esteja à flora a tradição da ilha, mas ainda você sente esta coisa da magia em cada canto da cidade, né?. Então (31) eu acho que se a gente começa a dançar de novo o Quebra-Chiquinha, o pau de Fita, o Vilão , a congada, o Caiapó, a ciranda, a saraválha, o João -bambu e tudo mais e começar a ter os pratos típicos de novo..., né?e a ter simpósios mesmo, sabe? sobre o linguajar, sobre a cultura, sobre as roupas, sobre as vestimentas, sobre... eu acho que deveria ter um resgate... tanto da parte social quanto da parte ambiental porque o caiçara, na verdade, (32) hoje em dia também ele, ele... as pessoas até falam: “Ah!, mas o caiçara num plantá mais, o caiçara num isso mais ,o caiçara é um vagal, o caiçara...”, tem muito essa fala, sabe?, mas o caiçara foi completamente podado porque a partir do momento que entrou o Parque Estadual, o caiçara não pode mais plantar mandioca, o caiçara num pode mais fazê a farinha, o caiçara num pode mais..., né?, o caiçara não pode nem entrar no mar mais, pra pescar. O caiçara num pode mais largar o cerco no lugar tal porque... sabe?, as lanchas passam, destroem o cerco. o cerco é uma peça caríssima..., sabe? não é barato! Você fabrica o cerco, você faze o cerco, é caríssimo. (33) O caiçara não tem grana, porque ele trabalha pra sobreviver, é o sustento dele aquilo lá... Entendeu? O caiçara não tem dinheiro pra ta assim... O dinheiro que ele ganha é o dinheiro que ele come, que ele compra as ropinhas, que ele faz as coisinhas, porque ele vive numa vida muito humilde, muito, muito natural também, né?,mas muito humilde também, o caiçara não tem grandes pretensões na vida, a vida dele é aquilo ali e pronto. Mas também (34) ele foi muito podado pelo poder público ee... pelo parque, né. O parque... Pra você ver, hoje em dia você vai ver quantas casas de farinha existem. sabe, (35) eu tenho um projeto de, do resgate das casas de farinha não consegui fazer nenhuma casa de farinha. Eu consegui restaurar uma casa de farinha na Ilha de Búzios, mas foi uma casa de farinha que eu consegui restaurar na Ilha de Búzios com o dinheiro do meu bolso, só que eu sou um professor, eu também luto pra sobreviver, eu não tenho dinheiro prá montá uma casa de farinha em cada comunidade pra eu poder ter o prazer de ir na comunidade e faze uma farinha junto com o pessoal de Castelhanos, faze uma farinha junto com o pessoal do Bonete , faze uma farinha, que eu adoro isso, sabe?. Mas eu acho que... teriam que investir nisso, sabe? ta acabando... num tem mais casa de farinha na ilha. É uma das coisas. (36) A pesca de cerco ta acabando, são pouquíssimas pessoas que pescam de cerco e o cerco foi uma coisa ééé... vinda da tradição dos japoneses, que os caiçaras adquiriram isso né?, 1920 com a chegada dos japoneses e toda aquela coisa linda que aconteceu no Saco do Sombrio. E na época o Saco do Sombrio ficou em 11º lugar com a história da pesca do cerco. No livro do Ary França ele fala muito sobre isso, né? ... Eee (37) estas coisas estão acabando mesmo, estão se perdendo mesmo. Eu acho que daqui mais uns... talvez uns 10 anos?... já não tenha mais o caiçara tradicional na ilha, se a a gente não abrir os olhos e não for a fundo, pra gente não perder uma parte da beleza de Ilhabela que é o caiçara, porque Ilhabela sem o caiçara num vai ser mais Ilhabela. Ilhabela ainda é Ilhabela porque ainda tem as comunidades tradicionais, porque ainda tem os caiçaras, (38) algumas famílias caiçaras que ainda sobrevivem da roça, muito pouquinho, porque não pode muito, né? alguns caiçaras que ainda sobrevivem do artesanato porque nem o bambu num ta podendo mais cortá... prá pode faze, nem a palha eles tão podendo mais tirá, né, nem a paina eles tão podendo mais tiráá pra pode fazer o artesanato, então.. ta acabando, né? a história nativa da ilha, ta acabando e vai chegá o momento que não vai te nem ninguém pra conta mais... a história da ilha. E Ilhabela quando isso acabá, não vai ser mais Ilhabela, vai ser Ilhafaia (risos)

(39) Porque o que deixa a ilha bela é esse ar do caiçarês, é o... é trocar o v pelo b, é falar “bóis ides aonde, onde bóis ide, o que bóis quereis?” Isso é ser caiçara, isso é deixar a ilha bela, sabe? (40) É você ir..., entrar na canoa de um caiçara e ir até o cerco junto com ele e vê como é que essa pesca de cerco, né, que não é fácil; uma pessoa sozinha não consegue puxar o cerco pra pescá de cerco, tem que sê uma família pra pescá de cerco. São várias pessoas no meio daquela rede. Então, (41) é uma coisa que a gente tem que... pensá muito eee... ter assim como linha de frente, como primordial, o resgate mesmo, da história dessa cidade pra gente não perder essa coisa bonita, essa coisa gostosa que a cidade tem porque... Se Ilhabela perder completamente os caiçaras, principalmente o pouco que sobrou das comunidades tradicionais... eu não sei o que que pode acontece, mas eu acho que... que vai se perder muito assim. que... vai ficar muito estranha a história turística na ilha, vai ficar muito... Porque a natureza..., vai ficar a natureza bem,(42) mas também tem tantas coisas importantes em relação à natureza sabe, pra pode realiza também... Por exemplo, saneamento básico. as cachoeiras da ilha são, tem tantas cachoeiras lindas na ilha porque não tem saneamento básico na ilha. Então, a maior parte das casas vão jogar o seu esgoto aonde? Nas cachoeiras. As cachoeiras desaguam aonde ? No mar! É uma cidade turística isso daqui. Ce entendeu? Então... as praias do centro já num, a gente vai se banhar no coco e no xixi de todo mundo, sabe?. Que que é isso! Eu não entro nas águas aqui do mar, eu vou pra trás da ilha quando eu quero cair no mar (risos), né? Graças a Deus eu tenho uma casa na Praia da Fome, que foi o lugar que minha mãe nasceu.... e todas as vezes que eu quero curtir e entrar no mar e ficar à vontade, eu vou pra lá, porque lá eu sei que é um mar cristalino mar que vai me dar uma, nenhuma doença de pele, nm um nada, porque (43) eu tenho consciência que o mar aqui da vila, do centro da cidade é completamente contaminado, não tem nenhuma praia limpa aqui. Por mais que coloquem a bandeira verde, eu sei que tá podre. Porque não tem um saneamento básico aqui, não tem nenhum tipo de tratamento de água, né?, então... isso também é uma coisa importantíssima que a gente precisa, hã...ta... (44) A Ilhabela cresceu muito, né? Tem muita gente morando, é muita casa, muita casa ... cada vez mais as casas estão sendo construídas... para dentro do parque, sabe?, pra dentro das florestas, pra dentro das..., e tudo gente que tem um capital muito grande, né , pessoas muito poderosas, pessoas que tem muito dinheiro, então..., (45) o caiçara não tem vez perto de uma pessoa dessas que vem de São Paulo, ééé, que tem uma outra visão de vida, né?, porque caiçara, (46) a visão de vida que ele tem é acordar de manhã cedo, e ver o por do sol e ver o sol saindo de dentro do mar, entendeu? É uma..., é uma outra visão. O caiçara não tem maldade, sabe?, nenhuma! Caiçara você chega lá e ele te coloca pra dentro de casa e você vai comê o que ele vai come, se ele ta comendo arroz com café e e peixe frito, você vai comer isso, ce pode sê o príncipe da Inglaterra, mas você vai tê que comê farinha, arroz, café e peixe, que é a comida dele. Você vai sentá no banquinho que ele fez de madeira, né? Você vai pisar no chão de barro que é a casa del , você vai dormir em cima de uma esteira que foi ele que confeccionou, não é? ...você vai passa uma noite dentro de um quarto barro e você vai olhá para o teto e você vai vê que o seu teto é de palha..., né? Então tem..., essa é a vida do caiçara, né? Então o caiçara não tem maldade nenhuma... e (47) o povo que vem de fora, ele já vem com a ganância, ele não teve isso, então ele qué isso..., que ele veio de uma cidade de concreto, ele veio de uma respiração de fumaça de indústria, entendeu? Então, o que ele qué?, o turista qué mora na praia de Castelhanos, entendeu? Não qué sabê como. Ele vai lá e compra à preço de banana, (48) o caiçara não vai imagina, porque ele nasceu naquilo, pra ele aquilo lá ééé, pro caiçara (toca a sirene da escola) o caiçara.... O caiçara dá valor a isso, sabe? Ele dá valor, mas..., muito valor o caiçara dá a isso, mas talvez o caiçara não saiba..., não perceba, né? a parte intrínseca que tem o você acordar e ver o sol sair de dentro do mar, você dormir em cima de uma esteira de palha, né? A coisa primordial, né, que isso tem com relação a alma da gente, o desenvolvimento espiritual, entendeu? que (49) é uma coisa que o turista não tem, porque o

turista ele qué, qué ele qué uma casa em Castelhanos, tem um terreno em Castelhanos ou no Bonete ou na Fome, mas aí ele vai lá e constrói uma casa enorme no meio, na porta da praia que é uma casa que deveria ser construída em São Paulo, em Santos, numa metrópole... ele vai estragar a arquitetura daquele local, das casinhas do caiçara, no meio das casinhas do caiçara, o turista vai lá e constrói uma casa com bloco, com cimento, com, com coisas que agredem a natureza, sabe? Com janelas de aço, de latão, de sei lá do que, enquanto que (50) as portinhas do caiçara são de madeira, janelinhas, as tramelinhas que fecham a casa. Que o caiçara não tem essa preocupação do roubo, do assalto, do assassinato, ele num conviveu com isso. Já (51) o povo que vem de fora, não tem também essa dimensão que o caiçara tem, entendeu? Essa cultura espiritual que o caiçara tem... naturalmente, que o caiçara nem sabe que ele tem, ce entendeu? mas ele tem, ele desenvolveu isso naturalmente, ... e (52) é uma coisa que o povo culto, que vem de fora, que é o dono da grana sabe, mas não consegue evoluir isso dentro dele, talvez pela vivência dura que ele teve na cidade de concreto, na cidade grande, na metrópole, né? e naturalmente (53) o caiçara desenvolveu isso sem nem perceber, né?. Porque ele acordava às 4 horas da manhã, ele tava no mar, remando, né? Indo pra pesca, só felicidade, só harmonia, só paz, respirando um ar puríssimo. Aí chega em casa, (54) toma um supercafé da manhã, que pra mim é, tudo natural, banana, mamão, frutas, farinha quentinha feita na hora. Peixinho fresquinho que ele acabou de trazê, ... né? o café que eles mesmos plantam, que eles mesmo moem, que eles mesmo socam no pilãozinho que eles mesmo fazem ... então o caiçara..., (55) eu acho importantíssimo, assim, que as pessoas comecem a pensar de uma forma que consigam... não deixar acabar, pelo menos, o que ainda restou da cultura tradicional do caiçara. O que puder resgatar, o que já se perdeu... que façam isso, entendeu? porque a minha luta é essa, né?. Eu vou ficá velhinho de bengala, mas eu vou ficá lutando pra resgatar a história minha cidade que é uma coisa que eu adoro muito, que eu amo, que eu gosto de fazer, ... que eu tenho prazer em fazer... e o que eu tenho orgulho, né? não só de ser caiçara mas de fazer esse tipo de trabalho também... junto com as crianças, né, ta informando as crianças que tão aí crescendo agora, sobre a história da cidade, sobre a importância da história da cidade, sobre a importância de ser um ilhabelense caiçara, né... Porque... as crianças precisam ter esse orgulho também de ser ilhabelense, né?, de ser caiçara, do fato de ter nascido aqui nesta cidade... maravilhosa que (56) ainda é um dos lugares que você pode vivê com tranqüilidade, no século que a gente tá, e das coisas que... acontecem nesse mundo inteiro, que tem por aí, Ilhabela é uma cidade... que você pode ficar tranqüilo ainda, sabe?, você pode ter uma vida completamente saudável,... por enquanto, né. Por isso que (57) eu acho importante a gente não deixá perder o que ainda tem de cultura tradicional do caiçara e ainda resgatar o que se perdeu porque essa cultura nativa do caiçara é que traz essa paz, essa tranqüilidade, essa coisa gostosa, com humildade, esse amor, essa essa coisa do acolher,... sabe? Porque se isso se perder Ilhabela... vai ser difícil morar na ilha, entendeu?, porque vai começar a ter uma outra coisa que nunca teve, eu não sei como te explicar isso mas eu acho a ilha... energeticamente muito poderosa, entendeu? E por enquanto ela tá completamente positiva... ainda, mas a ilha também tem um lado muito negativo,... tem os dois lados, o positivo e o negativo, porque... (58) na história da Ilha também tem o lado da magia negra, né? também tem o lado do vudu, né, os caiçaras que..., naquele filme “O Caiçara”³⁰ passa muito isso, uma velhinha caiçara fazendo vudu, os bonequinho eee, ... tem muito esse lado da magia, né, da... não só da magia branca, que existe muito aqui na Ilha a magia branca, mas também tem esse lado... da magia negra. Então, não sei se você ta conseguindo me compreender mas..., eu acho que a, (59) essa história do caiçara, essa coisa gostosa do caiçara ser, de receber a pessoa bem, de ser honesto, de ser verdadeiro, de ser o que ele é, traz essa energia positiva pra cidade, essa coisa gostosa que a gente vive ainda,

³⁰ “O Caiçara” é um filme produzido pela Vera Cruz, que foi filmado em Ilhabela na década de 1950. Direção de Adolfo Celi.

entendeu?, mesmo tendo esse lado da magia escura, de..., sabe mas eu acho que se você perder é uma coisa assim que ta..., como que se fala?, que ta muito equilibrada essas energias aqui na Ilha sabe, mas se você começa a perder um pouco dessa energia positiva, a energia negativa vai tomando conta do espaço... e aí a gente não sabe o que pode acontecer com a Ilha; se essa energia negativa tomá conta do espaço de Ilhabela... eu num sei o que que pode acontecer. Então é uma preocupação minha... e isso é assim... é a energia mesmo, não é uma coisa assim que é uma pessoa que vai fazer a história acontece, é a coisa astral, que eu to te falando, sabe, é a coisa energética mesmo da cidade, do local. Da Ilhabela. (60) A história de Ilhabela foi uma coisa muito impressionante, né? porque também teve muito sofrimento. (61) Ilhabela é descoberta em 1502, dois anos depois do descobrimento do Brasil, né? ... (tosses). ...eeee... (62) e teve toda a história... gostosa do do dos homens pré-históricos que viviam dos moluscos, dos peixes e tal e em seguida os índios, os tupinambás, que foi uma coisa lindíssima a história dos índios na Ilha, mas eles eram canibais, mas eles comiam gente, né?, apesar de que pra eles quando eles estavam comendo a pessoa, não era o fato de eles estarem comendo a pessoa, na verdade eles estavam comendo a alma, a alma, o espírito da pessoa, a coragem, né, a verdade, a coragem. tem toda uma história, um misticismo em cima da história indígena mas também logo em seguida veio a história dos negros, né?, dos escravos, (tosse) e que foi um sofrimento muito grande na Ilhabela inteira, os escravos sofreram muito na ilha, então pensa muita energia do sofrimento na ilha da... e antes ainda disso sabe, logo depois dos índios, os piratas... a história dos piratas que também foi uma coisa de muito sofrimento, né e eles , eles roubavam e as maquinagens deles eram feitas tudo aqui na baía de Castelhanos. Eles formulavam , na verdade a história, as pilhagens que eles iam fazer, os roubos, os assaltos, tudo aqui, na cidade de Ilhabela. A história da, da...; de quando eles invadiram a vila de São Vicente, quando eles queimaram a orla de Santos e mataram todo mundo preso dentro da Igreja..., porque era Natal, era 25 de dezembro, 1592, quando isso aconteceu, toda essa estrutura foi anh, foi feita, foi elaborada na baía de Castelhanos, toda essa coisa negativa foi elaborada lá. Então, Ilhabela tem também um lado muito... e no entanto, (63) o caiçara ééé, não adquiriu essa coisa da maldade, da, sabe? Ele, o caiçara na verdade ele, ele só adquiriu coisas boas, né? Coisas..., o caiçara sempre foi muito acolhedor, sempre foi muito amoroso, sempre foi muito caridoso, né?, nunca se importou cum, cum valores, sabe?, com riquezas, cum... ter as coisas. Não, porque eu tenho num sei quantas fazendas, num sei quantos pedaços de terra, num sei quantos... Caiçara nunca foi assim. Aaa pessoa chegava e o caiçara falava; “não pelo amor de Deus, constrói uma casa aqui, eu deixo”. Caiçara dava a terra que ele tinha, ele não vendia, ele dava de tão bom que ele era, ele gostava que a pessoa construísse a casa do lado da dele. “não, seja meu vizinho!”. Então, caiçara pitoresco, né, amoroso, acolhedor, é verdadeiro, não tinha ambições. Pra ele viver daquele jeito ali que ele tava vivendo era a melhor coisa do mundo. Caiçara não tem maldade. Nenhuma! De tão bom que o caiçara é, o caiçara perdeu tudo o que ele tinha. Caiçara não tem mais nada hoje em dia, caiçara só sofre hoje, hoje em dia. Principalmente quem vive atrás da ilha... porque eles passam por muitas dificuldades. É que é tudo assim muito louco porque ao mesmo tempo que eles sofrem, eles não sofrem, porque viver atrás da ilha é bom, pra alma, pro espírito. É gostoso! É maravi ! Éé... ter uma vida saudável é morar atrás da ilha, (64) Só que pra eles viverem lá atrás da Ilha, lá não tem mercado, eles não tem médico, eles não podem mais fazer como era antigamente, ce entendeu? Porque agora eles não podem mais caçar, porque os florestais não deixam. Caiçara vivia do que, da caça , da pesca, da roça, do artesanato que eles faziam, e tudo isso hoje o caiçara não pode mais fazer, até pode..., dentro das leis todas que colocaram aí, sabe. Até pode, mas tem que ter uma organização, uma ordem muito grande e que essa ordem..., essas... como que eu vou te falá? essas entidades que existem e que controlam essas leis, e que não deixam mais o caiçara planta, oomomoo, eles não conseguem organizar de uma forma que dê para o caiçara continuá fazendo seu artesanato

mas não destruir a natureza, que dê pro caiçara fazê a sua roça mas não destruí a natureza, mas por que não mais plantá mandioca? Pode planta mandioca..., mas a lei não deixa o caiçara fala... eu fui faze uma horta... uma plantação de mandioca nos fundos do meu quintal e o florestal veio, isso aconteceu em Castelhanos. Florestal não deixou, falou que eu estava invadindo o parque Estadual de Ilhabela..., e era nos fundos da minha casa..., o caiçara falou pra mim, quintal, eu não pude fazer uma roça de mandioca no meu quintal... aí que que eu fiz?, (65) o caiçara falou, vendi a minha casa de farinha pra fulano de tal. Um turista!... vendeu o forno, vendeu o tipiti, vendeu a prensa, vendeu o queijo, vendeu todos os apetrechos da... da casa de farinha..., entendeu? (tosse). (66) Então, e agora, o que o caiçara vai fazer? Se ele não pode mais pescá, se ele não pode mais produzi a farinha, se ele não pode mais faze o artesanato. Caiçara vai... morrê, num vai mais existir, ou então ele vai migra, vai trabalahr nas docas em santos, ele vai pedir um emprego no porto de Santos pra trabalhar no barco de sicrano, de fulano, de beltrano, entendeu?... porque a pesca artesanal também tem todos os seus empecilhos..., tem hora que pode, tem hora que não pode, tem assim, tem assado, tem cozido, e não tem uma ordem, uma organização e (67) deveria ter, né?, uma organização dentro destas entidades, como o Parque estadual, como o poder público, como todas essas entidades aí que defendem a ecologia, que defendem a... de ter uma organização pra podê o caiçara continua vivendo a vida que sempre viveu e ele nunca... quantos anos os caiçaras viveram dessa forma e a natureza aqui na ilha sempre foi muito mais exuberante do que é hoje? (68) Porque o caiçara não destrói a natureza. (69) Quem destrói a natureza da cidade são os migrantes, que constroem casas em, em encostas de morro, entendeu, que aí vai destruir o que? O meio ambiente. A quantidade de casas construídas aí pra cima dessas montanhas todas, quantidade de esgoto a mais que foi ter aqui na ilha, despejando valetas e valetas de esgoto por aí, rolando por aí tudo. Aquela Barra Velha, lá pra cima tudo, até me assusto quando eu vou pra lá..., eu me assusto quando eu vejo como cresceu, sabe? A cidade que não tinha nada. Eu tenho fotos antiguíssimas que... o morro do Cantagalo não tinha uma casa. Uma! e você vê lá pra cima, no Morro do Cantagalo não tem um caiçara morando....nativo... É tudo gente de fora. Ou mineiro, ou baiano ou milionário, ... ou turista, ou hotel..., sabe? Então... é difícil, né? Porque você vê ... (70) impedem que o caiçara faça uma coisa que é da tradição dele que é da origem dele, que a vida inteira dele, ele nasceu aqui, vendo o pai , vendo o avô fazendo, agora hoje ele não pode mais fazer. Porque? eles falam que vai destruir a natureza. Eles falam que vai danificar o meio ambiente. Não pode! (71) Agora o migrante pode vir e construir uma casa numa encosta de morro, aonde eles podem até morrer, sabe?... E aí transformam o morro em erosões, em... danifica o meio ambiente de uma forma absurda, e pode.... E deixa. (72) Então existe uma incoerência muito grande, não sei o que esse povo quer na verdade, entendeu? Se é realmente destruir a história da ilha, e acabar com as comunidades tradicionais, né e só turista morar atrás da ilha, só ter mansões atrás da Ilha... e os caiçaras ou matarem ou mandarem embora, entendeu, da cidade. Vai pro Topo , vai pra..., né, vai pra..., vai pra Santa Rosa, vai pro Guarujá, vai..., não é. E aí os turistas vão pra lá, porque eles têm como sobreviver lá, turista.... Uma argen, nem sei o (73) esta mulher é, mas ela construiu uma super casa maravilhosa lá na Fome, no meio das casinhas do caiçara, né e ta fazendo um pír que eleva, que sobe e que desce (indica os movimentos com as mãos), entendeu? tem uma big de uma lancha, quer dizer, ela vai viver lá maravilhas, entendeu, que a casa dela dá de frente pra praia, do quarto dela ela vê toda a praia, mais o Limo Verde, mais a entrada que vai pra praia do Poço, entendeu e ela tem do bom e do melhor lá dentro da casa dela porque ela traz as coisas de lancha a hora em que quiser, se ela quiser vir almoçar no restaurante do Viana ela vem, ela tem lancha. Quisé jantá anta ela vem e volta; vai e volta Quer dizer, tem condições né..., de viver atrás da ilha. (74) O caiçara num, é uma outra visão, é uma visão completamente difereciada e tudo isso que ta ocorrendo também vai corrompendo o caiçara de hoje. Vai corrompendo porque o caiçara vai vendo isso, entendeu?

Então ele vai querendo também... (75) Comer determinadas coisas que ele não comia, vai largando de lado aquela coisa mais humilde que ele comia, mas que tinha mais sustância, entendeu. Se você comer um angu de farinha, com banana verde... e uma cabeça de garoupa você ta completamente nutrida... você pode ir cortar lenha , fazê o que você quiser porque você está bem sustentado. Você tem o sustento dentro de você. E essas outras comidas que as pessoas comem com massa de tomate, com química, com..., imagina os temperos todos na porta, eles tinham, todos os tipos de tempero naturais, especiarias. Plantavam de tudo, o caiçara, não existia massa de tomate. Não existia caldo Knorr, não existia toda essa quantidade de coisas químicas que fermentam o estômago da gente que traz doença, que isso que aquilo. caiçara era um povo saudável, um povo bonito, um povo robusto. E que (76) hoje em dia você vai olhar o caiçara..., o caiçara ta detonado, eu tenho dó de ver o caiçara, hoje, o que mora atrás da ilha, completamente detonado, sem estrutura nenhuma, com os dente tudo podre, sabe? Entrou o açúcar no meio. Eles não podem nem cana plantar mais. Todo mundo tinha o seu, a sua engenhoquinha de cana pro poder fazer o café de garapa... e tudo que era feito lá', doce de mamão, de qualquer tipo de doce, de compota, de frutas que eles faziam, eram feito com o açúcar da cana, com o açúcar natural, ... entendeu? Então, todas essas químicas que foram indo pro caiçara, que o turista veio trazendo, que progresso veio trazendo, detonou o caiçara,... e o caiçara não tem como se tratar porque é caro um dentista, é muito dinheiro um dentista. Uma obturação custa caríssimo. O caiçara não tem condições..., entendeu, não tem condições. E é muito complicado esse trabalho do dentista ir lá, e fazê. Até tem este tipo de trabalho, mas é um trabalho muito vagaroso, é um trabalho muito... entendeu? é difícil, porque lá é de difícil acesso atrás da Ilha, então é difícil ter um médico lá, ter um dentista lá, ter uma história lá, não é assim, estalar os dedos e cai do céu..., entendeu, é uma coisa que precisa ser trabalhada, que precisa ser estruturada, que precisa ser organizada, não é do dia pra noite, não é da água pro vinho, também... que... os governantes da cidade vão consegui fazer alguma coisa de bom pra lá, porque é uma coisa bem difícil, é uma coisa que tem que ter uma superestrutura mesmo. É uma coisa que, que não é assim da noite pro dia, é uma coisa que tem que ser muito bem estruturada, que vai levar um tempo. Como se diz, é a longo prazo. Se começar agora daqui a um tempo... vai se ter algum resultado dentro da saúde, né?, do outro lado da ilha, mas, o caiçara, ele foi muito detonado, ele foi muito deturpado. (77) hoje em dia, o caiçara está muito revoltado, sabe? Revoltado com a política, revoltado com os turistas, revoltado com o comércio de peixe, que é uma loucura, que antes não era assim. Antes, o caiçara vendia o seu peixe na praia. Num tinha..., não era terceirizado como hoje. É um absurdo o que acontece no píer dos pescadores de Ilhabela.. é uma loucura o que que os donos dos caminhões fazem com os pescadores de trás da Ilha. Que eles padecem, eles sofrem muito pra poder pegar o peixe e ter que vir aqui vender pelo preço que o cara fala que vende o peixe... então, eles compram o peixe do caiçara por uma ninharia e depois vai pro pra, prááá... como que é o nome daquilo lá que fizeram?

- Peixaria.

Fizeram lá uuu (bate na mesa com os dedos). Tem o nome que eles falam? não é peixaria lá, no próprio píer dos pescadores.

- Ah, naquela banca que fica ali na frente

- Tem aquelas bancas que tem ali no píer da frente, que eles cobram um absurdo o peixe e o peixe fresquinho. Então ali no píer, que é do lado das bancas, (78) eles compram por uma ninharia e ao mesmo tempo já é vendido por um monte de dinheiro o próprio peixe do cara..., e o caiçara vê isso e não pode falá nada. E ele é obrigado a vendê ali. (79) Então muitos caiçaras de trás da Ilha, eles preferem comercializar o peixe no bairro de São Francisco, porque lá tem uma organização melhor, uma estrutura melhor e eles pagam mais. Então, uma grande parte dos caiçaras de trás da Ilha vão comercializar o peixe em São Sebastião... porque aqui na Ilha é difícil... pra eles. é complicado, e a coisa fica na cara. Então,

eles ficam revoltados mesmo. E é uma coisa que poderia ser organizada, porque em Ilhabela (80) existe uma colônia de pescadores, entendeu, que poderia ta organizando isso de uma forma para melhorar a situação de vida do pescador, não pra melhorar a situação de vida do presidente da colônia, entendeu? Não pra melhorar a situação de vida dos donos das bancas. Não pra melhorar a situação de vida do dono do caminhão, que faz a terceirização, ce entendeu?. A colônia dos pescadores existe pra melhorar a vida do pescador, não pra destruir a vida do pescador. Então, tudo isso é uma bola de neve.... é um ninho de gato. (81) O caiçara ,ele não tem essa cultura de informação e de chegá e de podê ta falando,e de podê ta debatendo uma coisa, entendeu?... eles num têm. eles tem vergonha, eles aceitam, sabe. Eles aceitam. Porque eles não têm como. (82) Tem umas pessoas de trás da ilha que já tem uma informação melhor, como a *Dona Dulce*, da Ilha de Búzios,entendeu? Que é uma pessoa que vai, que corre atrás, que participa, e tal mas ela é uma só, uma andorinha só não faz verão... *Dona Dulce* tá morta, coitada, tá cansada de tanto batalhá pelos caiçaras da ilha de Búzios, e muito pouco ela consegue e ela é uma grande batalhadora, essa mulher....entendeu? porque ela vai mesmo, lá no fundo do poço. Ela tem conseguido, mas pouco, muito pouco... entendeu? Então pra essa mulher eu tiro o meu chapéu, ela é uma vencedora, (83) ela é uma pessoa interessante, importante na cidade, porque ela luta também pelo seu povo, como eu. Que eu ajudo todos eles de lá, eu informo: “olha faz assim, vai lá, acontece isso”. eu arrumo a aposentadoria deles, porque eles não sabem. (84) Essa história da pesca do camarão, quantos caiçaras não tavam perdendo dinheiro com isso, sabe? Tudo coisas que a colônia deveria ta informando, que a colônia deveria ter um espaço pra fazer reuniões com as comunidades, pra ta explicando tudo direitinho pra eles, sabe? E a gente tem que sai do que ta fazendo e ir lá porque tem dó, você ta vendo que o cara vai ser passado pra trás... e aí você vai ter que ir lá ajudá. (85) É o que a *Dona Dulce* faz, mas só que são muitos, não dá pra uma pessoa sozinha fazê... Porque eles tem vergonha mesmo. (86) Tem caiçara que nem de dentro de casa não sai. De vergonha... Que chega alguém de fora... Você deve ter percebido isso quando você foi na Ilha de Búzios ,tem pessoas que se escondem,... debaixo da cama de vergonha, “Ai, eu não quero bê, num quero bê, num quero bê..” vai embora. Tem vergonha, né?,não quer aparecer... é difícil. (87) O caiçara hoje em dia ele ta completamente deturpado...e castraram a vida do caiçara. O progresso castrou a vida do caiçara, essa história daaaa da conservação do meio ambiente castrou a vida do caiçara, porque ta sendo feito de uma forma muito... dura, muito.... sabe? Num ta, num tem uma maleabilidade, sabe? Pra que o caiçara continue fazendo o que ele sempre, a vida inteira ele fez e nunca destruiu o meio ambiente....E agora não sei por qual motivo eles tão achando que o caiçara ta..., o (88) caiçara nunca, em nenhum momento ele destruiu o meio ambiente, o caiçara nunca soltou fumaça de nada na no ar, entendeu. A fumaça que o caiçara soltava era a chaminé do fogão de lenha, né? Era o monóxido de carbono que tava saindo ali. Era a única poluição que o caiçara fazia no ar, por exemplo. Agora próprio, (89) na terra, no meio ambiente, caiçara nunca fez nada, de errado, pro meio ambiente. (90) Agora os migrantes fizeram! Muito! ... e tão aí, né? E pode, né? E tudo pode. Num tem lei pra eles. Vai o caiçara fazê alguma coisa pra vê se não é punido, e tem que pagá multa ainda por cima. ... (91) eu vi muita vezes isso acontece, muitas vê, debaixo dos meus olhos. Caiçara tendo que pagar multa; caiçara que carpiu um pedaço de terra que eraaa... terra que era denominado tiqüera, lugar de plantação, sabe? E foi multado. Teve que pagá multa porque tava roçando um lugar que era denominado tiqüera, que era um lugar de plantação, por ele tê roçado uma capoeira, ele foi multado, porque ele queria fazer uma roça de mandioca pra podê fazê farinha. ... foi multado... e não adiantou porque aí vem o DPRN,vem num sei quem em cima, entendeu e por mais que ele fale “É tiqüera, é tiqüera, é tiqüera isso daqui, bobô plantava, papai plantava, fulano plantava, isso aqui é tiqüera, tem como provar..., pega um..., sabe? Poderiam pegar um pedaço da terra, fazer um exame, ver ali há quantos anos já não era plantado mandioca lá, só porque cresceu o mato então não é mais tiqüera, então não pode

mais plantá. ..(92) Isso me indigna, eu fico indignado, porque é isso a cultura tradicional de Ilhabela... e o caiçara tá sendo detonado por esse motivo... e (93) o caiçara é um povo bom, um povo humilde, acolhedor, é um povo tudo de bom, sem maldade nenhuma... e se deparou com toda essa loucura. Então, (94) hoje em dia, o caiçara sofre pra caramba, assim, porque ele realmente não pode mais vivê o que, o que ele sempre..., o que a vida inteira eles viveram, eles tão tendo que procurar uma outra forma de subsistência agora, entendeu. Desconhecida pra eles. Muitos, hoje em dia, vivem só da pesca, né, e outros dependem da assistência social ,... (95) das benditas cestas básicas, que é o que leva a coisa que não é natural prá lá e aí eles ficam doentes, eles ficam, né, com os dentes estragados, e num tem como cuidar... dá vontade de chorar, não dá? (riso). É isso, Silmara, que eu queria falar.... Será que vai dá pra tirar um monte de coisa daí?

- Vai. tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?

- Deixá eu vê!... ah!, (96) na verdade eu gostaria que os caiçaras fossem mantidos lá atrás da Ilha, eu não queria que destruíssem tudo e que acabassem com nossas comunidades tradicionais, eu gostaria que existisse alguém forte dentro da política que ..., que fizesse permanecer os caiçaras atrás da Ilha, mas, dá condições de vida pra eles viverem de acordo com a tradição deles, lá, pra eles fazerem as festinhas deles, as coisinhas deles, a pesca deles, a rocinha deles, entendeu? Na verdade, eu gostaria que isso...que esse milagre acontecesse, né? Pra, porque eles, (97) o caiçara, ele num tem oportunidade de ser alguém na vida, por exemplo se uma criança lá, o ensino é até a 4ª série primária. Se a criança tem vontade de ter uma profissão diferente de ser pescador, ou de ser um artesão, né? Ele não tem essa oportunidade. Eu acho que (98) o município deveria dar essa oportunidade pra essa criança, c~e entendeu? Porque, de repente, essa criança que tem essa vontade de ser um profissional diferenciado poderia sair de lá, o município poderia ta dando essa oportunidade pra essa criança e com certeza essa criança iria voltar pra comunidade. Ce entendeu? Pra poder ajudar a sua comunidade... e a manter a sua tradição... de lá. Eu acho isso muito importante . é uma coisa que não acontece, também. Porque nem aqui na Ilha tem. (99) Aqui na Ilha deveria ter pelo menos um espaço, eu não sei nem como posso te dizer.. uma...uma... um albergue, pode ser dito assim?. Um albergue não é um lugar onde um monte de gente fica?, não é?. Devia ter um lugar assim, grande, espaçoso, pras famílias quando vierem de lá ficarem... um tempo..., sabe?. A mulher grávida que vem, que precisa ficar uma semana aqui, fica no albergue; uma criança doente, a mãe vê pra cá fica, sabe?. Tinha que ter um espaço gostoso, interessante, acolhedor, limpo, organizado, pra receber essas famílias. Porque (100) as famílias de trás da Ilha, elas num tem ééé... não tem respaldo da cidade, nenhum, elas vivem por elas,cê entendeu? Cada um por si e Deus por todos! Num existe uma benfeitoria... do município pra essas comunidades. Uma coisa assim, um benefício mesmo, que ajudasse tinha alguma parte da vida da família, (101) é muito pouco o que a ação social faz por eles, é muito pouco, muitíssimo pouco. É um trabalhinho muito pequenininho, muito piquininho,...que a assistência social faz pras comunidades. É uma coisa absurda, até. Sabe? Anh. (102) Poderia... ser feito muito mais, né? E não gastaria... nada, quase nenhum dinheiro pra você manter uma estrutura, pra você dar um respaldo pra essas comunidades, pro município dá um respaldo, num iria gasta quase nada. Ilhabela... quanto que Ilhabela ganha anualmente? Cem milhões de reais vem...prá cidade de Ilhabela anualmente... será que não teria como fazerem um albergue..., sabe? Tantos terrenos baldios que tem aí... faz um lugar interessante, gostoso, pitoresco, que tenha a ver com eles, pra receber essas famílias aqui, quando elas precisarem, sabe?...eu acho importante, (103) eu acho que os políticos tinham que ta pensando nisso assim de eles estarem lá, mas estarem fazendo alguma coisa grandiosa por estas pessoas, porque é a tradição, é a nossa raça, sabe?, é a raça ilhabelense. Sem a raça ilhabelense eu não se o que pode acontecer nesse município, não sei o que Ilhabela pode ser se Ilhabela perder essa coisa do folclore, da, do misticismo, da cultura mesmo tradicional

desse povo, que é a raça ilhabelense. Eu acho que a gente tem muito a perder.... com isso que ta acontecendo com os caiçaras tradicionais, com essa... Porque tudo isso que eu to te falando, eu não quero te dizer que tem que ser paternalista... Não! De jeito nenhum! O caiçara sempre da vida dele. (104) O caiçara nunca precisou de ninguém que desse comida, que desse bebida, que desse , o caiçara sempre teve a história dele ele nunca dependeu de ninguém pra nada, sabe?. Mas hoje ele tem que depender. Porque ele foi castrado. Foi, foram arrancando as coisas dele, ele foi perdendo o seu habitat, sua vida natural, o caiçara foi perdendo, foram arrancando aos poucos isso do caiçara. Hoje, o caiçara depende realmente da assistência social... mas vai vê antigamente! (105) Toda essa coisa do comércio, da..., quem fez a história da cidade? Foram eles! Foram as famílias tradicionais de Ilhabela. ... Foram eles que fizeram... Toda esta história linda das canoas de voga, do comércio no porto de Santos, da venda das bananas, dos pássaros , das, da farinha, das cachaças, sabe? Dos cafés, da época que plantavam cana de açúcar, pra fabricá o açúcar, que foi a primeira função aqui na lha, foi as fazendas de cana-de-açúcar, depois que veio o café. Então tudo isso, quem...?, de quem depende a história desta cidade? Que agora eles se vangloriam falando disso, falando daquilo, entendeu? ...(106) foram destas famílias, cada família que tem atrás da Ilha, ou mesmo aqui na cidade, que são caiçaras, tem uma história pra te contar, porque o tataravô era dono de fazenda, porque fez não sei o que pela cidade, porque construiu não sei o que pela cidade, entendeu, então tem umaaa... (107) eu sinto que não tem uma devolução à altura do que estas famílias fizeram pela cidade, agora elas estão assim, largadas completamente, então (108) eu acho importante que fizessem alguma coisa de verdade tanto pela cultura, pelo resgate da cultura tradicional de Ilhabela quanto pelas famílias tradicionais que ainda existem aqui, que não é feito, eu não tenho medo de falar, porque eu sei que não é feito... é natural eu falar isso, sabe? Que não é feito, porque... qualquer pessoa que você for sair por aí e perguntar, em qualquer esquina da cidade, vão te fala isso que eu to te falando, se conhecê a história da Ilha mesmo,entendeu? Eééé... (109) deixam muito a desejar nessa relação de ta..., do resgate das tradições, e de ver as famílias tradicionais de uma forma primordial,sabe?, que não existe isso aqui na ilha, não existe. Existisse, (110) pelo menos as famílias que moram nas tradições, nas comunidades tradicionais teriam uma forma..., eles poderiam ter uma forma mais delicada de tratar eles, assim, mais... dá um retorno, entendeu? que eles estão esperando até hoje este retorno e que num... e que num vem, né? Então hoje a gente fala alguma coisa. “é paternalista, ce é paternalista, a gente só falta dá comida na boca deles”. Num é bem assim. (111) Caiçara se acomodou mesmo. Porque arrancaram dele, mudaram a vida dele, sem eles quererem. Entendeu? Mudaram. Começou em 1932, com a queima do cartório em São Sebastião, eles perderam as escrituras definitivas, que eles foram perdendo as próprias terras. Foram invadidos! (112) Hoje em dia, fulano de tal é dono da Serraria, ... da praia da Serraria. é, existe isso, dono de praia? Ah, não, por aqui você não pode passar porque a Cachoeira Grande é de Cicrano. Ele comprou a Cachoeira Grande. ... Ah, agora o caiçara num vai mais pode pas, num dá mais nem pra ir na igreja da Armação..., rezá lá, fazê a festa da de Nossa Senhora, lá da Armação porque cicrano comprou um pedaço de terreno e num tem mais a passagem, vão fecha a passagem que vai pra praia. num dá mais pra entrar na praia da Armação.então, pra você vê, (113) o poder aquisitivo alto chegou na Ilha, mandando e o caiçara teve que sobreviver com o que sobrou pra ele, entendeu? O que sobrou. (114) Porque a maior parte dos caiçaras migraram, como eu te falei, pra Santa Rosa, no Guarujá... quantidade principalmente da, a comunidade do Sombrio. Então é uma coisa triste. Eu acho que ... é até um apelo assim, que eu faço....(toca novamente a sirene da escola)pra realmente (115) os políticos fazerem um projeto em alguma coisa que de uma um respaldo pra essas famílias tradicionais que restaram na ilha da ...incentiva’ dá, respeitar, elevar, sabe?, dar ... como eu te falei... da criança de traz da Ilha se quiser ser um profissional, eles darem uma oportunidade . então que dêem uma oportunidade pra essas famílias, que ressaltem essas

famílias, pra gente não perder essa coisa gostosa da Ilha, essa coisa pitoresca, essa coisa do folclore, essa coisa da comida, essa coisa do misticismo, ..., entendeu? Porque ta por um fio tudo isso... aqui na Ilha, ta por um fio. ... (116) E quantas coisas já não se perderam. Quantas e quantas e quantas já não se perderam, o trabalho de resgate na Ilha é uma coisa que é importante, mas é muito trabalhosa, é muito dificultosa, e porque tem muita coisa também, pra você ,muita, é um calhamaço de coisa, de todos os grupos, né música, dança, artesanato, culinária, tudo, poesia... linguajar, trejeito, costumes, ... muito, muito, muito, muito. (117) É uma judiaria! ... o que ta acontecendo com a cultura tradicional desta cidade. É uma judiaria. e a gente vê que não tem uma preocupação ... não existe uma preocupação em resgatar..., em dar uma atenção maior, não existe uma preocupação em cima dessa coisa da cultura, do folclore, num tem um, você sente que não é importante. Sabe?, num tem uma importância... pras pessoas que atualmente tão...no poder. eu pelo menos sinto isso e todas as pessoas que eu converso de fora... também sentem isso. Eu acabei de dar uma entrevista na Biblioteca Municipal prum prum professor ééé, ele leciona numa faculdade em Miami e ele tá fazendo um trabalho... sobre a Ilhabela ... e aí ele falo com várias pessoas e as pessoas todas falaram “não, procura o prof. *Espada*, que ele vai te indicar, vai te contar, ele vai te mostra as fontes, ele vai te dar documento, vai te mostrar fotos, e aí ele acabou me encontrando, aqui no Gabriel e a gente foi até a biblioteca e ele fez umas filmagens e ele falou isso : “Poxa, eu viajo tanto, sabe?, vou pra tantos lugares e é tão importante este resgate da cultura, nas outras cidades e aqui na Ilha você não vê isso, você não sente isso, não tem essa energia, não tem essa preocupação...”. aí eu, nos meus bastidores, fico eu pensando: “Puxa, então eu acho que eu tenho mesmo razão, né, de falar isso, eu num to errado... porque num é só eu que acho”..., porque depois, sabe? a política vem me detonando, falando que eu que falei isso, que eu que falei aquilo, entendeu? Mas (118) não é uma crítica destrutiva quando eu falo que precisa, que não ta dando um respaldo, que não ta dando, não é uma crítica destrutiva minha, é uma crítica construtiva, é pra que os políticos abram os olhos e vejam a importância disso porque é realmente importante. não é à toa que eu to falando isso, não é da minha boca pra fora, não é porque eu desgosto de um, porque eu desgosto de outro, eu gosto de todo mundo..., sabe? Eu não costumo falar mal de ninguém ... então é uma coisa que eu sinto dentro de mim quando eu falo..., sabe? É uma crítica construtiva, mesmo, minha. (119) Porque é uma coisa importante, é uma coisa benéfica pra cidade, é uma coisa que vai trazer grandes frutos pra cidade..., sabe? E eu não me, eu não desmereço ninguém, sabe? eu acho que cada um tem seu ponto de vista, eu acho que cada um tem a sua forma de ser, de falar, de concluir eee eu respeito tudo isso, só queee... que eu falo dessa forma de uma forma construtiva mesmo, sabe? e que os políticos comecem a enxergar esse lado da história..., porque..., pra depois não se arrependerem, porque de repente a hora que eles forem enxergar vai ser tarde demais e aí não vai ter mais volta aí num vai dar mais pra fazer..., porque muita pedrada num cabeça dói, né? Então... é isso (risos)...

- Mais alguma coisa?

- Só fala isso, né. Mais alguma coisa?

- (risos)

- Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

- (tosse)

- É só essa pergunta que eu te faço

- ... eu acho que eu falei tudo. Falei bastante, né? Eu acho que eu falei tudo.

Talvez eu tenha esquecido alguma coisa mas... Falei... até da condição de vida do caiçara eu fale, não falei?... tem uma coisa também que eu gostaria de falar assim. (120) O caiçara hoje em dia, das comunidades tradicionais, eles tem uma dificuldade muito grande de fazer a compra do mês., sabe? Que como eles não tem mais condições de plantá, de viver da terra, da própria subsistência deles... eles tem, eles começaram a vir pro mercado e eles são pobres,

pobres de marré gessi então ééé então pouquíssimas famílias tem meio de transporte, uma tem uma canoa a motor, uma tem uma baterinha. Não é toda a família que tem um meio de transporte. E existem muitas famílias lá... que não tem como vir fazer as compras. Como que eles vão vir fazer as compras? Vou te dá só um exemplo: quando o pessoal do canto do ribeirão de Castelhanos ... (121) no Canto do Ribeirão nenhuma família tem meio de transporte! e tem a estrada. Então os jipes cobram deles, que eles tem, tem jipeiros tem a estrada de castelhanos. E os jipes cobram um X tipo trezentos reais, quinhentos reais entendeu? Pra virem até a cidade, esperarem eles fazerem as compras e depois devolverem na praia. Então eles pegam 3, 4 famílias e dividem estes trezentos, estes quinhentos reais. (122) Eu acho que isso também deveria ser uma forma... do poder público tá ajudando este tipo de família, gente. Porque eles não tem dinheiro. O dinheirinho da aposentadoria dos velhinhos lá não vai. Se eles ganham trezentos reais de... de aposentadoria, sabe? Cem reais eles pagam em compra e duzentos reais. Não dá pra cortá teu coração? Tava conversando outro dia com a Dona Célia de caste, de Castelhanos, dona do canto do ribeirão me contando uma história assim, chorando. “Qui que eu vou fazê da minha vida, meu filho?” ela me falava. “Porque eu não sei mais o que eu vou fazer.”... “Não dá mais” muito caro. Não tenho. Só recebo trezentos reais... de aposentadoria”... então eu acho que... ce entendeu o que eu quero te dizer? O poder público tem que começar a olhar pra essas coisas...porque meu, a Dona Célia tem uma história de vida , ela tem que ser ajudada, esta senhora. Então (123) eu fico irritado, nervoso, porque a mulher é um poço de história na . o que ela já passou ali naquele Castelhanos....conversar com ela ali e ela tem já 90 anos essa mulher, e forte, robustona, vai na mata, corta lenha, limpa, carpi, a mulher faz de tudo,lava roupa, faz comida, limpa casa... é uma fortaleza, a mulher. E conhecedora de momentos lindíssimos que Ilhabela passou...e no entanto, ninguém olha por ela... ninguém tem interesse em ajuda ela... não é ruim eu fala isso porque meu coração corta. ,sabe? Talvez Cicrano, fulano e beltrano, nem ligue que se dane, mas eu não penso dessa forma ... (124) apesar de ser uma conterrânea minha, ser uma mulher nascida e criada na praia de Castelhanos eu acho que ela merece toda a minha compaixão, entendeu? (125) E eu ajudei bastante ela na época em que eu lecionei lá em Castelhanos. Eu ajudei bastante, eu não deixei ela pagar o jipe, entendeu? Porque eu arrumava carro de graça pra vir trazer ela... enquanto eu tava lá. Então quando a ente sai da comunidade eles falam que sentem falta de mim, falam: “ai o professor *Espada* tem que voltar, tem que voltar” é por causa disso. É porque eu olho pra dentro do coração deles, entendeu? E tudo o que eu faço por eles é do fundo do meu peito, é de verdade mesmo,é do fundo da minha alma. Faço com muito prazer, com muito amor. Então eles tem essa dificuldade atrás da ilha. Não só o pessoal de.... de Castelhanos, mas Búzios. Quantas vezes eu já vi gente que não tem condução, que não tem meio de transporte pagar, entendeu? (126) Porque antigamente não era assim. A pessoa não tinha meio de transporte o vizinho ajudava, i Fulano ajudava, o Cicrano ajudava. Eles tinham uma união. Mas hoje em dia, com a revolta que os caiçaras tão, que um ta querendo ser melhor do que o outro e com toda essa migração que veio, com os turistas que vieram, com as terras que eles perderam e com as roças que eles não podem mais, nada podem mais. Não podem caçar, não podem plantar, não podem fazer mais nada ... elestão num outro tipo de vida. Eles se revoltaram ... então o que uma família precisa, eles cobram. “Tem que me pagar tanto”. ...entendeu? então (127) eu acho que poderia ter uma ajuda essas famílias que não tem meio de transporte, sei lá. Dá pra gente se organizar. Nada é difícil na vida. A gente se organizando e tendo grana, se tem dinheiro dá pra poder organizar uma forma de ta ahn... dando um respaldo nesse sentido pra essas famílias que não tem condições ... de fazer determinada coisa pra sua própria subsistência ... é isso aí. Eu não vou falar mais nada. (risos).(Tosse).

Discurso IX - Atum

- Bom, a pergunta é : O que é ser caiçara para você?

- Ser caiçara para mim? Caiçara... este termo (1) caiçara é porque nasce no mar, na beira do mar, né? No litoral. E quem nasce no litoral, tem esse, tem..., se chama caiçara... Isso é ser caiçara... que hoje... hoje... hoje ta extin... (2) quase em extinção o caiçara, porque... os caiçaras mesmo eles... tão se afastando, vendem o que eles tem aqui e se afastam pro pra outras cidades. Então são poucos caiçaras ... que tem na Ilhabela.

...(me olha)

- Quer acrescentar mais alguma coisa?

- Ói, eu acho que ser caiçara também, (3) ser caiçara ... éééé... é muito bom. È muito bom da seguinte maneira, ééé: eles têm qualidade de vida, ta? Eles não tão preocupados o que que vai acontecer daqui vinte, trinta anos, não, eles tão preocupados com o presente dia de hoje. Pra eles. Isso é uma coisa boa pra eles. Outra coisa, (4) eles se alimentam de comidas bem naturais bem naturais, isso éé, é bom pra saúde deles. Ééé'...(5) o mar, pra eles, é tudo. O sol, pra eles, é vida, igual pra nós também. Então, (6) isso também é ser caiçara, ter qualidade de vida.

...

- Vou fazer só mais uma pergunta: Você é caiçara?³¹

- Eu sou. Sou caiçara. E sou um desses poucos que ainda continua aqui , e (7) enquanto eu tiver vida e tiver condições eu vou morar aqui. vou defender os caiçaras. Tanto é que eu trabalho pros caiçaras. O meu trabalho é tudo visado com us caiçaras.

Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

... (Faz sinal com as mãos e a cabeça que não)

- Não? Pronto.

³¹ A pergunta foi feita porque o entrevistado sempre se referia aos caiçaras como eles e não como nós.

Discurso X – Praia da Fome

- Bom, *Praia da Fome*, a pergunta é a seguinte: O que é ser caiçara pra você?

- ... Bom, prá mim ser caiçara... ééé... é uma coisa interessante, você percebe....

(1) Ser caiçara é é ter nascido no litoral, próximo à praia, mar... eee acredito que desfrutar dessa beleza natural que Deus nos deu principalmente por morar em Ilhabela, e assim, é uma..., é uma... vamos dizer assim..., (2) a gente aprendeu na nossa comunidade, aqui de Ilhabela, enfrentar nossas dificuldades, principalmente da comunidade que nós viemos que é uma comunidade tradicional, de difícil acesso e isso fez com que a gente pudesse buscar novas alternativas de vivência, de sobrevivência. Então (3) ser caiçara pra mim é ter nascido no litoral né... eee... poderia dizer assim, e eu sou feliz. (4) Tem umas pessoas que acham que tem medo ah, eu nasci na praia da fome, eu nasci na praia, na ilha da Vitória,... sou caiçara, sou buziano, sou boneteiro, então eu acho ... muito legal ser caiçara e (5) Ilhabela ela é na verdade é uma comunidade mista, mista, sobrevive de outras, de outras raças, de pessoas que vieram de fora. Então (6) ser caiçara pra mim é ter nascido no litoral, ter nascido em Ilhabela e a gente aprende a viver com as dificuldades do dia-a-dia nosso. É um resumuzinho da... da nossa, da nossa vivência mesmo aqui em Ilhabela. (7) Caiçara é enfrentar dificuldades, do difícil acesso das comunidades tradicionais. (8) O caiçara daqui, da frente da Ilha, ele não valoriza muito o que a cidade oferece, tá?. Então eles deixaram ser assim induzido por vantagens que vieram de fora, dos veranistas, né?, foram vendendo, doando suas propriedades por preço de banana e nós, principalmente (9) nós, que nascemos lá atrás da Ilha a gente consegue sobreviver com o pouco que tem. A gente consegue manter a humildade, aquele compromisso com as raízes e caiçara é isso, é enfrentar as dificuldades que a gente vive no dia a dia...entendo dessa forma. (10) As quinze comunidades que nós temos aqui em Ilhabela, hoje nós temos cerca de 27.000 mais ou menos. De acordo com os dados que nós temos eu acredito que não chega a 20% de pessoas nativas, natural de Ilhabela. Algumas comunidades não se, não se recompuseram. por exemplo, a comunidade láá da Limo Verde. A comunidade foi morrendo, foi morrendo, morrendo e não teve assim uma continuidade. Algumas pessoas se mudaram pra bairro, Ponta da praia em Santos eee outras procuraram vir pra cá. Então, a população de Ilhabela não chega a 10% de caiçara nativo. Então (11) essas poucas pessoas ainda conseguem respeitar, viver com o pouco que tem. (12) Caiçara, acho que seria isso ser caiçara, viver em Ilhabela. A gente, eu não pretendo sair daqui pra ir pra São Paulo. Pelo contrário, (13) a gente busca qualidade de vida e (14) é possível você fazer uma comunidade saudável se envolvendo, então a gente procurou se envolver. O que aconteceu comigo, (15) ter nascido, ter saído da praia da Fome 15, 14 anos, pra entra na primeira série, ali na na praia do Jabaquara, ainda quando tinha escolinha. E procurá um conhecimento pra que a gente pudesse ajudá a família. Apesar de eu ter pai e mãe eu nunca morei com ele. Fui criado pela minha avó, porque meus pais tiveram seis filhos e eu fui um dos primeiros e teve dificuldade na...assim, no parto então eu fui um pouco rejeitado, principalmente pelo meu pai. Então apesar de eu ter pai e mãe, todos moram lá, eu resolvi sair pra pescá, (16) comecei a trabalhar desde os cinco anos até os dez, mas aí eu fui proibido pela Marinha, pela Marinha em alto-mar, eu até fiquei doente por conta disso e aí a gente resolveu buscar uma outra alternativa de vida, de sobrevivência, tal (aparece alguém na porta e ao perceber que está sendo feita entrevista, sai) de sobrevivência e estamos aqui, então nós, (17) algumas outras caiçaras que nem eu, que nem o *Espada*, o prof. *Espada*, né?, outras pessoas, nós nos preocupamos muito com as comunidades lá de trás da ilha e eu sou uma pessoa muito cobrada. Por que? Porque trabalho na área da saúde e foi de lá que eu sai. Então essa embarcação, Ambulancha, que chegou aí em maio, março desse ano, por exemplo foi uma conversa que nós tivemos com um amigo do ministério da saúde (18) mostramos pra ele onde nós nascemos, né, e ficaram impressionado da gente ter nascido lá, assim não ser um administrador de direito ainda, ser de fato, e ter toda essa responsabilidade e mesmo tando aqui assim, já numa outra, numa outra

camada da sociedade, a gente não perdeu nossa raiz, e ta lembrando de lá ainda. então ajudou a gente a trazer essa e (19) todo um segmento da prefeitura fez com que a gente voltasse a atenção pra essas comunidade. Se comparando assim há cinco anos que não tinha nada, hoje a gente tem um pouquinho. Não tem tudo, a gente vem caminhando pra que principalmente o caiçara, que ele sabe respeitá seu espaço, o seu tempo, não vem usá de outras prerrogativas por exemplo pra... usá de influência, aquela coisa toda. Então eu gosto muito de mexê com a nossa, a nossa, assim, as nossas comunidades caiçaras. (20) As outras comunidades que se instalaram são um pouco difícil de você lidar no dia-a-dia. não sei se eu consegui resumi pra você aí, mas eu acho que depois na sua formatação você vai conseguir sua introdução. Essa seria uma das perguntas ou a gente continua?

-Não, é só essa pergunta.

- Tá. Só essa pergunta?

-É só essa pergunta: o que é ser caiçara pra você?

-Ah, ta, eu pensei que ia ter mais...

-Não, não

- Não?

- Não, não. Só uma.

- Só uma

- Como eu te falei no começo. É uma pergunta só e aí você fala.

- A gente conversa muito, né? Aqui, por exemplo a gente trabalha numa área, que é uma área concreta, que a gente mexe com a vida das pessoa. então assim, um exemplo. Agora mesmo eu tava saindo da minha casa, por isso que eu me atrasei e uma moradora que é caiçara da Praia do Bonete tá hospedada ali numa parente, lá na casa do parente e ela precisa fazer um exame lá em Santos, ééé e aí ela foi no Serviço Social da Prefeitura pedir um carro pra se locomovê até Santos, porque a empresa que o marido dela trabalha, ele tem Patologia lá de Seara, que é uma doença irreversível, a empresa que o marido dela trabalha, ela ta tendo dificuldade de arrumá um transporte pra que possa transladar o marido dela até santos pra realização do procedimento ... e aí ela chegou muito educada “Bom dia, seu **Praia da Fome**, Tudo bem? Falei Tudo bem, - precisava muito falar com o senhor. – Pois não! – sabe o que é, o meu marido assim, assim, precisa ir assado e tal e eu sei das dificuldades, não é?, que a Saúde tem, que a Prefeitura tem com transporte, são muitos pacientes tal, mas se o senhor tiver condição, ta, de dá uma forcinha lá no Serviço Social pra que a prefeitura possa arrumar um carro vou fica muito agradecida. Também se não der a gente vai tentá fazê uma vaquinha, assim; o contrário, tá?, (21) o contrário ééé de pessoas que vem de fora pra se tratá aqui. Aí eles vem aqui e já fala se você não arrumá já vai pra rádio, já vai pra jornal, já vai pra televisão, já vai pra Ministério Público, já vai pra tudo. Não sabe é é respeitar, não sabe usar do do seu direito de cidadão. Vem na base impositiva, então assim, é muito mais fácil lidar com a comunidade que você já tem um trânsito, você conhece. Então porque também que a gente é é é respeitado, porque que a gente acaba servindo como referência? Porque nós enquanto administrador, qual que é a função nossa?. Quem gera a demanda não somos nós. Quem gera a demanda é a porta de entrada lá na frente que é o serviço, que é a recepção de um hospital, que é a recepção uma unidade e o usuário que vai lá. Então, na qualidade de administrador de parte da Secretária de Saúde, porque eu também tenho uma secretária, tem toda uma equipe que me ajuda a trabalhar no dia-a-dia, a gente tem que exercer aquele momento de tolerância, momento de humildade, e principalmente, um moment... ,ééé usar do lado empático. A população chega até aqui pra relatá o que não aconteceu lá, então... você tem que ouví... “então eu vou procurá o **Praia da Fome**”. Então a unidade já trabalha com uma pressão natural “Ah,eu vou procurar o **Praia da Fome**, porque o **Praia da Fome** ouvi a gente,ele dá atenção, se ele não consegue resolvê, mas pelo menos ele encaminha, dá uma solução”, coisa que não acontece com outras pessoas. (22) Então, se vem aqui um

pernambucano, por exemplo, um baiano, ele não sabê usa da força que ele tem. Procura usa dessa força impositiva e eu tenho essa paciência pra lidar. Então..., foi uma coisa muito interessante o que aconteceu comigo. (23) Eu fui trabalhá com meu tio aos 5 anos, pra dá dá... uma ajuda pra minha avó, meu avó também tinha falecido, em alto-mar lá por 1984 um barco da capitania dos portos parou pra fazê uma vistoria e eu era menor. meu tio me escondeu no porão do barco, no porão do barco, até que a Capitania fizesse a vistoria, tal. Demorou uns 20 minutos eu já tava praticamente morto, com hipotermia. aí tiveram que levanta rede, vir prá terra, porque na época a Santa Casa tinha um médico só, que é o doutor..., o dr. Vilela. Enfim, aí eu tive que fica uns 40 dias internado, (24) não pude mais trabalha porque não deixaram porque eu era menor e aí eu saí da praia da Fome, fui ser caseiro no Jabaquara e estudar no Jabaquara. e aí comecei conversar, professor falou “nossa, você tem um potencial assim tal e tal. (25) Na prefeitura já fiz de tudo, desde vigia, servente de pedreiro, eletricista, recepcionista, departamento pessoal. A primeira promoção veio em 97. em 97 (outra pessoa aparece à porta e ele faz sinal que não), em 97 e com cargo de comissão pra uma eu era oposição, vamos dizer assim, do prefeito que ganhou, mas ele chegou aqui na prefeitura, dispensou todo mundo mas você não, eu vou ficar com você porque..., você não precisa gosta de mim, você precisa continua trabalhando pra comunidade como você trabalha... essa pessoa falou, e isso já dura já 18 anos que eu trabalho na área da Saúde. A gente teve aí umas 4, 5 promoções, então eu já tô com 36 anos e a maioria dos funcionários públicos ele tem um vício, acomodado, zona de conforto, aquela coisa toda, né? então eu falei assim: “Bom eu acho que eu vou...” porque (26) a sociedade cobra muito a administração. Poxa, mas o **Praia da Fome** não é formado, o **Praia da Fome** tem o 3º. Colegial e o **Praia da Fome** ocupa um cargo ééé de destaque dentro da administração. a Câmara já quis mudar a lei pra que eu fosse o Secretario, fosse o secretário, eu não quis., dos 13 vereadores que eram a compleição da Câmara na época, noventa e qua., 95, nove já tavam pedindo a alteração da lei e aí eu pedi que não, porque nos quatro anos agora de administração do Prefeito, a gente enquanto chefia, ou quanto colaborador, vai colaborar com a administração porque, pra que a população tenha um serviço de qualidade. (27) Então tudo que eu faço não é visando a minha promoção personalística, ta? de forma a atender coletivamente, a fazer com que a população seja beneficiada. E aí assim, um dia fui numa reunião pra fora, em Caraguá e deu um start assim passei no Módulo depois, fiz inscrição na faculdade, passei em São Sebastião, fiz a inscrição e a semana seguinte já era a faculdade, já era o vestibular. não falei pra ninguém. fui lá e passei nos dois. De repente, eu comecei a a estudar, já fui pro 4º ano de Administração Geral. Então, eu tinha algumas dúvidas do que fazer, se eu ia fazer Medicina, se eu ia fazer uma coisa mais genérica, né?. (28) Optei por uma coisa mais genérica por conta do meu poder econômico, que é baixo, então não daria condição de fazer, mas também (29) eu não uso a estrutura da prefeitura, eu não uso bolsa de estudo, não uso auxílio universitário, nada. Não uso nada pra não dá nenhum tipo de margem de comentário. Já não usando as pessoas já comentam. Então, eu não uso carro da prefeitura pra trabalhar, eu uso meu carro, se você vê aí, poucos usam o crachá, eu to com o meu aqui (mostra o crachá preso na camisa) justamente que a gente possa dar o exemplo a seguir. Então, aqui é zona de conforto, lá na rua é a diversidade, e tem que tá preparado pra isso. mas que eu poderia dizer, na verdade, é assim: (30) outros caiçaras da comunidade também tiveram o mesmo crescimento que eu. tenho pessoas aqui que são estagiários porque hoje tão fazendo universidade. Então fui lá, to fazendo a faculdade (31) hoje as pessoas já me tratam diferente, já me vê com outros olhos, já sou respeitado na comunidade, mais ainda, por conta do que?, por conta do tratamento que eu dou. eu acho que o sucesso tem uma palavra chave chama-se de disciplina, porque apesar de ter pai e mãe e não morar com eles eu morei com um tio, tio *Edgar*, né? Que me deu a oportunidade, eu aproveitei essa oportunidade. Então, (32) nós caiçaras, ééé ,é só a gente não ficar na posição que você tá agora, de braços cruzados, né. Que você com certeza, tem o teu exemplo, né? você

veio lá de Araraquara, buscar a, né, uma oportunidade aqui em Ilhabela e, e aqui com a qualidade de vida que a Ilha te proporcionou você conseguiu também buscar aprimoramento como pessoa, como profissional. Então, você usa dessa beleza natural que a gente tem aqui, dessa qualidade de vida e isso colabora com que a tua inteligência, com que teu pensamento, com que a tua própria vontade de crescer e de viver. isso faz bem pra gente. e e e é isso. eu acho que o mundo hoje tá muito difícil, (33) a televisão mostra tudo, a televisão mostra, ensina pra você ser bandido, pra você desviar daquele caminho que você quer seguir. Então eu li um livro outro dia, do Bernardinho, “Transformando suor em ouro”, que diz o seguinte: que ele, que ele ao acordar, ele pisa em cima da vaidade dele pra que a vaidade dele não o desvie do caminho que ele quer trilhar. então é uma coisa que eu também trago pra mim, trago pra mim. (34) Sempre que posso vou às comunidades, não deixei, na verdade assim, o poder, subir pela minha cabeça, porque aqui eu estou diretor hoje, eu não sou diretor. Se termina no ano que vem, vai entra uma outra pessoa aqui que quer montar a equipe dela. Então eu tenho que ter essa esse conhecimento, essa tranquilidade de aceitar isso e quando você aceita isso você consegue trabalhar sem medo nenhum, sem o medo da concorrência. Por exemplo, a concorrência ela é saudável, tem que ser compartilhada. então acontece muito de um quere puxar o tapete do outro, aquela coisa toda. Eu tenho, eu lido com 600 funcionários aqui, eu não sou unânime, porque nem Deus foi, mas se você fizer uma pesquisa aí entre eles aí... na outra vez que mudou a administração foram pedir pro prefeito: Ó, o *Praia da Fome* continua né? Não, continua, continua, continua ajudando o prefeito trabalhá. Então, (35) eu sou muito atencioso, eu, eu, eu gosto de conversar com todo mundo, eu pratico uma integração muito forte com todo mundo. Então, eu conheço o funcionário, eu conheço a residência dele, o familiar dele e também possibilito que ele me conheça. Então, ninguém chama eu de Senhor *Praia da Fome*, todo mundo é o *Praia da Fome* da Saúde. acho que a *Raquel* a hora que falou pra você Ah, o *Praia da Fome*, ligá pro *Praia da Fome*”, então, (36) o que mudou hoje? O que mudou hoje, Silmara, na minha vida com toda essa...? eu não sou mais dono dela eu sou, a minha secretária é que cuida da minha vida, da minha agenda, tá? Então, o que mudou? O tempo. O tempo tá escasso! Mas vai depende de mim pra melhorá este tempo também tá?, é só eu disciplinar o meu tempo que eu consigo. Queria a faculdade ,(37) hoje to fazendo a faculdade eu vou pra comunidade com o projetos sociais né então assim: é ocupa todo aquele tempo que você tiver, faça, faça algo de bem pro teu... pro teu amigo, pro teu companheiro, ajude o próximo. Então, é dessa forma que eu tento ocupar a minha cabeça, fazendo o bem pras pessoas. Tento fazer o bem o tempo todo. Quando eu vou ali na ilha de Búzios, Vitória, Bonete, é *Praia da Fome* daqui, é *Praia da Fome* pra lá. o pessoal costuma ligar a cobrar pro meu telefone lá do Bonete, lá da ilha da Vitória, interessante isso, tá. Então, eu sou uma pessoa muito feliz. (38) As pessoas falam: põe aí meu... pra você crescer na instituição pública, infelizmente, nos dias de hoje você tem que ter um padrinho, um cartucho, né, e eu não tive isso então muitas vezes eu tento dar a vara pra quem me procura aqui; a pessoa já qué o peixe, já qué o peixe né? Então assim, meu tio Evair quando ele me conheceu em 85, exatamente 13/12/85, que eu vim morá da Praia da Fome pra Praia Grande, ele me deu a vara: “Olha, eu queria te leva pra morar em casa , pra te coloca na escola porque você é uma pessoa inteligente” e eu disse pra ele que eu não queria, não eu não vou acostumar morar na cidade, eu quero ficar aqui mesmo. Então, ele deu a vara pra eu pescar, então eu aproveitei aquela oportunidade. Então, (39) hoje um estagiário que chega aqui na prefeitura ele já entra atrás de uma máquina, de um computador, então ele é resumido àquela atividade, àquela tarefa que dão pra ele. eu não, tudo que me pediam na época eu ia fazendo, ... então a gente muitas vezes é chamado de puxa-saco do prefeito, isso aquilo, que num sei o que, num sei o que, mas não. faça aquilo que tá na sua cabeça, que tá dentro daquilo que foi-lhe atribuído, que você consegue. As pessoas não me vêem por aí em fofoca, em porta de bar, (40) hoje eu tenho que me policial, que a gente é uma pessoa pública, a comunidade cobra muito isso. Então, (41) é

possível sim que o caicara também cresça. Tem... o *Espada* é um exemplo, o prof. *Espada*, que nós temos um parentesco, inclusive, somos primos, né? O próprio prefeito, num saiu daqui, foi tentar futebol?, não deu certo foi fazer uma faculdade com muita dificuldade, de engenharia, fez isso, né? é uma questão só de oportunidade e de você correr atrás. Então, a política que a gente pratica aqui, a gente não pratica politicagem, eu já tive várias oportunidades de ser candida, desde 93, de ser candidato a vereador, não aceitei. Primeiro, porque eu tinha medo, não sabia o que que era isso tal. Depois, mais pra frente a gente descobriu que já tinha um trabalho apresentado, tinha um nome aí respeitado dentro da comunidade de Ilhabela e novamente veio outra oportunidade pra ser vereador, pra ser isso aquilo vice-prefeito, inclusive. Então, é uma disputa danada e aí você se sente assim como se fosse um adolescente, que você à tarde i pra aula do colegial e vai ver tuas namoradinhas, elas te paparicando, elas te namorando, então a gente se sente assim. (42) A gente vai analisando, analisando, analisando eeee ... todas as vezes que me chegou esse convite, eu pensei assim: “por que criar dificuldades pra secretaria de Saúde e pros meus colega?”. Seria incoerente. Então, (43) houve um resgate de tudo aí depois que eu vim pra Secretaria e, principalmente com a administração do Prefeito. Houve um resgate, não só na saúde, mas na área da educação, na área social, na área cultural do município. ééé e fazer com que você tivesse compromisso com aquilo que você faz. então eu falei assim: “Muita coisa foi feita, muita coisa tem que ser feita ainda”. O pessoal lá da administração fala o seguinte, que toda a mudança dentro do processo da organização, ela gera interrupção, gera conflitos, eu me vi assim, se eu sáisse, lógico que eu não sou insubstituível, ninguém é, mas aí é outra pessoa que entra aqui, o outro secretario, a administração pública precisa do funcionário de carreira com um pouquinho de conhecimento pra ser o facilitador pra quem chega. Então eu não quis criar dificuldade pra secretaria da Saúde, junto com meus colegas, junto com a minha equipe, a gente conversou bastante e eu resolvi não sair candidato a vereador, porque eu entendo que eu sou mais útil aqui pra comunidade, pra população do que lá fora. Por tar a muito tempo, por (44) ser referência também, mas a gente é o tempo todo cobrado pela forma que a gente trabalha, de forma transparente, de forma séria, né, a gente não faz um trabalho voltado pro nosso umbigo e sim, pra comunidade. Porque você ta aqui para servir! e com isso possibilitou que a gente com toda a equipe conseguisse oferecer um serviço de qualidade para a população. Muita coisa vai acontecer ainda, eu não faço nada sozinho, como ninguém faz, mas existe todo um envolvimento da Secretaria de Saúde, por a gente trabalhar na, numa área que é de muita complexidade, nós temos o compromisso muito grande com todo o povo de Ilhabela, no sentido de exercer uma missão, missão essa que eu traduzi naqueles banners ali, não sei se você leu

- Na escada?

- Isso, aquilo ali foi um curso que eu fiz, liderança né eee aquilo ali é uma frase que eu resumi no curso e foi eleita a frase pra, né, prá Saúde. Então eu coloco nas unidades pra que o recepcionista, o outro funcionário não rejeite o usuário, que ele possa acolher da melhor forma possível porque muitas vezes nós somos procurados, não porque a pessoa realmente tenha uma patologia, mas porque ela tem, uma carência, ela precisa de atenção, ela precisa de carinho, de uma palavra de conforto ééé servirá muito pra que essa pessoa adquira novamente sua auto-estima, tal. Então, eu uso muito da psicologia, eu trabalho no dia-a-dia pra, pra motivação do funcionário, trabalho, tal. Embora não seja um administrador de fato, de direito, eu to buscando isso, né, agora de direito, pra que a gente possa melhorar e colaborar mais com a dúvida que o, que o nosso funcionário tenha. Então... to muito feliz!(45) O importante é você fazer aquilo que você gosta, não fazer aquilo por obrigação. Eu me dedico aqui 13, 15 horas por dia, então sábado e domingo eu sinto falta dessa pressão, dessa adrenalina. É muito gostoso a gente, você se sentir útil. Então o tempo todo eu tento passar essa força, essa vontade pras pessoas, eee... e o tempo todo a comunidade me motiva prá isso,

ta?. É possível você fazer um trabalho sério sem você se amarrar com ninguém. Então talvez por isso que ...ééé ... Eu ainda tenho alguns pontos de interrogação na minha cabeça, ta?, que eu to aos pouquinhos refletindo, pensando, né? Tem algumas coisinhas... apesar da minha pouca idade, a responsabilidade veio muito rápido pra mim, veio precocemente, precocemente, porque... eu, (46) nestes últimos sete anos que eu participo, em virtude do cargo, acaba sendo, tendo que ter uma estrutura, um traquejo político pra isso, embora o nosso trabalho aqui tenha que ser, tem que ser 90%, 100% técnico. A gente não usa a Secretaria da Saúde pra uma promoção pessoal, pessoal, né?. Até porque a gente aqui, a gente aqui, como eu te falei, deve satisfação à sociedade, porque é a comunidade que é a maior beneficiada. Então, a gente deve, deve satisfação a ela. éé' então eu ainda fico me perguntando porque essa responsabilidade veio tão cedo. E eu que não..., até pouco tempo que eu não era filiado em partido nenhum. então é aquilo que eu te falei. (47) A promoção veio mas não veio por um, por um cartucho político, por um apadrinhamento, por nada, veio pelo trabalho, por a gente ser, acredito, que o elo de ligação com a comunidade ce saber. Na verdade (48) é assim, tu vê as dificuldades, as particularidades de cada bairro da nossa querida Ilhabela. Então... e (49) a gente vai continuá trilhando esse caminho. essa faculdade não é assim pra que eu “quero ser secretario daqui a pouco, quero ser o prefeito”, não!. É justamente pra, prá aprimoramento como pessoa né e não é pra provar nada pra ninguém. Pra que a gente possa colaborar, principalmente, com a nossa Ilhabela, com o funcionário que hoje trabalha com a gente aqui. Então... Lá na faculdade por exemplo, no primeiro dia que eu, (50) no primeiro de aula, tinha 59 alunos na minha sala. A professora falou assim “Quem é caçara aqui”? ... só eu levantei, eu levantei os dois braços. no meio de 59 alunos, só tinha um caçara lá. por que você levantô os dois braços? e a professora *Silvana*, que ela também faz um trabalho, um estudo com o caçara , não sei se você conhece?

- de Caraguá?

- É.

- Conheço.

- Conhece a *Silvana*?

- Conheço.

- Então você pode até perguntar pra ela essa história.(51) “Por que ce ta levantando os dois braços?” “porque eu sou caçara mesmo, sou nativo. Eu me sinto índio aqui no meio de vocês! Então, eu queria pedir muita paciência, colaboração, vo precisar muito da ajuda aqui dos meus colegas porque eu to vindo de uma comunidade tradicional, onde não tem isso, isso, isso, isso. pra chegar até a 3ª série eu usei uma canoa e um caiaque pra vim da praia da Fome, pra chegar no Jabaquara e depois até a Armação. Eu contei uma história que foi, assim, encantado. Toda a faculdade ficou sabendo. Que que eu era da Praia da Fome, tinha nascido aqui e tava fazendo faculdade lá. Então, as pessoas me acolheram, né e nossa, aliás eu to com saudada da faculdade, semana que vem vai começá. Então é muito gostoso, Silmara. (52) É muito gostoso é ser caçara eee, eee tá aqui e poder ajudar nossa comunidade. É gostoso. (53) Caçara então é viver as dificuldades aqui do dia-a-dia ta, aqui dentro do nosso mundo e (54) Ilhabela hoje ela não é mais uma Ilhabela desconhecida, é uma Ilhabela visualizada, ta, então nós temos uma responsabilidade muito grande, ambiental acima de tudo, preservar isso, o pouco que que nós temos nessa ilha, porque de uns trinta anos pra cá, vamos dize uns 20, doze treze anos maiôs ou menos que eu na. (55) Até os 13 anos eu achava que aquele motorádio de pilha que a minha avó usava, eu achava que tinha gente dentro do rádio falando e, quando eu vim morar na casa do meu tio e que eu assistia televisão, eu achava que tinha gente dentro da televisão. então, ééé eu achava que um boi era um cachorro, então... interessante assim, houve uma mudança muito radical na minha vida, radical mesmo e eu me policio todo dia pra que eu não deixe de pisá no chão. E olha pra trás. Eu fico me policiando o dia todo. Se às vezes eu passo assim um pouco cabisbaixo, preocupado, tal e eu não

cumprimento uma pessoa, no dia seguinte eu faço questão de ir lá, conversá, ligá eu, eu, assim, eu o tempo todo fico dando satisfação. Então, é uma coisa minha, uma coisa natural minha, não é uma coisa pra aparecer, tenho assim, um carisma, uma forma natural minha. (56) Quando eu morava lá trás da Ilha que eu não usava chinelo, sapato, num usava calça, a minha roupa era saco de farinha de trigo, e essa de padaria. Sabe esse saco de linhagem branco?

- Sei.

-(57) Minha roupa era daquilo ali. Eu nunca tive um carrinho. (58) Meu café da manhã e hoje, ééé entre um pão com manteiga, ta?, ou misto quente, se tiver uma mandioca, ta? uma abacate com farinha com uma batata-doce, eu ainda prefiro, ta?. Alias, hoje o meu café da manhã, o meu café da manhã hoje foi com batata-doce. Que eu trouxe do sítio aqui de um sítio de Paraibúna, que eu fui passá o fim de semana. Então, o peixe é minha comida preferida. Eu sei cozinhá, eu cozinhei até os 14 anos, lavava minha roupa, (toca o telefone) então (59) ninguém muda a minha cabeça, eu tenho a minha cabeça, eu tenho meu pensamento. A única coisa que muda a minha cabeça é o meu pescoço, muda pra lá e pra cá (faz o movimento com a cabeça) Então, assim, (60) eu tenho a minha história, tu tem a tua história, o outro colega aqui tem a sua história também, tem a história dele também então e dentro dessa mistura toda que a gente ta por aí..... ta? Num sei se... acho que me estendi demais.

- Não, de maneira nenhuma.

- Tem muita coisa pra gente fala, muita, é uma história assim complicada. O Silvio Santos veio um dia pra gente fazê uma matéria, né.... tem uma pessoa aqui da Ilha que deve fazer aí um, um estudo pra gente, escrevê alguma coisa, vamô vê! Então hoje eu sou uma pessoa muito feliz, hoje sou casado com a *Maria Beatriz*, uma moça de Guarulhos, tem 30 anos, tenho duas filhas, acho que... (mostra um porta retrato) aquela ali é uma, aquela ali é uma (mostra outro porta-retrato, com a foto da filha mais nova). Tudo na minha vida veio com planejamento, ta?. (61) Eu, eu, tinha uma moto, eu comprei um terreninho. antes da prefeitura, eu trabalhava dois períodos. Eu saía da prefeitura e ia trabalhar de garçom, hoje a parte da minha casa foi com dinheiro de 10% de garçom que eu ganhei. Então, terminou a minha casa, aí eu casei. Depois de 5 anos veio a minha primeira filha, a *Ana Beatriz*, né, aí comprei um carrinho, paguei todas as contas, todas as contas direitinho. Fiz minha casa, onde posso receber minha família. Meu pai era um cara, só voltando um pouquinho, que por não gostar de mim, (62) e a gente comia lá atrás da Ilha peixe assado com mandioca e com banana assada, tá e peixe assado na brasa. Era raro a gente comer arroz, feijão, e eu morava com minha avó. (63) Quando eu passava em frente da casa do meu pai, na praia, eles tavam jantando ou almoçando na sala e eu via lá arroz, aquelas coisas todas, o meu pai fechava a porta pra que eu não visse a comida. Ta? E quando eu descia na praia ele tentava me batê. Que ele não gostava de mim. E um dia eu tava com muita fome eu fui pedi uma cozinhadinha, uma caneca de arroz, pede uma cozinhadinha (mostra a xícara de café) de arroz e meu pai soube que a minha mãe me emprestou, ele deu uma coça na minha mãe, quase matou a minha mãe. E um dia ele me pegou, deu uma coça em mim também, sem mais nem menos. (64) Foi o juizado de menor, na época, o conselho tutelar foi lá pra prendê meu pai. Eu não deixei, não deixei, “não, só fale pra ele não fazê mais isso comigo, da próxima ele vai preso”, ta eee então, (65) isso fez com que também eu criasse muita força. Falei “ Não, um dia eu vou superar tudo isso e vou fazer o contrário. Tudo aquilo que não foi possível devida, devido à estrutura física deles, a forma ééé deles viverem, outro mundo, outro, em outros tempo, então, eu vou querer melhorar tudo isso e ser o advogado deles. hoje, era pra eu virar a cara pra ele que (66) eu tenho, quase tudo, tenho uma saúde boa, tenho uma casa, tenho minha família, tenho os meus amigos, eu poderia ter virado a cara pra eles. Depois que 5 anos, que eu já tava crescido, tal, maior, eu desenvolvi, eu fui na casa da minha avó e fui visitar a minha família, meu pai e minha mãe. Aí minha mãe reuniu uma mesa assim, café, mandioca e sentaram

todos os meus cinco irmãos, nós somos em 6. aí meu pai chegou. “Ô filho, que bom, que bom que você voltou, tal. (67) Ele pegou a correia e começou a bater nos meus outros irmãos inexplicavelmente pra que eu tomasse aquele café ali, em paz, que nem aquele filho pródigo naquela história do Sérgio Reis, né, então ele queria se redimir comigo ali naquela hora, batendo nos meus irmãos. Eu, já homem já, tipo 18 anos, sei lá o que, 20 anos acho, falei “Não, pai, o senhor não vai fazer com meus irmãos o que o senhor fazia comigo. De hoje em diante é diferente. Eu quero todos aqui tomar o café comigo” e aí, a partir desse dia eu sou muito respeitado pelo meu pai, pela minha mãe e assim que posso ajudar, vou lá mandar cesta básica pra minha avó, ela só não mora comigo aqui porque ela não quer, é aquela pessoa tradicional que já tá acostumada naquele ambiente pacato dela, aquela coisa toda, mas assim, até o fim da vida dela eu considero ela como minha mãe porque ela me criou e meus tios daqui também. Eu não sinto aquela falta do meu pai e da minha mãe, mas o meu tio Evair aqui, o meu tio Evair, eu sinto falta. Então, sempre que posso eu vou visitar, vou visitar e aí o que me deu um pouquinho de bagagem foi esse certificado aqui, ó, (mostra certificado exposto na parede atrás de sua mesa) de gestão de saúde pública que eu fiz na USP, em novembro de 99, seis meses. Então eu saía, (68) eu trabalhava de 2ª a 5ª feira, saía daqui, ia de ônibus lá pra praça da República, da Sé, ficava lá 5ª, 6ª, sábado e domingo, fazendo esse curso de Saúde pública, tinha uma amiga minha me ajudou a me inserir lá e, foi isso que me deu bagagem pra que eu pudesse ser esse administrador de fato, até hoje, tá. Isso aqui que me deu força. Então, nós tá aqui trabalhando e vamos continuar procurando trabalhar de forma séria. Então, eu vou continuar, pra gente resumir, fazendo aquilo que eu gosto né? que é trabalhar pras pessoas e dessa forma é que eu adquiri esse respeito, essa confiança e esse carinho de todo mundo e vou procurar sempre pisar em cima da vaidade pra que ela não desvie do caminho que eu quero seguir, que é esse caminho de sempre poder servir o próximo. É isso aí!

- Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

- Ah! Primeiro... agradecer... você, acho que agradecer a Rita, né? Que, por esse, pela lembrança, (69) eu acho que eu tô contribuindo aqui com você com um pouquinho do que resta ainda com, com, com os caiçaras do litoral norte em geral, porque não é só em Ilhabela, né, que a população caiçara tá diminuindo. Ééé, pra poder resgatar essa cultura nossa, a forma da gente se expressar, da gente se comportar, da gente, da gente viver, né. Então, parabenizar você por este trabalho porque são, acredito que são poucas as pessoas que ainda pensam como você, de trabalhar essa questão, da cultura aí e... e dizer pras pessoas o seguinte, que eu acho assim, (70) pra que a gente possa ter sucesso e crescer na vida, crescer na comunidade, crescer na vida pessoal mesmo é usar da disciplina, acho que a disciplina foi assim o segredo pro meu sucesso, aproveitar as oportunidades que as pessoas dão. Então, e agradecer principalmente a Deus, a Deus e agradecer minha família e aos meus colegas e dizer pra eles que não há vitória sem luta. então, nós estamos aqui lutando de forma saudável, respeitando o espaço de cada um. então, lutar mas, assim, respeitando o espaço das pessoas. seria isso. parabenizar você pela, pela, também pela sua força de vontade, de ter deixado a tua família lá, não sei se você é casada

- Não, não.

- Se você tem filhos. Não? Mas você também, (71) assim como eu, respeitando o espaço, o mundo das pessoas, vem buscando o crescimento profissional, aprimoramento pessoal. Enfim, é isso. Que a gente continue aí trilhando esse caminho, que eu acho que é, com certeza, vai ser sempre de vitória pra gente. As dificuldades elas existem sim, mas nós estamos aqui pra tentar, dentro das possibilidades de cada um, tentar sanar. Seria isso!

- Obrigada, Praia da Fome.

- Tá, eee, agradecê o momento de te conhecer, também

- Obrigada!

- Você é uma pessoa muito simpática, muito simpática e dizer pra você que pode contar comigo pra colaborar no que for preciso aí, e gostaria de contar com a sua amizade daqui pra frente ...

- Já tem.

- Pra que a gente possa, poder se integrar mais daqui pra frente e começa a trocar idéias e fala universitariamente daqui pra frente, porque é interessante isso prá mim. Tá?

- Obrigada

- De nada. Que é isso? Fica à vontade

- Quanto tempo nós falamos aí? Tá marcado?

- Tá! 50 minutos.

- Ô loco!

Discurso XI - Orquídea

- A pergunta é assim, Dona *Orquídea*, o que é, isto, ser caiçara para a senhora?

- ...Ah, eu acho... que é ser caiçara? (1) eu acho que manter as tradições.. daqui, entendeu? Dos nossos... avós, pais, né?, manter as tradições eee... em todos os sentidos e... (2) infelizmente agora não tem mais caiçara aqui, né? (risos), não tem.

- Não tem?

- (3) Agora não temos mais caiçara, tá?, Que...(4) foi... foi vindo todo mundo, né?, eee, de fora e foi misturando e aí (5) os caiçara mesmo daqui, a maioria vendeu seus terreninhos e foi embora, né?, então (6) ficou... somente os, os migrantes, ficaram aqui. (7) Tem muito pouco caiçara, muito pouco. No sul da Ilha eu acho que até ainda tem bastante, né?, no sul da Ilha. (pássaros cantam ao fundo)³² Agora aqui no bairro³³ tem muito pouco, tem muito pouco mesmo..., que nasceu, que viveu toda a vida aqui, né?, tem muito pouco. Lá também no norte, na Armação, na praia do Pinto, tem muito pouco também, a maioria de lá, eles... Todo mundo vendeu os terrenos pros turistas, foram embora para Santos, pra aqueles lados lá de Guarujá, Santa Rosa. então tem muito pouco caiçara aqui, né? E (8) é assim, eu acho, assim, manter as tradições, né? das das dos nossos... avós, né?, nossos pais, eu acho assim. (9) Eu não sei se eu, se eu sou boa caiçara (risos). Não sei se eu sou.

- Por que?

- (10) Não sei se eu mantenho ainda. Aiii... Mas eu acho que sim... Eu acho. Assim: caiçara é tanto (11) manter as ... que, que, que tinhaa antigamente.. a maneira que do caiçara viver, por exemplo, atrás da ilha, né? Então, só da pescaria, né?, da, de fazê a farinha de mandioca lá no seu forninho, tudo, né?, como meu pai fazia. Eeee me lembro muito disso, apesar de ter vindo de lá com oito anos mas eu me lembro desta parte... Que lá eles viviam assim, é da, é da roça e da pesca, né? E... e aí.. a (12) a comidinha lá, era seu pirãozinho de peixe, né? eee feito com a farinhazinha da... feita por eles, né?, que eles plantavam... a mandioca, me lembro de toda essa... etapa de plantá, quando chegá a época, de colher. Tirá a mandioca do chão, pra raspá, ralá. (13) Ali tinha uma roda enorme né? A mulher, no caso a minha mãe, sentava ali com a mandioca, tinha um banco assim (faz gestos com a mão para indicar a posição do banco). (14) Bonito até, agora, né?, agora é bonito, naquele tempo era feio pra gente, porque era muito trabalhoso, né?. Mas agora é. Tinha que ficá ali, e o homem agora muito trabalhoso e o homem lá na roda. Não sei se você já viu?

- Já.

- (15) A roda lá. Um homem de cada lado (faz gestos mostrando os movimentos dos homens na roda)..., e a mandioca lá, tira aquela botá outra, tira aquela botá outra. Até que rala aquele cesto enorme. Aí, ficava aquele... cocho que chamavam..., né?, uma espécie de uma canoa assim (indica o tamanho com as mãos), mas era cocho, cheio de massa, punha nos ta-pi-ti, aqueles cestos assim, tudo muito bem trançado, então, enchia aquilo ali e colocava na, na prensa, prensa tinha uma tábua grande assim, em cima tinha uma coisa, tinha umas cordas ali, aqui botava... pedras e aqui tinha a parte onde punha os cestos empilhados. Um em cima do outro, um em cima do outro e aquelas pedras, ia botando pedra, até que prensava bem, saía toodo aquele caldo da... mandioca, saía tudo. Aí ia aumentando, à medida que ia, que ia... saindo o caldo, aumentava o peso lá, mais pedras, mais pedra na, na prensa, pra... , pra... cada vez achatando mais, achatando mais, pra ficá mais sequinho, isso aí durava um dia e meio, isso aí, né? e até que prensava tudo aquilo e vinha a hora de fazê a farinha, né?, acendia o forno lá. Esquentava o forno, Ah!, tinha a peneira. Tinha que peneirá tuuudo

³² Na realidade, durante toda a entrevista, realizada na varanda da casa de Dona Cecília, os pássaros cantavam nas árvores de seu jardim, próximas a nós, sentadas na varanda.

³³ Refere-se ao bairro saco da Capela, onde reside.

aquilo, né?, toda aquela massa, passada na peneira, pra depois i pro forno, aí torrâa aquele bocado, encostá pra lá, torra outro. Ah que, tão gostoso, o cheirinho, né? Então, mas aí assim, eles...(16) os caiçaras lá de trás da Ilha vivem assim da... pesca mesmo, né?. (17) Era difícil tê lá um paõzinho, a não ser quando eles saiam de lá pra vir aqui né? Pra fazê compras, né? Compras de outras coisas, né?, eeee aí comprava o pãozinho, levava o arroz, o feijão, tudo, mas a não ser isso, quando era época, que dava aqueles temporais, que não podia saí de lá pra lá prá vir aqui, porque era só de canoa né? Aí tinha que passá com o que tinha ali né? A farinha e o peixe. Então, era pirãozinho mesmo, né? (risos). Era pirãozinho mesmo, mas era assim, (17) a vida de lá de trás da ilha era muito difícil e a gente pensando bem, era muuuito dura, muito,... era muito difícil. Minha mãe, qué dizê, (18))eu e meus irmãos, a gente se criou assim, entendeu? eu não me criei com pãozinho todo dia, feijãozinho e arroz todo dia, não! Eu me criei lá atrás da Ilha então, assim do jeito que era a vida lá. me criei assim. (19) Então, lá era difícil. e assim eu acredito que toda... quanto mais lá pra trás, Sombrio, aquela parte toda, acho que é ainda mais difícil ainda, né? porque é mais longe ainda daqui né?, daqui do centro, (20) mas era eé uma época boa, só tinha caiçara, só não se via, uma pessoa assim que não era conhecida, não tem mais caiçara, a gente não conhece mais ninguém. Aiii, (21) mas a Ilha tá muito boa, né? Ta muito boa. (risos) Aiiii.

- Eu gosto, eu gosto bastante.

- Então, aiii... eu sei que... (22) a gente se criou tudo láá. Eu saí de lá porque não tinha escola, né?, lá não tinha. Eu já tinha oito anos e eu precisava i pra escola. Tinha..., minha avó, ela tinha um filho que trabalhava na... com barco de pesca, barco de sardinha, ele pescava... lá pra trás da Ilha e aportava aqui, né? Eee aí ele, alugaram uma casinha aqui e ela veio pra cá mais..., ela fez isso mais pra ela me trazê pra eu ir pra escola. Foi aí que a gente começou a vir pra cá, né?, e aí com oito anos eu vim pra cá pra i pra escola, junto com minha avó. Minha mãe ficou lá com os outros oito filhos dela, com os outros oito filhos dela (rindo).

- Eram nove?

- Eram nove.... atéé, (23) até que um dia meu pai faleceu no mar e ... aí então ela veio para cá com todo mundo. Meu pai saiu pra trabalhá, que ele tinha rede e saiu prá trabalhá com a rede... eee simplesmente ele... desapareceu da canoa. A gente imagina assim, que ele deve te tido um... alguma coisa assim que ... os outros que estavam na canoa só perceberam quando fez assim (faz um movimento de balanço com as mãos) a canoa, que olharam pra trás, ele tava afundando e aí... e (24) aí que a minha mãe veio prá cá com todos os outros filhos e aí ficamos aqui e aí eu vim pra cá (indica sua casa) risos.... aí, mas é assim né?, eu a essas alturas eu já tinha 15, 16 anos... Ficou minha mãe com todos os filhos. O menor filho dela não tinha um ano ainda.

- Nossa!

- O menorzinho quando meu pai morreu, não tinha um ano ainda. Mas, foi indo e... e aí a gente tá aqui. Agora eu tô aqui (mostra a sua casa, rindo).

- Sempre aqui?

- Sempre. Então... depois que eu, (25) depois que eu me casei, eu morei aqui (mostra onde era a casa) na casa da minha sogra um tempo, depois morei lá embaixo naquela casa onde tem a Sorveteria Napoli, morei lá... um tempo, depois eu vim pra cá, pra esta casa. Construiu, ele construiu aqui e a gente veio pra cá. Era pequenininha, uma casa pequenininha depois a gente foi aumentando. Aqui eu tô quarenta e três anos, nesse lugar, nesse lugar, nesse lugar onde eu tô agora. 43 anos. (26) Eu sou caiçara, eu gosto de ser caiçara. “- ah!, então quanto tempo a senhora...?” “- Ah!, eu nasci e vou morrer aqui na Ilha, eu sou caiçara.” (risos) A pessoa: “- a senhora mora aqui? É daqui?” “- sou.” “- mora aqui?” “- sou, moro aqui e vou morrer aqui. Se Deus quiser eu vou morrer aqui (ri).” (27) Não tem lugar melhor né? A gente sai, vai em algum lugar... Você não, eu acho que você fica contente quando você chegá lá na sua casa.

- É.

(risos).

- Eu não, (28) posso ir em algum lugar enquanto... passa dois dias, eu fico desesperada . aí só fico contente quando chego aqui. Só atravessá o canal, pronto. Aí pronto. (29) Mas é muito bom (pássaros cantam em uma árvore próxima de nós). É muito bom, Silmara (risos).

- Eu acredito...

Risos.

- Eu acredito que sim.

- Então... mais alguma coisa que você queira?

- Não, eu quero saber o que é ser caiçara para a senhora.

- Então, (30) eu acho que ser caiçara é isso. Conservá aquelas tradições, né?, daqui da do nosso povo, dos nossos antepassados, eu acho isso. (31) Que agora não é mais possível tá fazendo isso. Agora já não dá mais pra preservá ... mudô tudo, né?... as coisas, desde a alimentação do povo, né?, mudou tudo. Então..., ta tudo sofisticado. Imagina um caiçara há trinta anos atrás mexendo num computador.

Risos.

- E eu fico pensando. Ainda eu tava falando outro dia pra pra *Maria*, “Sabe quem ia gosta muito de computador?, falei. O teu avô, *Maria* Ele gostava muito dessas coisas mexia com tudo acho que ele ia gosta muito . a *Maria* falou, ia mesmo, ia gosta mesmo. (32) mas agora, as criancinhas caiçaras, coitadinhas, já nasce com o computador aí enfim... é o progresso. Aiiii, é o progresso. Faiz parte. Faz parte da vida da gente. ... (33) lá pro pro sul da Ilha ainda tem bastante caiçara né?, Você pegou alguém daquele lado, pra lá, pra entrevistá alguém?

- Pra entrevistas? Entrevistei. Entrevistei o seu *Manuel*.

- Não falou com *dona Clotilde*?

- Não, quem é *dona Clotilde*?

- Aquela senhora simpática ali do sul, a nadadora lá.

- Ah!, A *dona Clotilde*, ali do Ilhote.

- a nadadora

- Eu não sabia que ela era daqui da Ilha.

- Eu acho que ela é. Eu acho que ela é daqui da Ilha. Ela é da família *Santos*.

Eu acho que ela é daqui da Ilha. Eu não tenho certeza, mas eu acho que ela é daqui, da família do *Euzébio Santos*, né?, ali do Portinho...

- Não conheço

- E ela é de sobrenome *Santos*. Deve ser da mesma família. Eu acho que ela é caiçara, viu? Então, seu *Manuel* quem é? É lá do sul?

- Seu *Manuel* é do Curral, mas o seu *Manuel* não autorizou a, a entrevista. Como ele não enxerga e, ele tinha que assinar, ele acabou não autorizando, o que é até compreensível... mas ele, assim, foi uma conversa ótima.

- Hum...

- Ele mora ali no Veloso.

- Hum...

- ..., o seu *Manuel*

- ... vou... entrevista *dona Benta e seu Paulo* que tá pensando.

- Lá do sul?

- É, ali do Portinho

- *Dona Benta e seu Paulo* são ali do Portinho.

- Ahn

- *Seu Paulo* ta pensando.

- *Seu Paulo* está pensando
- É
- Então, eu acho que a *dona Clotilde* é caçara sim. Ela é assim uma pessoa... assim muito alegre. Ce sabe quem é, né?
- Sei, sei.
- Nada aí
- Nada com o grupo da *Betânia*
- É do tempo do *Murilo*.
- Sei. Ela nada, até a última prova que eu ajudei a *Betânia*, ela estava nadando.
- É, É. Ela vai todo dia lá, lá, ali na aula da *Betânia*
- Na ilha das Cabras?
- Agora ela ta fazendo aqui na no Pelicano, ali na frente.
- Ah, eles estão no Pelicano agora.
- Eles está ali, agora, a *Betânia*, quarta-feira de manhã.
- Ah, eu não sabia.
- Ali no quiosque, onde teve o X-Terra.
- Sei.
- E a *dona Clotilde* também, todo dia. Participando. Ela é muito ativa, né?
- Ela é.
- ... aiai...
- A senhora gostaria de acrescentar mais alguma coisa, Dona *Orquídea*?
- Ai, eu tô aqui pensando, mas acho que não tenho muita coisa pra fala. Eu te falei, né? Eu... não sei assim, muito muito muito ... então.... Então tá bom, né?
- Risos.
- Se a senhora acha que sim, sim.
- Você que sabe.
- Não, não.
- Risos.
- Não sei de nada. Quero saber da senhora.
- Não sei se dá pra te ajuda em alguma coisa. É trabalho de universidade?
- É.
- Ah, que bom! Tomara que eu consiga te ajudar em alguma coisa.
- Sempre.
- Então é isso... Aí então, mas aí vou perguntar pra *Betânia* se a *dona Clotilde* é caçara. Ela vai aceitar na hora. Mas eu acho que ela é sim, a *Betânia* deve saber... é várias pessoas ...?
- São. São algumas.
- Ah!
- Aí não tem um, um número certo assim mas são. Mais de um, são algumas pessoas.
- Ah, sim! Quanto mais você conseguir, né?...
- É , na verdade,a quantidade das, de, das pessoas não é tão significativo assim, é mais o que as pessoas me dizem mesmo.
- Ah, sim!O conteúdo (risos).
- É, é. Então não tem um número fixo de, de pessoas.
- É é.
- Eu quero entrevistar todo mundo..., mas aí todo mundo não dá. Todo mundo que eu converso eu quero entrevistar.
- Ai, ai ai. Ali no Perequê tambémm eu nem sei se tem alguém que possa... (34)deve ter ali no Perequê, tem bastante caçara, né? Quem sabe. Não tenho muito

conhecimento assim do pessoal do Perequê... É!,(35) Onde tem mesmo mais caiçaras é lá no sul, mesmo.... Ah! Se *dona Clotilde*... é caiçara ela vai te ajudá, vai gostá, vai amar (risos). Vai amar. Aiai....

....

- A senhora gostaria de mais alguma coisa acrescentar?

- Olha não me ocorre agora, no momento. (Risos).

- Então , tá! Obrigada Dona ***Orquídea***.

Risos.

- Prontinho.

Discurso XII – Flor de Maracujá

- A pergunta é: O que é ser caiçara prá você?
 - ...Bom, (1) caiçara tem vários sentidos, né?, é assim, as pessoas interpretam de várias maneiras. Caiçara tem vida boa, o caiçara é uma pessoa... ah, assim tranquilo, sossegado, né?, mas eu acho que não, ao contrário (2) eu penso que o caiçara é um cara, uma pessoa assim que... mora na comunidade, né? Ser caiçara pra mim é ter orgulho da sua origem, né? Que nem eu sempre falo: eu sou caiçara e num, num escondo. (3) Sou caiçara. Nasci em uma comunidade tradicional... que caiçara é que ééé.. que sempre, que nunca deixa perder sua tradição. Entendeu?.. (4) caiçara é morar no paraíso igual que eu moro, né Silmara. Você sabe... (risos) bom, é isso. É... ser caiçara é isso, é ser caiçara. Por exemplo, (5) as pessoas interpretam de várias maneira, né?, mas pra mim ser caiçara é um, viver numa comunidade, tem uma tradição, entendeu? Ééé, (6) é um povo diferente. Também ééé... o caiçara ele é assim meio excluído, se for olhar bem assim... ééé caiçara é é bem excluído, assim, porque nós não temos muita informação, né? então a gente fica um pouco pra trás. Acho que é isso. Então é isso, entendeu? (7) Mas eu tenho orgulho de ser caiçara..., entendeu? (8) Nasci numa comunidade e pretendo ficar lá, lutá pela minha comunidade, ajudá., entendeu?.. é assim ééé...lutaá...prá... (9) eu não vou muito as coisas que eu quero, mas as crianças que estão lá... vão ver., entendeu? (10)Então ser caiçara é ter orgulho da sua origem..., entendeu? É isso aí! Você pode por isso aí, que eu me orgulho de ser caiçara, nasci numa comunidade, entendeu?, de difícil acesso, você já foi lá, sabe como que é. (11) A gente paga um preço caro também por morar numa comunidade, mas é bom ser caiçara..., ser de Ilhabela, né? Eu sou..., sou de Ilhabela, sou caiçara e moro... na frente da Ilha, né?, Que as pessoas falam que é atrás, mas lá eu vejo o sol nascer, não vejo o por-do-sol. o pessoal aqui, que mora na, no centro vê, né? entendeu? Então isso pra mim é (12) ser caiçara ter orgulho de ser caiçara. É isso. (risos).

- Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

- Como assim? Anh? ... ah, Agora faltou, deu um branco na..., na idéia...Ah, ééé... (sorri). Num lembro! Ah, Você pode fazer a pergunta, eu respondo.

- É essa a pergunta.

- É essa só, né?

- É. É essa a pergunta: eu quero saber o que é caiçara para você.

- Ah, é isso que eu falei, né?... (13) Não ter vergonha da tua origem, né? (14)Quer dizer, o caiçara tem que ter orgulho do lugar que nasceu, eu tenho esse orgulho. Em todo lugar que eu vou, em todas as reuniões, eu sempre falo: sou caiçara, nasci numa comunidade tradicional. Espero que ela continue sempre assim. Entendeu? É isso. Aí se não fica bom, você pede de novo, que...

- Não, tá ótimo, tá ótimo

- Aí você pede que eu faço, eu repondo de novo.

- Não, não. Não tem... é a sua resposta. Num tem...

- entendeu?, então, caiçara é isso. É isso. Você pode... Vê o que ficou bom aí e você pode por.

- Não! Vai tudo. Vai tudo. Eu vou por tudo. Tudo do que você falou, vai escrito.

- Seria bom, assim. também, (15) eu sou uma caiçara otimista, né?. Otimismo é muito importante na vida do caiçara... Caiçara às vezes é meio..., não muito otimista porque demora as coisas a acontecer, as coisas são leentas, entendeu?...então, aaa existem coisas que demoram a acontecer. Talvez isso deixe um pouco us caiçara desacreditado³⁴. Mas eu sempre falo: a gente conversa hoje, conversa para ser realizado daqui a dez anos. Isso aconteceu,

³⁴ Entendi que aqui ela quis transmitir o significado de descrente

entendeu?, então... o otimismo faz parte da minha vida, entendeu? Sou uma pessoa otimista e acredito que tudo o que a gente quer a gente consegue. Tem que lutá , né? Numa comunidade é assim... num é fácil viver em comunidade mas eu gosto de mora lá. (risos)...

- Aí, agora, assim, só a título de curiosidade. Você disse assim, que tem algumas coisas que você quer e que você não vai ver acontecer mas que seus sobrinhos...

- Exatamente!

- Que coisas?

- Ah, por exemplo (16) uma boa educação prá eles, entendeu? Ah, muitas coisas. Nossa, porque em comunidade tem vários conflitos, né?. Problemas..., drogas é um problema sério, né? não temos ninguém para orientar, entendeu? (17) Então no futuro, a gente tem que lutar pra que... crianças, né?, tenham uma orientação, entendeu? pra que no futuro eles tenham um futuro, estudá, entendeu? levá o esporte, ocupá esses jovens, não deixa livre... porque lá é difícil o acesso, mas coisa que não é bom sempre chega também. Chega as coisas boas e as coisas ruins. então a gente ta lutando pra que melhore no futuro. (18) Tem coisas que não é fácil a gente conseguir do dia pra a noite, entendeu?. Então, vai demorá, mas eu sei que as crianças que tão lá vão, vão vê isso acontece, entendeu?. É que a gente que tá dentro não vê acontecendo, mas quem ta de fora vê, né? Às vezes é tanto problema que... cê acha que nada mudou, mas mudou muito... Sempre tá acontecendo coisas boas, entende? E é isso que faz a gente ser um caçara de verdade. (risos) Mais alguma coisa?

- Só isso.

- É isso aí, Silmara.

- Obrigada, *Flor de Maracujá*

- Espero que ajude muito o seu trabalho.

- Pode ter certeza. Não tenho a menor dúvida.

- Pode por meu nome que eu estou te autorizando a por tudo isso aí.

- Não, com certeza vai ajudar muito.

Discurso XIII - Cauê

- A pergunta é: O que é ser caiçara, para você?

- (1) Bom, Sê caiçara ééé... gos gostá do, da atividade do litoral, gostá de pesca, né?, porque (2) tem caiçara que.... fala que é caiçara e nunca foi no mar. Isso não é o verdadeiro caiçara. Acho que... (3) pra sê caiçara que sê... é pra andá no mar, pescá. (4) Eu gosto de ser caiçara!.... Mais alguma coisa?

- Não sei. Mais alguma coisa?

- Ééé, (5) também ééé conviver com os caiçaras, né?, num conviver muito com as pessoas de, de que vem de fora. Porque, pra mim isso é se caiçara, entendeu?... é só, né?

- Só? Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

- Não.

- Ta! Então, é isso.

- Só isso?

- Só isso. Tá vendo. Foi rápido.

APÊNDICE 2 - Redução fenomenológica

Discurso I

<p>(1) Ser caiçara para mim é viver na ilha, sem toda essa, esse o progresso enorme, exagerado que está vindo para cá. é ter, saber, conhecer éé'toda a história do meu povo. É o que se fazia antigamente, como era, as festas... , manter viva as festas, que hoje elas já estão um pouco ééé... sofisticadas do que era antigamente.... éééé, já não é tão assim, a dança, as festas, elas não são exatamente como elas eram, ela já sofreu um pouco da sofisticação que é deste progresso que veio....</p>	<p>(1) Ser caiçara para mim é viver na ilha, sem todo esse o progresso enorme, exagerado que está vindo para cá. é ter, saber, conhecer toda a história do meu povo. É o que se fazia antigamente, como eram as festas, manter viva as festas, que hoje já estão um pouco sofisticadas do que era antigamente. As danças, as festas, elas não são exatamente como elas eram, já sofreram um pouco da sofisticação que é deste progresso que veio....</p>
<p>(2)quando nós íamos na festa de São Pedro, o pessoal ía logo cedo, por que? Porque o píer ficava completamente lotado e todo mundo queria entrar em qualquer barco que fosse, pra participar da procissão de barco.</p>	<p>(2)quando nós íamos na festa de São Pedro, íamos logo cedo porque o píer ficava completamente lotado e todo mundo queria entrar em qualquer barco que fosse, pra participar da procissão de barco.</p>
<p>(3)Hoje são pouquíssimos os barcos que participam, são poucas as pessoas... .. naquele tempo dos antigos as datas mantinham-se as datas das festas, hoje já não se mantém. A festa de São Pedro, ela não é realizada no dia 29 a procissão; ela é feita o final de semana, por que? Porque tem turista, as pessoas gos... querem participar, principalmente quem participa da pesca oceânica, participa da festa. Então eu acho que deveria se manter o dia e depois se fizesse uma pra que eles participassem.</p>	<p>(3)Hoje são pouquíssimos os barcos e pessoas que participam. Naquele tempo dos antigos as datas das festas mantinham-se e hoje já não se mantém. A festa de São Pedro não é realizada no dia 29. A procissão é feita o final de semana porque tem turista e as pessoas querem participar; principalmente quem participa da pesca oceânica, participa da festa. Então eu acho que deveria se manter o dia e depois se fizesse uma pra que eles participassem.</p>
<p>(4)ser caiçara... é manter dentro de mim, do meu filho, passar pra ele realmente como era, o que era o lugar onde eu morava, hoje já não é mais o mesmo. O progresso já..., ééé..., já encobriu todo ele,</p>	<p>(4)ser caiçara é manter dentro de mim, do meu filho, passar pra ele realmente como era, o que era o lugar onde eu morava, hoje já não é mais o mesmo. O progresso já encobriu todo ele,</p>
<p>(5)hoje eu já não posso ir nas cachoeiras que eu ia... com o livre acesso que eu tinha, já ta as , as cachoeiras hoje já ta toda cercada. Então meu filho já não pode ir na cachoeira, eu já não posso leva-lo, como eu ia brincar na cachoeira.</p>	<p>(5)hoje eu já não posso ir nas cachoeiras que eu ia com o livre acesso que eu tinha, as cachoeiras hoje já estão todas cercadas. Então meu filho já não pode ir na cachoeira, eu já não posso leva-lo, como eu ia brincar na cachoeira.</p>
<p>(6)Eu não tenho aquele acesso à praia onde eu jogava bola, onde eu corria sem te-tá esbarrando ééé nas cadeiras e mesas dos quios..., dos quiosques... a nossa ... o pessoal que mora ali já foi empurrado pro canto</p>	<p>(6)Eu não tenho aquele acesso à praia onde eu jogava bola, onde eu corria sem estar esbarrando nas cadeiras e mesas dos quiosques. O pessoal que mora ali já foi empurrado pro canto da praia porque o</p>

da praia porque o resto da praia tá todo tomado pelo quiosque,	resto da praia está todo tomado pelo quiosque,
(7) o caiçara hoje, mesmo são muito poucos e aqueles que mantêm aquilo que era deles. Hoje já nós não fazemos mais o melado. Éé como se fazia. A minha avó plantava cana, meu vô moia, nós fazíamos o melado puxa-puxa em casa, hoje, não tem mais	(7) o caiçara hoje, mesmo são muito poucos e aqueles que mantêm aquilo que era deles. Hoje já nós não fazemos mais o melado, como se fazia. A minha avó plantava cana, meu avô moia, nós fazíamos o melado puxa-puxa em casa, hoje, não tem mais
(8) pra mim já está se perdendo um pouco do que é ser o caiçara, por mais que a Cultura ela faça tudo isso, mas não é a mesma coisa. Não existe mais. Por que? A cultura tá sendo ali só daquele pedaço, a cultura, ela não tá indo... nos lugares distantes, não tem como. Não é que não tem como. Ééé tudo aquela... tudo é empecilho, né? aquela barreira que você bate, né?	(8) pra mim já está se perdendo um pouco do que é ser o caiçara, por mais que a Cultura faça tudo isso, mas não é a mesma coisa. Não existe mais. Por que? A cultura está sendo ali só daquele pedaço, ela não está indo nos lugares distantes, não tem como. Não é que não tem como. Tudo é empecilho, né? aquela barreira que você bate, né?
(9) Como é que que vai leva a cultura pra criança se você não pode levar na vila, pra assistir uma congada, não dá pra trazer uma congada pra cá porque... não tem... condução. A prefeitura não fornece, não ajuda!	(9) Como é que que vai leva a cultura pra criança se você não pode levar na vila, pra assistir uma congada, não dá pra trazer uma congada pra cá porque não tem condução. A prefeitura não fornece, não ajuda!
(10) caiçara hoje é uma pergunta até difícil de se responder pra quem é o caiçara mesmo hoje, porque eu acho que assim, o progresso foi... tão desordenado que a cultura, ela deixou de ser ... meio de lado. Infelizmente o progresso apareceu, o caiçara teve que acompanhar, e de uma certa forma ele foi empurrado pros morros, e a orla e a nossa cultura mesmo ficou tomada pelo turista.	(10) caiçara hoje é uma pergunta até difícil de se responder pra quem é o caiçara mesmo hoje, porque eu acho que assim, o progresso foi tão desordenado que a cultura, ela deixou de ser ... meio de lado. Infelizmente o progresso apareceu, o caiçara teve que acompanhar, e de uma certa forma ele foi empurrado pros morros, e a orla e a nossa cultura mesmo ficou tomada pelo turista.
(11) Não que o progresso não se faz necessário, lógico que precisa, mas... o caiçara mesmo em si hoje perdeu muito do seu valor, né?, do que é.	(11) Não que o progresso não se faz necessário, lógico que precisa, mas o caiçara mesmo em si hoje perdeu muito do seu valor, né?, do que é.
(12) eu fico assim meio triste... porque eu..., muita coisa do que eu fiz, do que eu vivi como caiçara aqui morando, o meu filho hoje não vive, não tem, não não pôde ver, eu ... muito pouco eu pude ver o cai o caiapó. Realmente. ... poucas festas de São Pedro eu assisti. Congadas, ééé, eu vi muito pouco. Congada mesmo, com o pessoal meesmo. Hoje já tem se que praticamente, participa-se da congada quem quer, porque a congada antiga eram devotos de São Benedito mesmo. Hoje... qualquer um, até um filho de turista se quiser participar da congada, ele participa,	(12) eu fico assim meio triste muita coisa do que eu fiz, do que eu vivi como caiçara aqui morando, o meu filho hoje não vive, não tem, não não pôde ver. Eu pude ver muito pouco do caiapó. Realmente. Poucas festas de São Pedro eu assisti. Congadas, eu vi muito pouco. Congada mesmo, com o pessoal mesmo. Hoje já tem se que praticamente, participa-se da congada quem quer, porque a congada antiga eram devotos de São Benedito mesmo. Hoje, qualquer um, até um filho de turista se quiser participar da congada, participa,
(13) eu acho é muito... até uma pergunta difícil, difícil até de se responder	(13) eu acho até uma pergunta difícil, difícil até de se responder hoje :

hoje : O que é ser um caiçara. Devido a tudo isso que aconteceu.	O que é ser um caiçara. Devido a tudo isso que aconteceu.
(14) A gente... eu mesmo, a gente acaba perdendo um pouco da nossa identidade... porque a gente acaba deixando de lado certas tradições, certos costumes. ... Morreu! Eu mesma como caiçara, eu sei que morreu dentro de mim um pouco daquilo... que eu tinha, que eu fazia e que eu não passo para o meu filho. Porque pra ele, hoje não interessa ser caiçara, ... não é movido pelo espírito caiçara.	(14) A gente, eu mesmo, a gente acaba perdendo um pouco da nossa identidade porque a gente acaba deixando de lado certas tradições, certos costumes. Morreu! Eu mesma como caiçara, eu sei que morreu dentro de mim um pouco daquilo que eu tinha, que eu fazia e que eu não passo para o meu filho. Porque pra ele, hoje não interessa ser caiçara, não é movido pelo espírito caiçara.
(15)Projeto Navegar não é caiçara.... É movido pelo o que? pelo, pelo,... pelo esses triatlons da vida..., que não é caiçara. Caiçara nosso o que que é? É corrida de canoa. Mas você tem que praticamente que ...chamá: Meu, vamô participá?... Vamô participa da corrida de caiçara? Porque num vai.	(15)Projeto Navegar não é caiçara. É movido pelo o que? Por esses triatlons da vida, que não são caiçara. Caiçara nosso o que é? É corrida de canoa. Mas você tem que praticamente que chamar: Meu, vamos participar?... Vamos participar da corrida de caiçara? Porque não vão.
(16)Ser caiçara é a procissão de barcos, é os pescadores por livre e espontânea vontade. Vamu! Vamu enfeitada o barco e fazê bandeirinhas, enfeitada o barco, hoje, sabe, é catado, olha vai tê procissão, precisamos de barco. Já não existe mais. São... São Pedro era lindo. Era lindo! Gente, era barcos e barcos na praia... participando. Hoje a gente fica lá, você conta... na praia um, dois, três quatro... num tem.	(16)Ser caiçara é a procissão de barcos, é os pescadores por livre e espontânea vontade. Vamos! Vamos enfeitar o barco e fazer bandeirinhas, enfeitar o barco.Hoje, sabe, é catado, olha vai ter procissão, precisamos de barco. Já não existe mais. São Pedro era lindo. Era lindo! Eram barcos e barcos na praia participando. Hoje a gente fica lá, você conta na praia um, dois, três quatro... não tem.
(17)Achei ,uma coisa legal o que o <i>Espada</i> fez, ele conseguiu resgatar uma festa lá trás. Tava morta há anos, anos, anos (estala os dedos)... e olha que o povo de lá pode se considerar muito mais caiçara do que eu que moro aqui. Porque com tudo, com tudo, eles ainda conseguem manter a vida deles ali, pescar..., sua vidinha, seu jeito. Hoje aqui não. Hoje aqui é o carro, é a moto. Se não tiver ônibus eu não vou. ...Se não tiver isso, ah, não vou. Vou no mercado, tudo eu quero pronto, não quero mais fazer, porque já tem pronto. E antes a gente fazia.	(17)Achei ,uma coisa legal o que o <i>Espada</i> fez, ele conseguiu resgatar uma festa lá trás. Tava morta há anos, anos, anos e olha que o povo de lá pode se considerar muito mais caiçara do que eu que moro aqui. Porque com tudo, eles ainda conseguem manter a vida deles ali, pescar..., sua vidinha, seu jeito. Hoje aqui não. Hoje aqui é o carro, é a moto. Se não tiver ônibus eu não vou. Se não tiver isso, ah, não vou. Vou no mercado, tudo eu quero pronto, não quero mais fazer, porque já tem pronto. E antes a gente fazia.
(18)Antes meu avô plantava a horta dele. Ah, vamú lá pegá um pé de alface, vamos pegar a couve. Hoje não, vamo no mercado. Tá lá, pra que que eu vou plantá, pra que que eu vou colhe. Tá pronto!	(18)Antes meu avô plantava a horta dele. Ah, vamos lá pegar um pé de alface, vamos pegar a couve. Hoje não, vamos ao mercado. Tá lá, pra que eu vou plantar, pra que eu vou colher. Está pronto!
(19)Então eu acho... É difícil, Silmara, responder hoje o que é ser um caiçara de verdade...	(19)Então eu acho que é difícil, Silmara, responder hoje o que é ser um caiçara de verdade...
(20)Porque eu digo pra você, dentro de mim já morreu grande parte do	(20)Porque eu digo pra você, dentro de mim já morreu grande parte do

<p>ser caiçara... Porque o mundo é esse que a gente ta vivendo. Ele vai te tomando de uma certa forma, te envolvendo... que se você não tiver mesmo ali, aquela consciência, cê vai embora (faz gestos com as mãos, batendo o dorso de uma na palma da outra representando que nada será feito se não houver ação efetiva das pessoas e dela própria) e deixa o barco corre. E, infelizmente, é o que eu sinto hoje.</p>	<p>do ser caiçara. Porque o mundo é esse que a gente está vivendo. Ele vai te tomando de uma certa forma, te envolvendo que se você não tiver mesmo ali, aquela consciência, você vai embora (faz gestos com as mãos, batendo o dorso de uma na palma da outra representando que nada será feito se não houver ação efetiva das pessoas e dela própria) e deixa o barco correr. E, infelizmente, é o que eu sinto hoje.</p>
<p>(21)Gostaria mesmo que meu filho tivesse experimentado muita coisa do que eu fiz, Silmara. Não me arrependo de nada do que eu fiz enquanto fui muleca naquela praia do Viana. Fiz de tudo! Corri, pulei, joguei bola, tal. Meu filho não faz mais nada disso na praia... Num dá! A praia não é mais nossa!.. as ca.. A cachoeira não é mais nossa, nós entrávamos a hora que quiséssemos na cachoeira lá por cima, subia aquele morro,... nadava,... ia embora... Entrava , pegava naqueles pé de manga, jabuticaba, goiaba... Hoje não pode mais nada. Ta tudo cercado. Tudo cercado!</p>	<p>(21)Gostaria mesmo que meu filho tivesse experimentado muita coisa do que eu fiz, Silmara. Não me arrependo de nada do que eu fiz enquanto fui muleca naquela praia do Viana. Fiz de tudo! Corri, pulei, joguei bola, tal. Meu filho não faz mais nada disso na praia... Não dá! A praia não é mais nossa! A cachoeira não é mais nossa, nós entrávamos a hora que quiséssemos na cachoeira lá por cima, subia aquele morro,... nadava,... ia embora... Entrava, pegava naqueles pé de manga, jabuticaba, goiaba. Hoje não pode mais nada. Está tudo cercado. Tudo cercado!</p>
<p>(22)fazenda do Siriuba? Nossa senhora! Era pé de jambro, jabuticaba. Aquilo lá a gente assim... subia lá pra cima... conhecia tudo. Hoje nada. Você tem o que que? Entrá escondido pra entrá lá na cahoeira. Pode uma coisa dessa? Pode? Depois de tê? De sabê que eu nadei. Meu filho hoje nem conhece...lá. conhecê como? Ta tudo cercado. Vô te que invadi terreno que tem cachorro, ...caseiros.</p>	<p>(22)fazenda do Siriuba? Nossa senhora! Era pé de jambro, jabuticaba. Aquilo lá a gente subia lá pra cima, conhecia tudo. Hoje nada. Você tem o que que? Entrar escondido pra entrar lá na cachoeira. Pode uma coisa dessa? Pode? Depois de ter? De saber que eu nadei. Meu filho hoje nem conhece lá. Conhecer como? Está tudo cercado. Vou ter que invadir terreno que tem cachorro, caseiros.</p>

Discurso II

(1)Ser caiçara pra mim... é ser uma pessoa... ééé humilde,... solidária,...Hoje,...tá perdendo seu espaço... e tendo que se adequá, eu acho...	(1)Ser caiçara pra mim é ser uma pessoa humilde, solidária. Hoje está perdendo seu espaço e tendo que se adequar, eu acho...
(2)A a realidade de hoje é outra, é totalmente diferente. E o caiçara sofre com isso... Porque paga... paga por um preço muito alto ééé, desde a alimentação até vestuário... porque é preço que nós pagamos de turismo...	(2)A a realidade de hoje é outra, é totalmente diferente. E o caiçara sofre com isso. Porque paga por um preço muito alto desde a alimentação até vestuário, porque é preço que nós pagamos de turismo.
(3)Você não consegue nas lojas, por exemplo, da vila, comprá uma roupa, porque as lojas de lá são roupas.. ... prá poder aquisitivo maior ééé ... turista mesmo. A gente vai no supermercado a gente paga o dobro...	(3)Você não consegue nas lojas, por exemplo, da vila, comprar uma roupa, porque as lojas de lá são roupas para poder aquisitivo maior, turista mesmo. A gente vai no supermercado a gente paga o dobro...
(4)eu me sinto feliz em ser caiçara e está se acabando... É um povo em extinção, o caiçara... São poucos. A gente vê pelas salas que.. onde a gente dá aula, se pergunta: Levanta a mão quem é caiçara... de trinta, meia dúzia levanta a mão... então eu acho que é um povo em extinção....	(4)eu me sinto feliz em ser caiçara e está se acabando... É um povo em extinção, o caiçara... São poucos. A gente vê pelas salas onde a gente dá aula, se pergunta: Levanta a mão quem é caiçara... de trinta, meia dúzia levanta a mão. Então eu acho que é um povo em extinção....
(5)a realidade era totalmente diferente de hoje... Nós vivíamos praticamente da pesca..., das plantações... existia muita fartura.. ééé.. de...plantio de-de batata, mandioca, feijão,... milho. Tinha as casas de farinha, onde se fazia a farinha, bolo..., todos pescavam..., então nunca faltava o peixe e nem a farinha... e eram poucas as coisas que se comprava no supermercado.... era totalmente diferente de hoje....	(5)A realidade era totalmente diferente de hoje. Nós vivíamos praticamente da pesca, das plantações, existia muita fartura de plantio de-de batata, mandioca, feijão, milho. Tinha as casas de farinha, onde se fazia a farinha, bolo, todos pescavam então nunca faltava o peixe e nem a farinha e eram poucas as coisas que se comprava no supermercado. Era totalmente diferente de hoje.
(6)Hoje o... o caiçara tem que ir ao mercado porque nem terra pra plantar tem... (som da televisão ao fundo). muitos venderam suas terras..., foram embora... outros..., passaram a ser até caseiros daqueles que compraram suas terras... pro caiçara hoje ter um pedaço de terra e sua casa própria é um privilégio,... porque antes era totalmente diferente... O povo era humilde..., mesmo os jovens, né?, de antigamente... eles não buscavam grife. Hoje,... filho de caiçara costuma... até a roupa de grife, desde a roupa de grife (som da TV ao fundo) até... porque ééé outras pessoas vieram e.. eles embutiram isso neles, né? Tem que andar... igual... ao turista.	(6)Hoje o caiçara tem que ir ao mercado porque nem terra pra plantar tem. Muitos venderam suas terras, foram embora. Outros passaram a ser até caseiros daqueles que compraram suas terras. Para o caiçara hoje ter um pedaço de terra e sua casa própria é um privilégio, porque antes era totalmente diferente. O povo era humilde, mesmo os jovens, de antigamente. Eles não buscavam grife. Hoje, filho de caiçara costuma até a roupa de grife, desde a roupa de grife até porque outras pessoas vieram e eles embutiram isso neles, né? Tem que andar... igual... ao turista.

Discurso III

(1) nos dias de hoje ou no consenso geral?	(1) nos dias de hoje ou no consenso geral?
(2)ser caiçara ... primeiramente é... vem da questão, da questão geográfica, né? ...A pessoa que nasce ééé na beira de praia, ou cidades... que tem praias são consideradas caiçaras	(2)ser caiçara primeiramente vem da questão questão geográfica. A pessoa que nasce na beira de praia, ou cidades que tem praias são consideradas caiçaras,
(3)o caiçara... nato mesmo é aquele que vive da pesca, vive da cultura tradicional caiçara... e e isso seria o o o aquele caiçara verdadeiro, né?,	(3)o caiçara nato mesmo é aquele que vive da pesca, vive da cultura tradicional caiçara e isso seria aquele caiçara verdadeiro
(4)hoje não existem tantos caiçaras assim.	(4)hoje não existem tantos caiçaras assim.
(5)acho que hoje já não tem tantos caiçaras devido a vinda da cultura de outras pessoas.... O crescimento turístico aqui na Ilhabela tá como fator primordial pra que haja a extinção dos caiçaras.	(5)acho que hoje já não tem tantos caiçaras devido a vinda da cultura de outras pessoas. O crescimento turístico aqui na Ilhabela tá como fator primordial pra que haja a extinção dos caiçaras.
- (6)ser o caiçara é a pessoa que vivia da terra, vivia da pesca, saia cedo pra cuida da sua horta, da sua plantação, ia visitar a rede todos os dias,... vivia da pesca e da, e da lida e hoje em dia não é bem assim....	(6)ser o caiçara é a pessoa que vivia da terra, vivia da pesca, saia cedo pra cuidar da sua horta, da sua plantação, ia visitar a rede todos os dias, vivia da pesca e da, e da lida e hoje em dia não é bem assim....
(7)vem a questão da família também. Que antes era muito ligado a família tradicional caiçara, os, os filhos geralmente moravam junto com os pais ou na, na própria terra. O pai tinha sua casa e quando o filho fosse casá ele já construiria no próprio terreno da família. Hoje em dia não existe isso. Hoje em dia já não tem todo esse vínculo tão forte dos pais com os filhos na cultura caiçara...	(7)Vem a questão da família também. Que antes era muito ligado a família tradicional caiçara, os filhos geralmente moravam junto com os pais ou na própria terra. O pai tinha sua casa e quando o filho fosse casar ele já construiria no próprio terreno da família. Hoje em dia não existe isso. Hoje em dia já não tem todo esse vínculo tão forte dos pais com os filhos na cultura caiçara...
(8)mas infelizmente não temos tantos caiçaras, né?. Eu mesmo sou filho de caiçara, mas não vivo da cultura caiçara. Isso são, isso são coisas que vão evoluindo com o próprio mundo né? Porque vem um monte de influência de fora.	(8)mas infelizmente não temos tantos caiçaras, né?. Eu mesmo sou filho de caiçara, mas não vivo da cultura caiçara. Isso são coisas que vão evoluindo com o próprio mundo né? Porque vem um monte de influência de fora.
(9)e tem o fator econômico também. Hoje em dia se você for viver da pesca, o caiçara não tem espaço na Ilhabela. Porque tem o crescimento, tem os barcos de fora que vem... se o caiçara for viver simplesmente de uma canoa pequena pra sair e largar uma rede ele... nem peixe ele vai te pra pescá.... porque vem os barcos maiores e pegam todos aqueles peixes. Eles... não tem nem o espaço para pescar eles tem hoje em dia. então são fatores que acabam influenciando, realmente pra que acabe com, pra que extinga a cultura caiçara.	(9)e tem o fator econômico também. Hoje em dia se você for viver da pesca, o caiçara não tem espaço na Ilhabela. Porque tem o crescimento, tem os barcos de fora que vem. Se o caiçara for viver simplesmente de uma canoa pequena pra sair e largar uma rede ele nem peixe ele vai te pra pescar, porque vem os barcos maiores e pegam todos aqueles peixes. Eles não tem nem o espaço para pescar eles tem hoje em dia. então são fatores que acabam influenciando, realmente pra que acabe com, para que extinga a cultura caiçara.
(10)Tem o artesanato também que já não existe mais... se você for ver na	(10)Tem o artesanato também que já não existe mais... se você for ver na

Ilhabela, só nas comunidades tradicionais que existe o artesanato caiçara. Aqui na frente já não existe mais. É tudo o preço que a gente paga pela evolução do lugar. Cresceu tanto que se a gente não acompanhar este crescimento a gente vai ficar pra trás..... E num vai ter espaço. ...

Ilhabela, só nas comunidades tradicionais que existe o artesanato caiçara. Aqui na frente já não existe mais. É tudo o preço que a gente paga pela evolução do lugar. Cresceu tanto que se a gente não acompanhar este crescimento a gente vai ficar pra trás..... E não vai ter espaço.

Discurso IV

<p>(1) Bom, é ser caiçara pra mim éééé ...que eu posso falar?... , preservá a cultura... que foi passado diiii..., pelos meus pais... . Nossa, deixa eu ver... e passá pros meus filhos, pra nova geração tudo o que eu aprendi..., preservá... e não deixa que issooo... de uma maneira ou de outra ...com influência, com as novas influências que chegam à Ilhabela</p>	<p>(1) Bom, ser caiçara pra mim é ... O que eu posso falar?... , preservar a cultura que foi passada por meus pais. Nossa, deixa eu ver... e passar para os meus filhos, para nova geração tudo o que eu aprendi. Preservar e não deixar que isso, de uma maneira ou de outra ...com influência, com as novas influências que chegam à Ilhabela</p>
<p>(2) os filhos,... é, meus filhos, né?, é com esta nova influência... que tá chegando em Ilhabela..., que ela não venha a fazer com que mude até a a personalidade, a cultura do nosso povo..</p>	<p>(2) os filhos, meus filhos, e com esta nova influência que está chegando em Ilhabela, que ela não venha a fazer com que mude até a personalidade, a cultura do nosso povo..</p>
<p>(3) esta cultura mesmo de preservação, deee.. de ta fazendo com que eles não se envergonhem do eles são... porque... com a influência de turismo às vezes eles se sentem envergonhados... por ser... muita gente se sinta envergonhado por ser caiçara... e a nossa cultura ééé,... nossa, principalmente Ilhabela, ela é riquíssima... então a gente não pode deixar morrer... ééé o que a gente aprendeu: à preserva, ééé... o respeito com a comunidade, as tradições, as festas, que isso tudo agora tááá tão sendo resgatados né?. Então é isso que eu tento passá pros meus filhos.. que não deixe morrer esta cultura...</p>	<p>(3) esta cultura mesmo de preservação, de estar fazendo com que eles não se envergonhem do eles são porque com a influência de turismo às vezes eles se sentem envergonhados... por ser... muita gente se sinta envergonhado por ser caiçara e a nossa cultura, nossa, principalmente Ilhabela, ela é riquíssima... então a gente não pode deixar morrer... O que a gente aprendeu: à preservar, respeito com a comunidade, as tradições, as festas, que isso tudo agora está sendo resgatado. Então é isso que eu tento passar para os meus filhos. Que não deixe morrer esta cultura...</p>
<p>(4) ser caiçara é ser feliz (risos). É tudo de bom (risos).</p>	<p>(4) ser caiçara é ser feliz. É tudo de bom..</p>

Discurso V

(1) Num sei assim, explica o que é ser caiçara. Mas... eu acho que... tirando por base assim os caiçaras que a gente conhece lá, de trás da ilha... é um pouco di di, assim se envolver com a cultura, di di assim levá mais à sério.	(1) Não sei explicar o que é ser caiçara, mas tirando por base os caiçaras de trás da ilha que a gente conhece, é um pouco assim de se envolver mais com a cultura, de levar mais à sério.
(2) eu já nasci num... não tenho nenhum parente que realmente nasceu aqui... que saiba assim a tradição da pesca, do artesanato. Então eu, por isso que eu falei assim, eu sou, sou considerada caiçara porque nasci aqui.	(2) Não tenho nenhum parente que realmente nasceu aqui, que saiba a tradição da pesca, do artesanato. Então eu sou considerada caiçara porque nasci aqui.
(3) caiçara mesmo é aquela pessoa que se envolve com , com a história da cidade, que... tem, né? a cultura mais assim... na pele mesmo de saber... de pescar, de sempre ter um pescador na família..., de saber alguma coisa sobre o artesanato.	(3) caiçara mesmo é aquela pessoa que se envolve com a história da cidade, que tem a cultura mais na pele mesmo de sabe, de pescar, de sempre ter um pescador na família, de saber alguma coisa sobre o artesanato.
(4) num tenho muito isso assim, comigo, né? Já nasci naquela fase mais moderna.	(4) Não tenho muito isso assim, comigo, né? Já nasci naquela fase mais moderna.
(5) Minha mãe viveu na época que tinha salga, lá na, na praia do Pinto. Então, assim, vivenciou um pouco mais, acho que você lidá com a terra, com com essas pessoas, assim.	(5) Minha mãe viveu na época que tinha salga, lá na, na praia do Pinto. Então, vivenciou um pouco mais, acho que você lidar com a terra, com essas pessoas, assim.
(6) Eu já nasci numa Ilhabela mais moderna, não tê contato com com, estas coisas assim. Então, é difícil responder, Sil, o que é ser caiçara.	(6) Eu já nasci numa Ilhabela mais moderna, não ter contato com estas coisas assim. Então, é difícil responder, Sil, o que é ser caiçara.
(7) Eu acho que, que eu assim, como cidadã ilhabelense deveria estar mais envolvida em tentar manter viva a história da cidade, em fazê alguma coisa. Mas eu nasci em uma era tão moderna que eu nun, nunca me liguei muito... com isso.	(7) Eu acho que, que eu assim, como cidadã ilhabelense deveria estar mais envolvida em tentar manter viva a história da cidade, em fazer alguma coisa. Mas eu nasci em uma era tão moderna que eu nunca me liguei muito... com isso.
(8) Não tenho contato com caiçara, caiçara mesmo, aquele povo, sabe?, que gosta de comê o peixe... Eu mesmo, peixe é uma vez por ano. Sabe, não é aquela coisa que... O caiçara mesmo, nem só caiçara, muitas vezes as pessoas que vem de fora, eles têm por hábito comer muito peixe, éé...esses frutos do mar. Eu já passo longe disso. (Risos) Então até nisso eu falo que é diferente do ser caiçara. eu acho que ser caiçara é mais uma pessoa ligaada à terra, à cuuultura da cidadi.	(8) Não tenho contato com caiçara, caiçara mesmo, aquele povo, sabe?, que gosta de comer o peixe... Eu mesmo, peixe é uma vez por ano. Sabe, não é aquela coisa que... O caiçara mesmo, nem só caiçara, muitas vezes as pessoas que vem de fora, eles têm por hábito comer muito peixe, esses frutos do mar. Eu já passo longe disso. (Risos) Então até nisso eu falo que é diferente do ser caiçara. eu acho que ser caiçara é mais uma pessoa ligada à terra, à cultura da cidade.
(9) eu acho que eu estou sou distante disso, assim. Num ligo muito pra essas coisas. Eu num sei assim te dizer muito o que é ser caiçara pra mim. Que eu acho que eu sou uma caiçara meio falsificada, entendeu?	(9) eu acho que eu estou sou distante disso. Não ligo muito pra essas coisas. Eu não sei assim te dizer muito o que é ser caiçara pra mim. Eu acho que eu sou uma caiçara meio falsificada, entendeu?
(10) Digo, caiçara por ter nascido numa cidade litorânea, mas não de ter	(10) Digo, caiçara por ter nascido numa cidade litorânea, mas não de ter

vivido a a cultura, o hábito do caiçara, mesmo, que tem a família toda que nasceu aqui. Eu não tenho isso dado.	vivido a a cultura, o hábito do caiçara, mesmo, que tem a família toda que nasceu aqui. Eu não tenho isso dado.
(11) eu sou muito cidade! Acho que..., tô mais assim pra uma pessoa que nasceu em em São Paulo, em São José, que é ligada mais à tecnologia e não aquelas coisas da terra, assim, do lidar no dia-a-dia.	(11)eu sou muito cidade! Acho que estou mais assim para uma pessoa que nasceu em São Paulo, em São José, que é ligada mais à tecnologia e não aquelas coisas da terra, assim, do lidar no dia-a-dia.
(12) não tenho muito como explicar o que é ser caiçara, porque não me traz..., não me sinto tanto parte assim da cidade.... nesse ponto de...	(12) Não tenho muito como explicar o que é ser caiçara, porque não me traz..., não me sinto tanto parte assim da cidade.... nesse ponto de...
(13) Eu vejo muito que os caiçaras, eles, eles lutam prá manter a cultura deles, pra mantê viva, pra passa sua tradição pros filhos, então eu não me incluo muito nisso, porque eu não tenho... a família, assim, caiçara mesmo.	(13) Eu vejo muito que os caiçaras lutam para manter a cultura deles, para manter viva, para passa sua tradição para os filhos, então eu não me incluo muito nisso, porque eu não tenho a família, assim, caiçara mesmo.
(14) num tenho noção desses, dos os valores deles. Os meus valores são totalmente diferentes dos deles. Num tenho muito em comum prá falá pra você : Ó, sê caiçara é isso...Não é... Porque eu não vivo isto, eu não sinto isso em mim. Então, é difícil descrever	(14) não tenho noção dos os valores deles. Os meus valores são totalmente diferentes dos deles. Não tenho muito em comum para falat pra você : Olha, ser caiçara é isso, porque eu não vivo isto, eu não sinto isso em mim. Então, é difícil descrever

Discurso VI

(1) eu tenho muito orgulho de ter nascido aqui... em Ilhabela .	(1) eu tenho muito orgulho de ter nascido aqui em Ilhabela .
(2) Por esse amor ao município, por esse amor a Ilhabela, por este amor à minha tradição, uma coisa que me arrepiava mesmo, me arrepiava, ééé, eu me, eu me emociono de fala, eu não consigo sair daqui.	(2) Por esse amor ao município, por esse amor a Ilhabela, por este amor à minha tradição, uma coisa que me arrepiava mesmo, me arrepiava, , eu me, eu me emociono de fala, eu não consigo sair daqui.
(3) não tem como te definir o que é caiçara,... ser caiçara.	(3) não tem como te definir o que é caiçara, ser caiçara.
(4) Eu posso te definir o que: que eu amo muito este lugar, não sairia daqui jamais.	(4) Eu posso te definir o que: que eu amo muito este lugar, não sairia daqui jamais.
(5) Sou muito grato a Deus, sou grato a Deus mesmo. No caminho do trabalho, qualquer percurso que eu faço, eu agradeço a Deus por ter nascido aqui. eu me sinto privilegiado e escolhido por Deus por ter nascido aqui. Podia ter nascido num lugar desprivilegiado eu acredito..., eu penso assim numa favela, ééé..., tá debaixo de viadutos na rua.	(5) Sou muito grato a Deus, sou grato a Deus mesmo. No caminho do trabalho, qualquer percurso que eu faço, eu agradeço a Deus por ter nascido aqui. eu me sinto privilegiado e escolhido por Deus por ter nascido aqui. Podia ter nascido num lugar desprivilegiado, eu acredito, penso assim numa favela, debaixo de viadutos na rua.
(6) eu hoje eu moro num município assim tranquilo, onde eu éé eu amo este município.	(6) eu hoje eu moro num município assim tranquilo, onde eu amo este município.
(7) Acho que pra mim é um conjunto ser caiçara. É nascer aqui, conviver com pessoas como eu convivo. Eu convivo muito com pessoas nascidas mesmo daqui. Valorizar minha tradição.ééé tenho orgulho de ter nascido., ter orgulho desse ser caiçara, de falar dessa forma que a gente fala...rápido, estabonado eee	(7) Acho que pra mim é um conjunto ser caiçara. É nascer aqui, conviver com pessoas como eu convivo. Eu convivo muito com pessoas nascidas mesmo daqui. Valorizar minha tradição. tenho orgulho de ter nascido, ter orgulho desse ser caiçara, de falar dessa forma que a gente fala...rápido, estabonado.
(8) até a <i>Gabriela</i> que trabalha aqui comigo,é uma moça que trabalha aqui comigo, ela veio de Curitiba e ela chegou aqui e ela não tocava na gente. Toda assim(faz gestos mostrando como ela agia). E hoje, hoje ela chegou... deve até ta me ouvindo agora, ela chegou e me deu um toque, falei: tocou. A <i>Gabriela</i> já ta tocando. Acho que ser caiçara é isso. Nós somos inocentes, nós somos puros. Nós temos a história de tocar de pegar e que hoje em dia é muito difícil. Acho que pra mim ser caiçara é isso	(8) até a <i>Gabriela</i> que trabalha aqui comigo,é uma moça que trabalha aqui comigo, ela veio de Curitiba e ela chegou aqui e ela não tocava na gente. Toda assim. E hoje ela chegou... deve até estar me ouvindo agora, e me deu um toque, Falei: tocou. A <i>Gabriela</i> já está tocando. Acho que ser caiçara é isso. Nós somos inocentes, nós somos puros. Nós temos a história de tocar de pegar e que hoje em dia é muito difícil. Acho que pra mim ser caiçara é isso
(9) eu tenho muito orgulho disso...	(9) eu tenho muito orgulho disso...
(10) eu falei da minha cultura... do orgulho, do toque, dos meus amigos, das pessoas. nós somos muito unidos sabe... eu tiro por mim assim ... acho que é isso... viver nesse lugar aqui maravilhoso é isso.	(10) eu falei da minha cultura, do orgulho, do toque, dos meus amigos, das pessoas. nós somos muito unidos sabe... Eu tiro por mim assim ... acho que é isso... viver nesse lugar aqui maravilhoso é isso.
(11) Eu me sinto assim... eu me sinto esse caiçara sabe, eu me sinto muito aberto... sou muito aberto, sou muito verdadeiro.. ééé até as pessoas falam:	(11) Eu me sinto assim... eu me sinto esse caiçara sabe, eu me sinto muito aberto... sou muito aberto, sou muito verdadeiro.. Até as pessoas falam: Lua

<p>Lua de Ilhabela cê não pode ser assim. Por que? Acho que isto faz parte inclusive da minha criação caiçara. Entendeu? É uma coisa que meus pais sempre me ensinaram. A mentira não. A mentira traz conseqüências ééé que não são boas e eu acredito nisso e por acreditar nisso eu acabo trazendo essa verdade, fazendo a coisa acontecer .</p>	<p>de Ilhabela, você não pode ser assim. Por quê? Acho que isto faz parte inclusive da minha criação caiçara. Entendeu? É uma coisa que meus pais sempre me ensinaram. A mentira não. A mentira traz conseqüências que não são boas e eu acredito nisso e por acreditar nisso eu acabo trazendo essa verdade, fazendo a coisa acontecer .</p>
<p>(12) É bem caiçara em Ilhabela. Benedito porque a gente tem a festa de São Benedito, apesar da gente , da padroeira nossa ser Nossa senhora da Ajuda do Bom Sucesso.</p>	<p>(12) É bem caiçara em Ilhabela. Benedito porque a gente tem a festa de São Benedito, apesar da gente, da padroeira nossa ser Nossa senhora da Ajuda do Bom Sucesso.</p>
<p>(13) o São Benedito, o Santo Benedito, é assim que a gente fala, o Benedito Santo ééé' muito festejado devido à Congada de São Benedito que é uma manifestação né caiçara há mais de duzentos anos</p>	<p>(13) o São Benedito, o Santo Benedito, é assim que a gente fala, o Benedito Santo é' muito festejado devido à Congada de São Benedito que é uma manifestação caiçara há mais de duzentos anos</p>
<p>(14) este Lua de Ilhabela Benedito minha mãe conta que eu era uma promessa da minha avó. eu na verdade sou o décimo primeiro Benedito da família,. (risos). É muito engraçado isso. Sou o décimo - primeiro. Contei. Nós fizemos um dia a conta, eu sou o décimo Benedi, o décimo - primeiro Benedito da família. Que minha avó era, era devota a São Benedito e quem pagou a promessa fui eu (risos).</p>	<p>(14) este Lua de Ilhabela Benedito minha mãe conta que eu era uma promessa da minha avó. eu na verdade sou o décimo primeiro Benedito da família,. (risos). É muito engraçado isso. Sou o décimo - primeiro. Contei. Nós fizemos um dia a conta, eu sou o décimo Benedi, o décimo - primeiro Benedito da família. Que minha avó era devota a São Benedito e quem pagou a promessa fui eu (risos).</p>
<p>(15) A princípio não gostava muito. Porque assim,... apesar de ter pego uma família, minha família é toda tradicional de Ilhabela, assim, desde dos meus tataravôs, são tradicionais, avós, tanto paterno quanto materno são filhos aqui da Ilha mesmo...eee veio a evolução. Eu peguei uma fase da evolução assim já né ééé, o turismo chegando eeu eu tinha uma vergonha desse Benedito, sabe? Tinha uma vergonha e depois eu aprendi na verdade ééé ao trabalhar depois como educador, eee ver na verdade, valorizar na verdade a minha tradição. A tradição, ver a beleza, ver o santo com outros olhos, e hoje na verdade eu tenho muito orgulho de me chamar Benedito. Lua de Ilhabela Benedito significa Lua de Ilhabela bendito e a minha avó deu um super presente para mim já me abençoando logo no batismo. Lua de Ilhabela bendito do, agradeço ela por este nome, inclusive, hoje.</p>	<p>(15) A princípio não gostava muito. Porque apesar de ter pego uma família, minha família é toda tradicional de Ilhabela, assim, desde dos meus tataravôs, são tradicionais, avós, tanto paterno quanto materno são filhos aqui da Ilha mesmo, e veio a evolução. Eu peguei uma fase da evolução assim já o turismo chegando e eu tinha uma vergonha desse Benedito, sabe? Tinha uma vergonha e depois eu aprendi na verdade é ao trabalhar depois como educador, e ver na verdade, valorizar na verdade a minha tradição. A tradição, ver a beleza, ver o santo com outros olhos, e hoje na verdade eu tenho muito orgulho de me chamar Benedito. Lua de Ilhabela Benedito significa Lua de Ilhabela bendito e a minha avó deu um super presente para mim já me abençoando logo no batismo. Lua de Ilhabela bendito, agradeço ela por este nome, inclusive, hoje.</p>
<p>(16) Os valores também mudaram, né? Com a chegada do turismo, aquela adolescência, a gente vira meio bichinho, né? Quer ser uma coisa que não é. Eu, graças a Deus, não me perdi.</p>	<p>(16) Os valores também mudaram. Com a chegada do turismo, aquela adolescência, a gente vira meio bichinho, né? Quer ser uma coisa que não é. Eu, graças a Deus, não me perdi.</p>
<p>(17) Consegui... na verdade veio também o trabalho com as comunidades caiçara, como o coração da Imaculada Conceição, lá na Armação. Na verdade eu comecei a ... o magistério que me ajudou muito, na verdade o curso de</p>	<p>(17) Consegui... Na verdade veio também o trabalho com as comunidades caiçaras, como o coração da Imaculada Conceição, lá na Armação. Na verdade o magistério que me ajudou muito. Nós tínhamos aqui no Gabriel a</p>

<p>magistério nós tínhamos aqui no Gabriel a festa do folclore de Ilhabela, nós tínhamos a festa folclórica e a minha turma, nós sempre fazíamos peça de teatro com lendas, com causos, com contos e aí começou a nascer mais a paixão pela minha cultura, pela cultura desse povo.</p>	<p>festa do folclore de Ilhabela, nós tínhamos a festa folclórica e a minha turma, nós sempre fazíamos peça de teatro com lendas, com causos, com contos e aí começou a nascer mais a paixão pela minha cultura, pela cultura desse povo.</p>
---	---

Discurso VII

(1) ser caiçara é uma pessoa que nasce no litoral e aqui faz uso dos costumes e das tradições tem um amor pela terra e cultiva todo um histórico da tradição do habitat, do habitante da região.	(1) ser caiçara é uma pessoa que nasce no litoral e aqui faz uso dos costumes e das tradições tem um amor pela terra e cultiva todo um histórico da tradição do habitat, do habitante da região.
(2) O caiçara é uma pessoa bastante inteligente ééé uma pessoa capaz. Isso fica demonstrado pela sua necessidade de achar meios para sua sobrevivência que nem sempre é uma situação fácil por falta dos recursos principalmente os caiçaras mais antigos, como é que eles sobreviveram a todas essas transformações que o litoral vem sofrendo;	(2) O caiçara é uma pessoa bastante inteligente ééé uma pessoa capaz. Isso fica demonstrado pela sua necessidade de achar meios para sua sobrevivência que nem sempre é uma situação fácil por falta dos recursos principalmente os caiçaras mais antigos, como é que eles sobreviveram a todas essas transformações que o litoral vem sofrendo;
(3) merece um tratamento, merece uma legislação pertinente a sua preservação ao seu seus direito como os índios tem....	(3) merece um tratamento, merece uma legislação pertinente a sua preservação ao seu seus direito como os índios tem....
(4) O que eu poderia acrescentar é como o caiçara é a questão do como o caiçara se adequa sofrendo com as influencias daqueles que vem de outras regiões e aqui se instala o caiçara tem que conviver com tudo isso.	(4) O que eu poderia acrescentar é como o caiçara é a questão do como o caiçara se adequa sofrendo com as influencias daqueles que vem de outras regiões e aqui se instala o caiçara tem que conviver com tudo isso.
(5) Nós temos que é um caiçara bastante acomodado, nós temos o caiçara que é só pescador, fica só no mar e temos o caiçara que mora e cultiva a sua terra e que luta para cada vez mais sua região ter condições de vida melhor.	(5) Nós temos que é um caiçara bastante acomodado, nós temos o caiçara que é só pescador, fica só no mar e temos o caiçara que mora e cultiva a sua terra e que luta para cada vez mais sua região ter condições de vida melhor.
(6) O caiçara é tido como uma pessoa indolente mas não é bem isso. Ele tem a sua cultura e como é o ser humano dentro do seu recurso para a sobrevivência. O caiçara ele planta, ele colhe, o caiçara tem as suas, a sua tradição folclórica, o caiçara pesca, ele sabe como se manter o com condições de vida superando todas as suas adversidade, todas as suas dificuldades. Se assim não fosse o povo caiçara já estaria extinto.	(6) O caiçara é tido como uma pessoa indolente mas não é bem isso. Ele tem a sua cultura e como é o ser humano dentro do seu recurso para a sobrevivência. O caiçara ele planta, ele colhe, o caiçara tem as suas, a sua tradição folclórica, o caiçara pesca, ele sabe como se manter o com condições de vida superando todas as suas adversidade, todas as suas dificuldades. Se assim não fosse o povo caiçara já estaria extinto.
(7) o que lhe prejudica muito é a influência imobiliária né, que ai quando chega nós vemos isso até em filme, em novela, e quando chega não há o que segure, até atropela e aí acaba tirando um pouco essa... esse ritmo e esse situação de vida do povo que mora ao longo do litoral.	(7) o que lhe prejudica muito é a influência imobiliária né, que ai quando chega nós vemos isso até em filme, em novela, e quando chega não há o que segure, até atropela e aí acaba tirando um pouco essa... esse ritmo e esse situação de vida do povo que mora ao longo do litoral.
(8) A gente espera que ainda tenha alguém que se preocupe com essa questão, fazer algumas prevenções legais para que o caiçara se mantenha vivo e em condições de vida ideal mas que se mantenha em seu , suas regiões....	(8) A gente espera que ainda tenha alguém que se preocupe com essa questão, fazer algumas prevenções legais para que o caiçara se mantenha vivo e em condições de vida ideal mas que se mantenha em seu , suas regiões....
(9) Caiçara é um homem de grande valor, um cidadão de grande valor. Éé', caiçara é um homem de brio de uma postura correta,obviamente que existe um ou outro que sai por aí, mas é uma pessoa de palavra, um cidadão que	(9) Caiçara é um homem de grande valor, um cidadão de grande valor. Éé', caiçara é um homem de brio de uma postura correta,obviamente que existe um ou outro que sai por aí, mas é uma pessoa de palavra, um cidadão que

através da sua convivência antigamente dizia assim que não tinha nada muito por escrito, que era no fio do bigode. Então o caiçara é um homem muito honrado, e muito digni... na sua cidadania.	através da sua convivência antigamente dizia assim que não tinha nada muito por escrito, que era no fio do bigode. Então o caiçara é um homem muito honrado, e muito digni... na sua cidadania.
(10) Acho que ser caiçara é muito orgulhoso, embora muitas pessoas critiquem alguma forma do caiçara ser.	(10) Acho que ser caiçara é muito orgulhoso, embora muitas pessoas critiquem alguma forma do caiçara ser
(11) Mas ninguém consegue de repente parar pra ver o que é que fizeram com o caiçara. Invadiram sua terra, mudaram a sua tradição, mudaram seu hábito alimentar, mudaram ééé, exploraram e quiseram menosprezar e aí às vezes existe uma pequena revolta por conta disso. As pessoas que pra cá vieram se aproveitaram um pouco da bondade do caiçara em oferecer vantagens e dela tira frutos que às vezes foi irrecuperável para o caiçara. Teve que vender suas terras depois se tornar empregado na própria terra que ele cultivou terra dos seus antepassados,	(11) Mas ninguém consegue de repente parar pra ver o que é que fizeram com o caiçara. Invadiram sua terra, mudaram a sua tradição, mudaram seu hábito alimentar, mudaram ééé, exploraram e quiseram menosprezar e aí às vezes existe uma pequena revolta por conta disso. As pessoas que pra cá vieram se aproveitaram um pouco da bondade do caiçara em oferecer vantagens e dela tira frutos que às vezes foi irrecuperável para o caiçara. Teve que vender suas terras depois se tornar empregado na própria terra que ele cultivou terra dos seus antepassados,
(12) mas caiçara é um homem de vigor. ...	(12) mas caiçara é um homem de vigor. ...
(13) filho de caiçara, nascido em São José dos Campos, com 13 dias de volta pra Ilhabela	(13) filho de caiçara, nascido em São José dos Campos, com 13 dias de volta pra Ilhabela

Discurso VIII

(1) Pra mim ser caiçara ééé... É ir para o mar. É pescar,... não é?. É viver da pesca e da roça. Éé plantar a mandioca, é fazê farinha...	(1)Para mim ser caiçara é ir para o mar, pescar, é viver da pesca e da roça; é plantar a mandioca, é fazer farinha...
(2) Que é ser caiçara... .. É dançar o Quebra-Chiquinha. Ééé... .. é fazer fogueira para São João.	(2) Que é ser caiçara... .. É dançar o Quebra-Chiquinha, é fazer fogueira para São João.
(3) caiçara ele tem muito assim a ... como eu vou te explicar isso daí?. Ele, o caiçara ele tem muito como que se fala?... Pávio curto, entendeu? Não com as pessoas de fora, sabe? Mas dentro da sua aldeia. Então qualquer coisa, eles ficam bravos por muito pouco, eles brigam por muito pouco, eles discutem por muito pouco, ficam de mal... um com o outro . ééé.... faz parte da convivência dele, da história deles,... da vida cotidi, do cotidiano deles a briga, a discussão, o xingo, o mal dizer, como também as rezas, as venedeiras, hã, que curam ,né? Caiçara também é vencer, é curar, mas também é brigar, é xingar, entendeu?... E também é amar porque eles brigam e daqui a pouco já ta tudo certo, já ta tudo bem, um vai pra casa do outro. Existe uma liberdade muito grande entre eles, um entra na casa do outro, é uma grande família. Ser caiçara é ser uma grande família dentro de uma aldeia, como nas comunidades tradicionais	(3) O caiçara tem muito pavio curto. Não com as pessoas de fora, mas dentro da sua aldeia. Então qualquer coisa, eles ficam bravos por muito pouco, eles brigam por muito pouco, eles discutem por muito pouco, ficam de mal um com o outro. Faz parte da convivência dele, da história deles, do cotidiano deles a briga, a discussão, o xingo, o mal dizer, como também as rezas, as benzedeadas que curam? Caiçara também é benzer, é curar, mas também é brigar, é xingar, entendeu?... E também é amar porque eles brigam e daqui a pouco já está tudo certo, já está tudo bem, um vai pra casa do outro. Existe uma liberdade muito grande entre eles, um entra na casa do outro, é uma grande família. Ser caiçara é ser uma grande família dentro de uma aldeia, como nas comunidades tradicionais
(4) Tanto Bonete como Búzios, como Castelhanos, não tem diferença entre uma e outra. É tudo muito igual, muito parecido, o linguajar é idêntico..., né? e a forma de vida também. Porque eles pescam, eles dançam, eles gostam de festa, eles brigam entre eles, mas eles também se amam	(4) Tanto Bonete como Búzios, como Castelhanos, não tem diferença entre uma e outra. É tudo muito igual, muito parecido, o linguajar é idêntico e a forma de vida também. Porque eles pescam, eles dançam, eles gostam de festa, eles brigam entre eles, mas eles também se amam
(5) é ser verdadeiro, ser honesto, justo,... acolhedor. Porque, na verdade, oo caiçara... de tão... bom coração que o caiçara tem, sabe? de tão acolhedor que o caiçara é, ele acabou se ferrando o caiçara,	(5) é ser verdadeiro, ser honesto, justo, acolhedor. Porque, na verdade, o caiçara de tão bom coração que o caiçara tem, de tão acolhedor que é, ele acabou se ferrando.
(6) em 1932, com a queima do cartório em São Sebastião, os caiçaras nativos perderam a., a..., eles perderam a... a escritura definitiva de suas terras, né? e eles foram obrigados a sair, eles migraram um monte de caiçaras para Santos, pra.. ééé Santa Rosa, Guarujá, entendeu? porque aí começou a entrar os grileiros, a história da especulação imobiliária em Ilhabela e o caiçara foi sumindo da Ilha e de acordo com isso as tradições também foram in... caindo, certo? E aí, isso foi matando o caiçara.	(6) Em 1932, com a queima do cartório em São Sebastião, os caiçaras nativos perderam a escritura definitiva de suas terras, e eles foram obrigados a sair, um monte de caiçaras migrou para Santos, para Santa Rosa, Guarujá. Porque aí começou a entrar os grileiros, a história da especulação imobiliária em Ilhabela e o caiçara foi sumindo da Ilha e de acordo com isso as tradições também foram caindo e isso foi matando o caiçara.
(7) há um tempo atrás não tinha nada lá atrás da ilha, não nem tinha médico, hoje em dia tem tudo isso, né?. Tem médico, tem..., eles tem acesso, eles podem	(7) há um tempo atrás não tinha nada lá atrás da ilha, não nem tinha médico. Hoje em dia tem tudo isso. Tem médico, eles têm acesso, eles podem vir aqui,

<p>vir aqui. eles compram o que quiserem, nada falta, como antes também nada faltava, mas era uma coisa mais natural. As doenças eram curadas com ervas. Tinha todo um misticismo, porque o caiçara é ser místico,</p>	<p>eles compram o que quiserem, nada falta, como antes também nada faltava, mas era uma coisa mais natural. As doenças eram curadas com ervas. Tinha todo um misticismo, porque o caiçara é ser místico,</p>
<p>(8) O soro quem fabricava da mordida de cobra era seu Antonio Inácio, ele era o médico da tribo e as vendedeiras também. algum tipo de doença que uma criança tinha, ia lá a vendedeira rezava e a criança curava e pra cada tipo de doença era um tipo de reza, um tipo de erva. Ééé ... tem doença que se vence com fogo, tem outras que se vence com faca, tem outras que se vence com mato, tem outras que se vence na beira da cachoeira, tem outras que tem que pular sete ondas, pra podê vencê.</p>	<p>(8) O soro quem fabricava da mordida de cobra era seu Antonio Inácio, ele era o médico da tribo e as benzedeiras também. Algum tipo de doença que uma criança tinha, ia lá a benzedeira rezava e a criança curava e para cada tipo de doença era um tipo de reza, um tipo de erva. Tem doença que se benze com fogo; tem outras que se benze com faca; com mato; na beira da cachoeira; tem outras que tem que pular sete ondas, pra poder benzer.</p>
<p>(9) Porque é uma vida completamente diferenciada de qualquer um outro tipo de vida, é uma coisa muito única a vida do caiçara, desde o linguajar, né? do caiçara, né. Porque é uma coisa única o linguajar, porque você não vê o linguajar de nenhum lugar, como também alguns tipos de tradição do caiçara também só é tido aqui, na ilha. Por exemplo, a congada de Ilhabela, não tem uma congada igual a congada de Ilhabela. Tem vários milhões de tipos de congada, mas a congada da ilha não existe outra igual a ela. Entendeu? E outros tipos de dança também, né? que eram dançadas aqui, não só a Congada. O caiapó, é completamente diferente também apesar de não, de não existir mais, de ter acabado o caiapó, né? É uma coisa única também que não tem outra dança do Caiapó em qualquer outro lugar como a dança do caiapó aqui de Ilhabela</p>	<p>(9) Porque é uma vida completamente diferenciada de qualquer um outro tipo de vida, é uma coisa muito única a vida do caiçara, desde o linguajar do caiçara. Porque é uma coisa única o linguajar, porque você não vê o linguajar de nenhum lugar, como também alguns tipos de tradição do caiçara também só é tido aqui, na ilha. Por exemplo, a congada de Ilhabela, não tem uma congada igual à congada de Ilhabela. Tem vários milhões de tipos de congada, mas a congada da ilha não existe outra igual a ela. E outros tipos de dança também que eram dançadas aqui, não só a Congada. O Caiapó, é completamente diferente também, apesar de não existir mais, de ter acabado. É uma coisa única já que não tem outra dança do Caiapó em qualquer outro lugar como a dança do Caiapó aqui de Ilhabela</p>
<p>(10) Ser caiçara é ir pra mata, é caçar, é comer macuco, macaco, ééé hum... é dormir na mata</p>	<p>(10) Ser caiçara é ir pra mata, é caçar, é comer macuco, macaco, é dormir na mata</p>
<p>(11) é defender os seus direitos, a sua origem muitos caiçaras ficam tão felizes quando eles conseguem ééé... ver um, uma coisa que não, que há muitos anos não acontecia e de repente vem a tona de novo, sabe?</p>	<p>(11) é defender os seus direitos, a sua origem. Muitos caiçaras ficam tão felizes quando eles conseguem ver uma coisa que há muitos anos não acontecia e de repente vem a tona de novo.</p>
<p>(12) quando a gente resgata uma coisa, a gente põe de novo identicamente como acontecia há 50 anos atrás, há 60 anos atrás,... que elas tinham doze anos, dez anos na época e hoje elas tem 80, 90 anos,... elas ficam assim... emocionadas..., uma comenta com a outra, sabe? “Puxa, podia ser, a ilha está perdendo esta coisa pitoresca, essa coisa de ilha mesmo, né, essa história da magia, da, da coisa do folclore, das festas”, daquela coisa mais íntima do caiçara, né? que não tem mais agora aqui na ilha.</p>	<p>(12) quando a gente resgata uma coisa, a gente põe de novo identicamente como acontecia há 50, 60 anos atrás, quando elas tinham doze anos, dez anos na época e hoje elas tem 80, 90 anos,... elas ficam emocionadas. Uma comenta com a outra: “Puxa, podia ser, a ilha está perdendo esta coisa pitoresca, essa coisa de ilha mesmo, essa história da magia, da coisa do folclore, das festas”, daquela coisa mais íntima do caiçara, que não tem mais agora aqui na ilha.</p>
<p>(13) Também migraram tantas pessoas pra cá né?, completamente diferentes, a maior parte dos caiçaras saíram da ilha. A minoria hoje aqui, da população é</p>	<p>(13) Também migraram tantas pessoas pra cá, completamente diferentes. A maior parte dos caiçaras saíram da ilha. A minoria da população hoje aqui, é</p>

caiçara. A maioria são negros, baianos, nordestinos,né?, que vieram pra cá em busca de construções,	caiçara. A maioria são negros, baianos, nordestinos, que vieram pra cá em busca de construções,
(14) a especulação imobiliária matou um pouco a vida do caiçara.	(14) a especulação imobiliária matou um pouco a vida do caiçara.
(15) o caiçara é fazer a rede, é fazer o artesanato, as tranças de palha, é comê biju..., é comê ova de tainha... seca	(15) o caiçara é fazer a rede, é fazer o artesanato, as tranças de palha, é comer biju, é comer ova de tainha seca
(16) o café da manhã do caiçara é uma dilícia muito grande, né, porque antigamente comia... abacate, ééé farinha; a gente comia um gomo de abacate, uma colherada de farinha, um pedacinho de savelha seca frita, entendeu? e o café. São essas coisas..., humildes, simples, o pirão da banana verde, né?, ... e é uma sustância tão grande, isso é ser caiçara.	(16) o café da manhã do caiçara é uma delícia muito grande, porque antigamente comia abacate, farinha; a gente comia um gomo de abacate, uma colherada de farinha, um pedacinho de savelha seca frita, e o café. São essas coisas humildes, simples, o pirão da banana verde, e é uma sustância tão grande, isso é ser caiçara.
(17) Ser caiçara é ser humilde, com a sua cultura, sabe?, com a sua dignidade,... é mostrar a sua origem,	(17) Ser caiçara é ser humilde, com a sua cultura, com a sua dignidade, é mostrar a sua origem,
(18) É tão difícil ser caiçara hoje em dia..., porque já não dá mais pra ser caiçara hoje em dia, né?, porque a gente num, caiçara é andar descalço, é pé no chão, é por qualquer roupa, é num ta nem aí com nada, caiçara é viver, é ser feliz, caiçara é a vida da felicidade, né, da, da harmonia..., hoje em dia é difícil você ser um caiçara nativo como antigamente, né?. Porque os poucos caiçaras que ainda vivem hoje assim... são olhados de uma forma... bem diferenciada, assim com preconceito. Porque se você ver um caiçara dentro do ônibus hoje você vai olhar e você vai saber que é um caiçara..., de tão desproporcional que ele vai tá das outras pessoas que tá lá, isso um caiçara antigo hoje em dia dentro de um ônibus, porque caiçara jovem, adolescente, já tão todos com roupinha de marca, a idéia já é outra, o sentimento já é outro; num tem mais aquela ...inocência, sabe, aquela coisa do bem, que o caiçara... tradicional... tem.	(18) É tão difícil ser caiçara hoje em dia porque já não dá mais pra ser caiçara hoje em dia. Caiçara é andar descalço, é pé no chão, é pôr qualquer roupa, é não estar nem aí com nada, caiçara é viver, é ser feliz, caiçara é a vida da felicidade, da harmonia. Hoje em dia é difícil você ser um caiçara nativo como antigamente, porque os poucos caiçaras que ainda vivem hoje assim são olhados de uma forma bem diferenciada, assim com preconceito. Porque se você ver um caiçara dentro do ônibus hoje você vai olhar e vai saber que é um caiçara, de tão desproporcional que ele vai estar das outras pessoas que estão lá. Isso um caiçara antigo hoje em dia dentro de um ônibus, porque caiçara jovem, adolescente, já estão todos com roupinha de marca, a idéia já é outra, o sentimento já é outro; não tem mais aquela inocência, aquela coisa do bem, que o caiçara tradicional tem.
(19) ser caiçara... é morar em casa de barro..., com chão pisado	(19) ser caiçara é morar em casa de barro, com chão pisado
(20) eu acho que ser caiçara é tudo de bom.(risos). É ter uma felicidade muito grande. Eu, por exemplo, me orgulho muito de ter nascido aqui na Ilha, num lugar maravilhoso desse, de ter tido os meus avós, que são caiçaras nativos, super, completamente nativos, meus tataravôs, né? e de ter convivido um pouco da minha vida junto com eles. E de vê eles falarem aquele linguajar deles	(20) eu acho que ser caiçara é tudo de bom. É ter uma felicidade muito grande. Eu, por exemplo, me orgulho muito de ter nascido aqui na Ilha, num lugar maravilhoso desse, de ter tido os meus avós, que são caiçaras nativos, super, completamente nativos, meus tataravôs, e de ter convivido um pouco da minha vida junto com eles. E de ver eles falarem aquele linguajar deles
(21) é uma coisa assim, eu me orgulho de falar que eu sou um caiçara, que eu nasci no Saco do Sombrio, que eu vim de trás da ilha. Tem muita gente, não sei, pode até ter vergonha de falar isso	(21) é uma coisa assim, eu me orgulho de falar que eu sou um caiçara, que eu nasci no Saco do Sombrio, que eu vim de trás da ilha. Tem muita gente, não sei, pode até ter vergonha de falar isso
(22) eu sou um professor hoje, né?, tive uma oportunidade, que... a maior parte dos caiçaras não tiveram, de trás da ilha né?, mas eu tive essa oportunidade de	(22) eu sou um professor hoje, tive uma oportunidade, que a maior parte dos caiçaras de trás da ilha não tiveram. Mas, eu tive essa oportunidade de sair da

sair da cidade, de estudar , de ter uma outra visão,	cidade, de estudar, de ter uma outra visão.
(23) eu voltei já enlouquecido pra resgatar tudo o que tinha sido perdido, né?. Eeee, e durante um tempo até que eu consegui, resgatar alguma coisa, fazê alguma coisa da história nativa do caiçara, trazer à tona, né? fazer estes caiçaras, ééé... sorrirem de novo, éé... verem, né, de novo uma coisa que há tantos anos não acontecia mais, mas é muito difícil você... trabalhar... com o resgate da cultura, de uma coisa que já não existe mais, e de repente você fazer a coisa existir de novo é uma coisa muito complicada mesmo, é muito difícil	(23) Voltei já enlouquecido pra resgatar tudo o que tinha sido perdido. E durante um tempo até que eu consegui, resgatar alguma coisa, fazer alguma coisa da história nativa do caiçara, trazer à tona, fazer estes caiçaras sorrirem de novo e verem de novo uma coisa que há tantos anos não acontecia mais, mas é muito difícil você trabalhar com o resgate da cultura, de uma coisa que já não existe mais, e de repente você fazer a coisa existir de novo é uma coisa muito complicada mesmo, é muito difícil
(24) Eu acho que ser caiçara é tudo de bom... (risos). Eu adoro ser caiçara	(24) Eu acho que ser caiçara é tudo de bom. Eu adoro ser caiçara
(25)... é fazer rede, é ir pro cerco, né?, a pesca do cerco também é tão interessante	(25) É fazer rede, é ir pro cerco, a pesca do cerco também é tão interessante
(26) é ser hospitaleiro, eu já falei isso, eu acho... é criar galinha, ... é trabalhar muito ... pelo seu sustento, pelo sustento da sua família, trabalhar com dignidade... com felicidade, com amor. Caiçara... nativo tem muito amor naquilo que ele faz, sabe?. Ele se sente muito digno de ser o que ele é e de fazer o que ele faz.	(26) é ser hospitaleiro, é criar galinha, é trabalhar muito pelo seu sustento, pelo sustento da sua família, trabalhar com dignidade, com felicidade, com amor. Caiçara nativo tem muito amor naquilo que ele faz. Ele se sente muito digno de ser o que ele é e de fazer o que ele faz.
(27) eu acho que deveria ter um trabalho muito, mas muito sério em relação ao resgate da história de Ilhabela, porque eu acho que Ilhabela é uma cidade, agora que ela já tá toda transformada	(27) eu acho que deveria ter um trabalho muito, mas muito sério em relação ao resgate da história de Ilhabela, porque eu acho que Ilhabela é uma cidade, agora que ela já está toda transformada
(28) é uma cidade turística, né eee por ser uma cidade turística eu acho muito importante a história... da ilha, porque se o turista vem pra cá, se for um turista, dependendo do turismo, se tiver sido trabalhado... na cidade...; eu penso assim em trazer um turista culto pra cá, um turista que entenda de meio ambiente, porque Ilhabela é 80% mata atlântica, né?, é uma preservação, tem muitas cachoeiras...	(28) é uma cidade turística e por ser uma cidade turística eu acho muito importante a história da ilha. Eu penso assim em trazer um turista culto pra cá, um turista que entenda de meio ambiente, porque Ilhabela é 80% mata atlântica. É uma preservação, tem muitas cachoeiras.
(29) é uma cidade que eu acho que o poder público tinha que ter um interesse maior em resgatar a história tradicional de Ilhabela, em nível de espetáculos mesmo, pra mostrar mesmo a história da ilha pro turista, porque o turista vem pra cá eles não conhecem a história da ilha, eles num sabem, eles vem pra cá porque Ilhabela é um lugar de descanso, é um lugar... de natureza, é um lugar pra eles ficarem, relaxarem, descansarem, mas existe uma procura muito grande da, do que foi Ilhabela, de como que era, da história, Ilhabela tem uma história tão vasta,	(29) é uma cidade e eu acho que o poder público tinha que ter um interesse maior em resgatar a história tradicional de Ilhabela, em nível de espetáculos mesmo, pra mostrar mesmo a história da ilha para o turista, porque o turista vem pra cá e ele não conhece a história da ilha, ele não sabe, ele vem pra cá porque Ilhabela é um lugar de descanso, é um lugar de natureza, é um lugar pra ele ficar, relaxar, descansar, mas existe uma procura muito grande do que foi Ilhabela, de como que era, da história. Ilhabela tem uma história tão vasta,
(30) com os sítios concheiros, essas descobertas, que existiam os pré-históricos dois mil e quinhentos anos antes de Cristo e depois toda a a história da	(30) com os sítios concheiros, essas descobertas de que existiam os pré-históricos há dois mil e quinhentos anos antes de Cristo e depois toda a

<p>linguagem jea e aí vem os índios, os tupinambás, e aí vem todas as histórias dos piratas e tal; que eu acho que isso deveria ser colocado de uma forma primordial, eu acho, porque a ilha, ela não pode perder essa coisa pitoresca, essa coisa da magia da..., que isso que envolve, eu acho, as pessoas, essa coisa mágica que a ilha tem, por mais que não esteja à flora a tradição da ilha, mas ainda você sente esta coisa da magia em cada canto da cidade</p>	<p>história da linguagem jea e aí vem os índios, os tupinambás, e aí vem todas as histórias dos piratas e tal. Eu acho que isso deveria ser colocado de uma forma primordial, porque a ilha não pode perder essa coisa pitoresca, essa coisa da magia que isso que envolve. As pessoas, essa coisa mágica que a ilha tem, por mais que não esteja à flora a tradição da ilha, mas ainda você sente esta coisa da magia em cada canto da cidade</p>
<p>(31) eu acho que se a gente começa a dançar de novo o Quebra-Chiquinha, o pau de Fita, o Vilão , a congada, o Caiapó, a ciranda, a saraválha, o João -bambu e tudo mais e começar a ter os pratos típicos de novo..., né? ...e a ter simpósios mesmo, sabe? sobre o linguajar, sobre a cultura, sobre as roupas, sobre as vestimentas, sobre... eu acho que deveria ter um resgate... tanto da parte social quanto da parte ambiental</p>	<p>(31) Eu acho que se a gente começa a dançar de novo o Quebra-Chiquinha, o Pau de Fita, o Vilão, a Congada, o Caiapó, a Ciranda, a saraválha, o João -Bambu e tudo mais e começar a ter os pratos típicos de novo e, a ter simpósios sobre o linguajar, sobre a cultura, sobre as roupas, sobre as vestimentas. Eu acho que deveria ter um resgate tanto da parte social quanto da parte ambiental</p>
<p>(32) hoje em dia também ele, ele... as pessoas até falam: “Ah!, mas o caiçara num plantá mais, o caiçara num isso mais ,o caiçara é um vagal, o caiçara...”, tem muito essa fala, sabe?, mas o caiçara foi completamente podado porque a partir do momento que entrou o Parque Estadual, o caiçara não pode mais plantar mandioca, o caiçara num pode mais fazê a farinha, o caiçara num pode mais..., né?, o caiçara não pode nem entrar no mar mais, pra pescar. O caiçara num pode mais largar o cerco no lugar tal porque... sabe?, as lanchas passam, destroem o cerco</p>	<p>(32) Hoje em dia também as pessoas até falam que o caiçara não planta mais, o caiçara é um vagal, ... Tem muito essa fala, mas o caiçara foi completamente podado porque a partir do momento que entrou o Parque Estadual, o caiçara não pôde mais plantar mandioca, o caiçara não pôde mais fazer a farinha, o caiçara não pode nem entrar no mar mais para pescar. O caiçara não pode mais largar o cerco no lugar tal porque as lanchas passam, destroem o cerco</p>
<p>(33) O caiçara não tem grana, porque ele trabalha pra sobreviver, é o sustento dele aquilo lá... Entendeu? O caiçara não tem dinheiro pra ta assim... O dinheiro que ele ganha é o dinheiro que ele come, que ele compra as ropinhas, que ele faz as coisinhas, porque ele vive numa vida muito humilde, muito, muito natural também, né?,mas muito humilde também, o caiçara não tem grandes pretensões na vida, a vida dele é aquilo ali e pronto</p>	<p>(33) O caiçara não tem grana, porque ele trabalha pra sobreviver, é o sustento dele aquilo lá. O caiçara não tem dinheiro, o dinheiro que ele ganha é o dinheiro que ele come, que ele compra as roupinhas, que ele faz as coisinhas, porque ele vive numa vida muito humilde, muito, muito natural também, mas muito humilde também, o caiçara não tem grandes pretensões na vida, a vida dele é aquilo ali e pronto</p>
<p>(34) ele foi muito podado pelo poder público ee... pelo parque, né.</p>	<p>(34) ele foi muito podado pelo poder público e pelo parque.</p>
<p>(35) eu tenho um projeto de, do resgate das casas de farinha não consegui fazer nenhuma casa de farinha. Eu consegui restaurar uma casa de farinha na Ilha de Búzios, mas foi uma casa de farinha que eu consegui restaurar na Ilha de Búzios com o dinheiro do meu bolso, só que eu sou um professor, eu também luto pra sobreviver, eu não tenho dinheiro prá montá uma casa de farinha em cada comunidade pra eu poder ter o prazer de ir na comunidade e fazer uma farinha junto com o pessoal de Castelhanos, faz uma farinha junto com o pessoal do Bonete , faz uma farinha, que eu adoro isso, sabe?. Mas eu acho que... teriam</p>	<p>(35) eu tenho um projeto do resgate das casas de farinha e não consegui fazer nenhuma casa de farinha. Eu consegui restaurar apenas uma casa de farinha na Ilha de Búzios, com o dinheiro do meu bolso, só que eu sou um professor, eu também luto pra sobreviver, eu não tenho dinheiro para montar uma casa de farinha em cada comunidade pra eu poder ter o prazer de ir na comunidade e fazer uma farinha junto com o pessoal de Castelhanos, Bonete, fazer uma farinha que eu adoro isso. Mas eu acho que teriam que investir nisso. Está acabando, não tem mais casa de farinha na ilha.</p>

que investir nisso, sabe? ta acabando... num tem mais casa de farinha na ilha.	
(36) A pesca de cerco ta acabando, são pouquíssimas pessoas que pescam de cerco e o cerco foi uma coisa ééé... vinda da tradição dos japoneses, que os caiçaras adquiriram isso né?, 1920 com a chegada dos japoneses	(36) A pesca de cerco está acabando, são pouquíssimas pessoas que pescam de cerco e o cerco foi uma coisa vinda, adquirida da tradição dos japoneses. Em 1920, com a chegada dos japoneses
(37) estas coisas estão acabando mesmo, estão se perdendo mesmo. Eu acho que daqui mais uns... talvez uns 10 anos?... já não tenha mais o caiçara tradicional na ilha, se a a gente não abrir os olhos e não for a fundo, pra gente não perder uma parte da beleza de Ilhabela que é o caiçara, porque Ilhabela sem o caiçara num vai ser mais Ilhabela. Ilhabela ainda é Ilhabela porque ainda tem as comunidades tradicionais, porque ainda tem os caiçaras,	(37) Estas coisas estão acabando mesmo, estão se perdendo mesmo. Eu acho que daqui mais uns 10 anos?, já não tenha mais o caiçara tradicional na ilha, se a gente não abrir os olhos e não for a fundo, para gente não perder uma parte da beleza de Ilhabela que é o caiçara, porque Ilhabela sem o caiçara num vai ser mais Ilhabela. Ilhabela ainda é Ilhabela porque ainda tem as comunidades tradicionais, porque ainda tem os caiçaras,
(38) algumas famílias caiçaras que ainda sobrevivem da roça, muito pouquinho, porque não pode muito, né? alguns caiçaras que ainda sobrevivem do artesanato porque nem o bambu num ta podendo mais cortá... prá pode faze, nem a palha eles tão podendo mais tirá, né, nem a paina eles tão podendo mais tirá pra pode fazer o artesanato, então.. ta acabando, né? a história nativa da ilha, ta acabando e vai chegá o momento que não vai te nem ninguém pra conta mais... a história da ilha. E Ilhabela quando isso acabá, não vai ser mais Ilhabela, vai ser Ilhafaia	(38) Algumas famílias caiçaras ainda sobrevivem da roça, muito pouquinho, porque não pode muito. Alguns caiçaras ainda sobrevivem do artesanato porque nem o bambu não estão podendo mais cortar para poder faze, nem a palha, nem a paina eles estão podendo mais tirar mais tirar para poder fazer o artesanato. Então, está acabando. A história nativa da ilha, está acabando e vai chegar o momento que não vai tee nem ninguém para conta mais a história da ilha. E Ilhabela quando isso acabar, não vai ser mais Ilhabela, vai ser Ilhafaia
(39) Porque o que deixa a ilha bela é esse ar do caiçarês, é o... é trocar o v pelo b, é falar “bóis ides aonde, onde bóis ide, o que bóis quereis?” Isso é ser caiçara, isso é deixar a ilha bela,	(39) Porque o que deixa a ilha bela é esse ar do caiçarês, é trocar o v pelo b, é falar “bóis ides aonde, onde bóis ide, o que bóis quereis?” Isso é ser caiçara, isso é deixar a ilha bela,
(40) É você ir..., entrar na canoa de um caiçara e ir até o cerco junto com ele e vê como é que essa pesca de cerco, né, que não é fácil; uma pessoa sozinha não consegue puxar o cerco pra pescá de cerco, tem que sê uma família pra pescá de cerco. São várias pessoas no meio daquela rede.	(40) É você entrar na canoa de um caiçara e ir até o cerco junto com ele e ver como é essa pesca de cerco, que não é fácil; uma pessoa sozinha não consegue puxar o cerco pra pescar de cerco, tem que ser uma família para pescar de cerco. São várias pessoas no meio daquela rede.
(41) é uma coisa que a gente tem que... pensá muito eee... ter assim como linha de frente, como primordial, o resgate mesmo, da história dessa cidade pra gente não perder essa coisa bonita, essa coisa gostosa que a cidade tem porque... Se Ilhabela perder completamente os caiçaras, principalmente o pouco que sobrou das comunidades tradicionais... eu não sei o que que pode acontecer, mas eu acho que... que vai se perder muito assim. que... vai ficar muito estranha a história turística na ilha,	(41) é uma coisa que a gente tem que pensar muito e ter assim como linha de frente, como primordial, o resgate mesmo, da história dessa cidade para gente não perder essa coisa bonita, essa coisa gostosa que a cidade tem porque se Ilhabela perder completamente os caiçaras, principalmente o pouco que sobrou das comunidades tradicionais, eu não sei o que pode acontecer, mas eu acho que vai se perder muito assim, que vai ficar muito estranha a história turística na ilha.
(42) mas também tem tantas coisas importantes em relação à natureza sabe, pra pode realiza também... Por exemplo, saneamento básico. Aas cachoeiras da ilha são, tem tantas cachoeiras lindas na ilha. Porque não tem saneamento básico na	(42) mas também tem tantas coisas importantes em relação à natureza para se realizar. Por exemplo saneamento básico. Tem tantas cachoeiras lindas na ilha e a Ilha não tem saneamento básico. Então, a maior parte das casas vão jogar

<p>ilha. Então, a maior parte das casas vão jogar o seu esgoto aonde? Nas cachoeiras. As cachoeiras desaguam aonde ? No mar! É uma cidade turística isso daqui. Ce entendeu? Então... as praias do centro já num, a gente vai se banhar no coco e no xixi de todo mundo, sabe?. Que que é isso! Eu não entro nas águas aqui do mar, eu vou pra trás da ilha quando eu quero cair no mar</p>	<p>o seu esgoto nas cachoeiras. As cachoeiras deságuam aonde ? No mar! É uma cidade turística isso daqui. Nas praias do centro a gente vai se banhar no coco e no xixi de todo mundo. O que é isso? Eu não entro nas águas aqui do mar, eu vou pra trás da ilha quando eu quero cair no mar</p>
<p>(43) eu tenho consciência que o mar aqui da vila, do centro da cidade é completamente contaminado, não tem nenhuma praia limpa aqui. Por mais que coloquem a bandeira verde, eu sei que tá podre. Porque não tem um saneamento básico aqui, não tem nenhum tipo de tratamento de água, né?, então... isso também é uma coisa importantíssima que a gente precisa,</p>	<p>(43) Eu tenho consciência que o mar aqui da vila, do centro da cidade é completamente contaminado, não tem nenhuma praia limpa aqui. Por mais que coloquem a bandeira verde, eu sei que está podre. Porque não tem um saneamento básico aqui, não tem nenhum tipo de tratamento de água. Então, isso também é uma coisa importantíssima que a gente precisa.</p>
<p>(44) A Ilhabela cresceu muito, né? Tem muita gente morando, é muita casa, muita casa ... cada vez mais as casas estão sendo construídas... para dentro do parque, sabe?, pra dentro das florestas, pra dentro das..., e tudo gente que tem um capital muito grande, né , pessoas muito poderosas, pessoas que tem muito dinheiro,</p>	<p>(44) A Ilhabela cresceu muito. Tem muita gente morando, é muita casa, muita casa, cada vez mais as casas estão sendo construídas para dentro do parque, para dentro das florestas, e tudo gente que tem um capital muito grande, pessoas muito poderosas, que tem muito dinheiro.</p>
<p>(45) o caiçara não tem vez perto de uma pessoa dessas que vem de São Paulo, ééé, que tem uma outra visão de vida,</p>	<p>(45) o caiçara não tem vez perto de uma pessoa dessas que vem de São Paulo, que tem uma outra visão de vida,</p>
<p>(46) a visão de vida que ele tem é acordar de manhã cedo, e ver o por do sol e ver o sol saindo de dentro do mar, entendeu? É uma..., é uma outra visão. O caiçara não tem maldade, sabe?, nenhuma! Caiçara você chega lá e ele te coloca pra dentro de casa e você vai comê o que ele vai comer, se ele ta comendo arroz com café e e peixe frito, você vai comer isso, ce pode sê o príncipe da Inglaterra, mas você vai tê que comê farinha, arroz, café e peixe, que é a comida dele. Você vai sentá no banquinho que ele fez de madeira, né? Você vai pisar no chão de barro que é a casa del , você vai dormir em cima de uma esteira que foi ele que confeccionou, não é? ...você vai passa uma noite dentro de um quarto barro e você vai olhá para o teto e você vai vê que o seu teto é de palha..., né? Então tem..., essa é a vida do caiçara, né? Então o caiçara não tem maldade nenhuma</p>	<p>(46) a visão de vida que ele tem é acordar de manhã cedo, e ver o por do sol e ver o sol saindo de dentro do mar. É uma outra visão. O caiçara não tem maldade, sabe?, nenhuma! Caiçara você chega lá e ele te coloca para dentro de casa e você vai comer o que ele vai comer, se ele está comendo arroz com café e peixe frito, você vai comer isso, você pode ser o príncipe da Inglaterra, mas você vai ter que comer farinha, arroz, café e peixe, que é a comida dele. Você vai sentar no banquinho que ele fez de madeira; você vai pisar no chão de barro que é a casa dele, você vai dormir em cima de uma esteira que foi ele que confeccionou; você vai passa uma noite dentro de um quarto barro e vai olhar para o teto e você vai ver que o seu teto é de palha. Então, essa é a vida do caiçara. Ocaiçara não tem maldade nenhuma</p>
<p>(47) o povo que vem de fora, ele já vem com a ganância, ele não teve isso, então ele qué isso..., que ele veio de uma cidade de concreto, ele veio de uma respiração de fumaça de indústria, entendeu? Então, o que ele qué?, o turista qué mora na praia de Castelhanos, entendeu? Não qué sabê como. Ele vai lá e compra à preço de banana,</p>	<p>(47) o povo que vem de fora já vem com a ganância, ele não teve isso, então ele quer isso. Ele veio de uma cidade de concreto, de uma respiração de fumaça de indústria. Então o que ele quer? O turista quer morar na praia de Castelhanos. Não quer saber como. Ele vai lá e compra à preço de banana,</p>
<p>(48) o caiçara não vai imagina, porque ele nasceu naquilo, pra ele aquilo lá ééé, pro caiçara (toca a sirene da escola) o caiçara.... O caiçara dá valor a isso, sabe?</p>	<p>(48) O caiçara não vai imagina, porque ele nasceu naquilo, pra ele aquilo lá ... O caiçara dá muito valor a isso, mas talvez o caiçara não saiba, não perceba, a</p>

<p>Ele dá valor, mas..., muito valor o caiçara dá a isso, mas talvez o caiçara não saiba..., não perceba, né? a parte intrínseca que tem o você acordar e ver o sol sair de dentro do mar, você dormir em cima de uma esteira de palha, né? A coisa primordial, né, que isso tem com relação a alma da gente, o desenvolvimento espiritual,</p>	<p>parte intrínseca que tem o você acordar e ver o sol sair de dentro do mar, você dormir em cima de uma esteira de palha. A coisa primordial que isso tem com relação a alma da gente, o desenvolvimento espiritual,</p>
<p>(49) é uma coisa que o turista não tem, porque o turista ele qué, qué ele qué uma casa em Castelhanos, tem um terreno em Castelhanos ou no Bonete ou na Fome, mas aí ele vai lá e constrói uma casa enorme no meio, na porta da praia que é uma casa que deveria ser construída em São Paulo, em Santos, numa metrópole... ele vai estragar a arquitetura daquele local, das casinhas do caiçara, no meio das casinhas do caiçara, o turista vai lá e constrói uma casa com bloco, com cimento, com, com coisas que agriem a natureza, sabe? Com janelas de aço, de latão, de sei lá do que,</p>	<p>(49) é uma coisa que o turista não tem, porque ele quer, quer uma casa em Castelhanos, tem um terreno em Castelhanos ou no Bonete ou na Fome, mas aí ele vai lá e constrói no meio, na porta da praia uma casa enorme que deveria ser construída em São Paulo, em Santos, numa metrópole. Ele vai estragar a arquitetura daquele local, das casinhas do caiçara, no meio das casinhas do caiçara. O turista vai lá e constrói uma casa com bloco, com cimento, com coisas que agriem a natureza. Com janelas de aço, de latão, de sei lá do que.</p>
<p>(50) as portinhas do caiçara são de madeira, janelinhas, as tramelinhas que fecham a casa. Que o caiçara não tem essa preocupação do roubo, do assalto, do assassinato, ele num conviveu com isso.</p>	<p>(50) as portinhas do caiçara são de madeira, janelinhas, as tramelinhas que fecham a casa pois o caiçara não tem essa preocupação do roubo, do assalto, do assassinato, ele não conviveu com isso.</p>
<p>(51) o povo que vem de fora, não tem também essa dimensão que o caiçara tem, entendeu? Essa cultura espiritual que o caiçara tem... naturalmente, que o caiçara nem sabe que ele tem, ce entendeu? mas ele tem, ele desenvolveu isso naturalmente,</p>	<p>(51) o povo que vem de fora, não tem também essa dimensão que o caiçara tem. Essa cultura espiritual que o caiçara tem naturalmente e nem sabe que tem. Mas ele tem, ele desenvolveu isso naturalmente.</p>
<p>(52) é uma coisa que o povo culto, que vem de fora, que é o dono da grana sabe, mas não consegue evoluir isso dentro dele, talvez pela vivência dura que ele teve na cidade de concreto, na cidade grande, na metrópole,</p>	<p>(52) é uma coisa que o povo culto, que vem de fora, que é o dono da grana sabe, mas não consegue evoluir isso dentro dele, talvez pela vivência dura que ele teve na cidade de concreto, na cidade grande, na metrópole.</p>
<p>(53) o caiçara desenvolveu isso sem nem perceber, né?. Porque ele acordava às 4 horas da manhã, ele tava no mar, remando, né? Indo pra pesca, só felicidade, só harmonia, só paz, respirando um ar puríssimo.</p>	<p>(53) o caiçara desenvolveu isso sem nem perceber, porque ele acordava às 4 horas da manhã, ele estava no mar, remando, Indo pra pesca, só felicidade, só harmonia, só paz, respirando um ar puríssimo.</p>
<p>(54) toma um super café da manhã, que pra mim é, tudo natural, banana, mamão, frutas, farinha quentinha feita na hora. Peixinho fresquinho que ele acabou de trazê, ... né? o café que eles mesmos plantam, que eles mesmo moem, que eles mesmo socam no pilãozinho que eles mesmo fazem</p>	<p>(54) toma um super café da manhã, que pra mim é, tudo natural, banana, mamão, frutas, farinha quentinha feita na hora. Peixinho fresquinho que ele acabou de trazer, o café que eles mesmos plantam, que eles mesmo moem, que eles mesmo socam no pilãozinho que eles mesmo fazem</p>
<p>(55) eu acho importantíssimo, assim, que as pessoas comecem a pensar de uma forma que consigam... não deixar acabar, pelo menos, o que ainda restou da cultura tradicional do caiçara. O que puder resgatar, o que já se perdeu... que façam isso, entendeu? porque a minha luta é essa, né?. Eu vou ficá velhinho de bengala, mas eu vou ficá lutando pra resgatar a história minha cidade que é uma</p>	<p>(55) eu acho importantíssimo que as pessoas comecem a pensar de uma forma que consigam não deixar acabar, pelo menos, o que ainda restou da cultura tradicional do caiçara. O que puder resgatar do que já se perdeu, que façam isso. Porque a minha luta é essa. Eu vou ficar velhinho de bengala, mas eu vou ficar lutando pra resgatar a história da minha cidade que é uma coisa que</p>

coisa que eu adoro muito, que eu amo, que eu gosto de fazer, ... que eu tenho prazer em fazer... e o que eu tenho orgulho, né? não só de ser caiçara mas de fazer esse tipo de trabalho também... junto com as crianças, né, ta informando as crianças que tão aí crescendo agora, sobre a história da cidade, sobre a importância da história da cidade, sobre a importância de ser um ilhabelense caiçara, né.... Porque... as crianças precisam ter esse orgulho também de ser ilhabelense, né?, de ser caiçara, do fato de ter nascido aqui nesta cidade	eu adoro muito, que eu amo, que eu gosto de fazer, que eu tenho prazer em fazer e o que eu tenho orgulho, não só de ser caiçara mas de fazer esse tipo de trabalho também, junto com as crianças, de estar informando, as crianças que estão aí crescendo agora, sobre a história da cidade, sobre a importância da história da cidade, sobre a importância de ser um ilhabelense caiçara, porque as crianças precisam ter esse orgulho também de ser ilhabelense, de ser caiçara, do fato de ter nascido aqui nesta cidade
(56) ainda é um dos lugares que você pode vivê com tranqüilidade, no século que a gente tá, e das coisas que... acontecem nesse mundo inteiro, que tem por aí, Ilhabela é uma cidade... que você pode ficar tranqüilo ainda, sabe?, você pode ter uma vida completamente saudável,... por enquanto,	(56) ainda é um dos lugares que você pode viver com tranqüilidade, no século que a gente está, e das coisas que acontecem nesse mundo inteiro, que tem por aí. Ilhabela é uma cidade que você pode ficar tranqüilo ainda; você pode ter uma vida completamente saudável, por enquanto,
(57) eu acho importante a gente não deixá perder o que ainda tem de cultura tradicional do caiçara e ainda resgatar o que se perdeu porque essa cultura nativa do caiçara é que traz essa paz, essa tranqüilidade, essa coisa gostosa, com humildade, esse amor, essa essa coisa do acolher,... sabe? Porque se isso se perder Ilhabela... vai ser difícil morar na ilha, entendeu?, porque vai começar a ter uma outra coisa que nunca teve, eu não sei como te explicar isso mas eu acho a ilha... energeticamente muito poderosa, entendeu? E por enquanto ela tá completamente positiva... ainda, mas a ilha também tem um lado muito negativo,... tem os dois lados, o positivo e o negativo,	(57) eu acho importante a gente não deixar perder o que ainda tem de cultura tradicional do caiçara e resgatar o que se perdeu porque essa cultura nativa do caiçara é que traz essa paz, essa tranqüilidade, essa coisa gostosa, com humildade, esse amor, essa coisa do acolher. Porque se isso se perder vai ser difícil morar na ilha, porque vai começar a ter uma outra coisa que nunca teve, eu não sei como te explicar isso mas eu acho a ilha energeticamente muito poderosa, e, por enquanto, ela está completamente positiva ainda, mas a ilha também tem um lado muito negativo. Tem os dois lados, o positivo e o negativo.
(58) na história da Ilha também tem o lado da magia negra, né? também tem o lado do vudu, né, os caiçaras que..., naquele filme “O Caiçara” passa muito isso, uma velhinha caiçara fazendo vudu, os bonequinho eee, ... tem muito esse lado da magia, né, da... não só da magia branca, que existe muito aqui na Ilha a magia branca, mas também tem esse lado... da magia negra.	(58) na história da Ilha também tem o lado da magia negra, tem o lado do vudu. Naquele filme “O Caiçara” passa muito isso, uma velhinha caiçara fazendo vudu, os bonequinhos. Tem muito esse lado da magia, não só da magia branca, que existe muito aqui na Ilha, mas também tem esse lado da magia negra.
(59) essa história do caiçara, essa coisa gostosa do caiçara ser, de receber a pessoa bem, de ser honesto, de ser verdadeiro, de ser o que ele é, traz essa energia positiva pra cidade, essa coisa gostosa que a gente vive ainda, entendeu?, mesmo tendo esse lado da magia escura,	(59) essa história do caiçara, essa coisa gostosa do caiçara ser, de receber a pessoa bem, de ser honesto, de ser verdadeiro, de ser o que ele é, traz essa energia positiva pra cidade, essa coisa gostosa que a gente vive ainda, entendeu?, mesmo tendo esse lado da magia escura,
(60) A história de Ilhabela foi uma coisa muito impressionante, né? porque também teve muito sofrimento.	(60) A história de Ilhabela foi uma coisa muito impressionante, porque também teve muito sofrimento.
(61) Ilhabela é descoberta em 1502	(61) Ilhabela é descoberta em 1502
(62) e teve toda a história... gostosa do do dos homens pré-históricos que viviam dos moluscos, dos peixes e tal e em seguida os índios, os tupinambás, que foi uma coisa lindíssima a história dos índios na Ilha, mas eles eram canibais, mas	(62) e teve toda a história gostosa dos homens pré-históricos que viviam dos moluscos, dos peixes e tal e em seguida os índios, os tupinambás, que foi uma coisa lindíssima a história dos índios na Ilha, mas eles eram canibais, mas eles

<p>eles comiam gente, né?, apesar de que pra eles quando eles estavam comendo a pessoa, não era o fato de eles estarem comendo a pessoa, na verdade eles estavam comendo a alma, a alma, o espírito da pessoa, a coragem, né, a verdade, a coragem. tem toda uma história, um misticismo em cima da história indígena mas também logo em seguida veio a história dos negros, né?, dos escravos, (tosse) e que foi um sofrimento muito grande na Ilhabela inteira, os escravos sofreram muito na ilha, então pensa muita energia do sofrimento na ilha da... e antes ainda disso sabe, logo depois dos índios, os piratas... a historia dos piratas que também foi uma coisa de muito sofrimento, né e eles , eles , eles roubavam e as maquinagens deles eram feitas tudo aqui na baía de Castelhanos. Eles formulavam , na verdade a história, as pilhagens que eles iam fazer, os roubos, os assaltos, tudo aqui, na cidade de Ilhabela. A história da, da..; de quando eles invadiram a vila de São Vicente,</p>	<p>comiam gente, apesar de que pra eles quando eles estavam comendo a pessoa, não era o fato de eles estarem comendo a pessoa, na verdade eles estavam comendo a alma, o espírito da pessoa, a coragem, a verdade. Tem toda uma história, um misticismo em cima da história indígena mas também logo em seguida veio a história dos negros, dos escravos, e que foi um sofrimento muito grande na Ilhabela inteira; os escravos sofreram muito na ilha, então pensa muita energia do sofrimento na ilha. E antes disso, e logo depois dos índios, os piratas. A historia dos piratas que também foi uma coisa de muito sofrimento; eles roubavam e as maquinagens deles eram feitas tudo aqui na baía de Castelhanos. Eles formulavam, na verdade a história, as pilhagens que eles iam fazer, os roubos, os assaltos, tudo aqui, na cidade de Ilhabela. A história de quando eles invadiram a vila de São Vicente.</p>
<p>(63) o caiçara ééé, não adquiriu essa coisa da maldade, da, sabe? Ele, o caiçara na verdade ele, ele só adquiriu coisas boas, né? Coisas..., o caiçara sempre foi muito acolhedor, sempre foi muito amoroso, sempre foi muito caridoso, né?, nunca se importou cum, cum valores, sabe?, com riquezas, cum... ter as coisas. Não, porque eu tenho num sei quantas fazendas, num sei quantos pedaços de terra, num sei quantos... Caiçara nunca foi assim. Aaa pessoa chegava e o caiçara falava; “não pelo amor de Deus, constrói uma casa aqui, eu deixo”. Caiçara dava a terra que ele tinha, ele não vendia, ele dava de tão bom que ele era, ele gostava que a pessoa construísse a casa do lado da dele. “não, seja meu vizinho!”. Então, caiçara pitoresco, né, amoroso, acolhedor, é verdadeiro, não tinha ambições. Pra ele viver daquele jeito ali que ele tava vivendo era a melhor coisa do mundo. Caiçara não tem maldade. Nenhuma! De tão bom que o caiçara é, o caiçara perdeu tudo o que ele tinha. Caiçara não tem mais nada hoje em dia, caiçara só sofre hoje, hoje em dia. Principalmente quem vive atrás da ilha... porque eles passam por muitas dificuldades. É que é tudo assim muito louco porque ao mesmo tempo que eles sofrem, eles não sofrem, porque viver atrás da ilha é bom, pra alma, pro espírito. É gostoso! É maravi ! Éé... ter uma vida saudável é morar atrás da ilha,</p>	<p>(63) o caiçara não adquiriu essa coisa da maldade. Ele, o caiçara, na verdade, só adquiriu coisas boas. O caiçara sempre foi muito acolhedor, sempre foi muito amoroso, sempre foi muito caridoso. Nunca se importou com valores, com riquezas, com ter as coisas. Não, porque eu tenho não sei quantas fazendas, não sei quantos pedaços de terra, não sei quantos... Caiçara nunca foi assim. A pessoa chegava e o caiçara falava; “não pelo amor de Deus, constrói uma casa aqui, eu deixo”. Caiçara dava a terra que ele tinha, ele não vendia, ele dava de tão bom que ele era, ele gostava que a pessoa construísse a casa do lado da dele. “não, seja meu vizinho!”. Então, caiçara pitoresco, amoroso, acolhedor, é verdadeiro, não tinha ambições. Para ele viver daquele jeito ali que ele estava vivendo era a melhor coisa do mundo. Caiçara não tem maldade. Nenhuma! De tão bom que o caiçara é, o caiçara perdeu tudo o que ele tinha. Caiçara não tem mais nada hoje em dia, caiçara só sofre hoje em dia. Principalmente quem vive atrás da ilha, porque eles passam por muitas dificuldades. É que é tudo assim muito louco porque ao mesmo tempo que eles sofrem, eles não sofrem, porque viver atrás da ilha é bom, pra alma, pro espírito. É gostoso! Ter uma vida saudável é morar atrás da ilha,</p>
<p>(64) Só que pra eles viverem lá atrás da Ilha, lá não tem mercado, eles não tem médico, eles não podem mais fazer como era antigamente, ce entendeu? Porque agora eles não podem mais caçar, porque os florestais não deixam. Caiçara vivia do que, da caça , da pesca, da roça, do artesanato que eles faziam, e tudo isso</p>	<p>(64) Só que pra eles viverem lá atrás da Ilha, lá não tem mercado, eles não tem médico, eles não podem mais fazer como era antigamente, você entendeu? Porque agora eles não podem mais caçar, porque os florestais não deixam. Caiçara vivia da caça, da pesca, da roça, do artesanato que eles</p>

<p>hoje o caiçara não pode mais fazer, até pode..., dentro das leis todas que colocaram aí, sabe. Até pode, mas tem que ter uma organização, uma ordem muito grande e que essa ordem..., essas... como que eu vou te falá? essas entidades que existem e que controlam essas leis, e que não deixam mais o caiçara planta, oomomoo, eles não conseguem organizar de uma forma que dê para o caiçara continuá fazendo seu artesanato mas não destruir a natureza, que dê pro caiçara fazê a sua roça mas não destruí a natureza, mas por que não mais plantá mandioca? Pode planta mandioca..., mas a lei não deixa o caiçara fala... eu fui faze uma horta... uma plantação de mandioca nos fundos do meu quintal e o florestal veio, isso aconteceu em Castelhanos. Florestal não deixou, falou que eu estava invadindo o parque Estadual de Ilhabela..., e era nos fundos da minha casa..., o caiçara falou pra mim, quintal, eu não pude fazer uma roça de mandioca no meu quintal</p>	<p>faziam, e tudo isso hoje o caiçara não pode mais fazer. Até pode, dentro das leis todas que colocaram aí. Até pode, mas tem que ter uma organização, uma ordem muito grande e que essa ordem..., essas entidades que existem e que controlam essas leis, e que não deixam mais o caiçara plantar. Eles não conseguem organizar de uma forma que dê para o caiçara continuar fazendo seu artesanato mas não destruir a natureza; que dê para o caiçara fazer a sua roça mas não destruir a natureza. Mas por que não mais plantar mandioca? Pode plantar mandioca, mas a lei não deixa o caiçara fala... “eu fui fazer uma horta, uma plantação de mandioca nos fundos do meu quintal e o florestal veio”, isso aconteceu em Castelhanos. “Florestal não deixou, falou que eu estava invadindo o Parque Estadual de Ilhabela, e era nos fundos da minha casa”, o caiçara falou pra mim, “quintal, eu não pude fazer uma roça de mandioca no meu quintal”.</p>
<p>(65) o caiçara falou, vendi a minha casa de farinha pra fulano de tal. Um turista!... vendeu o forno, vendeu o tipiti, vendeu a prensa, vendeu o queijo, vendeu todos os apetrechos da... da casa de farinha</p>	<p>(65) o caiçara falou: “ vendi a minha casa de farinha pra fulano de tal.” Um turista!... vendeu o forno, vendeu o tipiti, vendeu a prensa, vendeu o queijo, vendeu todos os apetrechos da casa de farinha</p>
<p>(66) Então, e agora, o que o caiçara vai fazer? Se ele não pode mais pescá, se ele não pode mais produzi a farinha, se ele não pode mais faze o artesanato. Caiçara vai... morrer, num vai mais existir, ou então ele vai migra, vai trabalahr nas docas em Santos, ele vai pedir um emprego no porto de Ssantos pra trabalhar no barco de sicrano, de fulano, de beltrano, entendeu?... porque a pesca artesanal também tem todos os seus empecilhos..., tem hora que pode, tem hora que não pode, tem assim, tem assado, tem cozido, e não tem uma ordem, uma organização</p>	<p>(66) Então, e agora, o que o caiçara vai fazer? Se ele não pode mais pescar, se ele não pode mais produzir a farinha, se ele não pode mais fazer o artesanato. Caiçara vai morrer, não vai mais existir, ou então ele vai migrar, vai trabalhar nas docas em Santos, ele vai pedir um emprego no porto de Santos para trabalhar no barco de Sicrano, de fulano, de beltrano. Porque a pesca artesanal também tem todos os seus empecilhos: tem hora que pode, tem hora que não pode, tem assim, tem assado, tem cozido, e não tem uma ordem, uma organização</p>
<p>(67) deveria ter, né?, uma organização dentro destas entidades, como o Parque estadual, como o poder público, como todas essas entidades aí que defendem a ecologia, que defendem a... de ter uma organização pra podê o caiçara continua vivendo a vida que sempre viveu</p>	<p>(67) deveria ter, não é ?, uma organização dentro destas entidades, como o Parque Estadual, como o poder público, como todas essas entidades aí que defendem a ecologia, que defendem a...; de ter uma organização para o caiçara poder continuar vivendo a vida que sempre viveu</p>
<p>(68) Porque o caiçara não destrói a natureza</p>	<p>(68) Porque o caiçara não destrói a natureza</p>
<p>(69) Quem destrói a natureza da cidade são os migrantes, que constroem casas em, em encostas de morro, entendeu, que aí vai destruir o que? O meio ambiente. A quantidade de casas construídas aí pra cima dessas montanhas todas, quantidade de esgoto a mais que foi ter aqui na ilha, despejando valetas e valetas de esgoto por aí, rolando por aí tudo. Aquela Barra Velha, lá pra cima tudo, até me assusto quando eu vou pra lá..., eu me assusto quando eu vejo como</p>	<p>(69) Quem destrói a natureza da cidade são os migrantes, que constroem casas em encostas de morro que aí vai destruir o que? O meio ambiente. A quantidade de casas construídas aí pra cima dessas montanhas todas, quantidade de esgoto a mais que foi ter aqui na ilha, despejando valetas e valetas de esgoto por aí, rolando por aí tudo. Aquela Barra Velha, lá pra cima tudo, até me assusto quando eu vou pra lá. Eu me assusto quando eu vejo</p>

<p>cresceu, sabe? A cidade que não tinha nada. Eu tenho fotos antiguíssimas que... o morro do Cantagalo não tinha uma casa. Uma! e você vê lá pra cima, no Morro do Cantagalo não tem um caiçara morando...nativo... É tudo gente de fora. Ou mineiro, ou baiano ou milionário, ... ou turista, ou hotel</p>	<p>como cresceu, sabe? A cidade que não tinha nada. Eu tenho fotos antiguíssimas que o morro do Cantagalo não tinha uma casa. Uma! e você vê lá pra cima, no Morro do Cantagalo não tem um caiçara nativo morando. É tudo gente de fora. Ou mineiro, ou baiano ou milionário, ou turista, ou hotel</p>
<p>(70) impedem que o caiçara faça uma coisa que é da tradição dele que é da origem dele, que a vida inteira dele, ele nasceu aqui, vendo o pai , vendo o avô fazendo, agora hoje ele não pode mais fazer. Porque? eles falam que vai destruir a natureza. Eles falam que vai danificar o meio ambiente. Não pode!</p>	<p>(70) impedem que o caiçara faça uma coisa que é da tradição dele, que é da origem dele, que a vida inteira dele, ele nasceu aqui, vendo o pai , vendo o avô fazendo, agora hoje ele não pode mais fazer. Porque? Eles falam que vai destruir a natureza. Eles falam que vai danificar o meio ambiente. Não pode!</p>
<p>(71) Agora o migrante pode vir e construir uma casa numa encosta de morro, aonde eles podem até morrer, sabe?... E aí transformam o morro em erosões, em... danifica o meio ambiente de uma forma absurda, e pode.... E deixa</p>	<p>(71) Agora o migrante pode vir e construir uma casa numa encosta de morro, aonde eles podem até morrer, sabe? E aí transformam o morro em erosões, danificam o meio ambiente de uma forma absurda, e pode, e deixa.</p>
<p>(72) Então existe uma incoerência muito grande, não sei o que esse povo quer na verdade, entendeu? Se é realmente destruir a história da ilha, e acabar com as comunidades tradicionais, né e só turista morar atrás da ilha, só ter mansões atrás da Ilha... e os caiçaras ou matarem ou mandarem embora, entendeu, da cidade. Vai pro Topo , vai pra..., né, vai pra..., vai pra Santa Rosa, vai pro Guarujá, vai..., não é. E aí os turistas vão pra lá, porque eles têm como sobreviver lá, turista</p>	<p>(72) Então existe uma incoerência muito grande, não sei o que esse povo quer na verdade. Se é realmente destruir a história da ilha, e acabar com as comunidades tradicionais, e só turista morar atrás da ilha, só ter mansões atrás da Ilha e, os caiçaras ou matarem ou mandarem embora da cidade. Vai pro Topo , vai pra Santa Rosa, vai pro Guarujá. E aí os turistas vão pra lá, porque eles têm como sobreviver lá.</p>
<p>(73) esta mulher é, mas ela construiu uma super casa maravilhosa lá na Fome, no meio das casinhas do caiçara, né e ta fazendo um píer que eleva, que sobe e que desce (indica os movimentos com as mãos), entendeu? tem uma big de uma lancha, quer dizer, ela vai viver lá maravilhas, entendeu, que a casa dela dá de frente pra praia, do quarto dela ela vê toda a praia, mais o Limo Verde, mais a entrada que vai pra praia do Poço, entendeu e ela tem do bom e do melhor lá dentro da casa dela porque ela traz as coisas de lancha a hora em que quiser, se ela quiser vir almoçar no restaurante do Viana ela vem, ela tem lancha. Quisé jantá anta ela vem e volta; vai e volta Quer dizer, tem condições né..., de viver atrás da ilha</p>	<p>(73) esta mulher construiu uma super casa maravilhosa lá na Fome, no meio das casinhas do caiçara, e está fazendo um píer que eleva, que sobe e que desce. Tem uma big de uma lancha, quer dizer, ela vai viver lá maravilhas, porque a casa dela dá de frente pra praia. Do quarto dela ela vê toda a praia, mais o Limo Verde e a entrada que vai pra praia do Poço, e ela tem do bom e do melhor lá dentro da casa dela porque ela traz as coisas de lancha a hora em que quiser. Se ela quiser vir almoçar no restaurante do Viana ela vem, ela tem lancha. Se quiser jantar ela vem e volta; vai e volta Quer dizer, tem condições de viver atrás da ilha</p>
<p>(74) O caiçara num, é uma outra visão, é uma visão completamente diferenciada e tudo isso que ta ocorrendo também vai corrompendo o caiçara de hoje. Vai corrompendo porque o caiçara vai vendo isso, entendeu? Então ele vai querendo também</p>	<p>(74) O caiçara não, é uma outra visão, é uma visão completamente diferenciada e tudo isso que está ocorrendo também vai corrompendo o caiçara de hoje. Vai corrompendo porque o caiçara vai vendo isso. Então ele vai querendo também</p>
<p>(75) Comer determinadas coisas que ele não comia, vai largando de lado aquela coisa mais humilde que ele comia, mas que tinha mais sustância, entendeu. Se você comer um angu de farinha, com banana verde... e uma cabeça de garoupa</p>	<p>(75) Comer determinadas coisas que ele não comia, vai largando de lado aquela coisa mais humilde que ele comia, mas que tinha mais sustância. Se você comer um angu de farinha, com banana verde e uma cabeça de garoupa</p>

<p>you ta completamente nutrida... you pode ir cortar lenha , fazê o que you quiser porque you está bem sustentado. You tem o sustento dentro de you. E essas outras comidas que as pessoas comem com massa de tomate, com química, com..., imagina os temperos todos na porta, eles tinham, todos os tipos de tempero naturais, especiarias. Plantavam de tudo, o caiçara, não existia massa de tomate. Não existia caldo Knorr, não existia toda essa quantidade de coisas químicas que fermentam o estômago da gente que traz doença, que isso que aquilo. caiçara era um povo saudável, um povo bonito, um povo robusto.</p>	<p>you está completamente nutrida, you pode ir cortar lenha, fazer o que you quiser porque you está bem sustentado. You tem o sustento dentro de you. E essas outras comidas que as pessoas comem com massa de tomate, com química. Imagina, eles tinham todos os tipos de tempero naturais, especiarias na porta. Os caiçaras plantavam de tudo, não existia massa de tomate. Não existia caldo Knorr, não existia toda essa quantidade de coisas químicas que fermentam o estômago da gente que traz doença, que isso que aquilo. Caiçara era um povo saudável, um povo bonito, um povo robusto.</p>
<p>(76) hoje em dia you vai olhar o caiçara..., o caiçara ta detonado, eu tenho dó de ver o caiçara, hoje, o que mora atrás da ilha, completamente detonado, sem estrutura nenhuma, com os dente tudo podre, sabe? Entrou o açúcar no meio. Eles não podem nem cana plantar mais. Todo mundo tinha o seu, a sua engenhoquinha de cana pro poder fazer o café de garapa... e tudo que era feito lá', doce de mamão, de qualquer tipo de doce, de compota, de frutas que eles faziam, eram feito com o açúcar da cana, com o açúcar natural, ... entendeu? Então, todas essas químicas que foram indo pro caiçara, que o turista veio trazendo, que progresso veio trazendo, detonou o caiçara,... e o caiçara não tem como se tratar porque é caro um dentista, é muito dinheiro um dentista. Uma obturação custa caríssimo. O caiçara não tem condições..., entendeu, não tem condições. E é muito complicado esse trabalho do dentista ir lá, e fazê. até tem este tipo de trabalho, mas é um trabalho muito vagaroso, é um trabalho muito... entendeu ? é difícil, porque lá é de difícil acesso atrás da Ilha, então é difícil ter um médico lá, ter um dentista lá, ter uma história lá, não é assim, estalar os dedos e cai do céu..., entendeu, é uma coisa que precisa ser trabalhada, que precisa ser estruturada, que precisa ser organizada, não é do dia pra noite, não é da água pro vinho, também... que... os governantes da cidade vão consegui fazer alguma coisa de bom pra lá, porque é uma coisa bem difícil, é uma coisa que tem que ter uma superestrutura mesmo. É uma coisa que, que não é assim da noite pro dia, é uma coisa que tem que ser muito bem estruturada, que vai levar um tempo. Como se diz, é a longo prazo. Se começar agora daqui a um tempo... vai se ter algum resultado dentro da saúde,</p>	<p>(76) hoje em dia you vai olhar o caiçara e ele está detonado, eu tenho dó de ver o caiçara, hoje, o que mora atrás da ilha, completamente detonado, sem estrutura nenhuma, com os dente tudo podre, sabe? Entrou o açúcar no meio. Eles não podem nem cana plantar mais. Todo mundo tinha a sua engenhoquinha de cana para poder fazer o café de garapa e, tudo que era feito lá, doce de mamão, de qualquer tipo de doce, de compota, de frutas que eles faziam, eram feitos com o açúcar da cana, com o açúcar natural, entendeu? Então, todas essas químicas que foram indo para o caiçara, que o turista veio trazendo, que progresso veio trazendo, detonou o caiçara, e o caiçara não tem como se tratar porque é caro um dentista, é muito dinheiro um dentista. Uma obturação custa caríssimo. O caiçara não tem condições e é muito complicado esse trabalho do dentista ir lá, e fazer. Até tem este tipo de trabalho, mas é um trabalho muito vagaroso. É difícil, porque lá atrás da ilha é de difícil acesso, então é difícil ter um médico lá, ter um dentista lá, ter uma história lá. Não é assim, estalar os dedos e cai do céu. É uma coisa que precisa ser trabalhada, estruturada, que precisa ser organizada. Não é do dia pra noite, não é da água pro vinho, também que os governantes da cidade vão consegui fazer alguma coisa de bom pra lá, porque é uma coisa bem difícil, é uma coisa que tem que ter uma superestrutura mesmo. É uma coisa que, que não é assim da noite para o dia, é uma coisa que tem que ser muito bem estruturada, que vai levar um tempo. Como se diz, é a longo prazo. Se começar agora daqui a um tempo vai se ter algum resultado dentro da saúde</p>
<p>(77) hoje em dia, o caiçara está muito revoltado, sabe? Revoltado com a política, revoltado com os turistas, revoltado com o comércio de peixe, que é uma loucura, que antes não era assim. Antes, o caiçara vendia o seu peixe na praia. Num tinha..., não era terceirizado como hoje. É um absurdo o que acontece no</p>	<p>(77) hoje em dia, o caiçara está muito revoltado, sabe? Revoltado com a política, com os turistas, com o comércio de peixe, que é uma loucura, que antes não era assim. Antes, o caiçara vendia o seu peixe na praia, não era terceirizado como hoje. É um absurdo o que acontece no pier dos pescadores</p>

<p>píer dos pescadores de Ilhabela.. é uma loucura o que que os donos dos caminhões fazem com os pescadores de trás da Ilha. Que eles padecem, eles sofrem muito pra poder pegar o peixe e ter que vir aqui vender pelo preço que o cara fala que vende o peixe... então, eles compram o peixe do caiçara por uma ninharia</p>	<p>de Ilhabela. É uma loucura o que os donos dos caminhões fazem com os pescadores de trás da Ilha. Que eles padecem, eles sofrem muito pra poder pegar o peixe e ter que vir aqui vender pelo preço que o cara fala que vende o peixe. Então, eles compram o peixe do caiçara por uma ninharia</p>
<p>(78) eles compram por uma ninharia e ao mesmo tempo já é vendido por um monte de dinheiro o próprio peixe do cara..., e o caiçara vê isso e não pode falá nada. E ele é obrigado a vendê ali.</p>	<p>(78) eles compram por uma ninharia e ao mesmo tempo já é vendido por um monte de dinheiro o próprio peixe do cara e o caiçara vê isso e não pode falar nada. E ele é obrigado a vender ali.</p>
<p>(79) Então muitos caiçaras de trás da Ilha, eles preferem comercializar o peixe no bairro de São Francisco, porque lá tem uma organização melhor, uma estrutura melhor e eles pagam mais. Então, uma grande parte dos caiçaras de trás da Ilha vão comercializar o peixe em São Sebastião... porque aqui na Ilha é difícil... pra eles. é complicado, e a coisa fica na cara. Então, eles ficam revoltados mesmo</p>	<p>(79) Então muitos caiçaras de trás da Ilha preferem comercializar o peixe no bairro de São Francisco, porque lá tem uma organização melhor, uma estrutura melhor e eles pagam mais. Então, uma grande parte dos caiçaras de trás da Ilha vão comercializar o peixe em São Sebastião, porque aqui na Ilha é difícil, para pra eles. é complicado, e a coisa fica na cara. Então, eles ficam revoltados mesmo</p>
<p>(80) existe uma colônia de pescadores, entendeu, que poderia ta organizando isso de uma forma para melhorar a situação de vida do pescador, não pra melhorar a situação de vida do presidente da colônia, entendeu? Não pra melhorar a situação de vida dos donos das bancas. Não pra melhorar a situação de vida do dono do caminhão, que faz a terceirização, ce entendeu?. A colônia dos pescadores existe pra melhorar a vida do pescador, não pra destruir a vida do pescador.</p>	<p>(80) existe uma colônia de pescadores que poderia estar organizando isso de uma forma para melhorar a situação de vida do pescador, não para melhorar a situação de vida do presidente da colônia. Não para melhorar a situação de vida dos donos das bancas. Não para melhorar a situação de vida do dono do caminhão, que faz a terceirização, voc~e entendeu?. A colônia dos pescadores existe para melhorar a vida do pescador, não para destruir a vida do pescador.</p>
<p>(81) O caiçara ,ele não tem essa cultura de informação e de chegá e de podê ta falando,e de podê ta debatendo uma coisa, entendeu?... eles num têm. eles tem vergonha, eles aceitam, sabe. Eles aceitam. Porque eles não têm como</p>	<p>(81) O caiçara não tem essa cultura de informação e de chegar e de poder estar falando,e de poder estar debatendo uma coisa, entendeu? Eles não têm. Eles têm vergonha, eles aceitam, sabe. Eles aceitam. Porque eles não têm como.</p>
<p>(82) Tem umas pessoas de trás da ilha que já tem uma informação melhor, como a d. Ditinha, da Ilha de Búzios,entendeu? Que é uma pessoa que vai, que corre atrás, que participa, e tal mas ela é uma só, uma andorinha só não faz verão... D. Ditinha tá morta, coitada, tá cansada de tanto batalhá pelos caiçaras da ilha de Búzios, e muito pouco ela consegue e ela é uma grande batalhadora, essa mulher...,entendeu? porque ela vai mesmo, lá no fundo do poço. Ela tem conseguido, mas pouco, muito pouco</p>	<p>(82) Tem umas pessoas de trás da ilha que já tem uma informação melhor, como a d. Ditinha, da Ilha de Búzios, que é uma pessoa que vai, que corre atrás, que participa, e tal mas ela é uma só, uma andorinha só não faz verão. D. Ditinha está morta, coitada, está cansada de tanto batalhar pelos caiçaras da ilha de Búzios, e muito pouco ela consegue e ela é uma grande batalhadora, essa mulher. porque ela vai mesmo, lá no fundo do poço. Ela tem conseguido, mas pouco, muito pouco</p>
<p>(83) ela é uma pessoa interessante, importante na cidade, porque ela luta também pelo seu povo, como eu. Que eu ajudo todos eles de lá, eu informo: “olha faz assim, vai lá, acontece isso”. eu arrumo a aposentadoria deles, porque</p>	<p>(83) ela é uma pessoa interessante, importante na cidade, porque ela luta também pelo seu povo, como eu. Eu ajudo todos eles de lá, eu informo: “olha faz assim, vai lá, acontece isso”. eu arrumo a aposentadoria deles, porque eles</p>

eles não sabem.	não sabem.
(84) Essa história da pesca do camarão, quantos caiçaras não tavam perdendo dinheiro com isso, sabe? Tudo coisas que a colônia deveria ta informando, que a colônia deveria ter um espaço pra fazer reuniões com as comunidades, pra ta explicando tudo direitinho pra eles	(84) Essa história da pesca do camarão, quantos caiçaras não estavam perdendo dinheiro com isso. Tudo coisas que a colônia deveria estar informando, que a colônia deveria ter um espaço para fazer reuniões com as comunidades, para estar explicando tudo direitinho pra eles
(85) É o que a D. Ditinha faz, mas só que são muitos, não dá pra uma pessoa sozinha fazê...	(85) É o que a D. Ditinha faz, mas só que são muitos, não dá pra uma pessoa sozinha fazer...
(86) Tem caiçara que nem de dentro de casa não sai. De vergonha... Que chega alguém de fora...	(86) Tem caiçara que nem de dentro de casa não sai. De vergonha... Que chega alguém de fora...
(87) O caiçara hoje em dia ele ta completamente deturpado...e castraram a vida do caiçara. O progresso castrou a vida do caiçara, essa história daaaa da conservação do meio ambiente castrou a vida do caiçara, porque ta sendo feito de uma forma muito... dura, muito.... sabe? Num ta, num tem uma maleabilidade, sabe? Pra que o caiçara continue fazendo o que ele sempre, a vida inteira ele fez e nunca destruiu o meio ambiente.	(87) O caiçara hoje em dia ele está completamente deturpado e, castraram a vida do caiçara. O progresso castrou a vida do caiçara, essa história da conservação do meio ambiente castrou a vida do caiçara, porque está sendo feito de uma forma muito dura. Não tem uma maleabilidade para que o caiçara continue fazendo o que ele sempre, a vida inteira ele fez e nunca destruiu o meio ambiente.
(88) caiçara nunca, em nenhum momento ele destruiu o meio ambiente, o caiçara nunca soltou fumaça de nada na no ar, entendeu. A fumaça que o caiçara soltava era a chaminé do fogão de lenha,	(88) caiçara nunca, em nenhum momento, destruiu o meio ambiente, o caiçara nunca soltou fumaça de nada na no ar, entendeu. A fumaça que o caiçara soltava era a chaminé do fogão de lenha.
(89) na terra, no meio ambiente, caiçara nunca fez nada, de errado, pro meio ambiente.	(89) na terra, no meio ambiente, caiçara nunca fez nada, de errado, para o meio ambiente.
(90) Agora os migrantes fizeram! Muito! ... e tão aí, né? E pode, né? E tudo pode. Num tem lei pra eles.	(90) Agora os migrantes fizeram! Muito! ... e estão aí, não é? E pode, não é? E tudo pode. Não tem lei pra eles.
(91) eu vi muita vezes isso acontece, muitas vê,debaixo dos meus olhos. Caiçara tendo que pagar multa; caiçara que carpiu um pedaço de terra que eraa... terra que era denominado tiqüera, lugar de plantação, sabe? E foi multado. Teve que pagá multa porque tava roçando um lugar que era denominado tiqüera, que era um lugar de plantação, por ele tê roçado uma capoeira, ele foi multado, porque ele queria fazer uma roça de mandioca pra podê fazê farinha. ... foi multado... e não adiantou porque aí vem o DRFM,vem num sei quem em cima, entendeu e por mais que ele fale “É tiqüera, é tiqüera, é tiqüera isso daqui, bobô plantava, papai plantava, fulano plantava, isso aqui é tiqüera, tem como provar..., pega um..., sabe? Poderiam pegar um pedaço da terra, fazer um exame, ver ali há quantos anos já não era plantado mandioca lá, só porque cresceu o mato então não é mais tiqüera, então não pode mais plantá.	(91) eu vi muita vezes isso acontecer, debaixo dos meus olhos. Caiçara tendo que pagar multa; caiçara que carpiu um pedaço de terra que era terra denominada tiqüera, lugar de plantação, sabe? E foi multado. Teve que pagar multa porque estava roçando um lugar que era denominado tiqüera, que era um lugar de plantação, por ele ter roçado uma capoeira, ele foi multado, porque ele queria fazer uma roça de mandioca pra poder fazer farinha. Foi multado. E não adiantou porque aí vem o DPRN,vem não sei quem em cima e por mais que ele fale “É tiqüera, é tiqüera, é tiqüera isso daqui, bobô plantava, papai plantava, fulano plantava, isso aqui é tiqüera, tem como provar”. Poderiam pegar um pedaço da terra, fazer um exame, ver ali há quantos anos já não era plantado mandioca lá, só porque cresceu o mato então não é mais tiqüera, então não pode mais plantar.
(92) Isso me indigna, eu fico indignado, porque é isso a cultura tradicional de	(92) Isso me indigna, eu fico indignado, porque é isso a cultura tradicional de

Ilhabela... e o caiçara tá sendo detonado por esse motivo	Ilhabela e o caiçara está sendo detonado por esse motivo
(93) o caiçara é um povo bom, um povo humilde, acolhedor, é um povo tudo de bom, sem maldade nenhuma... e se deparou com toda essa loucura.	(93) o caiçara é um povo bom, um povo humilde, acolhedor, é um povo tudo de bom, sem maldade nenhuma e se deparou com toda essa loucura.
(94) hoje em dia, o caiçara sofre pra caramba, assim, porque ele realmente não pode mais vivê o que, o que ele sempre..., o que a vida inteira eles viveram, eles tão tendo que procurar uma outra forma de subsistência agora, entendeu. Desconhecida pra eles. Muitos, hoje em dia, vivem só da pesca, né, e outros dependem da assistência social ,	(94) hoje em dia, o caiçara sofre pra caramba, assim, porque ele realmente não pode mais viver o que a vida inteira eles viveram, eles estão tendo que procurar uma outra forma de subsistência agora, entendeu. Desconhecida pra eles. Muitos, hoje em dia, vivem só da pesca, não é, e outros dependem da assistência social ,
(95) das benditas cestas básicas, que é o que leva a coisa que não é natural prá lá e aí eles ficam doentes, eles ficam, né, com os dentes estragados, e num tem como cuidar	(95) das benditas cestas básicas, que é o que leva a coisa que não é natural para lá e aí eles ficam doentes, eles ficam com os dentes estragados, e não tem como cuidar
(96) na verdade eu gostaria que os caiçaras fossem mantidos lá atrás da Ilha, eu não queria que destruíssem tudo e que acabassem com nossas comunidades tradicionais, eu gostaria que existisse alguém forte dentro da política que ..., que fizesse permanecer os caiçaras atrás da Ilha, mas, dá condições de vida pra eles viverem de acordo com a tradição deles, lá, pra eles fazerem as festinhas deles, as coisinhas deles, a pesca deles, a rocinha deles,	(96) na verdade eu gostaria que os caiçaras fossem mantidos lá atrás da Ilha, eu não queria que destruíssem tudo e que acabassem com nossas comunidades tradicionais, eu gostaria que existisse alguém forte dentro da política que fizesse permanecer os caiçaras atrás da Ilha, mas, dá condições de vida para eles viverem de acordo com a tradição deles, lá, para eles fazerem as festinhas deles, as coisinhas deles, a pesca deles, a rocinha deles.
(97) o caiçara, ele num tem oportunidade de ser alguém na vida, por exemplo se uma criança lá, o ensino é até a 4ª série primária. Se a criança tem vontade de ter uma profissão diferente de ser pescador, ou de ser um artesão, né? Ele não tem essa oportunidade.	(97) o caiçara, ele não tem oportunidade de ser alguém na vida. Por exemplo se uma criança lá, o ensino é até a 4ª série primária. Se a criança tem vontade de ter uma profissão diferente de ser pescador, ou de ser um artesão, ele não tem essa oportunidade.
(98) o município deveria dar essa oportunidade pra essa criança, cê entendeu? Porque, de repente, essa criança que tem essa vontade de ser um profissional diferenciado poderia sair de lá, o município poderia ta dando essa oportunidade pra essa criança e com certeza essa criança iria voltar pra comunidade. Ce entendeu? Pra poder ajudar a sua comunidade... e a manter a sua tradição... de lá. Eu acho isso muito importante . é uma coisa que não acontece, também. Porque nem aqui na Ilha tem	(98) o município deveria dar essa oportunidade pra essa criança, você entendeu? Porque, de repente, essa criança que tem essa vontade de ser um profissional diferenciado poderia sair de lá, o município poderia dar essa oportunidade para essa criança e com certeza essa criança iria voltar pra comunidade para poder ajudar a sua comunidade e a manter a sua tradição. Eu acho isso muito importante. É uma coisa que não acontece, também. Porque nem aqui na Ilha tem
(99) Aqui na Ilha deveria ter pelo menos um espaço, eu não sei nem como posso te dizer.. uma...uma... um albergue, pode ser dito assim?. Um albergue não é um lugar onde um monte de gente fica?, não é?. Devia ter um lugar assim, grande, espaçoso, pras famílias quando vierem de lá ficarem... um tempo..., sabe?. A mulher grávida que vem, que precisa ficar uma semana aqui, fica no albergue; uma criança doente, a mãe vem pra cá fica, sabe?. Tinha que ter um espaço gostoso, interessante, acolhedor, limpo, organizado, pra receber essas famílias.	(99) Aqui na Ilha deveria ter pelo menos um espaço, um albergue, pode ser dito assim?. Um albergue não é um lugar onde um monte de gente fica? Devia ter um lugar assim, grande, espaçoso, para as famílias quando vierem de lá ficarem um tempo, sabe?. A mulher grávida que vem, que precisa ficar uma semana aqui, fica no albergue; uma criança doente, a mãe vem pra cá fica, sabe?. Tinha que ter um espaço gostoso, interessante, acolhedor, limpo, organizado, pra receber essas famílias.

<p>(100) as famílias de trás da Ilha, elas num tem ééé... não tem respaldo da cidade, nenhum, elas vivem por elas,cê entendeu? Cada um por si e Deus por todos! Num existe uma benfeitoria... do município pra essas comunidades</p>	<p>(100) as famílias de trás da Ilha não tem respaldo nenhum da cidade, elas vivem por elas,você entendeu? Cada um por si e Deus por todos! Não existe uma benfeitoria do município para essas comunidades</p>
<p>(101) é muito pouco o que a ação social faz por eles, é muito pouco, muitíssimo pouco. É um trabalhinho muito pequenininho, muito piquininho,...que a assistencia social faz pras comunidades. É uma coisa absurda, até.</p>	<p>(101) é muito pouco o que a ação social faz por eles, é muito pouco, muitíssimo pouco. É um trabalhinho muito pequenininho, muito pequenininho .que a assistência social faz pras comunidades. É uma coisa absurda, até.</p>
<p>(102) Poderia... ser feito muito mais, né? E não gastaria... nada, quase nenhum dinheiro pra você manter uma estrutura, pra você dar um respaldo pra essas comunidades, pro município dá um respaldo, num iria gasta quase nada. Ilhabela... quanto que Ilhabela ganha anualmente? Cem milhões de reais vem...prá cidade de Ilhabela anualmente... será que não teria como fazerem um albergue..., sabe? Tantos terrenos baldios que tem aí... faz um lugar interessante, gostoso, pitoresco, que tenha a ver com eles, pra receber essas famílias aqui, quando elas precisarem,</p>	<p>(102) Poderia ser feito muito mais e não gastaria nada, quase nenhum dinheiro para você manter uma estrutura, para você dar um respaldo para essas comunidades, para o município dar um respaldo, não iria gastar quase nada. Quanto Ilhabela ganha anualmente? Cem milhões de reais vem para a cidade de Ilhabela anualmente. Será que não teria como fazerem um albergue? Tantos terrenos baldios que tem aí. Faz um lugar interessante, gostoso, pitoresco, que tenha a ver com eles, para receber essas famílias aqui, quando elas precisarem.</p>
<p>(103) eu acho que os políticos tinham que ta pensando nisso assim de eles estarem lá, mas estarem fazendo alguma cosa grandiosa por estas pessoas, porque é a tradição, é a nossa raça, sabe?, é a raça ilhabelense. Sem a raça ilhabelense eu não se o que pode acontecer nesse município, não sei o que Ilhabela pode ser se Ilhabela perder essa coisa do folclore, da, do misticismo, da cultura mesmo tradicional desse povo, que é a raça ilhabelense. Eu acho que a gente tem muito a perder.... com isso que ta acontecendo com os caiçaras tradicionais,</p>	<p>(103) eu acho que os políticos tinham que pensar sobre eles estarem lá, mas estarem fazendo alguma cosa grandiosa por estas pessoas, porque é a tradição, é a nossa raça, sabe?, é a raça ilhabelense. Sem a raça ilhabelense eu não se o que pode acontecer nesse município, não sei o que Ilhabela pode ser ela perder essa coisa do folclore, do misticismo, da cultura mesmo tradicional desse povo, que é a raça ilhabelense. Eu acho que a gente tem muito a perder com isso que está acontecendo com os caiçaras tradicionais.</p>
<p>(104) O caiçara nunca precisou de ninguém que desse comida, que desse bebida, que desse , o caiçara sempre teve a história dele ele nunca dependeu de ninguém pra nada, sabe?. Mas hoje ele tem que depender. Porque ele foi castrado. Foi, foram arrancando as coisas dele, ele foi perdendo o seu habitat, sua vida natural, o caiçara foi perdendo, foram arrancando aos poucos isso do caiçara. Hoje, o caiçara depende realmente da assistência social... mas vai vê antigamente!</p>	<p>(104) O caiçara nunca precisou de ninguém que desse comida, que desse bebida. O caiçara sempre teve a história dele, ele nunca dependeu de ninguém para nada, sabe?. Mas hoje ele tem que depender. Porque ele foi castrado. Foram arrancando as coisas dele, ele foi perdendo o seu habitat, sua vida natural, o caiçara foi perdendo, foram arrancando aos poucos isso do caiçara. Hoje, o caiçara depende realmente da assistência social, mas vai ver antigamente!</p>
<p>(105) Toda essa coisa do comércio, da..., quem fez a história da cidade? Foram eles! Foram as famílias tradicionais de Ilhabela. ... Foram eles que fizeram... Toda esta história linda das canoas de voga, do comércio no porto de Santos, da venda das bananas, dos pássaros , das, da farinha, das cachaças, sabe? Dos cafês, da época que plantavam cana de açúcar, pra fabricá o açúcar, que foi a primeira</p>	<p>(105) Toda essa coisa do comércio, quem fez a história da cidade? Foram eles! Foram as famílias tradicionais de Ilhabela. Foram eles que fizeram. Toda esta história linda das canoas de voga, do comércio no porto de Santos, da venda das bananas, dos pássaros, da farinha, das cachaças, sabe? Dos cafês, da época que plantavam cana de açúcar, para fabricar o açúcar, que foi</p>

função aqui na lha, foi as fazendas de cana-de-açúcar, depois que veio o café. Então tudo isso, quem...?, de quem depende a história desta cidade?	a primeira função aqui na lha, foram as fazendas de cana-de-açúcar, depois que veio o café. Então tudo isso, de quem depende a história desta cidade?
(106) foram destas famílias, cada família que tem atrás da Ilha, ou mesmo aqui na cidade, que são caiçaras, tem uma história pra te contar, porque o tataravô era dono de fazenda, porque fez não sei o que pela cidade, porque construiu não sei o que pela cidade,	(106) foram destas famílias. Cada família que tem atrás da Ilha, ou mesmo aqui na cidade, que são caiçaras, tem uma história para te contar, porque o tataravô era dono de fazenda, porque fez não sei o que pela cidade, porque construiu não sei o que pela cidade,
(107) eu sinto que não tem uma devolução à altura do que estas famílias fizeram pela cidade, agora elas estão assim, largadas completamente,	(107) eu sinto que não tem uma devolução à altura do que estas famílias fizeram pela cidade, agora elas estão assim, largadas completamente,
(108) eu acho importante que fizessem alguma coisa de verdade tanto pela cultura, pelo resgate da cultura tradicional de Ilhabela quanto pelas famílias tradicionais que ainda existem aqui, que não é feito,	(108) eu acho importante que fizessem alguma coisa de verdade tanto pela cultura, pelo resgate da cultura tradicional de Ilhabela quanto pelas famílias tradicionais que ainda existem aqui, que não é feito,
(109) deixam muito a desejar nessa relação de ta..., do resgate das tradições, e de ver as famílias tradicionais de uma forma primordial,sabe?,	(109) deixam muito a desejar nessa relação do resgate das tradições, e de ver as famílias tradicionais de uma forma primordial,sabe?,
(110) pelo menos as famílias que moram nas tradições, nas comunidades tradicionais teriam uma forma..., eles poderiam ter uma forma mais delicada de tratar eles, assim, mais... dá um retorno, entendeu? que eles estão esperando até hoje este retorno e que num... e que num vem,	(110) pelo menos as famílias que moram nas comunidades tradicionais teriam uma forma, eles poderiam ter uma forma mais delicada de trata-los, assim, dar um retorno, entendeu? que eles estão esperando até hoje este retorno e que não vem,
(111) Caiçara se acomodou mesmo. Porque arrancaram dele, mudaram a vida dele, sem eles quererem. Entendeu? Mudaram. Começou em 1932, com a queima do cartório em São Sebastião, eles perderam as escrituras definitivas, que eles foram perdendo as próprias terras. Foram invadidos!	(111) Caiçara se acomodou mesmo. Porque arrancaram dele, mudaram a vida dele, sem eles quererem. Entendeu? Mudaram. Começou em 1932, com a queima do cartório em São Sebastião, eles perderam as escrituras definitivas, que eles foram perdendo as próprias terras. Foram invadidos!
(112) Hoje em dia, fulano de tal é dono da Serraria, ... da praia da Serraria. é, existe isso, dono de praia? Ah, não, por aqui você não pode passar porque a Cachoeira Grande é de Cicrano. Ele comprou a Cachoeira Grande. ... Ah, agora o caiçara num vai mais pode pas, num dá mais nem pra ir na igreja da Armação..., rezá lá, fazê a festa da de Nossa Senhora, lá da Armação porque cicrano comprou um pedaço de terreno e num tem mais a passagem, vão fecha a passagem que vai pra praia. num dá mais pra entrar na praia da Armação.	(112) Hoje em dia, fulano de tal é dono da Serraria, da praia da Serraria. É, existe isso, dono de praia? “Ah, não, por aqui você não pode passar porque a Cachoeira Grande é de Cicrano. Ele comprou a Cachoeira Grande.” Agora o caiçara não vai mais poder passar, não dá mais nem para ir na igreja da Armação, rezar lá, fazer a festa de Nossa Senhora, lá da Armação porque cicrano comprou um pedaço de terreno e não tem mais a passagem, vão fechar a passagem que vai pra praia. Não dá mais pra entrar na praia da Armação.
(113) o poder aquisitivo alto chegou na Ilha, mandando e o caiçara teve que sobreviver com o que sobrou pra ele	(113) o poder aquisitivo alto chegou na Ilha, mandando e o caiçara teve que sobreviver com o que sobrou para ele
(114) Porque a maior parte dos caiçaras migraram, como eu te falei, pra Santa Rosa, no Guarujá... quantidade principalmente da, a comunidade do Sombrio.	(114) Porque a maior parte dos caiçaras migraram para Santa Rosa, no Guarujá, principalmente da comunidade do Sombrio.
(115) os políticos fazerem um projeto em alguma coisa que de uma um respaldo ,pra essas famílias tradicionais que restaram na ilha da ...incentiva´ dá, respeitar,	(115) os políticos fazerem um projeto em alguma coisa que dê um respaldo para essas famílias tradicionais que restaram na ilha, incentivar, respeitar,

<p>elevant, sabe?, dar ... como eu te falei... da criança de traz da Ilha se quiser ser um profissional, eles darem uma oportunidade . então que dêem uma oportunidade pra essas famílias, que ressaltem essas famílias, pra gente não perder essa coisa gostosa da Ilha, essa coisa pitoresca, essa coisa do folclore, essa coisa da comida, essa coisa do misticismo,</p>	<p>elevant, sabe? Dar, como eu te falei da criança de trás da Ilha se quiser ser um profissional, eles darem uma oportunidade. Então, que dêem uma oportunidade para essas famílias, que ressaltem essas famílias, para gente não perder essa coisa gostosa da Ilha, essa coisa pitoresca, essa coisa do folclore, essa coisa da comida, essa coisa do misticismo,</p>
<p>(116) E quantas coisas já não se perderam. Quantas e quantas e quantas já não se perderam, o trabalho de resgate na Ilha é uma coisa que é importante, mas é muito trabalhosa, é muito dificultosa, e porque tem muita coisa também, pra você ,muita, é um calhamaço de coisa, de todos os grupos, né música, dança, artesanato, culinária, tudo, poesia... linguajar, trejeito, costumes,</p>	<p>(116) E quantas coisas já não se perderam. Quantas e quantas e quantas já não se perderam. O trabalho de resgate na Ilha é uma coisa que é importante, mas é muito trabalhosa, é muito dificultosa, e porque tem muita coisa, é um calhamaço de coisa, de todos os grupos, não é, música, dança, artesanato, culinária, tudo, poesia, linguajar, trejeito, costumes,</p>
<p>(117) É uma judiaria! ... o que ta acontecendo com a cultura tradicional desta cidade. É uma judiaria. e a gente vê que não tem uma preocupação ...não existe uma preocupação em resgatar..., em dar uma atenção maior, não existe uma preocupação em cima dessa coisa da cultura, do folclore, num tem um, você sente que não é importante. Sabe?, num tem uma importância... pras pessoas que atualmente tão...no poder.</p>	<p>(117) É uma judiaria, o que está acontecendo com a cultura tradicional desta cidade. É uma judiaria e a gente vê que não tem uma preocupação, não existe uma preocupação em resgatar, em dar uma atenção maior, não existe uma preocupação em cima dessa coisa da cultura, do folclore, você sente que não é importante. Não tem uma importância para as pessoas que atualmente estão no poder.</p>
<p>(118) não é uma crítica destrutiva quando eu falo que precisa, que não ta dando um respaldo, que não ta dando, não é uma crítica destrutiva minha, é uma crítica construtiva, é pra que os políticos abram os olhos e vejam a importância disso</p>	<p>(118) não é uma crítica destrutiva quando eu falo que precisa, que não está dando um respaldo, é uma crítica construtiva, é para que os políticos abram os olhos e vejam a importância disso</p>
<p>(119) Porque é uma coisa importante, é uma coisa benéfica pra cidade, é uma coisa que vai trazer grandes frutos pra cidade..., sabe? E eu não me, eu não desmereço ninguém, sabe? eu acho que cada um tem seu ponto de vista, eu acho que cada um tem a sua forma de ser, de falar, de concluir eeu respeito tudo isso, só queee... que eu falo dessa forma de uma forma construtiva mesmo, sabe? e que os políticos comecem a enxergar esse lado da história..., porque..., pra depois não se arrependerem, porque de repente a hora que eles forem enxergar vai ser tarde demais e aí não vai ter mais volta aí num vai dar mais pra fazer</p>	<p>(119) Porque é uma coisa importante, é uma coisa benéfica para cidade, é uma coisa que vai trazer grandes frutos pra cidade. E eu não me, eu não desmereço ninguém, eu acho que cada um tem seu ponto de vista, que cada um tem a sua forma de ser, de falar, de concluir e eu respeito tudo isso, só que eu falo dessa forma, de uma forma construtiva mesmo, sabe? e que os políticos comecem a enxergar esse lado da história para depois não se arrependerem, porque, de repente, a hora que eles forem enxergar vai ser tarde demais e aí não vai ter mais volta . Aí não vai dar mais pra fazer</p>
<p>(120) O caiçara hoje em dia, das comunidades tradicionais, eles tem uma dificuldade muito grande de fazer a compra do mês., sabe? Que como eles não tem mais condições de plantá, de viver da terra, da própria subsistência deles... eles tem, eles começaram a vir pro mercado e eles são pobres, pobres de marré gessi então ééé então pouquíssimas famílias tem meio de transporte, uma temuma canoa a motor, uma tem uma baterinha. Não é toda a família que tem um meio de transporte. E existem muitas famílias lá... que não tem como vir fazer as compras.</p>	<p>(120) O caiçara, hoje em dia, das comunidades tradicionais, tem uma dificuldade muito grande de fazer a compra do mês pois como eles não tem mais condições de plantar, de viver da terra, da própria subsistência deles, eles começaram a vir para o mercado e eles são pobres, pobres de marré gessi. Então, pouquíssimas famílias tem meio de transporte, tem uma canoa a motor, uma baterinha. Não é toda a família que tem um meio de transporte. E existem muitas famílias lá que não tem como vir fazer as compras.</p>

<p>(121) no Canto do ribeirão nenhuma família tem meio de transporte!e tem a estrada. Então os jipes cobram deles</p>	<p>(121) no Canto do ribeirão nenhuma família tem meio de transporte!e tem a estrada. Então os jipes cobram deles</p>
<p>(122) Eu acho que isso também deveria ser uma forma... do poder público tá ajudando este tipo de família, gente. Porque eles não tem dinheiro. O dinheirinho da aposentadoria dos velhinhos lá não vai. Se eles ganham trezentos reais de... de aposentadoria, sabe? Cem reais eles pagam em compra e duzentos reais. Não dá pra cortá teu coração? Tava conversando outro dia com a d. celeste de caste, de Castelhanos, dona do canto do ribeirão me contando uma história assim, chorando. “Qui que eu vou fazê da minha vida, meu filho?” ela me falava. “Porque eu não sei mais o que eu vou fazer.”... ‘Não dá mais’ muito caro. Não tenho. Só recebo trezentos reais... de aposentadoria”... então eu acho que... ce entendeu o que eu quero te dizer? O poder público tem que começar a olhar pra essas coisas</p>	<p>(122) Eu acho que isso também deveria ser uma forma do poder público ajudar este tipo de família, gente. Porque eles não têm dinheiro. O dinheirinho da aposentadoria dos velhinhos lá não vai. Se eles ganham trezentos reais de aposentadoria, sabe? Cem reais eles pagam em compra e duzentos reais. Não dá para cortar teu coração? Estava conversando outro dia com a d. celeste, de Castelhanos, dona do canto do ribeirão me contando uma história assim, chorando. “O que eu vou fazer da minha vida, meu filho?” ela me falava. “Porque eu não sei mais o que eu vou fazer.”... ‘Não dá mais, muito caro, não tenho. Só recebo trezentos reais de aposentadoria’... então eu acho que você entendeu o que eu quero te dizer? O poder público tem que começar a olhar pra essas coisas</p>
<p>(123) eu fico irritado, nervoso, porque a mulher é um poço de história na . o que ela já passou ali naquele Castelhanos...conversar com ela ali e ela tem já 90 anos essa mulher, e forte, robustona, vai na mata, corta lenha, limpa, carpi, a mulher faz de tudo,lava roupa, faz comida, limpa casa... é uma fortaleza, a mulher. E conhecedora de momentos lindíssimos que Ilhabela passou...e no entanto, ninguém olha por ela... ninguém tem interesse em ajuda ela...</p>	<p>(123) eu fico irritado, nervoso, porque a mulher é um poço de história. O que ela já passou ali naquele Castelhanos. Esta mulher já tem 90 anos, e forte, robustona, vai na mata, corta lenha, limpa, carpe, a mulher faz de tudo, lava roupa, faz comida, limpa casa. É uma fortaleza, a mulher. E conhecedora de momentos lindíssimos que Ilhabela passou e, no entanto, ninguém olha por ela, ninguém tem interesse em ajuda-la...</p>
<p>(124) apesar de ser uma conterrânea minha, ser uma mulher nascida e criada na praia de Castelhanos eu acho que ela merece toda a minha compaixão,</p>	<p>(124) apesar de ser uma conterrânea minha, ser uma mulher nascida e criada na praia de Castelhanos eu acho que ela merece toda a minha compaixão,</p>
<p>(125) E eu ajudei bastante ela na época em que eu lecionei lá em Castelhanos. Eu ajudei bastante, eu não deixei ela pagar o jipe, entendeu? Porque eu arrumava carro de graça pra vir trazer ela... enquanto eu tava lá. Então quando a ente sai da comunidade eles falam que sentem falta de mim, falam: “ai o porfessor <i>Espada</i> tem que voltar, tem que voltar” é por causa disso. É porque eu olho pra dentro do coração deles, entendeu? E tudo o que eu faço por eles é do fundo do meu peito, é de verdade mesmo,é do fundo da minha alma. Faço com muito prazer, com muito amor.</p>	<p>(125) E eu a ajudei bastante na época em que eu lecionei lá em Castelhanos. Eu ajudei bastante, eu não deixei ela pagar o jipe, entendeu? Porque eu arrumava carro de graça para trazê-la, enquanto eu estava lá. Então quando a gente sai da comunidade eles falam que sentem falta de mim, falam: “ai o professor <i>Espada</i> tem que voltar, tem que voltar” é por causa disso. É porque eu olho para dentro do coração deles, entendeu? E tudo o que eu faço por eles é do fundo do meu peito, é de verdade mesmo,é do fundo da minha alma. Faço com muito prazer, com muito amor.</p>
<p>(126) Porque antigamente não era assim. A pessoa não tinha meio de transporte o vizinho ajudava, i Fulano ajudava, o Cicrano ajudava. Eles tinham uma união. Mas hoje em dia, com a revolta que os caiçaras tão, que um ta querendo ser melhor do que o outro e com toda essa migração que veio, com os turistas que</p>	<p>(126) Porque antigamente não era assim. A pessoa não tinha meio de transporte o vizinho ajudava, e Fulano ajudava, o Cicrano ajudava. Eles tinham uma união. Mas hoje em dia, com a revolta que os caiçaras tão, que um está querendo ser melhor do que o outro e com toda essa migração que</p>

<p>vieram, com as terras que eles perderam e com as roças que eles não podem mais, nada podem mais. Não podem caçar, não podem plantar, não podem fazer mais nada ... eles tão num outro tipo de vida. Eles se revoltaram ... então o que uma família precisa, eles cobram. “Tem que me pagar tanto</p>	<p>veio, com os turistas que vieram, com as terras que eles perderam e com as roças que eles não podem mais, nada podem mais. Não podem caçar, não podem plantar, não podem fazer mais nada. Eles estão num outro tipo de vida. Eles se revoltaram. Então, o que uma família precisa, eles cobram. “Tem que me pagar tanto”</p>
<p>(127) eu acho que poderia ter uma ajuda essas famílias que não tem meio de transporte, sei lá. Dá pra gente se organizar. Nada é difícil na vida. A gente se organizando e tendo grana, se tem dinheiro dá pra poder organizar uma forma de ta ahn... dando um respaldo nesse sentido pra essas famílias que não tem condições ... de fazer determinada coisa pra sua própria subsistência</p>	<p>(127) eu acho que poderia ter uma ajuda essas famílias que não tem meio de transporte. Dá para gente se organizar. Nada é difícil na vida. A gente se organizando e tendo grana, se tem dinheiro dá para poder organizar uma forma de dar um respaldo nesse sentido para essas famílias que não tem condições de fazer determinada coisa pra sua própria subsistência</p>

Discurso IX

(1) caiçara é porque nasce no mar, na beira do mar, né? No litoral. E quem nasce no litoral, tem esse, tem..., se chama caiçara....	(1) é caiçara porque nasce no litoral, à beira mar, no litoral. E que nasce no litoral se chama caiçara
(2) quase em extinção o caiçara, porque... os caiçaras mesmo eles... tão se afastando, vendem o que eles tem aqui e se afastam pro pra outras cidades. Então são poucos caiçaras ... que tem na Ilhabela	(2) O caiçara está quase em extinção porque os caiçaras estão se afastando. Eles vendem o que tem aqui e se afastam para outras cidades. Por isso são poucos caiçaras em Ilhabela.
(3) ser caiçara ... ééé... é muito bom. É muito bom da seguinte maneira, ééé: eles têm qualidade de vida, ta? Eles não tão preocupados o que que vai acontecer daqui vinte, trinta anos, não, eles tão preocupados com o presente dia de hoje	(3) ser caiçara é muito bom. Eles tem qualidade de vida. Eles não estão preocupados com o que vai acontecer daqui vinte, trinta anos, estão preocupados com o presente, com o dia de hoje.
(4) eles se alimentam de comidas bem naturais bem naturais, isso éé, é bom pra saúde deles.	(4) Eles se alimentam de comidas bem naturais e isso é bom para a saúde deles.
(5) o mar, pra eles, é tudo. O sol, pra eles, é vida, igual pra nós também.	(5) Para eles o mar é tudo e o sol é vida, assim como para nós.
(6) isso também é ser caiçara, ter qualidade de vida.	(6) Ter qualidade de vida também é ser caiçara.
(7) enquanto eu tiver vida e tiver condições eu vou morar aqui. vou defender os caiçaras. Tanto é que eu trabalho pros caiçaras. O meu trabalho é tudo visado com us caiçaras.	(7) enquanto eu tiver vida e condições eu vou morar aqui e vou defender os caiçaras. Tanto é que eu trabalho para os caiçaras. O meu trabalho é tudo visado com os caiçaras.

Redução fenomenológica – Discurso X

(1) Ser caiçara é é ter nascido no litoral, próximo à praia, mar... eee acredito que desfrutar dessa beleza natural que Deus nos deu principalmente por morar em Ilhabela,	(1) Ser caiçara é ter nascido no litoral, próximo à praia, mar e acredito que desfrutar dessa beleza natural que Deus nos deu principalmente por morar em Ilhabela,
(2) a gente aprendeu na nossa comunidade, aqui de Ilhabela, enfrentar nossas dificuldades, principalmente da comunidade que nós viemos que é uma comunidade tradicional, de difícil acesso e isso fez com que a gente pudesse buscar novas alternativas de vivência, de sobrevivência.	(2) A gente aprendeu na nossa comunidade tradicional, aqui de Ilhabela, enfrentar nossas dificuldades, de difícil acesso e isso fez com que a gente pudesse buscar novas alternativas de vivência, de sobrevivência.
(3) ser caiçara pra mim é ter nascido no litoral né... eee... poderia dizer assim, e eu sou feliz.	(3) ser caiçara pra mim é ter nascido no litoral e eu sou
(4) Tem umas pessoas que acham que tem medo ah, eu nasci na praia da fome, eu nasci na praia, na ilha da Vitória,... sou caiçara, sou buziano, sou boneteiro, então eu acho ... muito legal ser caiçara	(4) Tem umas pessoas que tem medo de dizer que nasceram na Praia da Fome, eu nasci Ilha da Vitória, sou caiçara, sou buziano, sou boneteiro. Eu acho muito legal ser caiçara
(5) Ilhabela ela é na verdade é uma comunidade mista, mista, sobrevive de outras, de outras raças, de pessoas que vieram de fora.	(5) Ilhabela é na verdade uma comunidade mista que sobrevive de outras, de outras raças, de pessoas que vieram de fora.
(6) ser caiçara pra mim é ter nascido no litoral, ter nascido em Ilhabela e a gente aprende a viver com as dificuldades do dia-a-dia nosso.	(6) ser caiçara pra mim é ter nascido no litoral, em Ilhabela e a gente aprende a viver com as dificuldades do dia-a-dia nosso.
(7) Caiçara é enfrentar dificuldades, do difícil acesso das comunidades tradicionais.	(7) Caiçara é enfrentar dificuldades do difícil acesso das comunidades tradicionais.
(8) O caiçara daqui, da frente da Ilha, ele não valoriza muito o que a cidade oferece, tá?. Então eles deixaram ser assim induzido por vantagens que vieram de fora, dos veranistas, né?, foram vendendo, doando suas propriedades por preço de banana	(8) O caiçara daqui, da frente da Ilha não valoriza muito o que a cidade oferece. Eles foram induzidos por vantagens que vieram de fora, dos veranistas; foram vendendo, doando suas propriedades por preço de banana
(9) nós, que nascemos lá atrás da Ilha a gente consegue sobreviver com o pouco que tem. A gente consegue manter a humildade, aquele compromisso com as raízes e caiçara é isso, é enfrentar as dificuldades que a gente vive no dia a dia	(9) Nós, que nascemos lá atrás da Ilha, conseguimos sobreviver com o pouco que temos. A gente consegue manter a humildade, aquele compromisso com as raízes e caiçara é isso, é enfrentar as dificuldades que a gente vive no dia a dia
(10) As quinze comunidades que nós temos aqui em Ilhabela, hoje nós temos cerca de 27.000 mais ou menos. De acordo com os dados que nós temos eu acredito que não chega a 20% de pessoas nativas, natural de Ilhabela. Algumas comunidades não se, não se recompuseram. por exemplo, a comunidade láá da Limo Verde. A comunidade foi morrendo, foi morrendo, morrendo e não teve assim uma continuidade. Algumas pessoas se mudaram pra bairro, Ponta da praia em Santos eee outras procuraram vir pra cá. Então, a população de Ilhabela não	(10) temos 15 comunidades aqui em Ilhabela. Hoje temos cerca de 27.000 habitantes mais ou menos. De acordo com os dados que nós temos eu acredito que não chega a 20% de pessoas nativas, natural de Ilhabela. Algumas comunidades não se recompuseram. Por exemplo, a comunidade de Limo Verde foi morrendo e não teve uma continuidade. Algumas pessoas se mudaram pra bairro, Ponta da praia em Santos e outras procuraram vir pra cá. Então, a população de Ilhabela não chega a 10% de

chega a 10% de caiçara nativo.	caiçara nativo.
(11) essas poucas pessoas ainda conseguem respeitar, viver com o pouco que tem.	(11) essas poucas pessoas ainda conseguem respeitar, viver com o pouco que tem.
(12) Caiçara, acho que seria isso ser caiçara, viver em Ilhabela	(12) Caiçara, acho que seria isso ser caiçara, viver em Ilhabela
(13) a gente busca qualidade de vida	(13) a gente busca qualidade de vida
(14) é possível você fazer uma comunidade saudável se envolvendo, então a gente procurou se envolver	(14) é possível você fazer uma comunidade saudável se envolvendo, então a gente procurou se envolver
(15) ter nascido, ter saído da praia da Fome 15, 14 anos, pra entra na primeira série, ali na na praia do Jabaquara, ainda quando tinha escolinha. E procurá um conhecimento pra que a gente pudesse ajudá a família.	(15) ter nascido, ter saído da praia da Fome 15, 14 anos, pra entrar na primeira série, ali na praia do Jabaquara, quando ainda tinha escolinha. E procurar um conhecimento pra que a gente pudesse ajudar a família.
(16) comecei a trabalhar desde os cinco anos até os dez, mas aí eu fui proibido pela Marinha, pela Marinha em alto-mar, eu até fiquei doente por conta disso e aí a gente resolveu buscar uma outra alternativa de vida, de sobrevivência	(16) trabalhei na pesca dos 5 aos 10 anos, quando fui proibido pela Marinha, em alto-mar, até fiquei doente por conta disso. Então resolveu buscar uma outra alternativa de vida, de sobrevivência
(17) algumas outras caiçaras que nem eu, que nem o <i>Espada</i> , o prof. <i>Espada</i> , né?, outras pessoas, nós nos preocupamos muito com as comunidades lá de trás da ilha e eu sou uma pessoa muito cobrada. Por que? Porque trabalho na área da saúde e foi de lá que eu sai	(17) Alguns caiçara como eu, o prof. <i>Espada</i> e outras pessoas, nos preocupamos muito com as comunidades lá de trás da ilha e eu sou uma pessoa muito cobrada. Por que? Porque trabalho na área da saúde e foi de lá que eu sai
(18) mostramos pra ele onde nós nascemos, né, e ficaram impressionado da gente ter nascido lá, assim não ser um administrador de direito ainda, ser de fato, e ter toda essa responsabilidade e mesmo tando aqui assim, já numa outra, numa outra camada da sociedade, a gente não perdeu nossa raiz, e ta lembrando de lá ainda.	(18) mostramos pra ele onde nós nascemos, e ficou impressionado com o fato de termos nascido lá, e com o fato de não ser um administrador de direito ainda, ser de fato, e ter toda essa responsabilidade e mesmo estando aqui assim, numa outra camada da sociedade, a gente não perdeu nossa raiz, e estamos lembrando de lá ainda.
(19) todo um segmento da prefeitura fez com que a gente voltasse a atenção pra essas comunidade. Se comparando assim há cinco anos que não tinha nada, hoje a gente tem um pouquinho. Não tem tudo, a gente vem caminhando pra que principalmente o caiçara, que ele sabe respeitá seu espaço, o seu tempo, não vem usá de outras prerrogativas por exemplo pra... usá de influência, aquela coisa toda. Então eu gosto muito de mexê com a nossa, a nossa, assim, as nossas comunidades caiçaras.	(19) todo um segmento da prefeitura fez com que a gente voltasse a atenção pra essas comunidades. Comparando com cinco anos, que não tinha nada, hoje a gente tem um pouquinho. Não tem tudo, a gente vem caminhando pra que principalmente o caiçara, que sabe respeitar seu espaço, o seu tempo, não vem usar de outras prerrogativas por exemplo para usar de influência, aquela coisa toda. Então eu gosto muito de mexer com as nossas comunidades caiçaras.
(20) As outras comunidades que se instalaram são um pouco difícil de você lidar no dia-a-dia	(20) É um pouco difícil lidar no dia-a-dia com as outras comunidades que se instalaram aqui.
(21) o contrário é de pessoas que vem de fora pra se tratá aqui. Aí eles vem aqui e já fala se você não arrumá já vai pra rádio, já vai pra jornal, já vai pra televisão, já vai pra Ministério Público, já vai pra tudo. Não sabe é é respeitar, não sabe usar do do seu direito de cidadão. Vem na base impositiva, então assim,	(21) Ao contrário das pessoas que vem de fora pra se tratar aqui. Aí eles vêm aqui e falam que se você não arrumar vão para rádio, jornal, televisão, Ministério Público. Não sabe respeitar, usar do seu direito de cidadão. Vem na base impositiva, então é muito mais fácil lidar com a

é muito mais fácil lidar com a comunidade que você já tem um trânsito, você conhece.	comunidade que você já tem um trânsito, você conhece.
(22) Então, se vem aqui um pernambucano, por exemplo, um baiano, ele não sabê usa da força que ele tem. Procura usa dessa força impositiva e eu tenho essa paciência pra lidar.	(22) Então, se vem aqui um pernambucano, por exemplo, um baiano, ele não sabe usar da força que ele tem. Procura usar dessa força impositiva e eu tenho essa paciência pra lidar.
(23) Eu fui trabalhá com meu tio aos 5 anos, pra dá dá... uma ajuda pra minha avó, meu avó também tinha falecido, em alto-mar lá por 1984 um barco da capitania dos portos parou pra fazê uma vistoria e eu era menor. meu tio me escondeu no porão do barco, no porão do barco, até que a Capitania fizesse a vistoria, tal.	(23) Eu fui trabalhar em alto-mar com meu tio aos 5 anos, para ajudar minha avó já que meu avó também tinha falecido. Por volta de 1984, em alto-mar, um barco da capitania dos portos parou pra fazer uma vistoria e como eu era menor de idade, meu tio me escondeu no porão do barco, até que a Capitania fizesse a vistoria.
(24) não pude mais trabalha porque não deixaram porque eu era menor e aí eu saí da praia da Fome, fui ser caseiro no Jabaquara e estudar no Jabaquara. e aí comecei conversar, professor falou “nossa, você tem um potencial assim tal e tal.	(24) não deixaram que eu continuasse a trabalhar pois eu era menor de idade e aí eu saí da Praia da Fome, fui ser caseiro e estudar no Jabaquara. O professor falou que eu tinha potencial e tal
(25) Na prefeitura já fiz de tudo, desde vigia, servente de pedreiro, eletricista, recepcionista, departamento pessoal. A primeira promoção veio em 97. em 97 (outra pessoa aparece à porta e ele faz sinal que não), em 97 e com cargo de comissão pra uma eu era oposição, vamos dizer assim, do prefeito que ganhou, mas ele chegou aqui na prefeitura, dispensou todo mundo mas você não, eu vou ficar com você porque..., você não precisa gosta de mim, você precisa continua trabalhando pra comunidade como você trabalha	(25) Na prefeitura já fiz de tudo: vigia, servente de pedreiro, eletricista, recepcionista, departamento pessoal. A primeira promoção veio em 97. Eu era oposição, vamos dizer assim, do prefeito que ganhou, mas ele chegou aqui na prefeitura, dispensou todo mundo mas você não, eu vou ficar com você porque você não precisa gostar de mim, você precisa continuar trabalhando pra comunidade como você trabalha
(26) a sociedade cobra muito a administração. Poxa, mas o Márcio não é formado, o Márcio tem o 3º. Colegial e o Márcio ocupa um cargo ééé de destaque dentro da administração. a Câmara já quis mudar a lei pra que eu fosse o Secretario, fosse o secretário, eu não quis., dos 13 vereadores que eram a compleição da Câmara na época, noventa e qua., 95, nove já tavam pedindo a alteração da lei e aí eu pedi que não	(26) A sociedade cobra muito a administração: “Mas o Márcio não é formado, tem o 3º. Colegial e ocupa um cargo de destaque dentro da administração. A Câmara já quis mudar a lei pra que eu fosse o Secretario, mas eu não quis. Dos 13 vereadores que eram a compleição da Câmara na época, 94., 95, nove já estavam pedindo a alteração da lei e aí eu pedi que não
(27) Então tudo que eu faço não é visando a minha promoção personalística, ta? de forma a atender coletivamente, a fazer com que a população seja beneficiada.	(27) Então tudo que eu faço não é visando a minha promoção pessoal, é feito de forma a atender coletivamente, a fazer com que a população seja beneficiada.
(28) Optei por uma coisa mais genérica por conta do meu poder econômico, que é baixo, então não daria condição de fazer,	(28) Optei por uma coisa mais genérica por conta do meu poder econômico, que é baixo, então não daria condição de fazer,
(29)eu não uso a estrutura da prefeitura, eu não uso bolsa de estudo, não uso auxílio universitário, nada. Não uso nada pra não dá nenhum tipo de margem de comentário. Já não usando as pessoas já comentam. Então, eu não uso carro da prefeitura pra trabalhar, eu uso meu carro, se você vê aí, poucos usam o crachá,	(29)eu não uso a estrutura da prefeitura, eu não uso bolsa de estudo, não uso auxílio universitário, nada. Não uso nada pra não dar margem a nenhum tipo de comentário. Já não usando as pessoas já comentam. Então, eu não uso carro da prefeitura pra trabalhar, eu uso meu carro.

eu to com o meu aqui (mostra o crachá preso na camisa) justamente que a gente possa dar o exemplo a seguir	Poucos usam o crachá, eu estou com o meu aqui justamente para dar o exemplo a seguir
(30) outros caiçaras da comunidade também tiveram o mesmo crescimento que eu. tenho pessoas aqui que são estagiários porque hoje tão fazendo universidade.	(30) outros caiçaras da comunidade também tiveram o mesmo crescimento que eu. Tenho pessoas aqui que são estagiários porque hoje tão fazendo universidade.
(31)hoje as pessoas já me tratam diferente, já me vê com outros olhos, já sou respeitado na comunidade, mais ainda, por conta do que?, por conta do tratamento que eu dou	(31) hoje as pessoas já me tratam diferente, já me vêem com outros olhos, já sou respeitado na comunidade, mais ainda, por conta do tratamento que eu dou
(32) nós caiçaras, ééé ,é só a gente não ficar na posição que você tá agora, de braços cruzados, né. Que você com certeza, tem o teu exemplo,né? você veio lá de Araraquara, buscar a, né, uma oportunidade aqui em Ilhabela e, e aqui com a qualidade de vida que a Ilha te proporcionou você conseguiu também buscar aprimoramento como pessoa, como profissional. Então, você usa dessa beleza natural que a gente tem aqui, dessa qualidade de vida e isso colabora com que a tua inteligência, com que teu pensamento, com que a tua própria vontade de crescer e de viver. isso faz bem pra gente	(32) nós caiçaras não podemos, é só gente não ficar na posição que você está agora, de braços cruzados. Tem o teu exemplo: você veio lá de Araraquara, buscar uma oportunidade aqui em Ilhabela e aqui com a qualidade de vida que a Ilha te proporcionou você conseguiu também buscar aprimoramento como pessoa, como profissional. Então, você usa dessa beleza natural que a gente tem aqui, dessa qualidade de vida e isso colabora com a tua inteligência, com teu pensamento, com a tua própria vontade de crescer e de viver. isso faz bem pra gente
(33) a televisão mostra tudo, a televisão mostra, ensina pra você ser bandido, pra você desviar daquele caminho que você quer seguir	(33) a televisão mostra tudo, a televisão ensina você a ser bandido, a se desviar daquele caminho que você quer seguir
(34) Sempre que posso vou às comunidades, não deixei, na verdade assim, o poder, subir pela minha cabeça, porque aqui eu estou diretor hoje, eu não sou diretor. Se termina no ano que vem, vai entra uma outra pessoa aqui que quer montar a equipe dela. Então eu tenho que ter essa esse conhecimento, essa tranquilidade de aceitar isso e quando você aceita isso você consegue trabalhar sem medo nenhum, sem o medo da concorrência. Por exemplo, a concorrência ela é saudável, tem que ser compartilhada. então acontece muito de um quere puxar o tapete do outro, aquela coisa toda.	(34) Sempre que posso vou às comunidades, não deixei o poder subir pela minha cabeça, porque aqui eu estou diretor hoje, eu não sou diretor. Ao terminar no ano que vem, vai entrar uma outra pessoa aqui que quer montar a equipe dela. Então eu tenho que ter esse conhecimento, essa tranquilidade de aceitar isso e quando você aceita isso você consegue trabalhar sem medo nenhum, sem o medo da concorrência. Por exemplo, a concorrência ela é saudável, tem que ser compartilhada. Então acontece muito de um querer puxar o tapete do outro, aquela coisa toda.
(35) eu sou muito atencioso, eu, eu, eu gosto de conversar com todo mundo, eu pratico uma integração muito forte com todo mundo. Então, eu conheço o funcionário, eu conheço a residência dele, o familiar dele e também possibilito que ele me conheça. Então, ninguém chama eu de Senhor Márcio Tenório, todo mundo é o Praia da Fome da Saúde. acho que a Rita a hora que falou pra você Ah, o Praia da Fome, ligá pro Praia da Fome”,	(35) eu sou muito atencioso, eu gosto de conversar com todo mundo, eu pratico uma integração muito forte com todo mundo. Então, eu conheço o funcionário, eu conheço a residência dele, o familiar dele e também possibilito que ele me conheça. Então, ninguém me chama de Senhor Márcio Tenório, para todo mundo é o Praia da Fome da Saúde. acho que a Rita falou para você Ah, o Praia da Fome, liga pro Praia da Fome”,
(36) o que mudou hoje? O que mudou hoje, Silmara, na minha vida com toda essa...? eu não sou mais dono dela eu sou, a minha secretária é que cuida da minha vida, da minha agenda, ta? Então, o que mudou? O tempo. O tempo tá	(36) o que mudou hoje? O que mudou hoje na minha vida? Eu não sou mais dono dela, a minha secretária é que cuida da minha vida, da minha agenda. Então, o que mudou? O tempo. O tempo está escasso! Mas vai

escasso! Mas vai depende de mim pra melhorá este tempo também ta?, é só eu disciplinar o meu tempo que eu consigo.	depende de mim pra melhorar este tempo também. É só eu disciplinar o meu tempo que eu consigo.
(37) hoje to fazendo a faculdade eu vou pra comunidade com o projetos sociais né então assim: é ocupa todo aquele tempo que você tiver, faça, faça algo de bem pro teu... pro teu amigo, pro teu companheiro, ajude o próximo. Então, é dessa forma que eu tento ocupar a minha cabeça, fazendo o bem pras pessoas.	(37) hoje estou fazendo a faculdade, eu vou pra comunidade com o projetos sociais. Então é assim: é ocupar todo aquele tempo que você tiver, faça algo de bem para o teu amigo, teu companheiro, ajude o próximo. Então, é dessa forma que eu tento ocupar a minha cabeça, fazendo o bem pras pessoas.
(38) As pessoas falam: põe aí meu... pra você crescer na instituição pública, infelizmente, nos dias de hoje você tem que ter um padrinho, um cartucho, né, e eu não tive isso então muitas vezes eu tento dar a vara pra quem me procura aqui; a pessoa já qué o peixe, já qué o peixe né? Então assim, meu tio Evair quando ele me conheceu em 85, exatamente 13/12/85, que eu vim morá da Praia da Fome pra Praia Grande, ele me de a vara; “Olha, eu queria te leva pra morar em casa , pra te coloca na escola porque você é uma pessoa inteligente” e eu disse pra ele que eu não queria, não eu não vou acostumar morar na cidade, eu quero ficar aqui mesmo. Então, ele deu a vara pra eu pescar, então eu aproveitei aquela oportunidade.	(38) Nos dias de hoje, infelizmente, para você crescer na instituição pública, você tem que ter um padrinho, um cartucho e eu não tive isso. Então muitas vezes eu tento dar a vara pra quem me procura aqui; a pessoa já quer o peixe. Quando meu tio Evair me conheceu em 85, exatamente 13/12/85, e eu me mudei da Praia da Fome para Praia Grande, ele me deu a vara; “Olha, eu queria te levar para morar em casa, para te colocar na escola porque você é uma pessoa inteligente” e eu disse pra ele que eu não queria, que eu não iria me acostumar a morar na cidade, que queria ficar aqui mesmo. Então, ele deu a vara pra eu pescar, e eu aproveitei aquela oportunidade.
(39) hoje um estagiário que chega aqui na prefeitura ele já entra atrás de uma máquina, de um computador, então ele é resumido àquela atividade, àquela tarefa que dão pra ele.	(39) hoje um estagiário que chega aqui na prefeitura e ele já entra atrás de uma máquina, de um computador, então ele é resumido àquela atividade, àquela tarefa que dão pra ele.
(40) hoje eu tenho que me policiar, que a gente é uma pessoa pública, a comunidade cobra muito isso.	(40) hoje eu tenho que me policiar, já que a gente é uma pessoa pública e a comunidade cobra muito isso.
(41) é possível sim que o caçara também cresça. Tem... o <i>Espada</i> é um exemplo, o prof. <i>Espada</i> , que nós temos um parentesco,inclusive, somos primos, né? O próprio Mané, prefeito, num saiu daqui, foi tentar futebol?, não deu certo foi fazer uma faculdade com muita dificuldade, de engenharia, fez isso, né? é uma questão só de oportunidade e de você correr atrás	(41) é possível sim que o caçara também cresça. O <i>Espada</i> é um exemplo (nós temos um parentesco,inclusive, somos primos). O próprio Mané, prefeito, não saiu daqui, foi tentar futebol?.Não deu certo e foi fazer uma faculdade de Engenharia, com muita dificuldade É só uma questão só de oportunidade e de você correr atrás
(42)A gente vai analisando, analisando, analisando eeee ... todas as vezes que me chegou esse convite, eu pensei assim: “por que criar dificuldades pra secretaria de Saúde e pros meus colega?”	(42)A gente vai analisando, analisando, analisando e todas as vezes que me chegou esse convite, eu pensei assim: “por que criar dificuldades pra secretaria de Saúde e pros meus colega?”
(43) houve um resgate de tudo aí depois que eu vim pra Secretaria e, principalmente com a administração do prefeito Manoel Marcos. houve um resgate, não só na saúde, mas na área da educação, na área social, na área cultural do município. ééé e fazer com que você tivesse compromisso com aquilo que você faz.	(43) Houve um resgate de tudo aí depois que eu vim pra Secretaria e, principalmente com a administração do prefeito Manoel Marcos. houve um resgate, não só na saúde, mas também na área da educação, na área social, na área cultural do município. E fazer com que você tivesse compromisso com aquilo que você faz.

<p>(44) ser referência também, mas a gente é o tempo todo cobrado pela forma que a gente trabalha, de forma transparente, de forma séria, né, a gente não faz um trabalho voltado pro nosso umbigo e sim, pra comunidade. Porque você tá aqui para servir! e com isso possibilitou que a gente com toda a equipe conseguisse oferecer um serviço de qualidade para a população. Muita coisa vai acontecer ainda, eu não faço nada sozinho, como ninguém faz, mas existe todo um envolvimento da Secretaria de Saúde, por a gente trabalhar na, numa área que é de muita complexidade, nós temos o compromisso muito grande com todo o povo de Ilhabela, no sentido de exercer uma missão,</p>	<p>(44) ser referência também, mas a gente é o tempo todo cobrado pela forma que a gente trabalha, de forma transparente, de forma séria. A gente não faz um trabalho voltado para o nosso umbigo e sim, para comunidade. Porque você está aqui para servir! E isso possibilitou que a gente com toda a equipe conseguisse oferecer um serviço de qualidade para a população. Muita coisa vai acontecer ainda, eu não faço nada sozinho, como ninguém faz, mas existe todo um envolvimento da Secretaria de Saúde, devido ao de ser uma área que é de muita complexidade. Nós temos o compromisso muito grande com todo o povo de Ilhabela, no sentido de exercer uma missão,</p>
<p>(45) O importante é você fazer aquilo que você gosta, não fazer aquilo por obrigação. Eu me dedico aqui 13, 15 horas por dia, então sábado e domingo eu sinto falta dessa pressão, dessa adrenalina. É muito gostoso a gente, você se sentir útil</p>	<p>(45) O importante é você fazer aquilo que você gosta, não fazer aquilo por obrigação. Eu me dedico aqui 13, 15 horas por dia, então sábado e domingo eu sinto falta dessa pressão, dessa adrenalina. É muito gostoso você se sentir útil</p>
<p>(46) nestes últimos sete anos que eu participo, em virtude do cargo, acaba sendo, tendo que ter uma estrutura, um traquejo político pra isso, embora o nosso trabalho aqui tenha que ser, tem que ser 90%, 100% técnico. A gente não usa a Secretaria da Saúde pra uma promoção pessoal, pessoal, né?. Até porque a gente aqui, a gente aqui, como eu te falei, deve satisfação à sociedade, porque é a comunidade que é a maior beneficiada. Então, a gente deve, deve satisfação a ela</p>	<p>(46) nestes últimos sete anos que eu participo, em virtude do cargo, acaba sendo necessário ter uma estrutura, um traquejo político pra isso, embora o nosso trabalho aqui tenha que ser 90%, 100% técnico. A gente não usa a Secretaria da Saúde pra uma promoção pessoal, até porque a gente aqui deve satisfação à sociedade, porque é a comunidade que é a maior beneficiada. Então, a gente deve satisfação a ela</p>
<p>(47) A promoção veio mas não veio por um, por um cartucho político, por um apadrinhamento, por nada, veio pelo trabalho, por a gente ser, acredito, que o elo de ligação com a comunidade ce saber</p>	<p>(47) A promoção veio, mas não por um cartucho político, por um apadrinhamento, por nada;, veio pelo trabalho, por a gente ser, acredito, que o elo de ligação com a comunidade.</p>
<p>(48) é assim, tu vê as dificuldades, as particularidades de cada bairro da nossa querida Ilhabela.</p>	<p>(48) é assim, tu vê as dificuldades, as particularidades de cada bairro da nossa querida Ilhabela.</p>
<p>(49) a gente vai continuá trilhando esse caminho. essa faculdade não é assim pra que eu “quero ser secretario daqui a pouco, quero ser o prefeito”, não!. É justamente pra, prá aprimoramento como pessoa né e não é pra provar nada pra ninguém. Pra que a gente possa colaborar, principalmente, com a nossa Ilhabela, com o funcionário que hoje trabalha com a gente aqui.</p>	<p>(49) a gente vai continuar trilhando esse caminho. Essa faculdade não é assim para que eu daqui a pouco seja o secretario o ou o prefeito,. Não!. É justamente para o aprimoramento como pessoa e não para provar nada pra ninguém. Para que a gente possa colaborar, principalmente, com a nossa Ilhabela, com o funcionário que hoje trabalha com a gente aqui.</p>
<p>(50) no primeiro de aula, tinha 59 alunos na minha sala. A professora falou assim “Quem é caiçara aqui”? ... só eu levantei, eu levantei os dois braços. no meio de 59 alunos, só tinha um caiçara lá.</p>	<p>(50) no primeiro de aula, tinha 59 alunos na minha sala. A professora falou assim “Quem é caiçara aqui”? ... só eu levantei, eu levantei os dois braços. No meio de 59 alunos, só tinha um caiçara lá.</p>
<p>(51) “Por que ce ta levantando os dois braços?” “porque eu sou caiçara mesmo, sou nativo. Eu me sinto índio aqui no meio de vocês! Então, eu queria pedir muita</p>	<p>(51) “Por quê você está levantando os dois braços?” “Porque eu sou caiçara mesmo, sou nativo. Eu me sinto índio aqui no meio de vocês!</p>

<p>paciência, colaboração, vo precisar muito da ajuda aqui dos meus colegas porque eu to vindo de uma comunidade tradicional, onde não tem isso, isso, isso, isso. pra chegar até a 3ª série eu usei uma canoa e um caiaque pra vim da praia da Fome, pra chegar no Jabaquara e depois até a Armação. Eu contei uma história que foi, assim, encantado. Toda a faculdade ficou sabendo. Que que eu era da Praia da Fome, tinha nascido aqui e tava fazendo faculdade lá. Então, as pessoas me acolheram, né e nossa, aliás eu to com saudada da faculdade, semana que vem vai começá.</p>	<p>Então, eu queria pedir muita paciência, colaboração, vou precisar muito da ajuda aqui dos meus colegas, porque eu estou vindo de uma comunidade tradicional, onde não tem isso, isso, isso, isso. Para chegar até a 3ª série eu usei uma canoa e um caiaque pra vir da Praia da Fome, pra chegar no Jabaquara e depois até a Armação. Eu contei uma história que foi, assim, encantadq. Toda a faculdade ficou sabendo que eu era da Praia da Fome, tinha nascido aqui e estava fazendo faculdade lá. Então, as pessoas me acolheram, e, aliás eu estou com saudade da faculdade. Semana que vem vai começar.</p>
<p>(52) É muito gostoso é ser caiçara eee, eee tá aqui e poder ajudar nossa comunidade. É gostoso.</p>	<p>(52) É muito gostoso é ser caiçara e poder ajudar nossa comunidade. É gostoso.</p>
<p>(53) Caiçara então é viver as dificuldades aqui do dia-a-dia ta, aqui dentro do nosso mundo</p>	<p>(53) Caiçara então é viver as dificuldades aqui do dia-a-dia ta, aqui dentro do nosso mundo</p>
<p>(54) Ilhabela hoje ela não é mais uma Ilhabela desconhecida, é uma Ilhabela visualizada, ta, então nós temos uma responsabilidade muito grande, ambiental acima de tudo, preservar isso, o pouco que que nós temos nessa ilha</p>	<p>(54) Ilhabela hoje não é mais uma Ilhabela desconhecida, é uma Ilhabela visualizada, então nós temos uma responsabilidade muito grande, ambiental acima de tudo de preservar isso, o pouco que nós temos nessa ilha</p>
<p>(55) Até os 13 anos eu achava que aquele motorádio de pilha que a minha avó usava, eu achava que tinha gente dentro do rádio falando e, quando eu vim morar na casa do meu tio e que eu assistia televisão, eu achava que tinha gente dentro da televisão. então, ééé eu achava que um boi era um cachorro, então... interessante assim, houve uma mudança muito radical na minha vida, radical mesmo e eu me policio todo dia pra que eu não deixe de pisá no chão. E olha pra trás. Eu fico me policiando o dia todo.</p>	<p>(55) Até os 13 anos eu achava que tinha gente falando dentro daquele motorádio de pilha que a minha avó usava e, quando eu vim morar na casa do meu tio e eu assistia televisão, eu achava que tinha gente dentro da televisão; eu achava que um boi era um cachorro. Então, houve uma mudança muito radical na minha vida, radical mesmo e eu me policio todo dia para que eu não deixe de pisar no chão. E olhar para trás. Eu fico me policiando o dia todo.</p>
<p>(56) Quando eu morava lá trás da Ilha que eu não usava chinelo, sapato, num usava calça, a minha roupa era saco de farinha de trigo, e essa de padaria. . Sabe esse saco de linhagem branco?</p>	<p>(56) Quando eu morava lá trás da Ilha, eu não usava chinelo, sapato, não usava calça, a minha roupa era saco de farinha de trigo, e essa de padaria. Sabe esse saco de linhagem branco?</p>
<p>(57) Minha roupa era daquilo ali. Eu nunca tive um carrinho.</p>	<p>(57) Minha roupa era daquilo ali. Eu nunca tive um carrinho.</p>
<p>(58) Meu café da manhã e hoje, ééé entre um pão com manteiga, ta?, ou misto quente, se tiver uma mandioca, ta? uma abacate com farinha com uma batata-doce, eu ainda prefiro, ta?. Alias, hoje o meu café da manhã, o meu café da manhã hoje foi com batata-doce. Que eu trouxe do sítio aqui de um sítio de Paraibúna , que eu fui passá o fim de semana. Então, o peixe é minha comida preferida. Eu sei cozinhá, eu cozinhei até os 14 anos, lavava minha roupa,</p>	<p>(58) Meu café da manhã, hoje, entre um pão com manteiga ou misto quente, eu ainda prefiro uma mandioca, uma abacate com farinha com uma batata-doce, se tiver. Alias, hoje o meu café da manhã foi com batata-doce, que eu trouxe de um sítio de Paraibúna , onde fui passar o fim de semana. Então, o peixe é minha comida preferida. Eu sei cozinhar, eu cozinhei até os 14 anos, lavava minha roupa,</p>
<p>(59) ninguém muda a minha cabeça, eu tenho a minha cabeça, eu tenho meu</p>	<p>(59) ninguém muda a minha cabeça, eu tenho a minha cabeça, eu tenho</p>

pensamento. A única coisa que muda a minha cabeça é o meu pescoço, muda pra lá e pra cá	meu pensamento. A única coisa que muda a minha cabeça é o meu pescoço, muda para lá e para cá
(60) eu tenho a minha história, tu tem a tua história, o outro colega aqui tem a sua história também, tem a história dele também então e dentro dessa mistura toda que a gente ta por aí.	(60) Eu tenho a minha história, tu tens a tua história, o outro colega aqui tem a sua história também, tem a história dele também então e dentro dessa mistura toda que a gente está por aí.
(61) Eu, eu, tinha uma moto, eu comprei um terreninho. antes da prefeitura, eu trabalhava dois períodos. Eu saía da prefeitura e ia trabalhar de garçom, hoje a parte da minha casa foi com dinheiro de 10% de garçom que eu ganhei. Então, terminou a minha casa, aí eu casei. Depois de 5 anos veio a minha primeira filha, a Ana Júlia,né, aí comprei um carrinho, paguei todas as contas, todas as contas direitinho. Fiz minha casa, onde posso receber minha família.	(61) Eu tinha uma moto, eu comprei um terreninho. antes da prefeitura, eu trabalhava dois períodos. Eu saía da prefeitura e ia trabalhar de garçom. Parte da minha casa foi com dinheiro de 10% de garçom que eu ganhei. Então, terminou a minha casa, aí eu casei. Depois de 5 anos veio a minha primeira filha, a Ana Júlia, aí comprei um carrinho, paguei todas as contas direitinho. Fiz minha casa, onde posso receber minha família.
(62) e a gente comia lá atrás da Ilha peixe assado com mandioca e com banana assada, tá e peixe assado na brasa. Era raro a gente comer arroz, feijão	(62) E a gente comia lá atrás da Ilha peixe assado com mandioca e com banana assada, e peixe assado na brasa. Era raro a gente comer arroz, feijão
63)Quando eu passava em frente da casa do meu pai, na praia, eles tavam jantando ou almoçando na sala e eu via lá arroz, aquelas coisas todas, o meu pai fechava a porta pra que eu não visse a comida. Ta? E quando eu descia na praia ele tentava me batê. Que ele não gostava de mim. E um dia eu tava com muita fome eu fui pedi uma cozinhadinha , uma caneca de arroz , pede uma cozinhadinha (mostra a xícara de café) de arroz e meu pai soube que a minha mãe me emprestou, ele deu uma coça na minha mãe, quase matou a minha mãe. E um dia ele me pegou, deu uma coça em mim também, sem mais nem menos	(63) Quando eu passava em frente da casa do meu pai, na praia, eles estavam jantando ou almoçando na sala e eu via lá arroz, aquelas coisas todas, o meu pai fechava a porta pra que eu não visse a comida e, quando eu descia na praia, ele tentava me bater, porque ele não gostava de mim. Um dia eu estava com muita fome e eu fui pedir uma cozinhadinha, uma caneca de arroz e meu pai soube que a minha mãe me emprestou, ele deu uma coça na minha mãe, quase matou a minha mãe. E um dia ele me pegou, deu uma coça em mim também, sem mais nem menos.
(64) Foi o juizado de menor, na época, o conselho tutelar foi lá pra prendê meu pai. Eu não deixei, não deixei, “não, só fale pra ele não fazê mais isso comigo, da próxima ele vai preso”, ta eee então,.	(64) O Juizado de menor, na época, o conselho tutelar foi lá para prender meu pai. Eu não deixei.“Não, só fale pra ele não fazer mais isso comigo, da próxima ele vai preso”.
(65) isso fez com que também eu criasse muita força. Falei “ Não, um dia eu vou superar tudo isso e vou fazer o contrário. Tudo aquilo que não foi possível devida, devido à estrutura física deles, a forma ééé deles viverem, outro mundo, outro, em outros tempo, então, eu vou querer melhorar tudo isso e ser o advogado deles	(65) Isso fez com que também eu criasse muita força. Falei “ Não, um dia eu vou superar tudo isso e vou fazer o contrário. Tudo aquilo que não foi possível devido à estrutura física deles, a forma deles viverem, outro mundo, em outros tempo, então, eu vou querer melhorar tudo isso e ser o advogado deles
(66) eu tenho, quase tudo, tenho uma saúde boa, tenho uma casa, tenho minha família, tenho os meus amigos, eu poderia ter virado a cara pra eles	(66) eu tenho quase tudo: tenho uma saúde boa, tenho uma casa, tenho minha família, tenho os meus amigos, eu poderia ter virado a cara pra eles
(67) Ele pegou a correia e começou a bater nos meus outros irmãos inexplicavelmente pra que eu tomasse aquele café ali, em paz, que nem aquele filho pródigo naquela história do Sérgio Reis, né, então ele queria se redimí	(67) Ele pegou a correia e começou a bater nos meus outros irmãos inexplicavelmente pra que eu tomasse aquele café ali, em paz, que nem aquele filho pródigo naquela história do Sérgio Reis. Então ele queria se

<p>comigo ali naquela hora, batendo nos meus irmãos. Eu, já homem já, tipo 18 anos, sei lá o que, 20 anos acho, falei “Não, pai, o senhor não vai fazer com meus irmãos o que o senhor fazia comigo. De hoje em diante é diferente. Eu quero todos aqui toma o café comigo” e aí, a partir desse dia eu sou muito respeitado pelo meu pai, pela minha mãe e assim que posso ajudo, vou lá mando cesta básica prá minha avó, ela só não mora comigo aqui porque ela não quer, é aquela pessoa tradicional que já ta acostumada naquele ambiente pacato dela, aquela coisa toda,</p>	<p>redimir comigo ali naquela hora, batendo nos meus irmãos. Eu, já homem, tipo 18 anos, 20 anos acho, falei “Não, pai, o senhor não vai fazer com meus irmãos o que o senhor fazia comigo. De hoje em diante é diferente. Eu quero todos aqui tomando o café comigo” e aí, a partir desse dia eu sou muito respeitado pelo meu pai, pela minha mãe e assim que posso ajudo, vou lá, mando cesta básica para minha avó, que só não mora comigo aqui porque ela não quer, é aquela pessoa tradicional que já está acostumada naquele ambiente pacato dela, aquela coisa toda,</p>
<p>(68) eu trabalhava de 2ª a 5ª feira, saía daqui, ia de ônibus lá pra praça da República, da Sé, ficava lá 5ª, 6ª, sábado e domingo, fazendo esse curso de Saúde pública, tinha uma amiga minha me ajudou a me inserir lá e, foi isso que me deu bagagem pra que eu pudesse ser esse administrador de fato, até hoje, ta. Isso aqui que me deu força. Então, nós tamos aqui trabalhando e vamo continuá procurando trabalhar de forma séria. Então, eu vou continuar, pra gente resumi, fazendo aquilo que eu gosto né? que é trabalhar pras pessoas e dessa forma é que eu adquire esse respeito, essa confiança e esse carinho de todo mundo e vou procurar sempre pisa em cima da vaidade pra que ela não desvie do caminho que eu quero seguir, que é esse caminho de sempre podê servir o próximo.</p>	<p>(68) Eu trabalhava de 2ª a 5ª feira, saía daqui de ônibus lá para a praça da República, da Sé, onde ficava 5ª, 6ª, sábado e domingo, fazendo esse curso de Saúde Pública. Tinha uma amiga minha que me ajudou a me inserir lá e, foi isso que me deu bagagem pra que eu pudesse ser esse administrador de fato, até hoje. Isso aqui que me deu força. Então, nós estamos aqui trabalhando e vamos continuar procurando trabalhar de forma séria. Então, eu vou continuar, para gente resumir, fazendo aquilo que eu gosto, que é trabalhar para as pessoas e é dessa forma que eu adquire esse respeito, essa confiança e esse carinho de todo mundo e vou procurar sempre pisar em cima da vaidade para que ela não desvie do caminho que eu quero seguir, que é esse caminho de sempre poder servir o próximo.</p>
<p>(69) eu acho que eu to contribuindo aqui com você com um pouquinho do que resta ainda com, com, com os caiçaras do litoral norte em geral, porque não é só em Ilhabela, né, que a população caiçara ta diminuindo. Ééé, pra poder resgatar essa cultura nossa, a forma da gente se expressar, da gente se comportar, da gente, da gente viver,</p>	<p>(69) eu acho que eu estou aqui contribuindo com você com um pouquinho do que resta ainda dos caiçaras do litoral norte em geral, porque não é só em Ilhabela, que a população caiçara está diminuindo, para poder resgatar essa cultura nossa, a forma da gente se expressar, da gente se comportar, da gente viver,</p>
<p>(70) pra que a gente possa ter sucesso e crescer na vida, crescer na comunidade, crescer na vida pessoal mesmo é usá da disciplina, acho que a disciplina foi assim o segredo pro meu sucesso, aproveitar as oportunidades que as pessoas dão. Então, e agradecer principalmente a Deus, a Deus e agradecer minha família e ao meus colegas e disse pra eles que não há vitória sem luta. então, nós estamos aqui lutando de forma saudável ,respeitando o espaço de cada um. então, lutar mas, assim, respeitando o espaço das pessoas,</p>	<p>(70) Para que a gente possa ter sucesso e crescer na vida, crescer na comunidade, crescer na vida pessoal mesmo é usar da disciplina. Acho que a disciplina foi o segredo para o meu sucesso, aproveitar as oportunidades que as pessoas dão. E agradecer principalmente a Deus, agradecer minha família e ao meus colegas e dizer para eles que não há vitória sem luta. então, nós estamos aqui lutando de forma saudável , respeitando o espaço de cada um. Então, lutar mas, respeitando o espaço das pessoas,</p>
<p>(71) assim como eu, respeitando o espaço, o mundo das pessoas, vem buscando o crescimento profissional, aprimoramento pessoal. Enfim, é isso. Que a gente</p>	<p>(71) Assim como eu, respeitando o espaço, o mundo das pessoas, venho buscando o crescimento profissional, aprimoramento pessoal. Enfim, é</p>

continue aí trilhando esse caminho, que eu acho que é, com certeza, vai ser sempre de vitória pra gente. As dificuldades elas existem sim, mas nós estamos aqui pra tentá, dentro das possibilidades de cada um, tentar sanar.

isso. Que a gente continue aí trilhando esse caminho, que eu acho que é, com certeza, vai ser sempre de vitória pra gente. As dificuldades elas existem sim, mas nós estamos aqui pra tentar, dentro das possibilidades de cada um, saná-las.

Discurso XI

(1) eu acho que manter as tradições.. daqui, entendeu? Dos nossos... avós, pais, né?, manter as tradições eee... em todos os sentidos	(1) Acho que manter as tradições daqui, dos nossos avós, pais, e manter as tradições todos os sentidos
(2) infelizmente agora não tem mais caiçara aqui,	(2) infelizmente agora não tem mais caiçara aqui,
(3) Agora não temos mais caiçara,	(3) Agora não temos mais caiçara,
(4) foi... foi vindo todo mundo, né?, eee, de fora e foi misturando	(4) foi vindo todo mundo e misturando
(5) os caiçara mesmo daqui, a maioria vendeu seus terreninhos e foi embora,	(5) A maioria dos caiçaras daqui vendeu seus terrenos e foi embora
(6) ficou somente os, os migrantes, ficaram aqui.	(6) Somente os migrantes ficaram aqui.
(7) Tem muito pouco caiçara, muito pouco. No sul da Ilha eu acho que até ainda tem bastante, né?, no sul da Ilha. (pássaros cantam ao fundo). Agora aqui no bairro tem muito pouco, tem muito pouco mesmo, que nasceu, que viveu toda a vida aqui, né?, tem muito pouco. Lá também no norte, na Armação, na praia do Pinto, tem muito pouco também, a maioria de lá, eles... Todo mundo vendeu os terrenos pros turistas, foram embora para Santos, pra aqueles lados lá de Guarujá, Santa Rosa. então tem muito pouco caiçara aqui, né?	(7) Tem muito pouco caiçara. Eu acho que até que ainda tem bastante caiçara no sul da Ilha. Agora aqui no bairro tem muito pouco mesmo, que tenha nascido e vivido a vida toda aqui. Lá também no norte, na Armação, na praia do Pinto, tem muito pouco também, pois a maioria deles de lá, todo mundo, vendeu os terrenos para os turistas e foi embora para Santos, para os lados de Guarujá, Santa Rosa. Então tem muito pouco caiçara aqui.
(8)é assim, eu acho, assim, manter as tradições, né? das dos nossos... avós, né?, nossos pais, eu acho assim.	(8) Acho que manter as tradições dos nossos avós e pais
(9) Eu não sei se eu,se eu sou boa caiçara (risos)	(9) Eu não sei se eu,se eu sou boa caiçara (risos).
(10) Não sei se eu mantenho ainda. Aiii... Mas eu acho que sim...	(10) Não sei se eu mantenho ainda, mas acho que sim
(11) manter as ... que, que, que tinhaa antigamente., a maneira que do caiçara viver, por exemplo, atrás da ilha, né? Então, só da pescaria, né?, da, de fazê a farinha de mandioca lá no seu forninho, tudo, né?, como meu pai fazia. Eeee me lembro muito disso, apesar de ter vindo de lá com oito anos mas eu me lembro desta parte... Que lá eles viviam assim, é da, é da roça e da pesca,	(11) manter as que tinham antigamente. A maneira como o caiçara viver, por exemplo, atrás da ilha. Só da pescaria e de fazer a farinha de mandioca lá no seu forninho, como meu pai fazia. Apesar de ter vindo para cá com 8 anos, eu me lembro muito bem. Lá é assim, eles vivem da roça e da pesca.
(12)a comidinha lá, era seu pirãozinho de peixe, né? eee feito com a farinhazinha da... feita por eles, né?, que eles plantavam... a mandioca, me lembro de toda essa... etapa de plantá, quando chegá a época, de colher. Tirá a mandioca do chão, pra raspá, ralá.	(12) A comidinha lá era o pirãozinho de peixe, feito pela farinhazinha feita por eles, que eles plantavam a mandioca. Me lembro de toda essa etapa de plantar, quando chegar a época, de colher. Tirar a mandioca do chão, pra raspar, ralar
13) Ali tinha uma roda enorme né? A mulher, no caso a minha mãe, sentava ali com a mandioca, tinha um banco assim (faz gestos com a mão para indicar a posição do banco).	(13) Ali tinha uma roda enorme. A mulher, no caso a minha mãe, sentava ali com a mandioca, tinha um banco assim.
(14) Bonito até, agora, né?, agora é bonito, naquele tempo era feio pra gente,	(14) agora é até bonito, mas naquele tempo era feio, para nós, porque era

porque era muito trabalhoso, né?. Mas agora é. Tinha que ficá ali, e o homem agora muito trabalhoso e o homem lá na roda.	muito trabalhos. Tinha que ficar um homem na roda
(15) a roda lá. Um homem de cada lado (faz gestos mostrando os movimentos dos homens na roda)..., e a mandioca lá, tira aquela botá outra, tira aquela botá outra. Até que rala aquele cesto enorme. Aí, ficava aquele... cocho que chamavam..., né?, uma espécie de uma canoa assim (indica o tamanho com as mãos), mas era cocho, cheio de massa, punha nos ta-pi-ti, aqueles cestos assim, tudo muito bem trançado, então, enchia aquilo ali e colocava na, na prensa, prensa tinha uma tábua grande assim, em cima tinha uma coisa, tinha umas cordas ali, aqui botava... pedras e aqui tinha a parte onde punha os cestos empilhados. Um em cima do outro, um em cima do outro e aquelas pedras, ia botando pedra, até que prensava bem, saía toodo aquele caldo da... mandioca, saía tudo. Aí ia aumentando, à medida que ia, que ia... saindo o caldo, aumentava o peso lá, mais pedras, mais pedra na, na prensa, pra... , pra... cada vez achatando mais, achatando mais, pra ficá mais sequinho, isso aí durava um dia e meio, isso aí, né? e até que prensava tudo aquilo e vinha a hora de fazê a farinha, né?, acendia o forno lá. Esquentava o forno, Ah!, tinha a peneira. Tinha que peneirá tuuudo aquilo, né?, toda aquela massa, passada na peneira, pra depois i pro forno, aí torrâa aquele bocado, encostá pra lá, torra outro	(15) a roda lá. Um homem de cada lado (faz gestos mostrando os movimentos dos homens na roda)..., e a mandioca lá, tira aquela botá outra, tira aquela botá outra. Até que rala aquele cesto enorme. Aí, ficava aquele... cocho que chamavam..., né?, uma espécie de uma canoa assim (indica o tamanho com as mãos), mas era cocho, cheio de massa, punha nos ta-pi-ti, aqueles cestos assim, tudo muito bem trançado, então, enchia aquilo ali e colocava na, na prensa, prensa tinha uma tábua grande assim, em cima tinha uma coisa, tinha umas cordas ali, aqui botava... pedras e aqui tinha a parte onde punha os cestos empilhados. Um em cima do outro, um em cima do outro e aquelas pedras, ia botando pedra, até que prensava bem, saía toodo aquele caldo da... mandioca, saía tudo. Aí ia aumentando, à medida que ia, que ia... saindo o caldo, aumentava o peso lá, mais pedras, mais pedra na, na prensa, pra... , pra... cada vez achatando mais, achatando mais, pra ficá mais sequinho, isso aí durava um dia e meio, isso aí, né? e até que prensava tudo aquilo e vinha a hora de fazê a farinha, né?, acendia o forno lá. Esquentava o forno, Ah!, tinha a peneira. Tinha que peneirá tuuudo aquilo, né?, toda aquela massa, passada na peneira, pra depois i pro forno, aí torrâa aquele bocado, encostá pra lá, torra outro
(16) os caiçaras lá de trás da Ilha vivem assim da... pesca mesmo, né?.	(16) os caiçaras lá de trás da Ilha vivem assim da... pesca mesmo, né?.
(17)Era difícil tê lá um paõzinho, a não ser quando eles saiam de lá pra vir aqui né? Pra fazê compras, né? Compras de outras coisas, né?, eeee aí comprava o pãozinho, levava o arroz, o feijão, tudo, mas a não ser isso, quando era época, que dava aqueles temporais, que não podia saí de lá pra lá prá vir aqui, porque era só de canoa né? Aí tinha que passá com o que tinha ali né? A farinha e o peixe. Então, era pirãozinho mesmo, né? (risos). Era pirãozinho mesmo, mas era assim,	(17)Era difícil tê lá um paõzinho, a não ser quando eles saiam de lá pra vir aqui né? Pra fazê compras, né? Compras de outras coisas, né?, eeee aí comprava o pãozinho, levava o arroz, o feijão, tudo, mas a não ser isso, quando era época, que dava aqueles temporais, que não podia saí de lá pra lá prá vir aqui, porque era só de canoa né? Aí tinha que passá com o que tinha ali né? A farinha e o peixe. Então, era pirãozinho mesmo, né? (risos). Era pirãozinho mesmo, mas era assim,
(18)a vida de lá de trás da ilha era muito difícil e a gente pensando bem, era muuuito dura, muito,... era muito difícil. Minha mãe, qué dizê,	(18)a vida de lá de trás da ilha era muito difícil e a gente pensando bem, era muuuito dura, muito,... era muito difícil. Minha mãe, qué dizê,
(19)eu e meus irmãos, a gente se criou assim, entendeu? eu não me criei com pãozinho todo dia, feijãozinho e arroz todo dia, não! Eu me criei lá atrás da Ilha então, assim do jeito que era a vida lá. me criei assim.	(19)eu e meus irmãos, a gente se criou assim, entendeu? eu não me criei com pãozinho todo dia, feijãozinho e arroz todo dia, não! Eu me criei lá atrás da Ilha então, assim do jeito que era a vida lá. me criei assim.
(20)Então, lá era difícil. e assim eu acredito que toda... quanto mais lá pra trás, Sombrio,aquela parte toda, acho que é ainda mais difícil ainda,	(20)Então, lá era difícil. e assim eu acredito que toda... quanto mais lá pra trás, Sombrio,aquela parte toda, acho que é ainda mais difícil ainda,

né?porque é mais longe ainda daqui né?, daqui do centro,	né?porque é mais longe ainda daqui né?, daqui do centro,
(21) mas era eé uma época boa, só tinha caiçara , só ,não se via, uma pessoa assim que não era conhecida, não tem mais caiçara, a gente não conhece mais ninguém	(21) mas era eé uma época boa, só tinha caiçara , só ,não se via, uma pessoa assim que não era conhecida, não tem mais caiçara, a gente não conhece mais ninguém
(22)mas a Ilha tá muito boa, né? Ta muito boa.	(22)mas a Ilha tá muito boa, né? Ta muito boa.
(23) a gente se criou tudo láá. Eu saí de lá porque não tinha escola, né?, lá não tinha. Eu já tinha oito anos e eu precisava i pra escola. Tinha..., minha avó, ela tinha um filho que trabalhava na... com barco de pesca, barco de sardinha, ele pescava... lá pra trás da Ilha e aportava aqui, né? Eee aí ele, alugaram uma casinha aqui e ela veio pra cá mais..., ela fez isso mais pra ela me trazê pra eu ir pra escola. Foi aí que a gente começou a vir pra cá, né?, e aí com oito anos eu vim pra cá pra i pra escola, junto com minha avó. Minha mãe ficou lá com os outros oito filhos dela, com os outros oito filhos dela	(23) a gente se criou tudo láá. Eu saí de lá porque não tinha escola, né?, lá não tinha. Eu já tinha oito anos e eu precisava i pra escola. Tinha..., minha avó, ela tinha um filho que trabalhava na... com barco de pesca, barco de sardinha, ele pescava... lá pra trás da Ilha e aportava aqui, né? Eee aí ele, alugaram uma casinha aqui e ela veio pra cá mais..., ela fez isso mais pra ela me trazê pra eu ir pra escola. Foi aí que a gente começou a vir pra cá, né?, e aí com oito anos eu vim pra cá pra i pra escola, junto com minha avó. Minha mãe ficou lá com os outros oito filhos dela, com os outros oito filhos dela
(24) até que um dia meu pai faleceu no mar e ... aí então ela veio para cá com todo mundo. Meu pai saiu pra trabalhá, que ele tinha rede e saiu prá trabalhá com a rede... eee simplesmente ele... desapareceu da canoa. A gente imagina assim, que ele deve te tido um... alguma coisa assim que ... os outros que estavam na canoa só perceberam quando fez assim (faz um movimento de balanço com as mãos) a canoa, que olharam pra trás, ele tava afundando	(24) até que um dia meu pai faleceu no mar e ... aí então ela veio para cá com todo mundo. Meu pai saiu pra trabalhá, que ele tinha rede e saiu prá trabalhá com a rede... eee simplesmente ele... desapareceu da canoa. A gente imagina assim, que ele deve te tido um... alguma coisa assim que ... os outros que estavam na canoa só perceberam quando fez assim (faz um movimento de balanço com as mãos) a canoa, que olharam pra trás, ele tava afundando
(25) aí que a minha mãe veio prá cá com todos os outros filhos e aí ficamos aqui e aí eu vim pra cá	(25) aí que a minha mãe veio prá cá com todos os outros filhos e aí ficamos aqui e aí eu vim pra cá
(26) depois que eu me casei, eu morei aqui (mostra onde era a casa) na casa da minha sogra um tempo, depois morei lá embaixo naquela casa onde tem a Sorveteria Napoli, morei lá... um tempo, depois eu vim pra cá, pra esta casa. Construiu, ele construiu aqui e a gente veio pra cá. Era pequenininha, uma casa pequenininha depois a gente foi aumentando. Aqui eu tô quarenta e três anos, nesse lugar, nesse lugar, nesse lugar onde eu tô agora. 43 anos.	(26) depois que eu me casei, eu morei aqui (mostra onde era a casa) na casa da minha sogra um tempo, depois morei lá embaixo naquela casa onde tem a Sorveteria Napoli, morei lá... um tempo, depois eu vim pra cá, pra esta casa. Construiu, ele construiu aqui e a gente veio pra cá. Era pequenininha, uma casa pequenininha depois a gente foi aumentando. Aqui eu tô quarenta e três anos, nesse lugar, nesse lugar, nesse lugar onde eu tô agora. 43 anos.
(27) Eu sou caiçara, eu gosto de ser caiçara. “- ah!, então quanto tempo a senhora...?” “- Ah!, eu nasci e vou morrer aqui na Ilha,eu sou caiçara.” (risos) A pessoa: “- a senhora mora aqui? É daqui?” “- sou.” “- mora aqui?” “- sou, moro aqui e vou morrer aqui. Se Deus quiser eu vou morrer aqui (ri).”	(27) Eu sou caiçara, eu gosto de ser caiçara. “- ah!, então quanto tempo a senhora...?” “- Ah!, eu nasci e vou morrer aqui na Ilha,eu sou caiçara.” A pessoa: “- a senhora mora aqui? É daqui?” “- sou.” “- mora aqui?” “- sou, moro aqui e vou morrer aqui. Se Deus quiser eu vou morrer aqui .”
(28)Não tem lugar melhor né?	(28)Não tem lugar melhor.
(29) posso ir em algum lugar enquanto... passa dois dias, eu fico desesperada . aí só fico contente quando chego aqui. Só atravessá o canal, pronto. Aí pronto.	(29) posso ir em algum lugar. Passa dois dias e eu fico desesperada. Aí só fic contente quando hcego aqui. É só atravessar o canal e pronto.

(30) Mas é muito bom (pássaros cantam em uma árvore próxima de nós). É muito bom, Silmara (risos).	(30) Mas é muito bom.
(31) eu acho que ser caiçara é isso. Conservá aquelas tradições, né?, daqui da do nosso povo, dos nossos antepassados,	(31) eu acho que ser caiçara é isso. Conservar aquelas tradições, daqui do nosso povo, dos nossos antepassados
(32) Que agora não é mais possível tá fazendo isso. Agora já não dá mais pra preservá ... mudô tudo, né?... as coisas, desde a alimentação do povo, né?, mudou tudo. Então..., ta tudo sofisticado. Imagina um caiçara há trinta anos atrás mexendo num computador.	(32) Que agora não é mais possível estar fazendo isso. Agora já não dá mais pra preservar pois mudou tudo: as coisas, a alimentação. Está tudo sofisticado. Imagina há trinta anos atrás um caiçara mexendo num computador.
(33) mas agora, as criancinhas caiçaras, coitadinhas, já nasce com o computador aí enfim... é o progresso. Aiiii, é o progresso. Faiz parte. Faz parte da vida da gente.	(33) mas agora, as criancinhas caiçaras, coitadinhas, já nascem com o computador. Enfim, é o progresso. Faz parte, faz parte da vida da gente.
(34) lá pro pro sul da Ilha ainda tem bastante caiçara né?	(34) lá pro sul da Ilha ainda tem bastante caiçara
(35)deve ter ali no Perequê, tem bastante caiçara,	(35)deve ter ali no Perequê, tem bastante caiçara,
(36) Onde tem mesmo mais caiçaras é lá no sul, mesmo....	(36) Onde tem mesmo mais caiçara é lá no sul, mesmo....

Discurso XII

(1) caiçara tem vários sentidos, né?, é assim, as pessoas interpretam de várias maneiras. Caiçara tem vida boa, o caiçara é uma pessoa... ah, assim tranqüilo, sossegado, né?	(1) caiçara tem vários sentidos. As pessoas interpretam de várias maneiras. Caiçara tem vida boa, o caiçara é uma pessoa tranqüila, sossegado.
(2) eu penso que o caiçara é um cara, uma pessoa assim que... mora na comunidade, né? Ser caiçara pra mim é ter orgulho da sua origem, né? Que nem eu sempre falo: eu sou caiçara e num, num escondo.	(2) eu penso que o caiçara é um cara, uma pessoa que mora na comunidade. Ser caiçara pra mim é ter orgulho da sua origem. Que nem eu sempre falo: eu sou caiçara e não escondo.
(3) Sou caiçara. Nasci em uma comunidade tradicional... que caiçara é que ééé.. que sempre, que nunca deixa perder sua tradição.	(3) Sou caiçara. Nasci em uma comunidade tradicional. Caiçara é que nunca deixa perder sua tradição.
(4) caiçara é morar no paraíso igual que eu moro,	(4) caiçara é morar no paraíso igual que eu moro,
(5) as pessoas interpretam de várias maneira, né?, mas pra mim ser caiçara é um, viver numa comunidade, tem uma tradição,	(5) as pessoas interpretam de várias maneira, mas pra mim ser caiçara é um, viver numa comunidade, tem uma tradição.
(6) é um povo diferente.	(6) é um povo diferente.
(7) o caiçara ele é assim meio excluído, se for olhar bem assim... ééé caiçara é é bem excluído, assim, porque nós não temos muita informação, né? então a gente fica um pouco pra trás.	(7) o caiçara ele é assim meio excluído, se for olhar bem. O caiçara é bem excluído, porque nós não temos muita informação. Então a gente fica um pouco pra trás.
(8) Mas eu tenho orgulho de ser caiçara...	(8) Mas eu tenho orgulho de ser caiçara...
(9) Nasci numa comunidade e pretendo ficar lá , lutá pela minha comunidade, ajudá.,	(9) Nasci numa comunidade e pretendo ficar lá, lutAR pela minha comunidade, ajudar.
(10) eu não vou muito as coisas que eu quero, mas as crianças que estão lá... vão ver.,	(10) eu não vou muito as coisas que eu quero, mas as crianças que estão lá vão ver
(11) Então ser caiçara é ter orgulho da sua origem,...	(11) Então ser caiçara é ter orgulho da sua origem,...
(12) A gente paga um preço caro também por morar numa comunidade, mas é bom ser caiçara..., ser de Ilhabela, né? Eu sou..., sou de Ilhabela, sou caiçara e moro... na frente da Ilha, né?, Que as pessoas falam que é atrás, mas lá eu vejo o sol nascer, não vejo o por-do-sol.	(12) A gente paga um preço caro também por morar numa comunidade, mas é bom ser caiçara..., ser de Ilhabela. Eu sou sou de Ilhabela, sou caiçara e moro na frente da Ilha. Que as pessoas falam que é atrás, mas lá eu vejo o sol nascer, não vejo o por-do-sol.
(13) Não ter vergonha da tua origem,	(13) Não ter vergonha da tua origem,
(14) Quer dizer, o caiçara tem que ter orgulho do lugar que nasceu, eu tenho esse orgulho. Em todo lugar que eu vou, em todas as reuniões , eu sempre falo: sou caiçara, nasci numa comunidade tradicional. Espero que ela continue sempre assim.	(14) Quer dizer, o caiçara tem que ter orgulho do lugar que nasceu, eu tenho esse orgulho. Em todo lugar que eu vou, em todas as reuniões , eu sempre falo: sou caiçara, nasci numa comunidade tradicional. Espero que ela continue sempre assim.
(15) eu sou uma caiçara otimista, né?. Otimismo é muito importante na vida do caiçara... Caiçara às vezes é meio..., não muito otimista porque demora as	(15) eu sou uma caiçara otimista. Otimismo é muito importante na vida do caiçara... Caiçara às vezes é meio..., não muito otimista porque demora as

<p>coisas a acontecer, as coisas são leentas, entendeu?...então, aaa existem coisas que demoram a acontecer. Talvez isso deixe um pouco us caiçara desacreditado. Mas eu sempre falo: a gente conversa hoje, conversa para ser realizado daqui a dez anos. Isso aconteceu, entendeu?, então... o otimismo faz parte da minha vida, entendeu? Sou uma pessoa otimista e acredito que tudo o que a gente quer a gente consegue. Tem que lutá , né? Numa comunidade é assim... num é fácil viver em comunidade mas eu gosto de morá lá.</p>	<p>coisas a acontecer, as coisas são lentas, entendeu?...então, existem coisas que demoram a acontecer. Talvez isso deixe um pouco os caiçara desacreditados. Mas eu sempre falo: a gente conversa hoje, conversa para ser realizado daqui a dez anos. Isso aconteceu, entendeu?, Então... o otimismo faz parte da minha vida. Sou uma pessoa otimista e acredito que tudo o que a gente quer a gente consegue. Tem que lutar. Numa comunidade é assim... não é fácil viver em comunidade mas eu gosto de morar lá.</p>
<p>(16) uma boa educação prá eles, entendeu? Ah, muitas coisas. Nossa, porque em comunidade tem vários conflitos, né?. Problemas..., drogas é um problema sério, né? não temos ninguém para orientar, entendeu?</p>	<p>(16) uma boa educação prá eles, entendeu? Ah, muitas coisas. Nossa, porque em comunidade tem vários conflitos, né?. Problemas..., drogas é um problema sério, né? não temos ninguém para orientar, entendeu?</p>
<p>(17) Então no futuro, a gente tem que lutar pra que... crianças, né?, tenham uma orientação, entendeu? pra que no futuro eles tenham um futuro, estudá, entendeu? levá o esporte, ocupá esses jovens, não deixa livre... porque lá é difícil o acesso, mas coisa que não é bom sempre chega também. Chega as coisas boas e as coisas ruins. então a gente ta lutando pra que melhore no futuro.</p>	<p>(17) Então no futuro, a gente tem que lutar para que as crianças tenham uma orientação; para que no futuro eles tenham um futuro, estudar, levar o esporte, ocupar esses jovens, não deixar livre... porque lá é difícil o acesso, mas coisa que não é bom sempre chega também. Chega as coisas boas e as coisas ruins. então a gente está lutando para que melhore no futuro.</p>
<p>(18) Tem coisas que não é fácil a gente conseguir do dia pra a noite, entendeu?. Então, vai demorá, mas eu sei que as crianças que tão lá vão, vão vê isso acontece, entendeu?. É que a gente que tá dentro não vê acontecendo, mas quem ta de fora vê, né? Às vezes é tanto problema que... cê acha que nada mudou, mas mudou muito... Sempre tá acontecendo coisas boas, entende?, e é isso que faz a gente ser um caiçara de verdade.</p>	<p>(18) Tem coisas que não é fácil a gente conseguir do dia pra a noite?. Então, vai demorar, mas eu sei que as crianças que estão lá vão, vão ver isso acontecer. É que a gente que está dentro não vê acontecendo, mas quem está de fora vê. Às vezes é tanto problema que você acha que nada mudou, mas mudou muito... Sempre está acontecendo coisas boas, e é isso que faz a gente ser um caiçara de verdade.</p>

Discurso XIII

(1) Bom, sê caiçara ééé... gos gosta do, da atividade do litoral, gostá de pesca, né?,	(1) Bom, ser caiçara é... gostar do, da atividade do litoral, gostar de pesca, né?,
(2) tem caiçara que.... fala que é caiçara e nunca foi no mar. Isso não é o verdadeiro caiçara.	(2) tem caiçara que.... fala que é caiçara e nunca foi no mar. Isso não é o verdadeiro caiçara.
(3) pra sê caiçara que sê... é pra andá no mar, pescá	(3) pra ser caiçara que ser... é para andar no mar, pescar
(4) Eu gosto de ser caiçara!	(4) Eu gosto de ser caiçara!
(5) também ééé conviver com os caiçaras, né?, num conviver muito com as pessoas de, de que vem de fora. Porque, pra mim isso é é sê caiçara, entendeu?	(5) também é conviver com os caiçaras, né?, não conviver muito com as pessoas de, de que vem de fora. Porque, para mim isso é ser caiçara, entendeu?

APÊNDICE 3 - Análise Ideográfica

Discurso I

Para a entrevistada ser caiçara é viver na ilha sem o progresso exagerado que estávindo para cá. É saber e conhecer a história de seu povo; fazer o que se fazia antigamente. Destaca que hoje em dia as festas já mudaram, não são mais como eram antigamente (já sofreram influência do que ela chama sofisticação do progresso. Fala também do esvaziamento que ocorreu no que se refere à participação de caiçaras nas festas populares e também sobre a mudança de datas por causa dos turistas. Sobre esta questão, ela acredita que deveria se manter a data para os caiçaras e fazer em uma outra data para os turistas. Critica também sobre a participação de turistas na Congada.

Para ela ser caiçara é manter dentro dela e de seu filho o conhecimento de como era o lugar onde ela morava e que já foi encoberto pelo progresso. Ela também fala de como gostaria que seu filho experimentasse muita coisa do que fez, citando a impossibilidade de seu filho vivenciar suas brincadeiras de infância nos locais onde ocorriam devido ao fato de as praias e as cachoeiras não serem mais dos caiçaras. Agora é limitado ou impedido o acesso por causa da demarcação de territórios pelos feita pelos turistas. Se diz muito triste porque seu filho não vivencia o caiapó, festa de São Pedro, congada, como ela fez.

Segundo ela hoje existem poucos caiçaras que mantêm aquilo que era dele (cita o exemplo do melado puxa-puxa e descreve o processo de feitura do mesmo por sua família). Fala também da mudança dos hábitos do caiçara quanto à produção de seus alimentos (ex. horta). Para ela o ser caiçara está se perdendo um pouco do que é ser o caiçara, por mais que a Secretaria da Cultura faça, não é a mesma coisa. Credita isso ao fato de que a Secretaria não atinge os locais mais distantes da Ilha e também porque os que moram mais longe da Vila e da Secretaria não conseguem ter acesso a esse tipo de manifestações culturais. Tudo é considerado um empecilho e por isso critica a falta de apoio da Prefeitura.

Ser caiçara hoje é uma pergunta de difícil de se responder, porque ela acha que o progresso foi tão desordenado que a cultura deixou de ser. Infelizmente o progresso apareceu, o caiçara teve que acompanhar, e de uma certa forma ele foi empurrado pros morros, e a orla e a nossa cultura mesmo ficou tomada pelo turista.

Não nega a importância do progresso, mas lamenta que o caiçara tenha perdido seu valor por causa do que é. Diz que o caiçara (e se inclui neste grupo) acaba perdendo um pouco de sua identidade porque deixa de lado certas tradições, certos costumes. Ela mesma, como caiçara, sabe que morreu dentro dela um pouco do que tinha, do que fazia e isso ocorre por causa deste mundo em que vive e que vai envolvendo as pessoas e se você não tiver consciência, você vai embora .

Para ela seu filho não se interessa em ser caiçara pois ele não é movido pelo espírito caiçara e sim por atividades que não são caiçaras (Projeto Navegar e triatlons). Para ela atividade caiçara é a corrida de canoa, é a procissão de barcos, mas as pessoas já não participam mais.

Achou uma coisa legal o trabalho de *Espada* porque ele conseguiu resgatar uma festa que estava morta há anos em uma das comunidades da área não urbanizada da ilha. Acredita que os caiçaras moradores destas áreas podem se considerar muito mais caiçara do que ela que mora na face urbanizada, porque apesar de tudo, eles ainda conseguem manter a vida deles ali, pescar..., sua vidinha, seu jeito. Já na face urbanizada isso não acontece: “aqui aqui é o carro, é a moto. Se não tiver ônibus eu não vou. Se não tiver isso, ah, não vou. Vou no mercado, tudo eu quero pronto, não quero mais fazer, porque já tem pronto. E antes a gente fazia.”.

Discurso II

Ela se sente feliz em ser caiçara e para ela ser caiçara é ser uma pessoa humilde, solidária. Apesar disso acredita que o caiçara hoje está perdendo seu espaço e tendo que se adequar, está se acabando, está em extinção. O povo era humilde, mesmo os jovens, de antigamente. Eles não buscavam grife. Hoje, filho de caiçara costuma usar até a roupa de grife e isso porque outras pessoas vieram e eles embutiram isso neles. Tem que andar igual ao turista.

Destaca que a realidade caiçara era bem diferente do que se vê hoje: Viviam praticamente da pesca, das plantações, existia muita fartura de plantio de batata, mandioca, feijão, milho. Tinha as casas de farinha, onde se fazia a farinha, bolo, todos pescavam então nunca faltava o peixe e nem a farinha e eram poucas as coisas que se comprava no supermercado. Hoje o caiçara paga um preço muito alto desde a alimentação até vestuário. Hoje o caiçara tem que ir ao mercado porque nem terra para plantar tem. Muitos venderam suas terras, foram embora; outros passaram a ser até caseiros daqueles que compraram suas terras. Para o caiçara hoje ter um pedaço de terra e sua casa própria é um privilégio.

Discurso III

Sua primeira pergunta é se quero saber dos caiçaras nos dias de hoje ou no consenso geral. Para ele, ser caiçara primeiramente deve-se a uma questão geográfica. É caiçara a pessoa que nasce na beira de praia, ou cidades que tem praias.

Segundo ele o caiçara verdadeiro, nato mesmo é aquele que vive da pesca, vive da cultura tradicional caiçara: vivia da lida, da terra, da pesca, saía cedo pra cuidar da sua horta, da sua plantação, ia visitar a rede todos os dias. Vem a questão da família também. O caiçara antes era muito ligado a família; os filhos geralmente moravam junto com os pais ou na própria terra. O pai tinha sua casa e quando o filho fosse casar ele já construiria no próprio terreno da família. Hoje em dia não existe isso. Hoje em dia já não tem todo esse vínculo tão forte dos pais com os filhos na cultura caiçara.

Fala também sobre o fator econômico. Se o caiçara, hoje em dia, fosse viver da da pesca, ele não teria espaço em Ilhabela, por causa do crescimento e dos barcos que vem de fora. Se o caiçara for viver simplesmente de uma canoa pequena pra sair e largar uma rede ele nem peixe ele vai te pra pescar, porque vem os barcos maiores e pegam todos aqueles peixes. Esses são fatores que acabam influenciando, realmente, para que acabe, se extingua a cultura caiçara.

Sobre o artesanato diz que este só existe nas comunidades tradicionais e que isso tudo é o preço que se paga pela evolução do lugar. Infelizmente hoje em dia, não existem tantos caiçaras assim. Ele acredita que isto se deva a vinda da cultura de outras pessoas. O crescimento turístico aqui na Ilhabela para ele se apresenta como fator primordial pra que haja a extinção dos caiçaras. Destaca que A ilhabela cresceu tanto que se não acompanharem este crescimento, ficam para trás e sem espaço.

Diz que ele mesmo, filho de caiçara, não vive essa cultura. Isso porque as coisas vão evoluindo com o próprio mundo.

Discurso IV

Para ela ser caiçara é ser feliz e tudo de bom. É preservar a cultura que foi passada por seus pais e passar para seus filhos, para nova geração tudo o que aprendeu. Fala de preservar para que a nova influencia que chega à Ilhabela não venha a a fazer com que mude até a personalidade, a cultura do seu povo.

Fala de preservar para que ocaïçaras não se envergonhem de ser caiçaras e de sua cultura, porque esta cultura é riquíssima e por isso não se pode deixa-la morrer e nem o que aprenderam: à preservar, respeito com a comunidade, as tradições, as festas. Tudo isso agora está sendo resgatado.

Tenta passar para seus filhos que não deixem morrer esta cultura.

Discurso V

Diz que só é considerada caiçara porque nasceu na Ilha e não por ter vivido a cultura, o hábito do caiçara, que tem a família toda que nasceu aqui. Ela não tem isso dado. Ela não tem isso consigo pois já nasceu na fase mais moderna de Ilhabela pois ela já nasceu em uma Ilhabela mais moderna

Não sabe explicar o que é ser caiçara, mas tirando por base os caiçaras de trás da ilha que conhece diz que é o se envolver e levar mais à sério a cultura. Para ela caiçara mesmo é aquela pessoa que se envolve com a história da cidade, que tem na pele a cultura do saber, do pescar, de sempre ter um pescador na família, de saber alguma coisa sobre o artesanato e ela não tem nenhum parente nascido em Ilhabela ou que saiba a tradição da pesca, do artesanato.

Sente dificuldade em descrever o que é ser caiçara porque não vive isto, não sente isto em si e não tem muito como explicar o que é ser caiçara, porque não se sente tão parte da cidade assim. Vê que os caiçaras lutam para manter a cultura deles, para manter viva, para passa sua tradição para os filhos. Não se inclui muito nisso, porque não teve contato com estas coisas e não tem nenhum caiçara em sua família e não tem noção dos os valores deles. Os seus valores são totalmente diferentes dos deles. Não tem contato com caiçara, caiçara mesmo, que gosta de comer o peixe e acha que é diferente dos caiçaras até nisso, em seus hábitos alimentares. Sua mãe Sua mãe vivenciou um pouco mais a lida com a terra e com os caiçaras pois viveu na época que tinha salga, na praia do Pinto.

Acha que ser caiçara é uma pessoa ligada à terra, à cultura da cidade e que está distante disso, não liga muito pra essas coisas. Acha que é uma caiçara meio falsificada.

Se diz “muito cidade”. Acha que está mais para uma pessoa que nasceu em São Paulo, em São José e que é ligada mais à tecnologia e não aquelas coisas da terra, da lida no dia-a-dia.

Acha que como cidadã ilhabelense deveria estar mais envolvida em tentar manter viva a história da cidade, em fazer alguma coisa, mas nasceu em uma era tão moderna que se ligou muito com isso.

Discurso VI

Tem muito orgulho de ter nascido em Ilhabela e por esse amor ao município e à sua tradição, não consegue sair daqui.

Não tem como te definir o que ser caiçara.

É muito grato a Deus por ter nascido na Ilha, pois poderia ter nascido num lugar desprivilegiado como uma favela ou debaixo de viadutos na rua, mas ele mora num município tranqüilo.

Para ele ser caiçara é um conjunto: é nascer aqui; conviver com pessoas como ele convivo, com pessoas nascidas mesmo daqui; valorizar sua tradição, é ser inocente, puro, unido. Tem orgulho de ter nascido, ter orgulho desse ser caiçara, de falar dessa forma rápida, estabanada. Fala sobre a mudança na forma de se relacionar que percebeu em uma colega de trabalho que veio de Curitiba.

Ao descrever o caiçara se descreve e diz que o caiçara é aberto, verdadeiro e ele aprendeu com seus pais. Fala também sobre a história de seu nome que é devido à devoção de sua avó a São Benedito. Diz que na sua adolescência, com a chegada do turismo, os valores mudaram, segundo ele a “gente vira meio bichinho, né? Quer ser uma coisa que não é.”, as diz não ter se perdido. O magistério o ajudou muito pois foi quando começou a conhecer mais as lendas, os causos e contos e aí começou a nascer mais a paixão pela sua cultura, pela cultura desse povo. Diz que a principio não gostava muito de seu nome, apesar de sua família, tanto materna quanto paterna, ser caiçaras tradicionais. Ele pegou uma fase da evolução com o turismo chegando e ele tinha uma vergonha desse Benedito. Depois no magistério e ao trabalhar depois como educador, a ver e valorizar na verdade a sua tradição, ver sua beleza, ver o santo com outros olhos, e hoje na verdade tem muito orgulho de se chamar Benedito, pois, segundo ele, significa bendito e a sua avó lhe deu um super presente, já o abençoando logo no batismo.

Discurso VII

Para ele ser caiçara é uma pessoa que nasce no litoral; que faz uso dos costumes e das tradições; tem um amor pela terra e cultiva todo um histórico da tradição do habitat, do habitante da região. Considera o caiçara uma pessoa bastante inteligente e capaz. Isso fica demonstrado pela sua necessidade de achar meios para sua sobrevivência que nem sempre é uma situação fácil por falta dos recursos, principalmente os caiçaras mais antigos, e pela maneira como eles sobreviveram a todas essas transformações que o litoral vem sofrendo. Acrescenta que o caiçara tem que conviver com as influências daqueles que vem de outras regiões e aqui se instalam e tem se adequado a isso.

Caiçara é um homem de vigor, de grande valor, de brio. Tem uma postura correta, mas obviamente existe um ou outro que sai por aí. Pessoa de palavra, antigamente se dizia que não tinha nada muito por escrito, que era no fio do bigode. Então o caiçara é um homem muito honrado. Embora muitas pessoas critiquem alguma forma do caiçara ser, acha que ele deve ter muito orgulho, pois as pessoas não param para pensar o que fizeram com o caiçara: invadiram sua terra; mudaram a sua tradição; mudaram seu hábito alimentar; exploraram e quiseram menosprezar. As pessoas que pra cá vieram se aproveitaram um pouco da bondade do caiçara em oferecer vantagens e isso, às vezes, foi irrecuperável para o caiçara que teve que vender suas terras e depois se tornar empregado na terra dos seus antepassados.

Merece um tratamento, uma legislação pertinente a sua preservação e aos seus direito, assim como os índios têm. Eespera que alguém que se preocupe com essa questão e a de fazer algumas prevenções legais para que o caiçara se mantenha vivo e em condições de vida ideal, se mantendem suas regiões.

Tem o caiçara que é bastante acomodado e tem o caiçara que luta para ter condições de vida cada vez melhor. O caiçara é tido como uma pessoa indolente mas não é bem isso. Ele tem a sua cultura e como é o ser humano dentro do seu recurso para a

sobrevivência. O caiçara ele planta, ele colhe, o caiçara tem a sua tradição folclórica, o caiçara pesca, ele sabe como se manter com condições de vida superando todas as suas adversidade, todas as suas dificuldades. Se assim não fosse o povo caiçara já estaria extinto. O que lhe prejudica muito é a influência imobiliária, pois quando chega não há o que segure e isso acaba tirando um pouco o ritmo e essa situação de vida do povo que mora ao longo do litoral.

Discurso VIII

O entrevistado é nascido no Saco do Sombrio, neto e tataraneto de caiçaras nativos e orgulha-se muito de ser caiçara, ter nascido na Ilha e de ter convivido com seus avós e de vê-los falarem seu linguajar, apesar de algumas pessoas se envergonharem desta situação. Professor, diz ter tido uma oportunidade que a maior parte dos caiçaras de trás da ilha não tiveram e nem tem: sair da cidade, estudar, ter uma outra visão. Depois disso retornou à Ilha ansioso para resgatar o que havia sido perdido da cultura caiçara, mas segundo ele, esse trabalho é muito difícil.

Apresenta Ilhabela como uma cidade já transformada e que por isso deveria ter um trabalho sério com relação ao resgate de sua história. Por ser uma cidade turística e almejando um turista culto e que entenda de meio ambiente (porque Ilhabela é 80% mata atlântica preservada) vê uma grande importância neste resgate cultural e que deveria haver um interesse político maior nisso, já que isso poderia ser utilizado como atração, em espetáculos para o turista. Entende que para o turista, Ilhabela é um lugar de descanso, de natureza, para ficar, relaxar, descansar, mas acredita existir uma procura muito grande do que foi, do como era, da história Ilhabela.

O entrevistado diz que Ilhabela foi descoberta em 1502, mas em seguida fala que a Ilha tem uma história impressionante e de muito sofrimento que vem desde os homens pré-históricos, dos índios tupinambás e, logo em seguida veio a história muito sofrida dos negros na Ilhabela inteira e dos piratas.

Para ele o caiçara só adquiriu coisas boas e nunca se importou com valores, com riquezas, com ter as coisas, não tinha ambições financeiras e viver daquele jeito ali que estavam vivendo era a melhor coisa do mundo. Apesar de terem contato com a maldade, ela não foi adquirida pelo caiçara. Entretanto diz que o caiçara está sendo influenciado pelo que vê os turistas fazendo e tendo. Esta visão de mundo que chega com o migrante e com o turista

Povo humilde, acolhedor, justo, honesto e verdadeiro, que tem muito amor naquilo que faz e que trabalha pelo seu sustento, o caiçara acabou se prejudicando por este seu modo de ser, já que atualmente não tem mais nada, só sofre, principalmente os que vivem atrás da ilha devido às dificuldades por que passam. Espada diz que é uma relação louca pois ao mesmo tempo que sofrem, eles não sofrem pois viver atrás da ilha é bom para a alma, para o espírito. É saudável morar atrás da ilha,

A minoria caiçara na ilha atualmente se deve a duas correntes migratórias: a dos caiçaras se deslocando para o continente ou para os bairros urbanizados e a dos migrantes. Atualmente a maioria da população é de negros, baianos, nordestinos, que vieram pra cá em busca de construções.

Para ele, o caiçara é dono de um modo de vida peculiar que mantém íntima relação com a natureza: pesca, caça, artesanato, criação de animais, alimentação e habitação, que é muito semelhante entre as comunidades da Ilha. Além disso, para ele, ser caiçara é ser humilde com a sua cultura, com a sua dignidade, é mostrar e defender a sua origem e seus direitos e ter uma vida completamente diferenciada de qualquer um outro tipo de vida desde o linguajar até algumas manifestações culturais que só existem aqui como a Congada, Quebra-

Chiquinha, o Pau de Fita, o Vilão, a Ciranda, a saraválha, o João – Bambu e o Caiapó (que segundo ele já não existe mais).

Os caiçaras perdem as escrituras definitivas de suas terras em 1932 com a queima do cartório em São Sebastião, o que os obrigou a sair de suas terras. Vários caiçaras migraram para Santos, para Santa Rosa, Guarujá. Foi quando começaram a atuar os grileiros e a especulação imobiliária em Ilhabela. Com isso o caiçara foi sumindo da Ilha, assim como suas as tradições. Com tal situação o caiçara se acomodou mesmo porque arrancaram dele seu modo de vida, sem que eles quisessem.

Com a chegada do mando do alto poder aquisitivo à Ilha, o caiçara teve que sobreviver com o que sobrou para ele. Atualmente existem donos de praia e tal posse impossibilitou que o caiçara continuasse a fazer o mesmo uso e caminhos do seu território.

O caiçara é um povo de “pavio curto” com as pessoas de seu grupo. Assim como as brigas, e discussões, o xingo, o mal dizer, as rezas e as benzedeadas fazem parte de sua vida cotidiana e da sua história, pois caiçara é benzer, é curar, mas também é brigar, é xingar e também é amar porque eles brigam e daqui a pouco já está tudo certo. Existe uma liberdade muito grande entre eles, um entra na casa do outro, é uma grande família. Ser caiçara é ser uma grande família dentro de uma aldeia. Em algumas de suas práticas, como a pesca de cerco vê-se a necessidade de se trabalhar em grupo.

Caiçara é andar descalço, é pé no chão, é pôr qualquer roupa, é não estar nem aí com nada, caiçara é viver, é ser feliz, caiçara é a vida da felicidade, da harmonia. Seu artesanato é feito para melhorar seu conforto e vida.

É difícil ser caiçara nativo, como antigamente, hoje em dia. Poucos caiçaras, mais velhos, vivem como antigamente e são olhados de forma diferenciada, com preconceito. Já os caiçaras jovens estão todos com roupas de marca, a idéia já é outra, o sentimento já é outro; não tem mais aquela inocência, aquela coisa do bem, que o caiçara tradicional tem.

Foi muito podado pelo poder público e pelo Parque Estadual e não pode mais manter seu modo de vida característico, sobrevivendo da pesca, da caça., etc Apesar das restrições do Parque Estadual algumas famílias ainda caiçaras ainda sobrevivem da roça, do artesanato. Tais restrições impedem que os caiçaras das comunidades tradicionais vivam como antigamente e as entidades que existem e controlam essas leis não conseguem se organizar de maneira a permitir ao caiçara poder continuar vivendo a vida que sempre viveu. Não consegue entender porque impedem que o caiçara faça coisas de sua tradição, aprendida com seus familiares fazendo, mas permitem ao migrante a construção de casa em encostas de morros e danificar o meio ambiente. Existe uma incoerência muito grande e isso o deixa sem saber o que se quer: se é realmente acabar com a história e com as comunidades tradicionais e só ter mansões atrás da ilha, pois do jeito como as coisas estão, só turistas estão tendo condições de sobreviver nestas comunidades. Afirma que a natureza da Ilha não é destruída pelo caiçara, mas sim pelos migrantes, hotéis, milionários e turistas.

Nas comunidades tradicionais, hoje em dia, devido ao fato de não poderem mais plantar, de viver da terra, fez-se necessário eles comecem a fazer compras para subsistência em mercados, que não existem nas comunidades. Como eles são pobres e pouquíssimas famílias têm meio de transporte, muitos não tem como vir fazer as compras. Isso gera um mercado de transporte exploratório por parte dos jipeiros e de caiçaras que tem o transporte. Antigamente, se uma pessoa da comunidade não tinha meio de transporte o vizinho ajudava, eles tinham uma união. Mas hoje em dia, eles estão revoltados com a impossibilidade de manter seu modo de vida e já estão vivendo um outro tipo de vida. Eles se revoltaram. Então, o que uma família precisa, eles cobram. “Tem que me pagar tanto”. Acha que deveria ser pensado pelo poder público uma forma de se ajudar estas famílias de Castelhanos que não tem transporte. Acredita ser possível organizar uma forma de dar respaldo para famílias que não tem condições de fazer determinada coisa pra sua própria subsistência.

O caiçara não dinheiro porque trabalha para sobreviver; o dinheiro que ele ganha é usado para comprar suas roupas e suas “coisinhas”. Vivendo uma vida natural e humilde, o caiçara não tem grandes pretensões na vida, a vida dele é aquilo ali e pronto

Ocorreram muitas mudanças nas comunidades atrás da Ilha, tais como o uso das ervas e misticismo já não serem mais a única forma de cura possível, já que atualmente os médicos vão até lá. Antigamente a atuação das benzedeiros era mais intensa e os tipos de benzimentos eram diversos pois tem doença que se benze com fogo; outras, faca; com mato; na beira da cachoeira; pulando sete ondas.

As pessoas têm consciência da perda de sua cultura, das festas, daquela coisa mais íntima do caiçara, que não tem mais agora aqui na ilha mas Espada acredita que se poderia haver um resgate tanto social quanto cultural dançando-se novamente suas danças típicas, alimentando-se de seus pratos típicos e se houvesse também simpósios sobre o linguajar, a cultura, as roupas e as vestimentas. Acha que deveria ter um resgate também da quanto da parte ambiental

Espada tem vários projetos de resgate da cultura, como o das casas de farinha nas comunidades tradicionais, mas só conseguiu restaurar uma, na Ilha de Búzios, e com seu próprio dinheiro. Acredita que deveriam investir nisso pois as casas de farinha estão se acabando, se perdendo. Acredita que daqui uns 10 anos não existam mais caiçaras tradicionais em Ilhabela se não for feito um trabalho para evitar isso, e, isso provocaria a perda de uma parte da beleza do lugar, que é o caiçara, pois Ilhabela ainda é Ilhabela porque ainda tem as comunidades tradicionais, porque ainda tem os caiçaras, porque o que deixa a Ilha bela é esse ar do caiçarês.

Alerta para as necessidades de saneamento básico e de tratamento de água na Ilha, principalmente por causa do turismo. Como crescimento desordenado da Ilha, cada vez mais se está construindo na área do Parque Estadual, nas florestas, mas são pessoas com um capital muito grande.

Por várias vezes reitera a necessidade de se preservar e resgatar a tradição e a história desta cidade e de sua população caiçara e fala que sua luta por isso continuara mesmo na velhice. Fala também das conseqüências da desumanização de seu povo sobre a cidade.

No que se refere à saúde, Espada apresenta o povo caiçara como um povo que era bonito, robusto, saudável. Devido às mudanças ocorridas em seu habitat, em seus modos de produção e seus hábitos alimentares (que eram adequado às exigências de sua vida cotidiana), conseqüências do progresso e à presença dos turistas, aliadas à impossibilidade, principalmente financeiras, do caiçara lidar com as conseqüências destas mudanças, hoje em dia, ele está “detonado”. A dificuldade de tratar as conseqüências deste progresso na área da saúde necessita de um trabalho estruturado, organizado, a longo prazo, por parte dos governantes da cidade

O caiçara está muito revoltado com a política, com os turistas, com o comércio de peixe (atualmente terceirizado). Considera um absurdo o que é feito com os pescadores de trás da Ilha, no píer de Ilhabela, tendo em vista que é o atravessador quem estipula a eles o preço a ser pago pelo peixe. Pagam pelo peixe uma ninharia e o revendem a poucos metro dali por muito mais. Diz que a Colônia de Pescadores deveria se organizar para melhorar a situação de vida do pescador e não para melhorar a situação de vida do presidente da colônia, dos donos das bancas, do dono do caminhão, que faz a terceirização. A Colônia dos Pescadores existe para melhorar a vida do pescador, não para destruir a vida do pescador.

Como os pescadores não podem vender diretamente ao consumidor ali no píer da Ilha, muitos caiçaras preferem comercializar o seu peixe em São Sebastião, onde existe uma estrutura melhor e pagam mais pelo peixe.

Ao mesmo tempo que diz caiçara não tem essa cultura de informação e de debater sobre alguma coisa com a qual não concorda, ele fala sobre algumas pessoas com

mais informação, que batalham pelos caiçaras mas é muito pouco o que ela consegue por sua comunidade, apesar de sua luta. A considera uma pessoa importante na cidade, porque ela luta pelo seu povo, como ele, por vezes em situações que são responsabilidades da Colônia de Pescadores.

O caiçara hoje em dia ele está completamente deturpado e tem seu modo de vida castrado e é punido quando o quer manter pelo progresso e por essa história da conservação do meio ambiente e suas leis, de uma forma muito dura, por vezes através de multas. Não há uma maleabilidade para que o caiçara possa continuar com seu modo de vida.

Para o entrevistado o caiçara nunca destruiu, nunca fez nada de errado para o meio ambiente. Mas os migrantes fizeram muito e eles podem, pois para eles não tem lei.

Atualmente, devido à castração sofrida em seu modo de vida, o caiçara sofre muito pois ele não pode mais viver como sempre viveram, independentes. Estão tendo que procurar uma outra forma de subsistência, que é desconhecida para eles. Muitos, hoje em dia, vivem só da pesca e outros dependem da assistência social.

Não gostaria que as comunidades tradicionais acabassem. Desejava alguém forte politicamente para algo que possibilitasse a permanência das comunidades tradicionais, com condições que permitissem a sua vida de acordo com a tradição deles.

O caiçara não tem oportunidade de ser alguém na vida pois não tem oportunidades de estudo. Acredita que o município deveria dar esta oportunidade às crianças, porque de repente, essa criança que tem essa vontade de ser um profissional diferenciado poderia sair de lá e esta criança iria voltar para comunidade para poder ajudar a sua comunidade e a manter a sua tradição.

Fala sobre a necessidade de existir um espaço gostoso, interessante, acolhedor, limpo, organizado, que tenha a ver com as comunidades tradicionais, construído e estruturado pelo município, para receber as famílias das comunidades tradicionais que porventura tenham necessidade de ficar na face urbanizada da Ilha.

Não existe uma benfeitoria do município para essas comunidades, elas vivem por elas, mas *Espada* acredita que os políticos deveriam pensar em fazer algo por sua tradição, pois é a cidade e seus habitantes quem tem a perder com isso.

É muito pouco a ação social faz pelas comunidades.

Foram as famílias tradicionais de Ilhabela quem fizeram a história da cidade. Cada família que tem atrás da Ilha, ou mesmo na cidade, que são caiçaras, tem uma história para te contar, porque o tataravô era dono de fazenda, porque fez não sei o que pela cidade, porque construiu não sei o que pela cidade.

Muito já se perdeu da tradição ilhabelense e o trabalho de resgate da tradição ilhabelense é uma coisa importante, muito trabalhosa e dificultosa, porque tem muita coisa: música, dança, artesanato, culinária, tudo, poesia, linguajar, trejeito, costumes. Apesar disso, acha importante que seja realizado um trabalho de retribuição a essas famílias e pelo resgate da cultura tradicional de Ilhabela ainda existem aqui pelo poder público e que não é feito. Além disso deveriam dar oportunidades de estudo e profissionalização aos moradores de trás das ilhas, para que não se perca as características humanas, culturais, místicas e sociais da ilha.

Apresenta o que chama de uma crítica construtiva para que os políticos vejam a importância de se olhar para a cultura tradicional de Ilhabela, pois é uma judiação o que está acontecendo com a cultura tradicional da cidade e se percebe que não existe uma preocupação em resgatar, em dar uma atenção maior por parte das pessoas que atualmente estão no poder.

Discurso IX

É chamado caiçara todo aquele que nasce no litoral, à beira-mar. Segundo o entrevistado o caiçara está quase em extinção porque eles vendem o que tem aqui e vão para outras cidades. Os caiçaras se alimentam de comidas bem naturais, o que é bom para a saúde deles e eles estão preocupados com o presente e não com o futuro. Para eles o mar é tudo e o sol também.

O entrevistado também diz que seu trabalho é visando os caiçaras e que enquanto ele tiver vida e condições ele vai morar em Ilhabela.

Discurso X

Para ele ser caiçara é nascer e morar no litoral e se reconhece como tal. Algumas pessoas podem se envergonhar de sua origem, mas ele não.

Praia da Fome nasceu na Praia da Fome. Com 5 anos foi trabalhar na pesca com um tio para ajudar sua avó já que seu avô havia falecido. Por volta de 1984, aos 10 anos, foi proibido, pela Marinha, de continuar por ser menor de idade. Foi quando resolveu buscar uma outra alternativa de vida, de sobrevivência. Saiu da Praia da Fome e foi ser caseiro e estudar no Jabaquara, onde teve seu potencial reconhecido pelo professor. Depois disso exerceu vários cargos na Prefeitura municipal e teve seu trabalho visando a comunidade reconhecido. Atualmente cursa faculdade de Administração e é diretor administrativo na Secretaria de Saúde do município.

Destaca que em sua comunidade de origem comiam peixe assado com mandioca e com banana assada, e peixe assado na brasa, era raro comer arroz, feijão. Atualmente ainda mantém alguns hábitos alimentares da sua comunidade de origem e os prefere aos urbanos. Fala também sobre seu modo de vestir e da ausência de brinquedos. Viveu, junto com a mãe e irmãos situações de violência e intolerância e opressão por parte de seu pai, e segundo ele, isso fez com que criasse muita força e buscasse a superação desta situação e lutasse para melhorar a vida da comunidade.

Assim como outras pessoas, se preocupa muito com as comunidades de trás da ilha e é uma pessoa muito cobrada, porque trabalha na área da saúde e foi de lá que saiu

Para ele Ilhabela é visualizada e se apresenta, atualmente, como uma comunidade mista que sobrevive de outras raças, de pessoas que vieram de fora. Tem-se na Ilha 15 comunidades e cerca de 27.000 habitantes mais ou menos. Segundo Praia da Fome, o número de caiçaras nativos naturais de Ilhabela é mínimo, 10%, 20% deste total. Algumas comunidades não se recompuseram como, por exemplo, a comunidade de Limo Verde que foi morrendo e não teve uma continuidade. Algumas pessoas se mudaram pra bairro, Ponta da praia em Santos e outras procuraram vir para a cidade. Sobre o caiçara, diz que este não valoriza muito o que a cidade oferece, pois se deixaram seduzir por vantagens externas, dos veranistas e foram vendendo, doando suas propriedades por preço de banana

Os nativos das comunidades tradicionais conseguem sobreviver com o pouco que tem e manter a humildade, conseguem respeitar o compromisso com as raízes e através do enfrentamento das dificuldades cotidianas de suas comunidades, como o acesso, aprendem a viver e buscam novas alternativas de vivência e sobrevivência, além de qualidade de vida

Diz que é muito mais fácil lidar com a comunidade que você já tem um trânsito, você conhece do que no dia-a-dia com as outras comunidades que se instalaram no município pois estas não sabem respeitar, usar do seu direito de cidadão, tentam conseguir as coisas de maneira impositiva e é preciso paciência para lidar com isso.

Para ele é possível fazer uma comunidade saudável se envolvendo com a mesma e diz que vai para as comunidades com projetos sociais ocupando-se de fazer o bem para o próximo. Faz as coisas não visando a sua promoção pessoal, tudo é feito de forma a atender coletivamente, a fazer com que a população seja beneficiada.

Atualmente diz sentir a cobrança da comunidade por ser uma pessoa pública e por isso tem que se policiar. No que se refere ao trabalho, diz que se deve ser compromissado e fazer o que se gosta, sempre pensando na comunidade e não por obrigação ou para a obtenção de vantagens pessoais. Acredita que sua evolução dentro da instituição pública se deve ao seu trabalho, por ser um ponto de referência entre poder público e comunidade, que entretanto não impede que a comunidade cobre a administração pelo fato de ele ter um cargo de destaque na administração e ter cursado até o 3º. Colegial.

Esta mesma cobrança estimulou, de certa maneira, sua volta aos estudos, que teve sua escolha de certa maneira cerceada por seu poder aquisitivo, já que devido à posição por ele ocupada, não quis e beneficiar do auxílio, existente no município, para universitários. No curso por ele escolhido, era o único caçara na sala de aula e ao falar sobre isso com seus colegas de sala destacou as dificuldades que poderia ter e por quais motivos, aparentando assim ter consciência da sua alteridade naquele espaço. Percebe também que as pessoas já o vêem com outros olhos e que é mais respeitado, e atribui que se deva em parte a sua formação universitária em curso.

Vê sua formação universitária como forma de aprimoramento pessoal e como meio de colaborar com Ilhabela, pois seus estudos o ajudaram a ser o administrador de hoje e a poder fazer o que gosta, servir ao próximo, de maneira melhor. Por fazer o que gosta conseguiu adquirir o respeito, o carinho das pessoas, mas procura pisar em sua vaidade para não se desviar do seu caminho.

Acredita estar contribuindo para o resgate da cultura, da forma de sua gente se expressar, se comportar, viver e acredita na possibilidade de crescimento pessoal do caçara na urbanidade. “É só uma questão só de oportunidade e de você correr atrás”. Na busca do crescimento profissional e aprimoramento pessoal é necessário aproveitar as oportunidades que se apresentam e ter disciplina. As dificuldades existem e não há vitória sem luta, mas isso deve se dar de forma saudável, respeitando o espaço de cada um, o mundo das pessoas.

Diz que ajuda mais sua comunidade como diretor do que assumindo um cargo político eletivo. Segundo Praia da Fome, houve um grande resgate na área social, da saúde, da educação, mas ainda resta muito a ser feito.

Apresenta que nas relações de trabalho hoje não se aprende o todo, as pessoas se resumem a uma só atividade. No que se refere ao tempo, diz que hoje em dia não é mais dono de sua vida. É sua secretária quem cuida de sua vida, de sua agenda. O tempo mudou, está mais escasso, mas reconhece que depende apenas dele disciplinar seu tempo.

Fala de seu entendimento e ingenuidade sobre os eletrodomésticos (motorádio de pilha) com os quais não tinha contato em sua comunidade e do estranhamento com a “modernidade” (com o modo de vida urbano e animais encontrados) que ocorreu quando veio morar na praia Grande. Diz que a “televisão mostra tudo, a televisão ensina você a ser bandido, a se desviar daquele caminho que você quer seguir”.

Ainda que tenha adquirido bens materiais, visa o bem estar de sua família e não o acúmulo de bens pelo simples **ter**.

Discurso XI

Para Orquídea não há lugar no mundo melhor do que Ilhabela. Segundo ela ser caiçara é manter as tradições de seus pais e avós, tais como viver como se vive nas comunidades tradicionais, tendo a pesca e a roça como base de sustento. Viver a tradição em todos os sentidos; isto faz com que não saiba se é boa caiçara, pois não tem certeza de que as mantém.

Acredita que tem muito pouco caiçara na ilha e isso se deve a processos de saída do caiçara para fora da Ilha quanto o de migrantes para a Ilha. Dos caiçaras que ficaram, a maioria mora no sul da Ilha e no Perequê.

Ela saiu da Fome com a avó aos 8 anos de idade para estudar e sua mãe ficou lá com seus oito irmãos. Só com a morte do pai, durante a pesca, sua mãe veio para a cidade com seus 8 filhos. Apesar de todo o tempo que está na cidade ela ainda se lembra de como é o tráfico de farinha. Ao descrevê-lo mostra alguns papéis sociais existentes na divisão do trabalho e diz que memorizado tal trabalho se tornou bonito, mas na época achava feio pois era muito trabalhoso.

Não acredita ser possível a preservação da cultura caiçara pois mudou tudo, está tudo sofisticado. Compara que há 30 anos não conceberia um caiçara com o computador e atualmente as crianças caiçaras já nascem com o computador.

Ela e os irmãos de alimentavam basicamente de pirão de peixe e farinha. Só havia arroz, feijão, pão quando saiam de lá para vir para fazer compras, fora da época de temporais.

A vida de trás da Ilha é muito difícil, apesar disso ela acha que era uma época boa pois só tinha caiçara e todo mundo se conhecia, o que á não acontece hoje. Para ela, quanto mais longe do centro for a comunidade, mais difícil é a sua vida.

Discurso XII

Para ela caiçara tem vários sentidos, pois as pessoas interpretam de várias maneiras, como por exemplo: caiçara tem vida boa, o caiçara é uma pessoa tranquila, sossegado.

Segundo ela o caiçara tem que ter orgulho do lugar que nasceu, e ela tem esse orgulho. Em todo lugar que vai, em todas as reuniões, sempre falo: sou caiçara, nasci numa comunidade tradicional. Além disso, é uma pessoa que mora na comunidade, que tem orgulho da sua origem, tem uma tradição que nunca deixa perder.

Fala que o caiçara é um povo diferente e que se olharmos bem, é excluído, porque eles não tem muita informação, então ficam um pouco pra trás.

Se identifica como caiçara e dia que nasceu numa comunidade e pretende ficar lá, lutar pela sua comunidade, ajudar, apesar de acreditar que tem coisas que ela quer para sua comunidade que não vai ver acontecer, mas as crianças que lá estão verão, tais como estudo, esporte e orientações contra as drogas. Segundo ela, apesar da dificuldade de acesso chegam à comunidade coisas boas e ruins e a comunidade está lutando para que melhore no futuro.

As coisas para a comunidade não são fáceis de ser obtidas, não se consegue do dia para a noite Então, vai demorar, mas eu sei que as crianças que estão lá vão, vão ver isso acontecer. É que a gente que está dentro não vê acontecendo, mas quem está de fora vê. Às vezes é tanto problema que você acha que nada mudou, mas mudou muito... Sempre está acontecendo coisas boas, e é isso que faz a gente ser um caiçara de verdade.

Se considera uma caiçara caiçara otimista e diz que otimismo é muito importante na vida do caiçara. Algumas vezes o caiçara não é otimista porque, às vezes, as

coisas demoram a acontecer, são lentas, mas ela sempre lhes diz que: a gente conversa hoje, conversa para ser realizado daqui a dez anos. Acredita que tudo o que a gente quer, a gente consegue, mas é preciso lutar. Diz também que pagam um preço caro também por morar numa comunidade, mas apesar disso é bom ser caiçara.

Fala que mora na frente da ilha e não atrás como as pessoas da face urbanizada costumam dizer.

Discurso XIII

Para ser caiçara é gostar da atividade do litoral e de pescar. Fala que para ser caiçara tem que ir para o mar, pescar. Segundo ele tem que diga ser caiçara e nunca foi para o mar.

Fala que ser caiçara é conviver com outros caiçaras e não conviver muito com as pessoas que vem de fora.

APÊNDICE 4 - Diários de campo (DC)

DC I - Viagem de 13/04/2005

Viajamos: eu, *Toninho*, o responsável pela manutenção das baterias solares); um representante de Furnas (autor das fotos digitais), um auditor do Tribunal de contas, um eletricitista da Secretaria de Educação; dois técnicos da Jocami (manutenção da antena parabólica) e *Estrela do Mar*.

Fui de carona com a lancha contratada pela Secretaria de Educação que iria levar a merenda para repor estoque, entregar de um fogão industrial, manutenção elétrica e eletrônica, arrumação e verificação das placas solares, observação e orientação pedagógica do caderno volante, registro e reposição, entregas de camisetas escolares; além disso foram feitos vários reparos no prédio, troca de lâmpadas, etc..., nas escolas das comunidades.

No caminho até as comunidades passamos pelo Jabaquara e Praia da Fome, que nos dias de temporada ficam lotadas de barcos de passeio (Jabaquara é a última praia do lado norte aonde se tem acesso por via terrestre).

A primeira comunidade visitada foi a de Serraria.

A comunidade tem 17 famílias e todas as famílias são de pescadores. Conheci Vovó, de 78 anos, que é a matriarca da comunidade (todas as famílias da comunidade são compostas por seus filhos ou filhas). (1) Vovó é viúva e devota de Nosso bom Jesus. Mora em uma casa pequena com as netas.

(2) A diversão preferida das crianças (com as quais falei na escola, durante o horário de aula) é ir para a praia. Riram muito quando falei que nunca havia andado de canoa e a professora da escola comentou que as crianças (e destacou uma das meninas) costumavam andar em pé na canoa; às vezes esta aluna faltava às aulas para ficar nadando e “canoando”.

(3) As crianças adoram o Sítio do Pica-Pau Amarelo, por isso a escola estava toda decorada com seus personagens (segundo as crianças, a maioria dos moradores tem televisão).

(4) Tatiana, 11 anos, gosta de nadar na barra e sair de canoa para pescar lula.

A merendeira da escola nunca foi ao continente e, só vai para o lado oeste da ilha para receber seu pagamento. Tem 11 filhos, mas apenas dois nasceram no hospital, todos os outros nasceram com a ajuda de parteira.

Ao lado da escola há uma “praça” chamada “O encontro dos pescadores”, mas segundo merendeira, eles ficam pouco ali, pois a lida é muito grande.

De vez em quando aparecem turistas, mas ficam por pouco tempo. Acredito que seja devido ao fato de a comunidade não apresentar infra-estrutura para tal (bares, quiosques, etc.)

Ainda assim, segundo a professora, (5) o turismo afeta a vida da comunidade: as traineras às vezes arrastam o cerco de pesca e as redes e tiram as iscas. As lanchas e as traineiras não respeitam as bóias (e isso é ilegal).

Comentou que (6) no dia anterior 2 pescadores haviam perdido seu cerco desta maneira (com a trainera). Como eles investem tudo na montagem da rede, estes pescadores e suas famílias em algumas semanas não terão o que comer e nem como se manter.

A professora comentou que às vezes, pessoas que ela sabe quenão tem como e o que comer estão ali pela escola quando ela vai almoçar ou jantar e só comem alguma coisa que ela levou para lá (uso pessoal) se ela insistir muito.

Segundo a professora, (7) médico apenas uma vez por mês, mas o atendimento é precário (não dão muita atenção às pessoas).

Fomos convidadas a voltar mais vezes e principalmente para a festa do Bom Jesus, em julho.

Saindo de Serraria, fomos para Guanxumas da Ilha, onde está trabalhando uma amiga que trabalhou como monitora comigo na E. M. Dr. Salvador Arena durante o ano passado e que agora foi para Guanxumas devido principalmente ao salário de professora (os professores que lecionam nas tradicionais recebem uma complementação do salário para trabalhar nas comunidades)

Foi a única comunidade visitada até agora em que não encontramos nenhum morador da comunidade, além dos funcionários da escola e as 5 crianças que estavam em aula.

(8) A resistência do zelador da escola às ordens do Secretario de Educação chegaram a ser engraçadas. Ele reclamava sobre ter que limpar a trilha pois dizia que não é fácil entrar na trilha e que ele está com o contrato vencendo e já sabe que não será renovado porque está se negando a fazer o que a professora lhe pede dizendo que este serviço não faz parte de seu contrato.

Segundo *Toninho*, antes de se contratar um zelador para a escola, para a realização deste serviço era feita uma empreita e o serviço pago. O que o zelador não conseguia entender, segundo *Toninho*, era que agora não seria mais feita a empreita visto que existia ao zelador para fazer a manutenção da trilha.

A comunidade e a escola localizam-se acima de cerca de 200 degraus da praia, devido ao medo das ondas gigantes que os moradores tem. Como a praia é estreita, acredito que na subida da maré e nas ressacas, a água tenha invadido alguma moradia que por lá existisse. (9) Na praia existe um bar/restaurante (que estava fechado) de propriedade de uma moradora da comunidade e havia um homem cavando o morro para a construção de um outro bar na outra ponta da praia.

Às vezes a professora consegue carona com alguma lancha de turismo para voltar para casa

A merendeira da escola é buziana e quer voltar para Búzios de qualquer maneira.

(10) Logo acima da escola havia uma casa um forno (casa) de pau a pique para o tráfico de farinha de mandioca abandonados, onde haviam sido deixadas até as redes de pesca. O morador com a família, se mudou para o outro lado da Ilha para tentar a sorte.

Almoçamos na escola e seguimos para Búzios.

Obs. A informação que tive é que os moradores das comunidades visitadas não tem escritura das terras. Na ilha de São Sebastião as terras podem ser comercializadas, desde que não façam parte do Parque Estadual. Já na Ilha de Búzios e de Vitória não. As ilhas são “propriedade” da Marinha, já que se encontram em posição estratégica para a defesa da região em caso de invasão ou guerra.

Em Búzios:

Enquanto descarregavam a lancha, (11) ficamos observando um garoto brincando com sua canoa. A maneira como ele retirava a água da canoa e subia de volta nele de dentro do mar, era de impressionar.

A primeira escola que fomos foi de Guanxumas de Búzios, onde leciona *Espada* (autor de um livro sobre a história de Ilhabela, a espera de ser editado, e com o qual ele trabalha com seus alunos. A energia é gerada por placa solar e a escola também fica bem acima do nível do mar.

(12) Foi o local de acesso mais difícil para se chegar. As estivas mais parecem galhos de árvore que colocaram de qualquer jeito, mas definitivamente funciona. Não há praias, só costeira. Sempre que eu falava de ir para Búzios na secretaria, o pessoal (eletricista, serviços gerais e quem mais já havia ido para lá) falava sobre as estivas e eu achava que era exagero. Não era!

(13) Logo que desembarcamos, o cara que ajudava na estiva disse para seguirmos a trilha. Que trilha? Só no final do dia havíamos treinado um pouco nosso olhar para as marcas desgastadas nas pedras e galhos que não chegavam a este ou aquele lugar, por onde deveríamos passar.

Nesta escola havia o problema de 3 crianças que não tinham registro de nascimento. **Toninho** pediu que o professor chamasse o pai e as crianças para que conversassem a respeito da legalização do registro de seus filhos. Segundo o próprio pai ele já está cansado de ir ao cartório e Fórum de Ilhabela para registrar seus filhos, mas não foi possível devido a falta de documento da mãe (a mãe das crianças não era registrada). O conselho tutelar comprometeu-se em pegá-los no dia 3 de maio de 2005 para registrarem seus filhos e a mãe que também não tem registro. (14) Caso a mãe não compareça, o Secretário junto com o pai destas se comprometem a legalizar a situação das crianças, mediante duas testemunhas, pois as crianças precisam antes de mais nada serem reconhecidas e matriculadas, sendo esse direito de acordo com art. 16 do código civil brasileiro.

O pai se compromete perante **Toninho**, o auditor do Tribunal de contas, Prof^o **Espada** e os demais presentes no momento, a se dirigirem ao cartório para regularizar a situação de seus filhos.

(15) As crianças moram com o pai e sua 2ª mulher e este disse que sabe a data de nascimento dos filhos graças a plaquinha que o hospital colocou-lhes no pulso quando estes nasceram.

Depois dessa reunião e da entrega dos mantimentos **Espada** teve contratada sua merendeira, uma moradora, mãe de um de seus alunos, que já o ajudava informalmente. Ela foi contratada pelo secretário e teria que ir regularizar sua contratação na Ilha de São Sebastião.

Depois disso, enquanto terminavam os reparos no prédio e nas placas solares eu, **Estrela do Mar** e **Espada** fomos à pé até Porto do Meio. Caminhozinho difícil. Nunca vi tanta subida pra se chegar num lugar só.

(16) Segundo **Espada** esta comunidade briga muito entre si, mas a comunidade onde ele está (que tem aproximadamente 13 famílias) é ótima. As pessoas que encontramos em Guanxumas de Búzios foram até a escola, não vi nenhuma moradia para o lado da trilha por onde fomos. A trilha é linda, mas é um mistério: não interessa para onde se vá é só subida. Subimos, subimos, subimos e subimos mais um pouco e chegamos à pedra onde **Espada** tem que ir para poder telefonar para a Ilha de São Sebastião. Brinquei com ele que eu teria que estar com muita saudade para ir até lá ligar para casa. (17) Todo caminho até Porto do Meio foi feito por uma trilha que logo no início eu teria desistido se estivesse sozinha. Foi aí que percebi como estou condicionada a seguir placas e indicações escandalosas. As marcas nas pedras e na vegetação, à primeira vista, e às vezes na segunda e na terceira, me passaram despercebidas. E olha que a trilha estava limpa.

Em Porto do Meio, conversamos com a professora da comunidade e com uma senhora da comunidade, atualmente contratada pela Secretaria da Educação. (18) Aí observei algo interessante: em todas as comunidades visitadas havia alguém nos esperando, nesta não.

(19) Esta senhora. comentou que os homens se não estão pescando não fazem nada, nem roçam. Ela foi a única moradora da comunidade que ajudou a puxar a água para a caixa d'água quando esta foi instalada e é ela que a verifica quando há algum problema de falta de água. Ninguém mais faz isso, mas todos usufruem a água encanada e é ela quem costuma subir a merenda até a escola, e vamos combinar, é uma pirambeira do caramba (e olha que eu só descí).

Toninho, que veio depois de lancha, (20) comentou que quando a caixa d'água chegou lá, eles descarregaram sozinhos e nenhum dos homens da comunidade ajudou (Isto

aconteceu também em Guanxumas durante a subida do material para a construção da nova escola, que foi discutida com a comunidade anteriormente).

(21) No meio da conversa surgiu o assunto do caite, folha que antigamente era usada para lavar roupa. A senhora disse que se lembra que isso era usado quando ela era criança, mas que agora é só pegar o Omo e pronto.

(22) Na hora de ir para a lancha encontramos pelo caminho uma roda de mandioca ao lado de uma casa abandonada, cujo proprietário havia morrido.

(23) Em todas as comunidades visitadas o único imóvel que observei cercado foi o da escola.

Na descida até a estiva, passamos por alguns moradores, a maioria homens e crianças. C. nos mostrou sua filha e netas com muito orgulho. (24) As casas localizadas próximas à estiva são de alvenaria e fico imaginando como eles levaram o material de construção até lá.

A descida na estiva, já dentro da canoa, com o cara que ia nos levar até a lancha, empurrando, foi uma aventura à parte. Já na lancha eu e *Estrela do Mar* nos perguntávamos o que faríamos se o cara não conseguisse subir na canoa depois de empurrá-la.

DC II - Dia 14/04/2005

Visita à comunidade de Bonete.

(1) É uma das maiores comunidades e é uma das comunidades onde o turismo se faz mais presente. Ainda que suas ruas não sejam calçadas e não possua energia elétrica já apresenta uma certa configuração urbana, como estamos acostumados. Já existem pousadas, camping, pizzaria, e até um Mac Bonet's, sendo que a pousada mais luxuosa é de forasteiro. Os bares na praia estavam fechados, mas vendo as fotos expostas ali, percebe-se que é intensa a frequência de jovens, principalmente surfistas.

Neste dia o mar estava mais batido. Viajaram: eu, *Toninho*, *Estrela do Mar*, o responsável pela manutenção das baterias solares; dois funcionários da Secretaria (manutenção). Fui de carona com a lancha contratada pela Secretaria de Educação que iria levar a merenda para repor estoque, entrega de um fogão industrial, manutenção elétrica e eletrônica, arrumação e verificação das placas solares.

(2) Logo na chegada, quase virei a canoa do canoeiro que veio até a lancha nos buscar. Devido a agitação do mar, a canoa oscilava muito. E ele disse que nem estava tão ruim assim.

Ele ficou estressado e preocupado, mas depois, quando eu disse para ele que o dia anterior havia sido o primeiro que eu havia andado de canoa e que de onde eu vinha não tinha nem rio, (3) ele me explicou como fazer e disse que era só eu observar o balanço do mar e nunca ir para o mesmo lado que a canoa.

(4) A chegada da canoa até o rio Nema, que deságua na praia, foi uma lição: a maneira como ele escolhe qual onde pegar e se utiliza do motor e do remo para se aproveitar da onda no jacaré é de parar para pensar, não se tem pressa, pois neste momento o que vale é o tempo do mar e não o do relógio. Na volta foi a mesma coisa, só que o mar já estava mais batido, pois estava chegando uma frente fria na região. Várias ondas eu achei que dava. Vi que não sei nada sobre o mar. (5) O mar neste dia estava tão agitado que as crianças estavam pegando onda no canto manso da praia (saída do Nema)

Logo na chegada, (6) próxima ao local onde os barcos são guardados, há uma praça, que segundo a placa, "é o local onde se reúnem os pescadores, caçadores e mentirosos.

Havia vários homens ali, mas poucos responderam ao nosso cumprimento (meu e de Estrela do Mar). A praça parece ser um reduto masculino

(7) Nesta comunidade as pessoas são mais sociáveis, mais abertas aos que chegam.

Sr. *Paulo*. e esposa: logo no início do caminho que leva até a escola encontrei com os dois, que são muito amigos de *Toninho*. Fiquei conversando com eles e (8) ela me contou que havia estado doente: teve um cobreiro e teve que esperar uma semana para poder sair do Bonete (devido ao mau tempo) e ir ao médico, na Praia Grande (praia da face urbanizada, onde é comum os boneteiros desembarcarem) se tratar. Indo, teve que ficar lá por mais oito dias.

Quando eu disse que o lugar era lindo, ela disse que era mas quando não chovia, porque, quando isto acontecia a água do mar ia até a rede na árvore (indicando uma árvore que ficava a alguns metros de sua casa).

Lembrou também que (9) a algumas semanas alguns turistas ficaram presos na cachoeira da trilha, quase já chegando na comunidade (referia-se às fortes chuvas que acometeram a região no feriado da Semana Santa). 15 pessoas da comunidade foram resgatar os turistas com cabo. Ela disse que não confia em cabo, porque vai que o cabo arrebenta então, e aí vai todo mundo: quem está resgatando e o resgatado e aí, por causa da desatenção com o tempo e o mar por parte dos turistas, morre um de nós.

Sobre o telefone: diz que tem um projeto sobre a instalação de linha telefônica, mas esse projeto é antigo. A ligação é muito cara “qualquer ligadinha custa 15 reais”.(o telefone está instalado em uma das pousadas).

Na escola: houve um problema com o banco de baterias do gerador. (10) Devido às chuvas o gerador do bonete necessitou de uma bateria e o zelador da escola, sr *Artur*, retirou uma delas para poder se comunicar com o outro lado, e isto acabou sobrecarregando o banco de bateria da escola.

O mesmo sr. discutiu com *Toninho*, sobre a poda de uma árvore. (11) Ele disse que só poderia o galho com autorização da secretaria do Meio Ambiente³⁵

(12) Um dos alunos da escola necessita de fonoaudióloga, mas está dependendo do mar para poder ir até o canal fazer a consulta.

(13) Depois de conhecer a escola, fomos caminhar. Seguimos o que pareciam ser ruas e demos uma volta enorme. (14) Encontramos pelo caminho uma mãe de aluno do infantil (que é também aluna do EJA) que reclamou com *Estrela do Mar* sobre as regras que a professora estava impondo para as crianças sobre horário de saída. Para que ela pudesse ir às aulas do EJA, sua filha teria que sair um pouco mais cedo e a professora se recusava. Quando nos encontramos com esta mãe, este aluno já havia sido discutido pela coordenadora, o secretário e professores da escola e decidiram que as aulas começariam e terminariam um pouco mais cedo.

(15) Encontramos também alguns alunos que estavam na escola e já estavam indo para a praia. Se propuseram a me ensinar a surfar.

Voltamos para a praia e (16) encontramos com alguns homens medindo rede e duas mulheres sentadas sob uma árvore. Segundo elas se a comunidade dependesse só da pesca, morreriam de fome. Às vezes os homens passam a noite fora e não pescam nada. Elas são responsáveis pela limpeza pública e *Artur* é zelador da escola. Quando perguntei a ele se ele não pescava mais, disse que agora só nos finais de semana, pois tem que cumprir os horários na escola. Pedi para fotografá-lo arrumando a rede e ele disse que não podia pois estava com o uniforme da Secretaria de Educação.

³⁵ Dia 16/05/05 fiquei sabendo que ele havia amarrado um colchão velho à árvore e ateadado fogo, queimando a mesma, o que acabou gerando um relatório por parte da professora responsável pela escola.

Artur nos levou para ver a cachoeira onde, a ponte havia sido levada. Os moradores do outro lado da ponte, estavam atravessando pelas pedras, mas com crianças estavam tendo certa dificuldade.

Fiquei um pouco decepcionada com na cachoeira. (17) Para mim, cachoeira é uma queda d'água, para eles não necessariamente. Esta cachoeira em específico era, para mim, uma corredeira.

Uma das professoras da escola (18) diz que seus alunos viram algumas árvores sendo levadas pelas águas que dariam para fazer uma canoa.

Artur nos mostrou também algumas pedras enormes na cachoeira que haviam sido deslocadas pela força da água durante e depois da tempestade. Achei que era um pouco de exagero, mas foi chegando um aqui, outro ali, e todos mostravam as mesmas pedras como deslocadas.

(19) Uma senhora estava indo fazer farinha quando a encontramos. Perguntei a sua filha, se ela também sabia fazer farinha. Ela disse que não sabia e nunca quis ou teve vontade de aprender. A filha diz que todos aprendem a fazer farinha (crianças, homens, mulheres).

As crianças depois da aula estavam brincando no Nema.

Quando *Artur* nos levou até a cachoeira, (20) percebemos que havíamos feito o caminho mais longo seguindo as ruas. Ele foi passando pelos quintais e quando eu perguntei se as pessoas não se incomodavam que entrássemos na casa delas, ele me disse que não estávamos entrando na casa delas, passávamos ao lado. Ali os quintais são comunitários e as casas cercadas são de propriedade de forasteiro que se estabeleceram ou construíram casa de veraneio ali.

(21) As moças responsáveis pela limpeza pública me disseram que quando os turistas começam a extrapolar/depredar, eles dão uma dura.

Obs: tem havido reclamações de roubos no Bonete. (22) Os turistas dizem que são boneteiros e os boneteiros dizem que são os turistas. Já existe no Bonete um problema sério com drogas, que os boneteiros atribuem a presença dos surfistas. Conversando com moradores do Canal, eles me disseram que o problema das drogas na se deve ao derrame de latas de maconha que ocorreu na década de 80 e acabou aportando aqui na Ilha. Segundo eles, há a Ilha antes das latas e a Ilha depois das latas. Antes da lata, o único entorpecente que existia aqui era desodorante. Com as latas, alguns ilhéus enriqueceram, mas muitos se viciaram.

DC III (2ª Viagem ao Bonete – julho 2007)

Ida à convite da Secretária de Educação (através de *Estrela do Mar*)

Um dos professores da Escola do Bonete. *Lauro* veio nos buscar (eu, *Estrela do Mar* e *Cristina*.), para irmos até o Bonete onde seria aplicada a prova do Telecurso. A chata³⁶ me pegou no Portinho, em frente de casa e saímos por volta das 16:00.

Durante o trajeto *Lauro*. disse que (1) não quer ficar velho no Bonete porque “a molecada joga pedra nos velhos” e velho só come peixe de terceira e quando sobra. Segundo ele, ninguém respeita velho no Bonete e em todas as comunidades é assim.

Lauro ainda disse que não gosta da Festa de Santa Verônica porque “Vem todos os bêbados da Praia Grande e Borrifos.

³⁶ Tipo de barco com o fundo achatado.

(2) Ao chegar no Bonete, fomos ajudados a desembarcar no Nema (que tinha uma nata de gordura sobre a água) e (3) seguimos para a casa de *Lauro*, onde sua esposa nos esperava para jantar. Sua casa tinha todo o tipo de eletrodomésticos.

A comunidade é alimentada por gerador.

Lauro nasceu em São Paulo e morou em São Sebastião. Quando em idade escolar (1ª. Série) mudou-se para São Paulo onde estudou até a universidade (FAAP- Desenho Industrial), trabalhou com comunicação visual mas resolveu voltar para o Bonete. Em 86 (4) conheceu sua esposa (que é também sua aluna no telecurso – Nível Médio). Apesar dela ter fogão a gás em casa, prefere cozinhar em fogão de lenha, construído fora da casa.

Lauro veio para cá por causa da qualidade de vida. Não pensava em ser professor. O que ganha na escola é para o supérfluo, porque aqui não se gasta muito para viver. Durante a temporada faz viagens de lancha para turistas (em média 700 reais/semana)

Depois de jantarmos, fomos para a escola onde a prova foi aplicada. Conversamos com uma aluna e com um aluno do Telecurso, que também fazia a prova e é filho da merendeira³⁷ da escola.

(5) *Carlos*. vê como desvantagem do turismo a quebra da rotina pelos turistas, muito lixo; e a falta de controle sobre eles. A comunidade tem um gerador e quando vem muita gente para a comunidade, pode dar sobrecarga. Segundo ele, as casas dos turistas não era para ser ligada ao gerador, pois só com os moradores (cerca de 90 casas), o gerador já está no limite.

(6) *Carlos*. também diz que agora não vive mais da pesca, só pesca para comer. Ele abandonou os estudos do telecurso para trabalhar fora atualmente cuida da lancha de um turista que tem casa na comunidade (seu irmão é o caseiro). Fora da temporada, quando a lancha fica parada, às vezes vai trabalhar para o patrão em Vinhedo.

(7) O rio Nema está represado por causa da maresia. Isto sempre acontece esta época do ano. O despejo de esgoto de cozinha (pia) é feito no Nema. Quando fica represado que a gente vê como está sujo.

(8) A associação de moradores não costuma passar para os moradores o que é discutido nas reuniões do Parque. Segundo *Estrela do Mar*, o Parque só apresenta para os moradores os benefícios.

No dia seguinte eu, *Estrela do Mar* e *Cristina* saímos para dar uma volta para *Cristina* conhecer, já que tínhamos que esperar o canoieiro para voltar para casa. (9) Pelo caminho conversamos com uma senhora que estava salgando o peixe em seu quintal (*Estrela do Mar* queria comprar o peixe, mas ele já estava encomendado).

(10) *Lauro*. comenta sobre um rapaz (de mais ou menos 22 anos) que faz parte das últimas gerações que ainda faz artesanato. (11) As crianças brincam de bolinha, taco e surfam durante as férias.

- (12) uma canoa é feita hoje, outra daqui 2 meses, não se faz mais para vender.

Na volta, de canoa, demoramos um pouco para sair pois o mar estava um pouco mexido. (13) No caminho fiquei olhando a posição do canoieiro (que não sabe nadar) dirigindo a canoa em pé. Ele e a canoa pareciam uma coisa só.

³⁷ A merendeira tem um pequeno restaurante, atrás dos pés de abricó, na praia, onde serve comida caseira para os turistas

Inserção na comunidade da Praia Mansa e Castelhanos (todos estes diários de campo - IV a XVI - foram escritos em conjunto pelo grupo de pesquisadores)

DC - IV (20/01/08)

Parte dos pesquisadores chegaram por volta das 18h30min; o restante chegou bem mais tarde por causa da chuva (por volta das 23 horas). Eu os esperava na casa alugada para nossa hospedagem na face urbanizada na Ilhabela.

Enquanto esperávamos o segundo grupo fomos ao supermercado. No açougue do mercado encontramos com *Roberto*³⁸. Ele nos deu algumas “dicas”:

- (1) Disse que já que iríamos de jipe era para procurarmos, em Castelhanos, o contratado pela Educação para levar toda nossa bagagem até a Praia Mansa; que não era para pedir e sim para dizer que éramos da Educação e que ele tinha que nos levar. Disse que se pedíssemos ninguém nos levaria de graça, teríamos que pagar.

Estranhei, (2) pois foi exatamente o contrário do que me disse *Atum*. *Atum* disse que as pessoas em Castelhanos eram super amigas e que qualquer canoeiro nos levaria até a Praia Mansa, se fosse necessário.

Quando ainda no mercado perguntei a *Roberto* se tinha (3) como conservar as coisas de geladeira, ele respondeu que só na câmara fria que fica ao lado da escola, mas que se colocássemos as coisas lá, possivelmente as pessoas da comunidade pegariam.

Depois de jantarmos, Luiz e eu (4) fomos ligar para o agenciador para confirmar a ida para Castelhanos e ele disse que a viagem sairia por 250 reais a ida, mais 250 reais a volta. Luiz disse a ele que iria conversar com o grupo e então ficou resolvido que não iríamos mais de jipe e eu consegui ficar desconfortável com os dois grupos (com o agenciador, porque tratei com ele em nome do grupo e com o grupo - que achou que ele estava de certa forma nos lesando).

Tratamos que todo mundo iria acordar cedo para tentar resolver como ir no dia seguinte. Sairíamos com toda a bagagem e tentaríamos conseguir carona.

DC - V (21/01/08)

Dia chuvoso.

Acordamos todos muito cedo e por volta de 7 horas estava tudo encaixotado e a bagagem já colocada para fora da casa alugada.

Logo cedo, liguei (do telefone público ao lado de casa) para um jipeiro indicado por uma amiga para ver quanto ele cobrava e ficamos sabendo que ele era o jipeiro com quem o agenciador havia tratado o nosso transporte. Ele confirmou o preço de 250 reais por viagem e disse que era para ligarmos mais à noite, pois se no dia seguinte houvesse mais passageiros ele poderia ver o que fazer.

Quando eu estava retornando para casa, *Alberto* (um vizinho) passou e lhe perguntei se ele tinha o telefone de César, que faz passeios de barco. Ele disse que tinha e foi até sua lanchonete pegar o número com a esposa. Com o número em mãos, Luiz ligou para ele e ficou tratado que ele desceria para a pracinha aproximadamente em meia hora.

César veio conforme o combinado, aproximadamente meia hora após o telefonema. Ele comentou com Luiz e Clayton que a viagem de chata não seria prudente pois não sabia como estava o mar fora do canal. Comentou também que seu preço era 450 reais, para levar três pessoas mais toda a bagagem, o que nos era inacessível. Sugeriu que deveríamos tentar no píer da Vila uma carona com algum barqueiro ou canoeiro de Castelhanos ou Praia Mansa que estivesse por lá. Ele conhecia muita gente dessas comunidades e que poderia nos apresentar. Também (1) disse que se houvesse navio de cruzeiro atracado na Ilha seria complicado conseguir jipeiro para ir para Castelhanos, pois eles ganham mais dinheiro em viagens turísticas mais curtas e sobre o asfalto. Além

³⁸ Que já foi professor em Praia Mansa.

de que cobrariam mais para ir para Castelhanos. Nisso, um jipeiro conhecido dele passou na avenida Brasil, defronte a casa em que conversávamos e confirmou que havia navio.

Ficou decidido que Luiz, Cae e Clayton seguiriam com ele para o píer da Vila em um de nossos dois carros para ver o que conseguiam por lá.

Nesse meio tempo eu e Denise fomos buscar mantimentos e alguns objetos de uso pessoal

Quando retornamos da Barra percebemos que o carro de Clayton não estava e fomos informadas que César havia dito que era melhor não irmos de barco, pois o mar estava ruim e que as mulheres (que eram quem iriam de barco e levariam a bagagem) não agüentariam ir de chata. César lhes disse que tinha conhecidos no píer e Luiz, Clayton e Cae resolveram ir até lá com ele para ver se conseguiam carona para as mulheres e a bagagem. Como os que ficaram na casa não tinham mais do que fazer além de esperar, ficamos na varanda da casa esperando eles voltarem. (2) Enquanto esperávamos, ficamos vendo a quantidade de passageiros do navio de turismo atracado na Vila, que passavam por lá de jipe. lembrei, então que em janeiro de 2007, meu irmão e a namorada queriam ir até Castelhanos e disseram a eles que não haveria jipe para Castelhanos, porque a estrada para lá estava interditada (devido às péssimas condições de tráfego). Coincidência ou não, neste dia atracaram dois navios de turismo no píer da Vila e não se pode negar que os jipeiros ganham dinheiro mais fácil para levar turistas para conhecer as praias da face urbanizada do que ir até Castelhanos (principalmente porque os passageiros dos navios de turismo não fazem o passeio até Castelhanos devido ao rigor no horário de retorno ao navio).

Como eles demoravam a voltar, resolvi retornar até a Barra de ônibus, por questões pessoais. No retorno encontrei com duas amigas(uma delas dona da casa por nós alugada) em frente a casa onde estávamos hospedados e lhes contei o acontecido e que talvez tivéssemos que dormir lá por mais uma noite.

Na volta, os que haviam ido até o píer nos informaram do que havia acontecido durante o dia: Luiz, Cae, Cesar e Clayton procuraram com dois primos de César que são de Praia Mansa e que poderiam nos levar até lá de canoa. (3) Enquanto esperavam acabaram conhecendo Sérgio que disse-lhes que poderia dar uma carona, para três pessoas com alguma bagagem, para Castelhanos em um jipe que iria para Praia Mansa para a realização de uma manutenção. Na dúvida, devido ao problema da bagagem (pois Sérgio só iria nos levar até Castelhanos e nós teríamos que carregar a bagagem pela trilha, enquanto que a canoa nos levaria até praia Mansa, nosso destino). Por causa disso, Clayton e Cesar tentaram localizar os primos de César, indo até a casa da tia de César, mas não os encontraram. Voltaram para o píer para reencontrar Luiz e Cae. Diante das notícias e da falta de perspectiva destes primos serem encontrados, decidiram acertar a ida para Castelhanos com S., mas não o encontraram, pois ele havia ido almoçar.

Com o retorno de Luiz, Clayton e Cae, resolvemos almoçar. Comemos um lanche rápido pois não havia tempo para o preparo de nada mais elaborado. Logo em seguida César chegou, pois eles haviam combinado que retornariam por volta de 14 horas para ver se encontravam seus primos de Castelhanos que estavam na Vila de canoa e com o jipeiro que era seu amigo.

Depois de terem encontrado com Sérgio e acertado a nossa ida para a Castelhanos, saindo no dia seguinte às 7:00 hs da manhã, do estacionamento da Garagem Municipal, com o compromisso assumido de reduzirmos nossa bagagem o máximo possível, pois ainda persistia a dúvida quanto ao tamanho do jipe.

(4) Eles resolveram conversar com o dono da agência para saber quantos lugares tinha o jipe e eles comentaram sobre a possibilidade de terem prejudicado S..

Chegaram em casa e comunicaram o restante do grupo que já haviam acertado de irmos de jipe com Sérgio e que todos deveriam reduzir ao máximo a bagagem pessoal e que o ideal seria que cada 2 pessoas usasse um mochila.

Antes de dormir todos organizaram suas coisas para o dia seguinte.

DC – VI (22/01/08)

Após a grande redução de bagagem, carregamos os carros e seguimos para a garagem municipal, conforme o combinado.

Chegando lá, percebemos que *Sérgio*. não havia chegado. (1) Luiz então ligou para ele para confirmar a viagem e o local de espera. Na breve conversa telefônica, S. informou a Luiz que a viagem havia sido cancelada.

Diante de tal situação, todos e todas ficamos perplexos e o desânimo abateu a equipe. Apesar disso, decidimos seguir com a bagagem para o píer da Vila, na tentativa de encontrar uma carona. Chegando ao píer, não havia ninguém lá, afinal ainda era muito cedo. Porém, percebemos que as canoas dos primos de César se encontravam no mesmo lugar na areia da praia.

Realizamos uma breve reunião com os pesquisadores na qual decidimos que falaríamos com a diretora do Parque Estadual de Ilhabela, na tentativa de conseguir uma carona com veículo do Parque ou uma sugestão para solucionar nosso problema de transporte.

Fomos até a sede administrativa do parque mas a diretora ainda não havia chegado. Após esperarmos algum tempo resolvemos voltar a pé ao píer. Tínhamos nesse momento três opções: conseguir transporte por canoa; transporte através do Parque estadual ou, invertermos a seqüência planejada para a pesquisa e assim, adiaríamos a ida para a comunidade de Praia Mansa e faríamos inicialmente a pesquisa na área urbanizada de Ilhabela.

No caminho para o píer, (2) o agenciador com que eu havia tratado o transporte ligou para mim para saber o que havíamos decidido e eu lhe disse que se não conseguíssemos ir de canoa ou barco, ou com a ajuda do Parque, nós não iríamos para Praia Mansa naquele momento, pois por uma questão de princípios havíamos decidido não nos sujeitar ao poder de manipulação exercido pelos jipeiros quanto ao custo elevadíssimo do transporte. Ele também comentou que havia conversado com um o outro agenciador e que ele havia lhe perguntado o que havia acontecido conosco. Conversamos mais um pouco e encerrou-se a ligação.

No píer, finalmente encontramos os primos de César.

Luiz fez as negociações, mas ficou um tanto preocupado com o bem estar das pesquisadoras (eu, Denise e Lívia) que fariam a viagem de canoa, pois apenas eu já havia viajado de canoa.

Nós três conversamos, fizemos muitas, muitas perguntas sobre a viagem para *Leonardo* e decidimos encarar a viagem. Isso decidido Luiz e Clayton foram buscar os carros para *Leonardo*. verificar se era possível levar toda a bagagem que tínhamos.

Leonardo era o único que voltaria para a comunidade naquele dia e disse que precisava pegar algumas coisas em outra praia e pediu para que colocássemos nossas bagagens na areia próxima à canoa.

Nesse meio tempo, (3) Luiz encontrou com *Sérgio*, que comentou que a viagem havia sido cancelada em decorrência da chuva, principalmente devido ao fato de que um dos responsáveis pela manutenção ter um problema no joelho e, por isso, não poder seguir a trilha de Castelhanos para Praia Mansa, porque esta provavelmente estava molhada e escorregadia.

Finalmente carregamos a canoa, *Leonardo* foi pegar as coisas que precisava na outra praia com a canoa já carregada, enquanto aguardávamos. Durante a espera ficamos conversando com um dos primos de César, (4) *Zé*, e perguntamos a ele do que as crianças gostavam de brincar. Ele de pronto respondeu: futebol.

Continuamos conversando com *Zé*, que nos apresentou *Paula*., coincidentemente também de São Carlos e que pegaria carona na mesma canoa que nós. (5) Conversando com ela soubemos que ela freqüentava Castelhanos a mais de vinte anos e que atualmente estava morando lá, pois havia assumido o compromisso de trabalhar com *Valéria* (dona de uma restaurantre-mercearia na praia de Castelhanos) durante a temporada. Disse-nos também que possuía um jipe arrendado. Nos informou sobre o preço do prato servido no restaurante onde trabalhava: 12 reais por pessoa, mas que para nós ela fazia 10 reais. (6) Comentou também sobre uma caipirinha típica do lugar, feita com folhas de mexerica, cachaça e açúcar e gelo, mas que o modo de extrair o sumo das folhas e obter a cor típica era segredo.

Leonardo retornou e as pesquisadoras se acomodaram na canoa seguindo viagem.

Denise, eu e Livia iniciamos a viagem de canoa para Praia Mansa, partindo do píer da Vila por volta das 11 horas da manhã. A princípio estávamos apreensivas, porém a presença de *Paula* que durante a viagem nos contou com mais detalhes sobre a sua estadia em Castelhanos. A viagem transcorreu bem e apesar de longa (2 horas e meia), entretanto o entrosamento e as conversas estabelecidas entre as pesquisadoras e *Paula* deram a sensação desta ter transcorrido mais rápido. (7) *Paula* mora em São Carlos e está a 3 meses trabalhando no restaurante de *Valéria*, em Castelhanos, mas frequenta Castelhanos há mais de 20 anos e conhece muito bem as pessoas nas comunidades, sendo muito querida por eles, o que facilitou muito o nosso primeiro contato das pesquisadoras com os moradores locais, ao chegarem à Praia Mansa, pois esta nos ia apresentando a todos que encontrava. Ainda no barco, (8) *Paula* comentou sobre a aparência judiada dos caiçaras, em geral, devido ao trabalho no sol, chuva, sal da água do mar, etc. outro problema é com os dentes, que estes perdem muito cedo. A questão dos dentes vem sendo de certa maneira sanada com o Projeto “Sorriso Caiçara”.

Já na nossa chegada a Praia Mansa, *Paula* nos apresentou *Flor de Maracujá* e alguns outros moradores da comunidade que estavam na praia.

(9) Logo percebemos que *Paula* estava certa quando disse que parece que eles brincam de “vaca amarela”, fazendo uma alusão ao fato deles não iniciarem as conversas e/ou responderem sucintamente. Depois de descarregar a canoa e colocarmos a bagagem na “Escola Municipal João Antônio César” cedida a nós como alojamento durante a pesquisa pela Secretaria Municipal de Educação de Ilhabela, através do senhor Secretário de Educação, fechamos a escola e seguimos com *Paula* pela trilha para Castelhanos para ajuda-la carregar sua bagagem e almoçarmos no restaurante onde esta trabalha.

Na saída da trilha, já chegando em Castelhanos, (10) *Paula* nos mostrou uma lata toda enferrujada, com um arame amarrado em arco e lhes disse que esta é a melhor lanterna que existe e que é muito usada pelos caiçaras. A lata foi deixada ao lado da trilha, junto com um pedaço de pau que *Paula* usou para se proteger de um possível encontro e ataque com cobras, nos alertando para a existência de muitas neste trajeto.

Durante o trajeto na praia de Castelhanos, *Paula* nos apresentou uma senhora que lhe perguntou sobre a sua mãe. Continuando a caminhada pela praia, chegamos ao restaurante onde fomos apresentadas a *Valéria*. e a dois de seus filhos. (11) Denise ficou impressionada com o fato de *Valéria* estar usando chinelos e meias. Logo percebeu a razão ao observarmos a nuvem (não é exagero, nuvem mesmo) de borrachudos ao nosso redor. Apesar do incomodo com as picadas, nós e Pablo (que já havia chegado pela trilha de bicicleta) almoçamos pratos fartos com arroz, feijão preto, farofa e calabresa frita. Entretanto, vale destacar a decepção por *Valéria* não ter peixe naquele momento para nos servir.

Enquanto almoçávamos, chega a Castelhanos Clovis (o primeiro pesquisador que veio pela trilha a pé a chegar). Clovis disse que os demais pesquisadores estavam distantes e que demorariam mais 40 minutos aproximadamente para chegar. Ele aproveitou para almoçar também e assim que terminou sua refeição, tomamos o caminho para Praia Mansa, pois tinha começado a chover e havia o receio de nossa parte (principalmente meu) da trilha se tornar por isso escorregadia, além disso era necessário preparar a refeição dos pesquisadores que ainda estavam na trilha.

Pagamos a conta e nos despedimos de *Paula* e *Valéria* agradecendo a refeição e (12) iniciamos o trajeto que apresentava um nível de dificuldade maior, pois estava mais escorregadio em razão da chuva. No percurso pela trilha, foram alcançados por Cae e Clayton. Restavam ainda Luiz e Robson (a pé) e Tiago (de bicicleta) que chegaram aproximadamente 30 minutos depois de todos os outros já se encontrarem na escola.

A viagem da Vila até Castelhanos feita pela estrada até Castelhanos transcorreu da seguinte maneira. Os pesquisadores seguiram de carro até a entrada do Parque Estadual de Ilhabela onde tem início a trilha de 18 km até Castelhanos. Conversaram com um dos funcionários do Parque que permitiu o estacionamento dos carros no lado interno do início da trilha, próximo à guarita, porém afirmando não ser possível garantir a segurança dos veículos, especialmente entre 18 e 8 horas, horário em que não há funcionários na guarita. Trancaram os carros e seguiram a trilha a pé, chegando à Praia Mansa aproximadamente 4 horas depois. (13) Na passagem pela praia de Castelhanos observaram crianças brincando de futebol na areia da praia, sendo os gols pequenos formados com bambu. Luiz e Robson chegaram à escola com uma sacola plástica cheia de lixo recolhido pela estrada. Disseram que

havia muito mais lixo a ser recolhido na trilha, porém com o aumento da chuva, eles deixaram de recolhê-lo, para chegar mais rápido ao alojamento.

Quando o jantar estava quase pronto recebemos a visita de **Flor de Maracujá** (que havia sido apresentada na nossa chegada de canoa à Praia Mansa). Ela veio nos perguntar se poderíamos carregar suas pilhas em uma das tomadas da escola. Dissemos que sim e a chamamos para entrar. Começamos a dialogar com ela sobre a Ilha, a Praia Mansa. Ela comentou que já fora presidente da associação de moradores e que atualmente era uma das representantes no Parque. (14) Depois de ela ter falado sobre vários brinquedos e brincadeiras na região, Luiz perguntou se poderia ver a canoinha junto ao irmão dela e se eventualmente poderia fotografá-la. Ela respondeu que poderíamos ver a canoa, mas que para fotografar ou filmar pessoas deveríamos conversar com mais calma, uma vez que muitos já vieram fotografar mas não lhes deram as fotos prometidas ou qualquer retorno. Luiz lhe disse que só seria feito aquilo que eles autorizassem e que a idéia inicial era fotografar a canoinha em si.

O assunto acabou mudando e comentamos que *Paula* havia falado sobre a caipirinha de folha de mexerica e **Flor de Maracujá** falou que esta era feita com folhas de mexerica mas que o modo de extrair o sumo das folhas era secreto. Ela disse que nos levaria a um bar em Castelhanos, no qual a mesma é feita, para que provássemos, pois na Escola **Toninho** não permite, nem nas festas, qualquer tipo de bebida alcoólica e que já que estávamos alojados ali deveríamos respeitar isso. Dissemos lhe que já sabíamos disto e que concordávamos integralmente com a postura dele quanto a presença de bebidas alcoólicas no espaço escolar.

Flor de Maracujá então comentou sobre a caipirinha de gengibre e nos falou os ingredientes e o modo de preparo. (15) Livia lhe perguntou sobre a frequência da pesca e ela falou que o modo de pesca mais utilizado é o cerco caiçara, no qual eles colocam redes fechando um determinado trecho no mar, funcionando como uma armadilha na qual os peixes entram, mantêm-se vivos, mas não conseguem sair. Os pescadores costumam ir ao cerco duas ou três vezes ao cerco párea retirar os peixes e verificá-lo. (16) Comentou sobre a qualidade de algumas espécies pescadas e que, em sua opinião, o cação é um dos melhores para se comer e que a arraia é muito forte, podendo acentuar ou provocar feridas em quem está com baixa imunidade. Falou sobre a corvina que era um espécie de peixe que ela não comia mas que esta era boa assada. Comentei sobre a vontade de comer lula mas **Flor de Maracujá** disse que deste lado da ilha não estava tendo.

O jantar ficou pronto e os pesquisadores foram comer, enquanto eu e **Flor de Maracujá** ficamos conversando sobre conhecidos em comum. Todos já haviam terminado de jantar e voltaram ao lugar onde conversávamos (sala de aula). **Flor de Maracujá** disse que já estava escuro e tarde e que ela não havia percebido isso. Perguntou se alguém havia trazido uma lanterna, ao que Denise comentou que *Paula* havia mostrado para nós uma lata velha que estava abandonada na trilha, utilizada para iluminar o caminho como uma lanterna, a qual foi levada à escola. **Flor de Maracujá** se despediu pedindo a lata vela, porém não a encontramos mais. Lhe oferecemos uma das lanternas por nós levadas, mas ao sair da escola ela disse que a noite estava clara e foi embora. Logo nos recolhemos para dormir.

DC – VII (23/01/08)

O dia amanheceu nublado e chuvoso e logo que acordaram Luiz, Cae e Clovis foram conversar com *Leonardo* para saber se ele tinha peixe para vender. Ele disse que havia acabado de retornar do cerco e que poderiam ir com ele e escolher. Foram com ele até a Câmara fria e (1) ele lhes mostrou algumas espadas frescas, peixe olho de cão (de coloração avermelhada) e Pirajica; este último ele relatou ser o mais adequado para preparar o azul Marinho, prato típico caiçara. Devo confessar que com que exceção do peixe espada nunca havia ouvido falar de nenhum desses peixes. Optaram por comprar com ele 2 espadas e 4 olhos de cão. *Leonardo* lhes disse que estes eram muito bons para fritar. Perguntaram se ele limpava pra eles e ele respondeu que sim e que na seqüência levaria os peixes limpos para a escola. Luiz lhe perguntou se ele tinha um irmão que possuía um barquinho e se poderia nos apresentar. Ele disse que sim e que os levaria à casa de seu irmão depois. (2) Perguntaram

também se ele poderia lhes mostrar o coentro do mato, e eles lhes levou até o local onde se encontrava o mesmo e os ajudou a escolher um pouco.

Depois disso, Luiz Cae e Clovis desceram para a escola e *Leonardo* foi limpar o peixe. Pouco tempo depois ele bateu palmas próximo a uma das portas da escola e nos entregou o peixe já limpo e cortado. O convidamos a entrar e sentar e tomar um café com a gente. ele entrou um pouco, mas disse que não queria nem sentar nem tomar café.

Luiz e Cae lhe perguntaram onde ficava a horta da escola e se poderíamos jogar o lixo orgânico lá. (3) Ele disse que sim e indicou o caminho como sendo seguindo pela trilha um pouco após o rio e virando à esquerda. Luiz e Cae foram até lá para verificar o local e perceberam que a horta estava um pouco abandonada, possivelmente por esta ser pertencente à escola e ser período de férias. Perceberam também que há no local uma clareira em meio a árvores e plantas nativas, o que poderia ser uma grande concorrência para as hortaliças plantadas em torno no que se refere à captura de nutrientes, segundo Cae. Retornaram à escola e informaram os demais pesquisadores sobre o local onde deveria ser deixado o lixo orgânico.

(4) O dia persistiu com muita chuva e ventos vindo do leste que acabaram por trazer mais borrachudos ao local, conforme nos explicou *Leonardo*. Deste modo permanecemos confinados dentro da escola, a fim de evitar os riscos de percorrermos trilhas que pouco conhecíamos, na chuva.

Como curiosidade relatamos o surgimento inesperado de um grande guaiamum dentro da escola, o que acabou por assustar o grupo, pois não conseguimos descobrir se ele já estava dentro da escola ao chegarmos ou se entrou em algum momento de descuido nosso, o que nos levou a imaginar quais outros animais poderiam ter entrado desta maneira. Com cuidado o recolhemos e o colocamos na praia.

DC – VIII (24/01/08)

O dia amanheceu com céu azul e ensolarado, fazendo com que acordássemos com o brilho e a claridade da luz do sol através das janelas. Clovis tomou café da manhã e saiu em direção à praia de Castelhanos. Eu e Luiz o alertamos sobre o risco de cobras na trilha pois com a chuva dos dias anteriores e o aumento da temperatura, estas provavelmente sairiam de seus ninhos.

Chegando em Castelhanos, Clovis foi em direção à costeira direita e também na “Ilhota”. Em seguida ele foi até o Canto do gato. Chegou em um local onde um menino lhe informou chamar barra. Ali observou que 3 garotos brincavam. Dirigiu-se até eles e lhes perguntou o nome. (1) Clovis observou que os garotos brincavam de jipinho e canoinhas, miniaturas de canoa e continuou dialogando com eles que informaram estar brincando de canoinha, que consistia em uma miniatura da canoa e do reboque, similar à utilizada por seu pai, e que estas foram confeccionadas por ele (pai). A criança puxava a canoinha com um barbante amarrado a uma pedra que funcionava como uma espécie de âncora. Ao lado e fora da água se encontravam dois jipes e um quadriciclo para trilha de brinquedo, os quais estavam sendo utilizados por eles para brincar de “jipeiros”. (2) Informaram ainda que comumente brincam de pega-pega, esconde-esconde, ajuda-ajuda e chutar bola ao gol. As crianças disseram morar em Castelhanos e estudar na E. M. do bairro de Castelhanos. Após o diálogo fizeram demonstração da brincadeira da canoinha no riozinho chamado barra.

Ao voltar pela trilha (3) Clovis deparou-se com uma cobra preta com listras amarelas, com aproximadamente 2 metros de comprimento, a qual foi por ele fotografada. Com esse episódio, Clovis percebeu mais claramente a necessidade de ficar atento no percurso da trilha.

Lívia e Clayton logo pela manhã foram verificar os peixes com *Leonardo* que informou ter somente espada e (4) quando perguntado por Lívia sobre o que comem nas refeições, este disse ser sempre peixe no almoço e jantar. Às vezes carne, porque segundo *Leonardo*: “Peixe todo dia enjoa”. Lívia perguntou sobre a fabricação da farinha e *Leonardo* disse que esta era fabricada na Praia Vermelha.

Neste ínterim, eu e Denise foram até a casa de *Flor de Maracujá* levar as suas pilhas que ficaram na escola para recarregar e conversaram um pouco pois *Flor de Maracujá* estava saindo

de canoa para o sombrio com seu irmão. Descemos para a praia e logo em seguida *Flor de Maracujá* chegou. Já na praia perguntou para *Leonardo* se os dois sozinhos os dois conseguiriam colocar a canoa no mar. Nós a ouvimos e perguntamos se podíamos podiam ajudar e chamaram os pesquisadores que estavam na praia naquele momento para colocar a canoa na água. Fiquei com a impressão de que isto era um tipo de teste, pois nós não costumamos estar lá e nem por isso eles deixam de colocar a canoa no mar.

Robson, Cae, Luiz e Clayton auxiliaram *Leonardo* a colocar no mar sua canoa, com a qual ele transportou *Flor de Maracujá* até o Sombrio para a mesma pegar as assinaturas dos pais autorizando as crianças a irem ao zoológico em São Paulo.

(5) Dois pescadores vindo de Castelhanos souberam por P. que estávamos precisando de repelente e se ofereceram para comprar na cidade e nos trazer no dia seguinte por volta das treze horas. Aceitamos, lhes demos o dinheiro e pedimos que trouxessem três tubos.

(6) À tarde, Denise e eu procuramos *Flor de Maracujá* em sua casa solicitando ajuda para o problema de inchaço dos pés de Livia devido à picadas de borrachudos (a que esta é alérgica. *Flor de Maracujá* entrou em contato com o Parque Estadual por rádio e disse que nos informaria posteriormente.

Nesse ínterim, na praia, um senhor perguntou a Clayton se poderia pegar um pouco de água e este respondeu prontamente que sim, e que poderia nos procurar quando precisasse de algo.

Após o almoço Robson, Cae, Luiz, Clovis e Clayton foram até a Praia Vermelha e (7) lá encontraram na areia uma pipa, confeccionada com sacola de pão, linha de pesca e bambu com uma pequena capucheta, que foi por eles fotografada. Encontraram ainda um pedaço de isopor que acreditaram se tratar de um barco utilizado para brincar.

DC – IX (25/01/08)

Acordamos com o dia parcialmente nublado. Enquanto Clovis preparava o café, Luiz e Cae foram verificar com *Leonardo*. se ele havia pescado pirajica. Eles se dirigiram à casa de *Leonardo* e ele lhes disse que havia pescado sete, pequenos, e que ele logo desceria para ir na câmara fria pegar os peixes e limpá-los para nós. Luiz e Clayton retornaram à escola. Tomamos café e logo *Leonardo*. os chamou. Saíram os três e foram até a câmara fria, onde *Leonardo* lhes mostrou os peixes e começou a limpar para nós em água corrente.

Luiz perguntou para *Leonardo* se poderiam ir com ele ao cerco, observar como o mesmo funciona, caso não o atrapalhasse. *Leonardo*. disse que naquele dia tinha 4 pessoas e que mais 2 poderiam acompanhá-los.

Ficou combinado então dele os chamar, por volta das 14 horas. Voltaram (Luiz e Clayton) para a escola com o peixe para prepará-lo. (1) *Leonardo* também os ajudou a pegar bananas nanicas verdes e coentro do mato, que seriam utilizados no preparo do peixe. Já na escola, Luiz e Clayton e Cae começaram a preparar o prato típico caiçara da região de Ilhabela, pois seriam eles os responsáveis pelo preparo do almoço naquele dia.

(2) Eles descaram as bananas verdes, tendo o cuidado de passar óleo nas mãos para evitar que a gosma leitosa da banana verde grudasse nas mesmas, conforme *Flor de Maracujá* lhes havia explicado anteriormente. Após descacá-las colocaram para cozer em uma panela com água, porém eles logo foram advertidos por *Flor de Maracujá*, que entrou na escola comigo, que os informou que estava “tudo errado”. Os alertou que eles deveriam colocar os temperos (alho, cebola) para dourar no óleo e na seqüência colocar as bananas verdes para refoga-las levemente e pegar o gosto dos temperos. Depois disto, colocar água para pré-cozinhar as bananas. Na seqüência retiram-se as bananas da panela e coloca-se o pirajica, cortado em postas e já temperado com limão e sal. Sobre as postas são colocadas as bananas verdes pré-cozidas e deixa-se completar o cozimento das mesmas e do peixe. Poucos minutos antes do prato ficar pronto, adicionaram farta porção de coentro do mato.

Enquanto Cae, Robson e Luiz, faziam o almoço do dia, (3) eu e Livia conversavam com *Flor de Maracujá* na varanda da escola. *Flor de Maracujá* nos contou sobre o projeto “Sorriso Caiçara”, idealizado por um dentista de São Carlos. Comentou também que a esposa dele desenvolve

ou trabalha em um projeto social na bacia do córrego da Água Quente, em São Carlos, coincidente uma região onde alguns pesquisadores do grupo atuam ou já atuaram em projetos vinculados à universidade.

(4) Durante a conversa *Flor de Maracujá* foi me questionando sobre seu conhecimento e amizade com professores(as) que já passaram pela comunidade e todos eles(as) eram sempre lembrados por ela com muito carinho e admiração pelo cuidado e trabalho desenvolvido na comunidade

(5) *Flor de Maracujá* comentou haver se lembrado de uma pomada feita com 7 ervas (este é o nome da planta, não se refere ao conjunto de várias ervas) que as mulheres da comunidade aprenderam a fazer em um curso ministrado na mesma. No mesmo curso também aprenderam a fazer sabão com óleo de soja já utilizado. Quando perguntei o que fazer com o óleo que estamos utilizando, ela me disse para entregar o óleo usado por nós para sua irmã.

Durante tal conversa Clovis sai para comprar farinha da terra (farinha de mandioca produzida nas comunidades tradicionais) na Praia Vermelha a pedido de Luiz, Cae e Robson, pois tal ingrediente era importante para fazer o pirão conforme o recomendado por *Flor de Maracujá* e *Leonardo*:(6) coloca-se primeiro a banana verde cozida no prato, amassando-a e coloca-se sobre ela o caldo do azul marinho e a farinha da terra, fazendo o pirão. Clovis também ia pegar alguns cocos verdes na Praia Vermelha, pois estes foram indicados, por *Paula* e *Flor de Maracujá*, como sendo os melhores.

Clovis sai para a praia Vermelha e eu e *Flor de Maracujá* entramos para pegar o carregador de pilha de *Flor de Maracujá*. É neste momento que ela dá as dicas e corrige o preparo do Azul Marinho.

Quando Clovis chegou à Praia Vermelha, perguntou a um caiçara que estava no local onde morava a senhora indicada por *Flor de Maracujá* como a que vendia a farinha. O mesmo indicou a casa e Clovis para lá seguiu.

Cumprimentou dois rapazes que estavam em frente a casa e perguntou sobre a senhora, que logo em seguida saiu. Foram feitas as apresentações e ele lhe disse que estava na escola da Praia Mansa com um grupo de pesquisadores e que a escola foi cedida pelo secretário de Educação e de pronto a senhora falou seu nome. Após tal diálogo, disse a ela que queria, se possível, um pouco de farinha para fazer o Azul Marinho, pois *Flor de Maracujá* havia falado da necessidade de tal ingrediente e que ela deveria ter. Ela respondeu que não tinha o produto naquele momento. (7) Clovis também perguntou a ela se ela tinha citronela ao que ela respondeu sim e prontamente providenciou. Também lhe perguntou sobre os cocos, se poderia levar alguns. (8) Ela respondeu que o pessoal de Castelhanos fala sobre o coco da Praia Vermelha e muita gente aparece lá pedindo, e ela afirmou que o mesmo é para o pessoal da comunidade. Clovis agradeceu a citronela e entendeu a mensagem. (9) Mostrou-se curioso para saber onde e como era feita a farinha e se poderia ver o local. A senhora o levou até o local e mostrou a roda, o forno e as gamelas. Clovis comentou que seus amigos do grupo de pesquisa possivelmente gostariam de ver e ela se mostrou preocupada em arrumar o espaço, perguntando quando iriam até lá. Clovis alertou que o objetivo central da pesquisa eram os jogos e brincadeiras e ela falou que muita gente vai lá, não pede licença, não tem educação e que não a respeitam, só porque ela não tem muito estudo. Clovis disse-lhe que todos tem conhecimento e o de todos é sempre importante. Já ia se despedindo dela, (10) quando viu uma canoinha pendurada na frente de sua casa e comentou ter observado que as crianças da região gostam muito de brincar com a mesma. A senhora falou que fora seu filho que fez e pediu para um de seus filhos pegar outra canoa feita por ele. (11) Ele a pegou e mostrou a Clovis, que lhe perguntou se ele fazia para venda. Ele respondeu que não, pois não apareciam muitas pessoas por ali, mas que poderia vender aquela por 40 reais. Clovis agradeceu por tudo e se despediu.

Por volta das 19:30, *Flor de Maracujá* veio nos visitar, trazendo com ela, melissa para chá e gengibre (pois Clovis havia lhe perguntado se ela tinha cidreira para fazermos chá e que ele estava com um pouco de dor de garganta). Trouxe também um cartaz para ser colocado na escola, sobre o Parque Estadual (que preferimos deixar para quem assumir o cargo de professor/a na escola determinar o melhor lugar a ser colocado). Trouxe também um livro seu intitulado “Ilhabela seus enigmas, histórias, lendas tesouros, naufrágios”, de autoria de Jeannis Michail Platon (São Sebastião: o Autor, 2006).

Sentou-se junto comigo e Denise na praia. Começamos a conversar e comentei comentei sobre uma dúvida que ela tinha a respeito de um assunto ouvido em reunião que ela havia assistido na sede do Parque Estadual e na qual *Flor de Maracujá* estava presente. (12) Eu queria saber se havia compreendido de maneira errada o dito pela diretora do Parque em um dado momento, sobre o fato de que os caiçaras que se mudam das comunidades perderem seu direito às suas terras. *Flor de Maracujá* confirmou a informação, acrescentando que isso é uma tentativa de evitar a grilagem. (13) Citou como exemplo o que acontece no Sombrio onde, segundo ela, tem uma casa, porém oficialmente a casa que oficialmente pertence a um caiçara morador de lá, mas este atua como laranja nesta situação, pois não é permitido, aos caiçaras, comercializar terras na área do Parque. Denise folheava o livro por ela trazido e *Flor de Maracujá* mostrou uma das fotos em que aparecia a Praia Mansa dizendo “Meu lugar é lindo”. Nesse instante começou a chover e as três entraram no alojamento. *Flor de Maracujá* foi até a sala onde estava Luiz e mostrou-lhe o livro. Este começou a folheá-lo e (14) perguntou se o cerco flutuante, também chamado cerco caiçara era originado no encontro do caiçara com o japonês na década de 1920, conforme informa o livro na p.45. Ela ficou em dúvida, e disse que precisava confirmar a informação, mas disse que a forma de construção da canoa era de origem indígena. Ao comentar sobre os naufrágios citados no livro, Flor de Maracujá mencionou que seu pai participou de uma equipe de mergulhadores no navio Príncipe de Astúrias, que naufragou na Ponta de Pirabuna, em 1916. Informou ainda que em sua casa tem objetos de cobre que pertenciam ao navio. Falando a respeito do objeto encontrado no navio naufragado, eu me lembrei da gincana realizada na área urbanizada, da qual Nivaldo Simões, autor do livro “Uma viagem pela história do arquipélago de Ilhabela”; fez houve uma tentativa para reaver documentos e objetos considerados patrimônio histórico e que contassem um pouco da história da Ilha.

(15) *Flor de Maracujá* começou a folhear o livro de Simões, elogiando o autor, porém destacando que ele não era caiçara. Discordou de alguns pontos do livro, como a receita de Azul Marinho por ele apresentada na p.48; a ausência de identificação das pessoas presentes nas fotos (detalhe que nós já havíamos comentado e questionado entre nós) e corrigiu uma foto de uma canoa, cuja legenda diz ser uma canoa de voga, mas que segundo ela ilustra uma canoa caiçara e não a de voga (p.35). (16) Aproveitou o assunto para dizer que seu avô foi até Santos em canoa de voga, explicando que a mesma utiliza remo e vela, porém não soube dizer qual era o trajeto seguido por ele. Nesta ocasião revelou o segredo (já dito anteriormente para mim) da Caipirinha de folha de mexerica, a saber: macera-se um pouco mais de meio copo de folha de mexerica com um pouco de cachaça e açúcar, até extrair o sumo das folhas (é isso que dá a cor característica à bebida), acrescentando-se depois mais cachaça e gelo, podendo-se coar. Durante a conversa fomos surpreendidos por uma enorme aranha armadeira, que foi morta a chineladas (depois de várias tentativas e uma fuga da aranha). Denise logo em seguida resolveu fazer o chá para nós e foi surpreendida por outra aranha armadeira, esta um pouco menor, na cozinha. Fiquei pensando que se a maior era um dos pais, a menor, um filhote, ainda existiriam várias aranhas para encontrarmos. A presença das aranhas nos explicou o surgimento de baratas mortas dentro da escola. Após o chá, *Flor de Maracujá* disse precisar ir embora.

DC – X (26/01/08)

Acordamos decididos a seguirmos até a Praia de Castelhanos. Tomamos café da manhã e pegamos o rumo da trilha. Chegando lá, nos dirigimos para o Bar restaurante de *Valéria*. A idéia era almoçar lá e levar a bicicletas para as crianças andarem, como havíamos prometido no primeiro dia.

No trecho entre a saída da trilha até o bar de *Valéria*, (1) Robson e Cae observaram sete crianças que brincavam o jogo por nós conhecido por Bobinho. Um aspecto chamou a atenção: a presença de uma menina no grupo e jogando também. Notamos que uma das crianças que estava na roda, não recebia bolas. Talvez isso tenha ocorrido por conta de ele ser o menor do grupo e possivelmente os demais não tem confiança em passar a bola para ele.

Conversamos um pouco com *Valéria*. e *Paula* e *Valéria*. nos apresentou novamente seus filhos, que estavam ansiosos para andar nas duas montais bikes dos pesquisadores. e emprestamos as mesmas para eles. Logo em seguida, se aproximou de nós um dos sobrinhos de ***Flor de Maracujá***. As três crianças ficaram se revezando nas bicicletas, observados por Tiago.

Alguns pesquisadores foram tomar banho de mar e outros caminharam pela orla da praia para ver os bares e como e onde estes estavam localizados e se haviam brincadeiras ou jogos ocorrendo no caminho. (2) Observamos que os jipes e motos parecem se considerar donos da praia pois trafegam tranquilamente por ela , com música alta e velocidade que não nos pareceu adequada para aquele espaço. Vimos algumas crianças brincado de futebol e percebemos a presença de um balanço na árvore.

Algum tempo depois todos se reencontraram no restaurante para o almoço.

(3) *Valéria*, conversando comigo, falou com muito carinho de um professor da escola, já falecido. Este professor quase foi preso em 2005 por ter montado uma horta com as crianças da escola onde os mais “antigos” da comunidade ensinaram técnicas de plantio. Os alimentos colhidos na horta era usados para complementar a merenda da escola. Produtos perecíveis como legumes, verduras e carne não costumam ser enviados pela Secretaria de Educação devido à dificuldade de conservação no transporte e no armazenamento dos mesmos na escola. Ele quase foi preso por ensinar às pessoas maneiras de se alimentar melhor e por que não dizer, não morrer de fome, devido às imposições do Parque Estadual que regram a produção de alimentos nas áreas próximas ao Parque. É interessante destacar que a comunidade de Castelhanos, onde ocorreu este fato, não está dentro da área do Parque. (4) *Valéria*. se mostrou bastante preocupada com a situação de que haveria continuidade para os estudos além da 4ª. Série do ensino fundamental na comunidade.

(5) Observamos que havia agora um grupo maior de crianças se revezando nas bicicletas (alguns conseguiam pedalar, mas um menor era sempre levado por um outro maior). Comentei a facilidade de andar de bicicletas das crianças e *Valéria*. comentou que algumas crianças já haviam tido bicicleta, mas que a maresia acaba com elas. ***Flor de Maracujá*** já havia chegado e conversamos um pouco com ela, que voltou a falar da caipirinha de folhas de mexerica. Mostrou-nos fotos, por ela tiradas, do Sombrio, Praia Vermelha e Mansa e de Castelhanos.

Paula ouvindo o assunto da caipirinha pediu para uma menina da comunidade que fosse buscar folhas de mexerica para que ela fizesse a famosa bebida.

Logo a menina retornou com algumas poucas folhas, dizendo que havia um cacho de abelhas no pé de mexerica, o que dificultava a coleta das folhas. *Paula* disse que daria para fazer apenas um copo e se pôs a prepará-lo. Logo trouxe a caipirinha pronta e todos provamos da mesma e elogiamos o sabor. Na seqüência (6) alguns pesquisadores foram para o mar e logo havia crianças junto perguntando sobre nossas vidas e se sabíamos plantar bananeira na água, dar cambalhotas e surfar. Outros ficaram na areia, a sombra de um coqueiro, observando o comportamento das crianças que ainda andavam de bicicleta.

(7) ***Flor de Maracujá*** chamou Luiz para apresentar-lhe um de seus irmãos, informando que ele sabia fazer canoinhas de brinquedo, bem como escunas. Pediu inclusive para que *Paula* e *Valéria*. pegassem uma escuna e uma canoinha que estavam como enfeite no Restaurante. Elas prontamente trouxeram e entregaram para Luiz ver. Luiz, ***Flor de Maracujá*** e seu irmão se sentaram em uma mesa do bar colocando as embarcações sobre a mesma e Luiz ficou admirado com os detalhes representados nos brinquedos, como se fosse o original e perguntou para ele se dava mais trabalho fazer a canoa propriamente ou o brinquedo. Sem pestanejar ele respondeu: “O brinquedo, pois os detalhes são muito menores”.

Denise e eu, sentadas na areia, observamos duas crianças brincando de “canoinha” (assim definidas por elas) na barra.. Cada um estava com uma canoinha amarrada com um barbante em um bambu. (Uma das crianças chama Clayton para amarrar a canoinha no bambu. Clayton amarra a canoinha e vai ver outra canoinha.).

(8) Os mesmo puxavam a canoinha com o bambu pelo “braço” do rio que ali desemboca no mar, imitando com a boca, o som de um motor, indo de um lado ao outro (a brincadeira foi fotografada por Denise).

(9) Eles corriam pela água puxando a canoinha com o bambu, às vezes simulando um encontro entre os dois brinquedos. Denise observou uma canoinha só com o barbante na margem do riozinho e perguntou a um deles de que era a mesma. Ele disse que era dele. Denise perguntou quem

tinha feito o brinquedo e ele respondeu que todas as canoinhas que tinha haviam sido feitas por seu pai. Denise pediu para brincar com a canoinha que estava na margem do rio. Ele disse que ela podia brincar, mas não a convidou a brincar com eles, continuando sua brincadeira com seu amiguinho.. Eles iam até o local onde o rio encontra o mar e voltavam. Denise puxou a canoinha com o barbante pelo rio e logo retornou a seu lugar para tirar algumas fotos.

Nesse momento Cae, Robson, Clovis, Luiz e Clayton jogavam futebol na praia. Luiz dava belas “caneladas” em Cae. (10) Antes do jogo, Robson, Pablo, Cae e o filho de Paula jogavam Mele, ou como denominou Tatiana, “três dentro, três fora” que foi proposto a eles pelo próprio garoto, pois o mesmo tinha observado Robson, Cae, Pablo e Clayton brincando de “controlar a bola”. E após certo tempo o garoto, propõe que eles fossem jogar próximos a duas arvores que lembravam duas traves de futebol. Ali começou a explicar o jogo, demarcando o chão com os próprios pés e assim delimitando a área do goleiro. O garoto explica aos pesquisadores as regras do jogo que são: não se pode fazer gol com os pés, dentro da área do gol, exceto se for gol de cabeça. Para que o goleiro tenha oportunidade de ir para a linha os jogadores da linha tem que mandar a bola três vezes para fora ou o próprio goleiro realizar três defesas. Para efeito de contagem de pontos a bola que bate no chão e é defendida pelo goleiro, é contada com um ponto para o goleiro. A princípio os pesquisadores estranharam essa regra, pois estavam acostumados a outra forma de jogo. No caso do Mele, como os pesquisadores conhecem, quando a bola bate no chão e é defendida pelo goleiro, não conta ponto. Os pesquisadores conversaram com ele, a respeito das diferenças das regras e jogaram conforme o por ele proposto. Outra diferença é que na forma de jogo proposta pelo garoto jogam simultaneamente duas pessoas na linha e uma no gol, o que difere da forma de jogar dos pesquisadores que comporta maior número de jogadores ao mesmo tempo.

Paula comentou comigo e Denise que todo domingo acontecia um jogo de futebol ali em Castelhanos e que vinham pessoas de várias comunidades para jogar, depois da volta da pesca

No final da tarde retornamos para Praia Mansa com o convite de *Valéria* e *Paula* para retornamos a noite para o forró que acontece em seu bar. Devido à forte chuva e ao cansaço dos pesquisadores, resolvemos dormir cedo e ficou combinado que Clovis e Robson iriam logo cedo para Castelhanos para ver e quem sabe participar do jogo de futebol.

(11) Durante a tarde ao conversar com a filha de *Valéria* ficou para mim latente o orgulho com que ela fala de seu pai pescador.

Descobrimos depois que a manutenção mencionada por *Sérgio*, era para arrumar a câmara fria de Praia Mansa

DC – XI (27/01/08)

Acordamos com o objetivo de irmos, logo após o café jogar futebol com os caiçaras de diversas comunidades tradicionais na Praia de Castelhanos. Foram para lá Cae, Clovis, Robson e Pablo para jogar futebol propriamente e foram também Lívia, Denise e eu. Lá chegando nos dirigimos ao Bar e Restaurante da *Valéria*, que costuma ser o ponto de encontro. Quando chegamos ao Bar e Restaurante, logo perguntamos para *Paula*, a que horas começaria o tradicional jogo de domingo entre os caiçaras. Ela respondeu que não iria demorar muito, porém um caiçara que já estava lá presente disse que possivelmente demoraria sim, pois havia chovido muito na madrugada e o pessoal devia ter saído tarde para ver os cercos flutuantes. Luiz, Clayton e Tiago ficaram no alojamento da Praia Mansa para prepararem o almoço e foram comprar com um dos irmão de *Flor de Maracujá* o peixe para fazer naquele dia. (1) Notaram que ele estava com um pouco mais de pressa que nos dias anteriores e trajava uma camisa do Esporte Clube Corinthians. Comentamos com ele que alguns de nossos amigos foram jogar futebol em Castelhanos ao que ele nos disse que também ia para lá assim que limpasse o peixe para nós. Luiz perguntou se os jogos eram feitos com times fixos, semelhantes a campeonatos cada time representando uma praia comunidade. Ele disse que às vezes sim, quando acontece um jogo

contra um time de uma praia mais distante, eles juntavam os melhores jogadores de cada praia da região (Praia Mansa, Praia Vermelha, Castelhanos, Praia da Figueira) e a competição é mais acirrada. Em geral eles se reúnem aos domingos para jogar entre eles e neste caso, os times são formados na hora de forma aleatória. Disse também que eles costumam montar as traves com bambus e também usam a rede. Finalizaram a conversa, pegamos os peixes e se dirigiram ao alojamento, enquanto ele foi para a Praia de Castelhanos jogar futebol. Enquanto isso na Praia de Castelhanos iniciava o futebol dos pesquisadores do gênero masculino lá presentes com algumas crianças e adolescentes da comunidade, pois, devido à ida mais tardia dos caiçaras aos cercos, poucos adultos compareceram não sendo possível formar times. (2) Neste jogo os pesquisadores observaram a atitude dos mais velhos em passar a bola para os menores, permitindo uma maior participação das crianças no jogo. Observaram também que as traves foram feitas por A., sobrinho de **Flor de Maracujá**, com bambu e remo de canoa. Eu, Denise e Livia caminhamos pela praia até o Canto do Ribeirão e pudemos notar que a quantidade de jipes havia diminuído consideravelmente. Eu lembrei que isto, possivelmente, se deve ao fato de ser domingo. Ao retornarmos vimos que os pesquisadores jogavam futebol com algumas crianças da comunidade. (3) Fomos até o Bar e Restaurante da *Paula e Valéria* comentou que a tarde iam fechar o Bar para irem em São Sebastião na festa do padroeiro da cidade. Em seguida todos retornaram para o almoço e logo que chegaram no alojamento, encontram Luiz, Clayton e Tiago saindo às pressas para irem até o cerco localizado na Praia da Figueira, com o irmão de **Flor de Maracujá** e marido de *Valéria* dona do Bar e Restaurante. Ele estava indo ver o cerco no lugar de *Leonardo*, pois este se encontrava em repouso devido a um furúnculo no pé. Sentaram-se na canoa, conforme instruções do canoieiro e foram. Ao se aproximar de um cerco, Luiz perguntou se era aquele ao que ele respondeu que era de outro caiçara, que o deles estava mais distante. (4) Perguntou também como era feito o cerco. Ele comentou que eles utilizavam redes e bambus. O bambu ajudava a flutuação da mesma mantendo um dos lados da rede na superfície em formato circular, ajudando também a demarcá-los. Havia também alguns pontos da rede com ancoragem ao fundo e um local aberto onde os peixes entravam e de lá não conseguiam mais sair. Em geral o cerco fica próximo a uma encosta e uma das partes da rede é fixada lá com uma espia (similar a um grande prego fincado à rocha na encosta). Chegando ao cerco flutuante ele se dirigiu juntamente com outros dois caiçaras que os acompanhavam na canoa reboque para retirada dos peixes presos na armadilha feita com rede e pediu para que os pesquisadores aguardassem na canoa motorizada, pois o peixe espada, comum naquela região, era bastante perigoso e poderia nos morder. Finalizando a coleta retornaram à canoa maior com motor e seguiram de volta para a Praia Mansa. Lá chegando pesquisadores e caiçaras recolheram a canoa para a praia e descarregaram os peixes em caixas plásticas levando-os para a câmara fria. A. abriu a boca de um peixe espada mostrando seus dentes, procurando demonstrar o perigo que corríamos se estivermos ido juntos na canoa menor ao cerco propriamente. Mostrou também o peixe cabra, também conhecido como peixe voador, abriu suas nadadeiras que têm uma similaridade muito grande com asas, que o ajudam a planar em seus saltos fora da água. Eles agradeceram a oportunidade, se despediram e foram para o alojamento almoçar. Lá chegando **Flor de Maracujá** estava lá para se despedir de todos pois se encontrava de saída para ir para Festa de São Sebastião com *Paula e Valéria*. Conversamos rapidamente e Luiz comentou sobre o Termo de Consentimento Livre Esclarecido lhe explicando do que se tratava e da importância do mesmo para a pesquisa e em respeito aos depoentes. Ela disse que ia ver com mais cuidado em sua casa e que depois deixaria o Termo com o *Leonardo* já que não nos veria mais pois, só retornaria a Praia Mansa na terça-feira quando já teríamos saído. **Flor de Maracujá** se despediu de todos e foi embora e em seguida todos almoçamos. (5) Para nossa surpresa **Flor de Maracujá** retornou a noite já com o Termo assinado nas mãos e com uma monografia intitulada “*A Baía dos Castelhanos e seus lugares: um olhar para o lugar*”, e outros relatos de pesquisa desenvolvidos por Mariana Soares de Almeida Pirró, os quais foram folheados por todos os pesquisadores. Disse que não havia ido para a festa em São Sebastião por ter perdido a carona. (6) Em seguida mostrou fotos de pessoas e locais, comentando acerca do contexto e período das mesmas. Dentre elas, falou a respeito do vestuário de alguns pescadores que se encontravam na foto de calças compridas dizendo se tratar de evangélicos, uma vez que a religião não permite aos homens o uso de bermudas. No que se refere à religião falou também que há várias pessoas da comunidade que não participam mais de festas pois mudaram de religião, são agora evangélicos e não podem mais participar de festas e nem beber. Na sequência **Flor de Maracujá** comentou sobre algumas brincadeiras realizadas nas praias da região. (7) Na Praia Mansa onde mora,

disse que era comum fazer Judas com o tronco de bananeira invertido, onde as raízes faziam o papel de cabelo que comumente pegavam uma jaqueta preta de seu pai para vestir o boneco do Judas e muitas vezes levavam o Judas em frente a janela da casa de uma de sua avó e o deixava lá, pois quando ela abria a janela de manhã acabava se assustando e as crianças se divertiam muito. Depois malhavam o Judas propriamente. Já (8) na Praia da Figueira disse ser típica a brincadeira de subir uma grande rocha por uma corda e de lá de cima pular no mar. Sobre a Praia Vermelha disse haver algumas histórias de “medo” que os mais velhos contam para os mais novos, dentre elas destaca que a Praia ficou vermelha porque ocorreu desrespeito numa sexta-feira da paixão quando os moradores de lá jogaram futebol. Outra história contada pelos antigos é a existência de um cavalo que arrasta corrente durante a noite. Cae pergunta a *Flor de Maracujá* sobre a existência de uma dança chamada “Dança do Vilão”, que havia visto no livro de Nivaldo Simões. Ela disse não conhecer. Denise pergunta se ela se lembra de alguma dança. *Flor de Maracujá* fica pensativa alguns instantes e disse lembrar de uma chamada “Quebra Chiquinha”, ao que eu cantarolo um trecho “Quebra Chiquinha balanceia meu bem. Quebra Chiquinha balanceia meu bem. Como é bom balancer nanananan... com alguém”, que é reconhecido por *Flor de Maracujá* que diz: “Ah! Ela conhece”. *Flor de Maracujá* disse que precisava ir embora se despediu e todos foram dormir.

DC – XII (28/01/2008)

(1) Um dos tios de *Flor de Maracujá* confeccionava uma rede de pesca, quando se aproximaram dele Cae, Robson e Clovis para conversar, perguntaram sobre a confecção da rede e o mesmo respondeu que esta estava sendo feita com uma linha que, segundo ele, era a melhor por ser mais macia e o peixe não conseguir rasgar. Comentou que (2) o tempo de confecção de uma rede é de um ano, pois existem outras tarefas diárias para serem cumpridas. Depois fala a respeito de jogos de futebol realizados aos domingos na praia de Castelhanos, na maior parte das vezes jogam entre eles fazendo uma grande brincadeira, em outras ocasiões, principalmente quando vem pessoas de fora como São Sebastião, fazem jogos contra. Por vezes também o pessoal da Praia Mansa forma uma equipe com pessoal de Castelhanos e jogam contra o Bonete, havendo grande rivalidade entre estas equipes, acrescenta haver situações nos jogos aos domingos em que logo cedo já existe caixara bêbado que acabam dando muitas caneladas nos demais jogadores, para ele esta bebedeira é de caixara que não tem nada para fazer. Um pouco mais tarde foram conversar com ele Clayton e Tiago, pois Tiago queria remar e já havia conseguido uma canoa emprestada com um irmão de *Flor de Maracujá*, mais ainda necessitava de um remo e foi pedir para o tio de *Flor de Maracujá* que (3) a princípio se mostrou receoso a emprestar o objeto, pois o mesmo era recém confeccionado e ele estava com medo que por falta de experiência Tiago o quebrasse nas pedras. Perguntou a Tiago se sabia remar, que respondeu positivamente contando algumas de suas experiências em remar caiaques. Assim que ele se sentiu mais seguro e emprestou-lhe o remo. Depois de pegar o remo os pesquisadores conversaram por algum tempo com o pescador e ele lhes contou um pouco das suas aventuras e acidentes no mar. A primeira destas foi um dia em que ele voltava da vila com sua canoa com as compras e embriagado, quando chegou a Praia Mansa foi descer da canoa, se atrapalhou e caiu de cara na areia em uma parte bem rasa e começou se afogar muito bêbado não conseguia se virar e foi salvo pelo que trabalhava na escola na época e que o viu se debatendo na água e o tirou de lá. Em sua segunda história, contou aos pesquisadores que depois de beber muito foi dormir na canoa solta (sem ancorar ou atracar). Após algum tempo ele acordou com sua embarcação se chocando contra as pedras, sem controle a mesma virou e senhor O tentando se salvar consegue se agarrar em uma bóia de pesca. Após muito tempo, quando ele não estava mais agüentando segurar a bóia, foi avistado por seu primo que passava de barco próximo a ele e que o resgatou e ajudou a recuperar sua canoa que estava à deriva. (4) Encerrou suas aventuras concluindo que assim como o carro o barco, para ser guiado deve-se ter muita atenção e habilidade, pois tanto a pessoa deve estar bem, não podendo estar doente ou passando mal e nem alcoolizado. No período da noite, *Flor de Maracujá* veio nos visitar no alojamento. Trouxe consigo o Termo assinado pelo seu irmão L. Agradecemos, a convidamos para se sentar e começamos a conversar. Luiz lhe perguntou sobre sua família e descendência e ela respondeu dando seus nomes.

Disse que deste casamento originou-se doze filhos, sendo seis homens e seis mulheres. três mulheres moram em Praia Mansa, uma mora em Guanxumas, uma mora em Caraguatatuba e outra mora na na Praia da Fome. Dos homens cinco moram em Praia Mansa e um mora na Praia de Castelhanos. (5) Depois começou a falar sobre o não interesse da comunidade de Praia Mansa em trabalhar com o turismo pois o mesmo traz coisas boas mas também muitas ruins. Comentou que (6) aproximadamente em 1996 solicitaram à prefeitura que se fizesse uma barreira com madeiras na trilha que liga a Praia de Castelhanos com a Praia Mansa para evitar a vinda de jipes e motos com o tempo e a diminuição do trânsito, a mata foi crescendo nas laterais da trilha e atualmente, a mesma se destina para o trânsito de pessoas.

As suspeitas do tio de **Flor de Maracujá** a respeito da inabilidade de Tiago com o remo se confirmaram. Ainda que não o tenha quebrado nas pedras Tiago não conseguiu controlar a canoa e esta acabou se enchendo de água e afundando.

DC – XIII (29/01/2008)

Acordamos cedo e arrumamos todas as nossas coisas. Devido ao mau tempo que se apresentava fomos perguntar a *Leonardo* se daria para fazermos a viagem de canoa (eu, Lívia e Denise). Ele disse que apesar do mar parecer ruim, ele achava que dava para ir. Acertamos o horário de nossa saída e onde ele iria nos deixar. (1) Perguntei a ele se poderia nos deixar na praia do Portinho (sul da Ilha) e ele disse que não sabia onde ficava. Acreditamos nele que disse que o mar dava para ir e fomos buscar as coisas para carregar a canoa. Junto conosco também viajou *Flor de Maracujá* que tinha que resolver algumas coisas no Parque Estadual. A viagem foi longa e mais tensa do que na vinda. O mar na Ponta da Cabeçada estava muito agitado (para mim, pelo menos). *Flor de Maracujá* disse que já havia viajado em mar mais grosso. (2) Me tranqüilizei ao olhar para *Leonardo*., afinal não era possível o cara estar tão calmo se ele não confiasse no que estava fazendo. O caminho todo foi chuva, chuva, chuva e foi possível perceber o grau de nervosismo (meu, Denise e Lívia) por causa das poucas conversas durante o trajeto. O mar só melhorou quando passamos a Ponta das Canas, já na entrada do canal de São Sebastião. Ele nos deixou na praia da Vila. Descarregamos a canoa e nos despedimos deles. A viagem foi mais demorada do que na ida.

(3) Fomos para o ponto de ônibus e todos os que lá estavam nos olhavam, acho que por causa do modo como estávamos vestidas e de nossa “pequena” bagagem. Fomos de ônibus e molhadas (absolutamente) até a casa onde estávamos hospedados, pois o preço cobrado pelos táxis é totalmente extorsivo. A tarifa de táxis em Ilhabela não é por bandeirada e sim por preço tabelado. (4) Para dar um exemplo de seu custo, um trajeto da balsa até o Portinho, que tem quatro quilômetros, cusat dezoito reais (eu sei porque já paguei). Os taxistas dizem que o preço é estipulado pela Prefeitura, mas na mesma ninguém assume o feito.

No trajeto de ônibus (tivemos que pegar dois pois não tem ônibus direto para o sul da Ilha no horário que chegamos) só pensávamos em banho quente.

Ao chegar em casa tomamos banho, almoçamos e esperamos os outros pesquisadores chegar.

DC - XIV – 15 de março de 2008

Conversei com um funcionário da Câmara Municipal quando estava no ponto de ônibus, a caminho do sul da Ilha e durante a conversa comentei com ele que há alguns meses fui com (1) alguns amigos na praia do Curral e eles se sentiram intimidades em utilizar a servidão pública localizada ao lado do complexo hoteleiro situado na mesma. A remodelação da servidão pública (paga pelo proprietário do empreendimento) combina com a

decoreção do local e isto associado à presença de vários seguranças contratados transitando por ela intimidavam a passagem das pessoas por lá. (2) Ele me disse então que esta servidão pública foi negociada pelo proprietário do hotel com a Prefeitura de Ilhabela, sendo que o empresário se tornaria proprietário desta servidão e cederia um outro trecho de terreno, na mesma praia, como via de acesso de pedestres entre a rua e a areia da praia. Este mesmo empresário alemão (3) já vem há algum tempo tentando negociar com a Prefeitura o terreno onde está localizado o posto de saúde, na praia do Curral, para poder ampliar seu empreendimento

DC – XV (junho de 2008)

Depois de tentar de várias maneiras saber sobre (1) a questão da perda do direito à casa por caixaras que porventura resolvam tentar novas oportunidades fora da sua comunidade de origem resolvi ir à sede do Parque Estadual. Lá, ao perguntar sobre isso, fui informada por um funcionário que isto realmente ocorre. Ele ainda (2) apresentou um exemplo de um senhor de uma das comunidades localizada dentro da área do Parque que foi hospitalizado e que cujo filho tinha que periodicamente justificar a ausência de seu pai na comunidade para o Parque. Fiquei tão indignada que achei melhor voltar outro dia para falara com a diretora do Parque sobre o assunto

Voltei no dia seguinte, me achando um pouco mais calma e fui muito bem atendida pela diretora do Parque. (3) Quando a questioneei sobre o assunto da perda da posse de terra, ela me disse que isso realmente ocorria, mas só com os residentes de comunidades localizadas dentro da área do Parque. Disse ter estranhado eu ter ouvido sobre isso em Castelhanos e Praia Mansa, pois estas comunidades não fazem parte do Parque. (4) Eu lhe disse então que ou haviam lhes passado a informação errada ou estavam usando de má fé com eles, pois é senso comum a idéia de perda de suas terras se saírem de lá. (5) A diretora disse achar muito bom ter essa informação sobre o que eles pensavam, pois isso mostrava o que deveria ser melhor informado para eles nas conversas com as comunidades.

(6) Eu lhe perguntei então o motivo pelo qual a casa construída na Ilha das Cabras (parte integrante do Parque Estadual), de posse de um político influente, ainda não havia sido derrubada, pois ela assim como eu, sabia que ele não morava lá. Ela me respondeu que havia um processo de desapropriação que já tramitava na justiça a alguns anos para a expropriação da área, mas que este vinha se arrastando. É interessante citar que em nenhum momento ela me falou em processos de expropriação no que se refere aos moradores das comunidades caixaras.

Ela ainda comentou sobre a ação de derrubada de propriedades e casas de veraneio em situação irregular, feita pelo Parque. Eu ouvi comentários na cidade só de duas.

DC – XVI (20/06/2008)

Conversando com um dos professores das comunidades tradicionais a respeito da perda do direito às suas casas de caixaras que porventura saiam de sua comunidade para morar em qualquer outro lugar, (1) ele se mostrou indignado. Disse que na região da praia de Indaiaba há uma área de propriedade particular, que ocupa uma área do Parque Estadual e

que mantém em seu terreno fauna e flora que não são nativos da Mata Atlântica, mas que apesar de isso não poder ocorrer, o domo da área não tem problemas com o Parque Estadual quanto a isso. Neste momento me lembrei de uma conversa informal com *Estrela do Mar*, ocorrida antes de se iniciar este projeto de estudo, onde ela comentou uma frase ouvida de um dos moradores da comunidade de Indaiaúba. (2) Ela disse que ao lhe falar sobre as benfeitorias ocorridas na comunidade, feitas pelo proprietário, ele lhe respondeu que estava tudo ótimo, mas que antes ainda era melhor, porque antes ele era livre. Este comentário se referia às limitações que os moradores agora tem, pois são agora todos empregados e tem limitadas suas saídas e chegadas à comunidade, entre outras coisas, devido ao horário de trabalho e condições impostas.

Durante minha conversa com o professor, *Estrela do Mar* (3) comentou sobre a merendeira da escola do Canto do Gato (em Castelhanos) que foi proibida por fiscais do Parque estadual de Ilhabela de retirar troncos de árvore para utilizar na ampliação de sua casa (queria fazer um cômodo a mais para melhor acomodar sua família), entretanto bem próximo a sua casa e ao local onde os fiscais a impediram de pegar os troncos, existe uma casa grande, de propriedade de uma pessoa externa à comunidade (não souberam me dizer exatamente se é uma juíza ou se está estudando para ser juíza) que teve recentemente seu muro feito com pedras da cahoeira (pertencente à área do Parque Estadual) e que não teve nenhum tipo de represália. Brinquei com eles que a única explicação era que as pedras se teletransportaram para lá, por isso os fiscais não perceberam o transporte das pedras e nem a construção do muro; quando eles perceberam o muro já estava lá e aí como não é de caixaria pobre... já que está fina. O professor comentou que se o caixaria mudar qualquer coisa em sua casa, o Parque vai lá e destrói; eles não podem fazer casa de alvenaria: “a casa tem que ser de barro que é pra dar bastante barbeiro”.

Estrela do Mar também comentou sobre (4) um senhor, morador do Jabaquara, aluno da EJA, que estava indignado com a ação dos fiscais do Parque. Segundo ele, uma senhora de muita idade havia recolhido madeira para cozinhar (pois esta não teria fogão à gás) e carregava o fardo de madeira nas costas à caminho de sua casa quando foi parada por fiscais e obrigada a jogar a madeira. Este senhor se dizia indignado pois lá no jabaquara o que mais tem é construção de forasteiro feita de maneira irregular e os fiscais não fazem nada. Ele disse já ter agendado na Câmara Municipal para falar e que achava que ia ter que falar lá de novo.

No prolongamento da conversa *Estrela do Mar* comentou que (5) em todas as escolas das comunidades tradicionais está sendo feito um levantamento pelas crianças e professores da história da comunidade, que busca desde o porque do nome da comunidade. Segundo ela, já descobriram que Serraria tem esse nome porque havia lá uma serraria. Segundo ela este buscar conhecer a comunidade tem mostrado vários talentos e saberes desconhecidos pelo(a) que chega à comunidade. Cita alguns exemplos:

- falou sobre a professora que convidou moradores da comunidade de Serraria para ensinar as crianças e ela a fazerem um tipo de trançado comum na comunidade e destaca que nunca foi a professora quem ensinou, ela aprendeu;

- destacou também o professor da ilha de Vitória (6) que aprendeu com os pescadores sobre a construção de barcos e com este saber ensinou matemática para seus alunos no Projeto Navegando na Matemática)

- citou também o trabalho desenvolvido em Praia Mansa onde o professor doou as mudas para a horta para cada família e junto com as crianças ele montou a horta da escola. O professor diz ter deixado claro, em reunião com os pais e responsáveis, que o alimento produzido na horta da escola era para a merenda das crianças e não para a comunidade. Cada família teria com as mudas e com o aprendido pelas crianças de ter sua própria horta.

Ainda foi comentado nesta conversa (7) a ameaça sofrida por uma professora por parte de um caixaria. Tal ameaça se deu por rádio em canal aberto. Isso valeu um registro

em boletim de ocorrência. Como falaram que tal ameaça se deu porque a professora não disponibilizava a merenda para a comunidade, isso valeu a ida de representantes da Secretaria de Educação e de um policial até a comunidade para tentar explicar o porque de tal situação e as conseqüências que tal ameaça (e possível concretização da mesma) poderia ter.

Uma ausência destacada nesta reunião foi a do homem que fez a ameaça.

(8) Quanto ao conhecimento da história local, este também tem sido feito por professores(as) e alunos (as) em escolas na área urbanizada.

Durante a nossa conversa chegou **Badejo** e ele comentou ter ido para o Bonete a algumas semans atrás e (9) um dos jovens que ajudava o canoerio que foi busca-los na lancha dizia que a pesca não estava mais compensando. Este jovem estava agora trabalhando com o descarregamento de materiais de contrução que chegada ao Bonete e quando dava ajudava um pescador da comunidade na sua chegada.

Apêndice 5 - Marcas do tempo³⁹

Que saudades do tempo de outrora
 Fazendo-me voltar ao passado
 Momentos como se fossem agora
 Por mais que não queira se afluam
(1) Minha luta de infância
Que me fazem entristecer
Por oportunidades que não pude ter
 Parece que foi ontem
 Mas quanto tempo se foi
(2) Minha escola próxima a um rancho de canoa
De lá admirava toda a imensidão do mar
Sonhando até onde poderia chegar
 Sentada na carteira de madeira em dupla
 Porém não podia conversar.
(3) A cartilha, sim: é a lembrança...
Que guardo com satisfação
Livro único, por isso tanta dedicação.
Suave como meu caminho
Que sonhava percorrer
Por estrada de terra que fizeram-me crescer
(4) Ir muito mais, além do que o permitido.
Ser professora capaz e ser sagaz.
Não iguais as que tive, apagadas da memória
 Palavras de carinho não me lembro...
 Acredito não se fazer pertinente
 Para época tempo e hora.
(5) Quero deixar marcas
De alguém que por aqui passou
Se fazer perpetuar e poder compartilhar
 Tenho amor como essência
 Senão, como terei amor para dar?
 Poder contribuir, dedicar-me por esta nação.
(6) Se hoje estou aqui é porque sempre quis.
Ser professora era minha prece, não ser atriz.
Empenhar-me a cada dia...
Mesmo que às vezes ache tardio...
Contribuir para o futuro
De muitas crianças nesse país obscuro.

³⁹ Disponibilizada por sua autora Baleia.

ANEXOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676
 Tel/Fax: (0xx16) 3351-8356
 CEP 13.565-905 – São Carlos - SP – Brasil
 e-mail: secppge@power.ufscar.br



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você,

_____, está sendo convidado(a) para participar da pesquisa “O Ser Caiçara no Município de Ilhabela: processos educativos envolvidos”, a qualquer momento até a conclusão da mesma você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento, sua recusa não trará nenhum prejuízo na relação com a pesquisadora ou com a instituição. O objetivo central deste estudo é identificar os processos educativos envolvidos no ser caiçara no município de Ilhabela. Sua participação nesta pesquisa consistirá em conceder entrevista gravada e imagens fotográficas para uso exclusivamente acadêmico-científico. Não há qualquer risco com sua participação e poderá haver benefícios no sentido de registrar a construção da identidade caiçara de Ilhabela. Salientamos que sua participação será identificada na pesquisa. Você receberá uma cópia deste termo onde constam os dados documentais e o telefone da pesquisadora, podendo tirar suas dúvidas sobre a pesquisa, agora ou a qualquer momento.

 Silmara Elena Alves de Campos

(Tel.: (12)9154-5982 / aluna regular do PPGE/UFSCar, orientada pelo Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior)

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Ilhabela, ____ / ____ / ____ .

 Nome do Sujeito da Pesquisa

(RG: _____ / CPF: _____ / Tel.: _____)